



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Comunicação Social


Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha

Mídia, Esporte e Idolatria: o *Jornal do Brasil* e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos

Rio de Janeiro
2014

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha

Mídia, Esporte e Idolatria: o *Jornal do Brasil* e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos



Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Área de concentração: Cultura de massa, Cidade e Representação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro
2014

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M764	<p>Montanha, Fausto Amaro Ribeiro Picoreli. Mídia, Esporte e Idolatria: o Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos / Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha. – 2014. 262 f.</p> <p>Orientador: Ronaldo George Helal. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação.</p> <p>1. Esportes – Teses. 2. Jornais brasileiros – Teses. 3. Olimpíadas – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação. IV. Título.</p>
es	CDU 070(81)::796.032.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fausto Amaro Ribeiro Picoreli Montanha

Mídia, Esporte e Idolatria: o *Jornal do Brasil* e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Cultura de massa, Cidade e Representação Social.

Aprovado em 24 de fevereiro de 2014.

Banca Examinadora:

Ronaldo George Helal (Orientador)

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Ricardo Ferreira Freitas

Faculdade de Comunicação Social - UERJ

Édison Luiz Gastaldo

Instituto de Ciências Humanas e Sociais - UFFRJ

Rio de Janeiro
2014

DEDICATÓRIA

A saga do herói não é tão distante assim da vida de um pesquisador. Começamos atendendo a um chamado interior que nos impele a escolher a carreira menos provável e de ganhos materiais incertos e quase sempre insuficientes, mas que nos premia com realização pessoal e felicidade incomensurável. Após atendermos esse chamado e iniciarmos nossa aventura em uma pesquisa de cujos resultados muito esperamos, mas pouco sabemos de fato, enveredamos por dificuldades, descaminhos e desafios que nos fazem questionar até nossa própria escolha. Os obstáculos funcionam, contudo, como trampolins para nós, pesquisadores. Quando achamos que não conseguiremos cumprir um prazo apertado ou chegar a um resultado satisfatório em nossas pesquisas, percebemos que nada está perdido e tudo depende de mais uma boa dose de esforço e dedicação; nesse momento, entra a metáfora do trampolim, que agindo contra a gravidade nos impulsiona a saltos mais altos. De altos e baixos, é feito esse caminho que escolhemos seguir, mas, quanto mais certos estamos de nossa escolha, mais tempo permanecemos no alto e, cada vez menos, precisamos do trampolim (pais, namorada, professores, amigos) para nos catapultar aos céus. O triunfo do pesquisador-herói conjuga satisfação pessoal e a certeza que os meses ou anos gastos não foram em vão. Ao retornarmos a realidade, depois de tempos reclusos em nossos quartos e escritórios com o objetivo único de completarmos nosso ciclo heroico, estamos prontos a devolver à sociedade o investimento que nos é concedido em forma de dádiva (bolsas de pesquisa e afins). Minha maior recompensa, como pesquisador, é poder ser lido e saber que pude dar minha pequena contribuição para o grande edifício de infinitos andares que é o conhecimento humano. Assim como o herói clássico, não buscamos apenas o retorno pessoal com nossas pesquisas; os louros são colhidos, é verdade, porém o objetivo último é reparti-lo com conhecidos e desconhecidos que de nosso trabalho tomar contato. Feita essa alegoria, deixo minhas palavras finais: dedico essa dissertação a todos aqueles que me ajudaram e espero ter coroado com êxito esses dois anos de muito trabalho!

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof^o. Ronaldo Helal, pela presença constante durante a minha dissertação, pelas dicas e críticas sempre pertinentes e, acima de tudo, pela amizade. Aos professores Ricardo Freitas e Édison Gastaldo, pela atenção e pelo precioso tempo dispendidos na leitura das longas páginas deste trabalho e por estarem presentes na minha banca. À equipe da secretaria do PPGCom (Celestino, Eliana e Tatiana), pela competência e por estarem sempre disponíveis para ajudar. Agradeço ainda a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a elaboração deste trabalho, tornando-o mais agradável e divertido: meus amigos do mestrado e doutorado (Zé Messias, Grécia Falcão, Ivan Mussa, Júlio Altieri, Rafael Barbosa, Yuri Garcia, Raquel Timponi, Camila Augusta, Filipe Mostaro, Alvaro do Cabo), meus amigos de outros lugares (Diego Ramalho, Diogo Gauziski, Clarissa Trindade, Rayana Coutinho, Raíssa Juliana) e também meus amigos do Facebook (são muitos para citar um a um, mas que toleraram dois anos de postagens nerds e acadêmicas). Em especial, à Débora Gauziski, pela amizade, companheirismo e por ser a melhor namorada do mundo (sem você o caminho teria sido mais escuro e difícil; obrigado por estar sempre comigo); aos meus sogros, por exterminarem qualquer estereótipo sobre os pais de namoradas, sendo amigos e parte do que chamo de família; aos meus pais, por entenderem como é a vida de um mestrando, pela compreensão e apoio durante esses árduos meses de trabalho e muita escrita e por estarem sempre presentes. Elogios e mais elogios a todos aqueles que deixaram sua marca indelevelmente nesses dois anos laboriosos. Vocês fizeram parte dessa jornada tanto quanto eu. Meu muito obrigado é o mínimo que posso ofertar a todos os citados aqui. Afinal, o tesouro da montanha está protegido pelo Smaug e não conseguirei roubá-lo *à la Bilbo*.

“O que importa na vida não é tanto o triunfo, mas o combate; o essencial não é ter vencido,
mas ter lutado bem”

Pierre de Coubertin

“– Um leitor vive mil vidas antes de morrer – disse Jojen. – O homem que nunca lê vive
apenas uma”

George.R.R. Martin, A Dança dos Dragões

“There and back again”

J.R.R. Tolkein, The Hobbit

RESUMO

AMARO, Fausto. **Mídia, Esporte e Idolatria: O Jornal do Brasil e a representação dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos.** 2014. 246f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

De maneira ampla, aborda-se nesta dissertação a representação do herói olímpico no *Jornal do Brasil* na segunda metade do século XX. A hipótese preliminar, seguindo a conclusão de Helal, Cabo e Marques (2009), é que, diferentemente das Copas do Mundo, nas Olimpíadas, os jornalistas esportivos se valeriam de um arcabouço textual distinto para descrever seus objetos de análise – os esportes e os atletas – e para construir histórias de vida. Enquanto os heróis oriundos do futebol seriam dotados de um talento natural e o treino ocuparia uma posição secundária nas narrativas vitoriosas, os heróis dos ditos esportes amadores alcançariam a glória por meio do esforço abnegado e da dedicação aos treinamentos. Por meio de uma análise das narrativas, tendo como *corpus* de investigação as edições do Caderno de Esportes do referido jornal ao longo das treze Olimpíadas da segunda metade do século XX – de Helsinque-1952 à Sydney-2000 –, verifica-se a validade dessa conjectura.

Palavras-chave: Esportes. Identidade. Representação. Herói. Mídia.

ABSTRACT

AMARO, Fausto. **Media, Sport and Idolatry**: the *Jornal do Brasil* and the representation of the brazilians athletes in the Olympic games. 2014. 246f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, 2014.

In a broad sense, it's discussed in this dissertation the representation of the Olympic hero in the "Jornal do Brasil" newspaper in the second half of the twentieth century. My preliminary hypothesis, following the conclusion of Helal, Cabo and Marques (2009), is that, unlike what happens in World Cups, during the Olympics, sports journalists would tend to use a different text framework to describe their object of analysis (the sports ant the athletes) and to construct life stories. While the heroes coming from football would be provided with a natural talent and training would occupy a seconday position in the victorius narratives, the heroes of the so called amateur sports would achieve glory through the selfless efforts and dedication to training. Through an analysis of the narratives, having as corpus of research the editions of the Sports Section of the referred newspaper over the thirteen Olympics of the second half of the twentieth century – from Helsinque to Sydney-1952-2000 –, I verify the validity of this conjecture.

Keywords: Sports. Identity. Representation. Hero. Media.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Relação das medalhas brasileiras em todas as Olimpíadas de Verão.....	68
Tabela 2 -	Lista dos maiores vencedores brasileiros nos Jogos Olímpicos.....	69
Tabela 3 -	Relação do número de medalhas por esportes em toda história da participação olímpica brasileira.....	70

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Capas do JB nos dias 19 de julho de 1952, 10 de outubro de 1964, 17 de julho de 1976, 17 de setembro de 1988, 15 de setembro de 2000 (aberturas de Olimpíadas).....	80
Figura 2 -	Nenhuma menção a abertura dos Jogos Olímpicos de Helsinque na capa da edição do dia 19 de julho de 1952.....	84
Figura 3 -	A manchete sobre o iatismo brasileiro aparece “escondida” entre outros resultados.....	98
Figura 4 -	A vitória de Adhemar é destaque na página de Esportes do dia 28 de novembro.....	99
Figura 5 -	Descrição do desempenho individual dos cestobolistas brasileiros. A equipe da Bulgária também ganhou essa pormenorizada estatística, mas não a reproduzi acima.....	101
Figura 6 -	Descrição do jogo Brasil e Chile. Detalhe para o método como a partida é descrita: ponto a ponto.....	102
Figura 7 -	A foto do atleta com a pira olímpica e a bandeira italiana ao fundo figura na capa do dia 26 de agosto.....	108
Figura 8 -	A programação da Rádio JB era anunciada nas páginas de Esporte do jornal.....	109
Figura 9 -	Foto de Manuel dos Santos em seu regresso ao Rio de Janeiro.....	114
Figura 10 -	Em destaque, a matéria sobre a abertura das Olimpíadas na capa do JB.....	129
Figura 11 -	A medalha de prata de Nelson Prudêncio na capa do JB do dia 18 de outubro.....	133
Figura 12 -	Waldi – mascote dos Jogos Olímpicos de Munique. Fonte: Site oficial do COI.....	140
Figura 13 -	No topo da página 25 no dia 26/08, lemos o resumo das matérias.....	142
Figura 14 -	Abertura das Olimpíadas em destaque na capa do JB.....	144
Figura 15 -	Capas do Caderno de Esportes dos dias 21 e 28 de julho e 04 de agosto, respectivamente.....	162
Figura 16 -	Mapa dos boicotes nas Olimpíadas de 1976, 1980 e 1984. Fonte:	169

	Wikipédia.....	
Figura 17 -	Capas do Caderno de Esportes em 30 de julho e 06 e 13 de agosto...	171
Figura 18 -	A importância do coletivo no vôlei pode ser ilustrada pela charge acima (08/08, 1º caderno, p. 24).....	173
Figura 19 -	A conquista de Cruz estampa a capa do JB.....	175
Figura 20 -	Nome de todos os jornalistas envolvidos na cobertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona.....	193
Figura 21 -	O infográfico acima ilustra os limites físicos dos atletas no atletismo e o quanto seus feitos nas provas representariam na vida real (23/07, Esportes, p. 8).....	195
Figura 22 -	No texto da imagem, lê-se: “Meu Deus, a Holanda é um país rico, desenvolvido, cheio de vaquinhas. Todo mundo é loiro, de olhos azuis, bem alimentados...Dá essa medalha pra gente, dá!”.....	202
Figura 23 -	Capa do Jornal Especial de Atlanta em 27 de julho de 1996.....	207
Figura 24 -	Símbolos utilizados pelo JB para identificar as páginas e matérias de cobertura dos Jogos de 1968 até 2000 (em ordem crescente da esquerda para direita, de cima para baixo).....	219
Figura 25 -	Na capa do caderno de esportes do dia 30/09, o cavalo montado por Rodrigo Pessoa é o destaque.....	228

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	15
1	APRESENTAÇÃO CRÍTICA DA ÁREA DE MÍDIA E ESPORTE.	18
2	IDENTIDADE BRASILEIRA E NAÇÃO	21
2.1	Identidade nacional: um debate sobre o conceito	21
2.2	Os estudos clássicos: Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda.	29
2.2.1	<u>Gilberto Freyre: Casa Grande e Senzala</u>	31
2.2.2	<u>Sérgio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil</u>	35
2.3	O estudo pioneiro de DaMatta: Carnavais, Malandros e Heróis	41
3	HERÓI	45
3.1	As figuras paradigmáticas da nação brasileira	45
3.2	Os modelos possíveis de herói brasileiro	48
3.3	O herói olímpico brasileiro: reflexões	52
4	JOGOS OLÍMPICOS	60
4.1	A origem grega: corpo e mente a serviço do esporte	60
4.2	Os Jogos Modernos: rupturas e continuidades	62
5	METODOLOGIA DE PESQUISA	71
5.1	Explicando o método e o corpus da pesquisa	71
5.2	Breve debate sobre a representação e a história cultural	74
5.3	O Jornal do Brasil	77
6	ESTUDOS DE CASO	81
6.1	As Olimpíadas de Helsinque 1952	81
6.1.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	81
6.1.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	83
6.2	As Olimpíadas de Melbourne 1956	93
6.2.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	93
6.2.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	95
6.3	As Olimpíadas de Roma 1960	103
6.3.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	103
6.3.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	105
6.4	As Olimpíadas de Tóquio 1964	115

6.4.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	115
6.4.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	118
6.5	As Olimpíadas da Cidade do México 1968	125
6.5.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	125
6.5.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	127
6.6	As Olimpíadas de Munique 1972	138
6.6.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	138
6.6.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	141
6.7	As Olimpíadas de Montreal 1976	150
6.7.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	150
6.7.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	152
6.8	As Olimpíadas de Moscou 1980	159
6.8.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	159
6.8.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	162
6.9	As Olimpíadas de Los Angeles 1984	168
6.9.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	168
6.9.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	170
6.10	As Olimpíadas de Seul 1988	179
6.10.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	179
6.10.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	182
6.11	As Olimpíadas de Barcelona 1992	190
6.11.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	190
6.11.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	192
6.12	As Olimpíadas de Atlanta 1996	204
6.12.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	204
6.12.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	206
6.13	As Olimpíadas de Sydney 2000	217
6.13.1	<u>Informações Gerais e Contexto Sociopolítico</u>	217
6.13.2	<u>Análise crítica dos dados empíricos</u>	219
	COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
	REFERÊNCIAS	240
	ANEXO A - Pôster Olimpíadas de 1952 (Helsinque)	249
	ANEXO B - Pôster Olimpíadas de 1956 (Melbourne)	250

ANEXO C - Pôster Olimpíadas de 1960 (Roma)	251
ANEXO D - Pôster Olimpíadas de 1964 (Tóquio)	252
ANEXO E - Pôster Olimpíadas de 1968 (Cidade do México)	253
ANEXO F - Pôster Olimpíadas de 1972 (Munique)	254
ANEXO G - Pôster Olimpíadas de 1976 (Montreal)	255
ANEXO H - Pôster Olimpíadas de 1980 (Moscou)	256
ANEXO I - Pôster Olimpíadas de 1984 (Los Angeles)	257
ANEXO J - Pôster Olimpíadas de 1988 (Seul)	258
ANEXO K - Pôster Olimpíadas de 1992 (Barcelona)	259
ANEXO L - Pôster Olimpíadas de 1996 (Atlanta)	260
ANEXO M - Pôster Olimpíadas de 2000 (Sydney)	261

INTRODUÇÃO

Em 2014 e 2016, o Rio de Janeiro sediará dois dos eventos mais importantes do calendário esportivo mundial, a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, respectivamente. Nesse período, os meios de comunicação, usualmente, dedicam grande espaço à cobertura dos jogos em si e à narrativa sobre os atletas brasileiros em cada modalidade esportiva. Tendo em vista este cenário, a presente pesquisa tem como foco a análise da construção midiática da imagem dos atletas-heróis¹ brasileiros na segunda metade do século XX nas páginas do Caderno de Esportes do *Jornal do Brasil (JB)*.

Estudar a narrativa específica sobre os heróis se apresentou a mim por dois motivos principais. Um de foro metodológico, pois, ao recortar o *corpus* para o discurso sobre os heróis, reduzi meu objeto de pesquisa e tornei-o exequível ao tempo de Mestrado. O segundo foi de razão mais teórica, pois, assim como DaMatta, Helal e outros teóricos, tendo a crer que “nossos heróis e nossos mitos seguem curvaturas homólogas às da nossa própria sociedade” (DaMATTA, 1997, p. 273). Nesse sentido, ao estudar o discurso sobre os atletas-heróis descobri muito mais sobre características de nossa identidade nacional do que, talvez, se tivesse buscado efetivamente traços distintivos dessa construção nacional no período estudado.

Isso posto, parto da premissa de que existe uma clara diferenciação na forma como a mídia brasileira representa os ídolos do futebol e aqueles dos demais esportes olímpicos, ressaltando aspectos qualitativos distintos em suas descrições. Helal, Cabo e Marques levantam essa discussão no artigo “Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo” (2009). A hipótese assumida por eles é a de que os recursos acionados pela imprensa para a construção dos heróis futebolísticos é distinta da utilizada para os heróis de outros esportes. Enquanto no futebol seriam ressaltadas características ligadas à genialidade e ao talento nato, sem a valorização do esforço e do treinamento, ou seja, essencializações típicas do herói-malandro nacional; nos outros esportes olímpicos, haveria uma tendência de prezar pelas narrativas que enfocam o empenho, a disciplina, a garra e a dedicação desses atletas, isto é, características ligadas ao herói clássico, segundo o modelo proposto por Joseph Campbell (1995). Esses diferentes simbolismos associados à identidade

¹ Em primeiro lugar, o herói esportivo é uma metáfora. Faz referência aos heróis gregos semidivinos, ao mesmo tempo em que está distante deles (já que o atleta não alcança a deidade de fato). Ao falar em atletas-heróis, parto do pressuposto de que todo atleta medalhista ganhará uma narrativa midiática capaz de alçá-lo à posição heroica, o que nem sempre é confirmado durante a análise das narrativas do *JB*. Além disso, alguns atletas não-medalhistas, por motivos diversos, obtêm considerável espaço para seus desempenhos e histórias de vida.

nacional revelariam como o brasileiro enxerga a si próprio e quais emblemas de brasilidade a imprensa procura exaltar nesse evento esportivo.

Nas Olimpíadas, além de várias modalidades esportivas ligadas ao atletismo, ginástica e natação, temos também o futebol como um dos esportes coletivos ali representados, o que permite um olhar comparativo. Desse modo, ratifico a escolha desse evento esportivo como objeto para a análise empreendida. Utilizo como suporte para o estudo do discurso sobre os atletas o periódico *Jornal do Brasil*. Coletei as edições referentes aos Jogos de 1952 (Helsinque), 1956 (Melbourne), 1960 (Roma), 1964 (Tóquio), 1968 (Cidade do México), 1972 (Munique), 1976 (Montreal), 1980 (Moscou), 1984 (Los Angeles), 1988 (Seul), 1992 (Barcelona), 1996 (Atlanta) e 2000 (Sydney). Optei por selecionar todos Jogos da segunda metade do século XX, pois, assim, teria um leque maior de heróis e maiores chances de encontrar narrativas sobre os medalhistas. A divisão estrutural do trabalho compreende cinco partes, as quais especificarei a seguir.

Início minha dissertação com um capítulo de apresentação sobre os estudos na área de Comunicação que enfocam o esporte como temática principal. Essa breve visita aos cânones da área no Brasil faz-se necessária para sustentar minha crítica a pouca atenção dada aos Jogos Olímpicos. A meu ver, há um número pequeno de estudos relacionados a esse evento esportivo e aos esportes que compõem sua programação (à exceção, é claro, do futebol).

Em seguida, no capítulo dois, escolhi duas obras sociológicas que possuem importância basilar para a compreensão do Brasil moderno: *Casa Grande & Senzala* e *Raízes do Brasil*. O diálogo delas com minha pesquisa encontra-se precisamente nas reflexões sobre o ser brasileiro, lócus preferencial das análises de Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda – os autores clássicos em questão. A propósito, logo no início desse capítulo, discuto o conceito de identidade nacional, tão central para o entendimento das obras acima citadas e do papel do herói na edificação e manutenção dessas identidades coletivas. As Olimpíadas Modernas são disputadas enquanto um duelo de nações mais do que uma disputa entre indivíduos, o que torna o debate sobre o “nacional” ainda mais pertinente.

Sei que tanto Freyre quanto Holanda não se referiram a atletas olímpicos em momento algum de seus livros. Freyre foi aquele que mais se aproximou do esporte, flertando com as análises futebolísticas no *Diário de Pernambuco*. Entretanto, suas análises gerais sobre o *ethos* brasileiro acabam por abarcar o esporte de maneira dedutiva. Sendo um fato social², o esporte ajudaria a forjar esse elo identitário.

² Empregado aqui no sentido proposto por Émile Durkheim em *As Regras do Método Sociológico* (1995). O fato social é do domínio do coletivo, estando situado no “nós”, e não no “eu”. Constituiu-se, assim, no principal

No terceiro capítulo, esclareço como a temática do herói nas Olimpíadas estabelece um contraponto e/ou um diálogo com os estudos já produzidos sobre o herói no futebol. Para tanto, revisito a literatura sobre o herói já produzida no campo da Comunicação, com especial destaque para as contribuições de Ronaldo Helal e Roberto DaMatta. A discussão sobre o herói olímpico no Brasil foi quase exclusivamente debatida pela psicóloga social Kátia Rubio. Ao falar em representação do atleta-herói parto de um pressuposto que comporta exceções. O discurso midiático sobre os atletas medalhistas em Olimpíadas nem sempre se desenrola como uma narrativa heroica. De todo modo, heróis são “figuras paradigmáticas” da sociedade (DaMATTA, 1997) e, por isso, encerram em si anseios e imaginários de dada nação. Essas e outras particularidades serão esmiuçadas também no capítulo cinco.

De forma resumida, no capítulo quatro, tento dar conta da grande produção intelectual que versa sobre os Jogos Olímpicos. Muitos autores das Ciências Humanas e Sociais fazem menção às Olimpíadas em seus trabalhos, mas sem propor um maior aprofundamento analítico. Sendo assim, tento passar por alguns pontos que considero chaves para entender o movimento olímpico nacional e internacional. São eles: a) breve histórico dos Jogos Olímpicos, da Grécia Antiga até os Jogos Modernos; b) a origem grega: conjugação entre corpo e espírito; c) a criação dos Jogos Modernos; d) a participação brasileira nos Jogos.

No capítulo cinco, descrevo o método de análise dos jornais e a seleção do *corpus*. Além disso, faço uma pequena reflexão sobre a história cultural a partir de Peter Burke e Sandra Pesavento, cujas contribuições sobre representação, identidade e imaginário são importantes em meu trabalho. Em seguida, trato brevemente da história do Jornal do Brasil, a partir dos poucos trabalhos acadêmicos disponível sobre este periódico. Por último, no capítulo seis, abordo cada um dos eventos olímpicos que compõe o *corpus* de pesquisa. Primeiro, os situo dentro de um panorama geral (contexto histórico brasileiro e internacional) e abordo a participação brasileira nos Jogos. Logo depois, inicio o estudo do discurso a partir das narrativas elaboradas pelo *JB*. Muitas vezes, essa análise extrapolou o recorte nas representações dos atletas, quando julguei estar diante de um achado de pesquisa ou de um dado relevante.

lugar de investigação da sociologia, então recém-criada quando da proposição original de Durkheim, no século XIX. Em suma, o fato social é coercitivo, exterior e imperativo, influenciando o agir dos indivíduos em sociedade.

1 APRESENTAÇÃO CRÍTICA DA ÁREA DE MÍDIA E ESPORTE

O esporte durante muito tempo foi visto pela academia como um tema menor, encaixando-se na definição que Becker (2007, p. 125) atribui aos problemas tidos como “triviais” de pesquisa: “pequenas manchas no papel de parede da vida, só consideradas por serem chocantes, por interesse bizantino, como meras excentricidades”. Pierre Bourdieu (2004, p. 207), em texto de 1983, expõe o lugar estigmatizado da sociologia do esporte: “[...] desdenhada pelos sociólogos, ela é desprezada pelos esportistas”. Contudo, se os pesquisadores das décadas de 1970/80 denunciavam uma ausência de estudos sociológicos sobre o esporte, à medida que essa carência produtiva já não mais se verifica (cf. HELAL, 2011), ainda cabe alguma crítica? A meu ver, sim e tentarei demonstrá-lo nas linhas que seguem.

Inicialmente, na década de 1970, durante o regime militar no Brasil, o futebol era trabalhado por poucos autores das Ciências Sociais no país e sempre com um viés apocalíptico. Era uma situação de descaso mesclada com críticas – uma consequência direta da influência marxista no período, sintetizada pela frase: “o futebol é o ópio do povo”. Livros como *Futebol: ideologia do poder* de Roberto Ramos possuíam um cunho marxista predominante a lhes sustentar. Ramos (1984) trabalha o futebol enquanto aparelho ideológico do estado, apropriando-se do conceito original de Althusser (2007). Posição mais branda, mas igualmente crítica, tem José Carlos Rodrigues. Em seu artigo “O rei e o rito” (1982), o autor adota uma perspectiva crítica em relação à construção da figura mítica de Pelé, que esconderia uma tentativa de imposição de uma “reverência a uma imagem politicamente forjada da sociedade” (1982, p. 18). O objetivo central de Rodrigues é interpretar a festa de despedida de Pelé como um rito.

Ainda que vissem o futebol como “perverso”, os autores apocalípticos defendiam mais estudos sobre o tema, como Joel Rufino dos Santos, no artigo “Na CBD até o papagaio bate continência” (1978). A evocação desse descaso ao futebol como objeto de análise sociológica era lugar-comum no início de toda obra que trabalhasse com o tema.

O primeiro trabalho a romper com essa lógica apocalíptica foi *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*, organizado pelo antropólogo Roberto DaMatta. Sua importância não se esgota no ineditismo do livro, mas no que ele representou para todo um campo de estudos ainda recente. O nome de DaMatta, já reconhecido nacionalmente, agregou prestígio e relevância aos estudos sobre esporte. Além disso, ele trouxe uma nova perspectiva

teórica, que lidava com o esporte enquanto “drama da vida social”, e não mais como mero instrumento político a serviço das elites políticas e da classe dominante. O futebol era visto por ele como um instrumento válido para se entender a sociedade brasileira (um meio para se atingir dado fim).

Antes dessa obra emblemática de DaMatta, Muniz Sodré, no último capítulo de *O Monopólio da Fala* (1977), apesar do tom marcadamente pessimista que permeia o livro, apresentava sinais de um olhar mais benevolente em relação ao esporte. Helal (2011, p. 17) salienta que “o texto de Sodré [...] talvez tenha sido a primeira análise acadêmica sobre futebol inserida mais clara e assumidamente dentro da área da ‘Teoria da Comunicação’”.

O debate entre Antonio Jorge Soares (1999) e Ronaldo Helal e Cesar Gordon (1999), reunido no livro *A invenção do país do futebol* (2001), foi peremptório para dotar de maior seriedade e apuro científico as investigações sociais em torno do futebol. O primeiro criticava a postura de alguns intelectuais e jornalistas que utilizavam o livro *O Negro no Futebol Brasileiro* como fonte histórica única e inquestionável para seus escritos. Por sua vez, Helal e Gordon defendiam uma relativização dessa perspectiva: não citar de forma acrítica, mas continuar utilizando a obra de Mário Filho com ressalvas, maior esmero teórico e com a devida contextualização do período em que o livro foi escrito.

Um ponto recorrente desses estudos está no diálogo entre futebol e identidade nacional. Inúmeros artigos e livros em Ciências Sociais foram produzidos sobre o tema. Inicialmente, destacava-se a importância pretérita daquele esporte para a construção de um *ethos nacional*, enquanto atualmente estaríamos vivenciando uma diminuição nessa associação (cf. SOARES; HELAL, 2004). A fonte básica para essas análises era o discurso midiático, principalmente através dos jornais impressos em época de Copa do Mundo.

Assim, vemos como o futebol segue uma trajetória que vai do ocaso até a relevância como temática dentro das Ciências Sociais, passando de ópio do povo à drama social e, finalmente, um meio para se entender a cultura e a sociedade. Todas as perspectivas e abordagens, por mais diversas e contraditórias, tiveram sua importância para o desenvolvimento do campo. É válido destacar que, em 2010 e 2011, diversas revistas na área de Comunicação dedicaram dossiês a temática de esporte, como, por exemplo, a *Organicom* (USP), a *Logos* (UERJ) e a *Comunicação, Mídia e Consumo* (ESPM). Além disso, o congresso da Intercom, em 2012, também deu destaque às pesquisas sobre esporte, adotando o seguinte tema geral: “Esportes na Idade Mídia: Diversão, Informação, Educação”.

A aparição exaustiva do futebol como objeto nos estudos sobre esporte não foi proposital, mas serviu como indicativo da posição daquele enquanto esporte hegemônico. Isso

posto, as obras utilizadas como referência pelos autores brasileiros nessa breve história dos estudos acadêmicos sobre Esporte focam-se no futebol e em Copas do Mundo. O que se produziu entre as décadas de 1980 e 2000, na área de Comunicação, foram principalmente estudos dentro desses dois eixos temáticos. Aos outros esportes e aos Jogos Olímpicos, pouca atenção foi despendida. Isso se comprova quantitativamente³ pelo número de produções desde o primeiro Intercom no Grupo Comunicação e Esporte⁴: apenas 11 de um total de 196 artigos tiveram como tema especificamente os Jogos Olímpicos; em contrapartida, 104 versaram sobre o futebol.

Estaríamos mais próximos de um diálogo entre Comunicação e Futebol do que propriamente entre Comunicação e Esporte, apesar de todo histórico dos Estudos Olímpicos no Brasil em outras áreas de conhecimento⁵. Desse modo, falar em pouca produção sobre esportes (à exceção do futebol) ainda é uma crítica pertinente. E esse foi um dos motivos que me levaram a escolher as Olimpíadas como tema geral de pesquisa.

³ Quantificação essa que se revelou extremamente capciosa para mim. Os autores muitas vezes se utilizam da palavra “esporte”, mas uma busca por palavras no corpo do texto revela que o tema trabalhado, na verdade, é o futebol. Tentei enquadrar os artigos em 6 categorias principais. Um artigo, por questões de método, não poderia se encaixar em mais de uma categoria, o que foi obtido graças a escolha de um tema maior que, a meu ver, predominava no artigo. A divisão (números absoluto de artigos / porcentagem em relação ao total de artigos publicados no período) ficou assim: Esportes em Geral (9/4,62%); Futebol (104/53,33%); Corpo (6/3,08%); Olimpíadas/ Outros Esportes (à exceção do futebol) (31/15,9%); Jornalismo Esportivo (35/17,95%); Reflexões Epistemológicas (10/5,13%). Número total de artigos levantados: 196.

⁴ O Grupo existe desde 1997, mas, no site do Intercom, os anais só estão disponível, de maneira sistematizada a partir de 2000 (em 2001, não está disponível a separação por Grupos de Pesquisa, por isso, excluí esse ano da análise). Em 2002 e 2003, o Núcleo de Pesquisa (NP) chamava-se Mídia Esportiva. A partir de 2004, utiliza-se a nomenclatura NP Comunicação e Esporte. Em 2007 e 2008, o grupo passa a fazer parte do NP de Comunicação científica. Apenas em 2009, volta a gozar de autonomia, com o atual nome: GP Comunicação e Esporte.

⁵ Para um breve histórico dos estudos olímpicos no Brasil, sugiro a leitura do artigo de Lamartine DaCosta (2007).

2 IDENTIDADE BRASILEIRA E NAÇÃO

Identidade é uma representação do mundo, e não seu reflexo tal qual um espelho. Renato Ortiz (2012, p. 7) afirma que “Toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é uma diferença [...] Porém, a identidade possui ainda uma outra dimensão, que é interna. Dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos”. A identidade, segundo Ortiz, seria então uma construção que se alimenta de interpretações da realidade efetuada por intelectuais, como Freyre e Holanda, que atuariam como mediadores simbólicos. Para a psicologia, a identidade não é algo inato, mas proveniente da alteridade, construída na nossa relação, ainda quando crianças, com o mundo e as pessoas que nos cercam. Essa concepção destoa do homem cartesiano de Descartes, extremamente centrado em si e que a partir de si mesmo desenvolve sua psique (HALL, 2011). A identidade é, desse modo, uma “operação” discursiva típica dos Estados-nação na virada do século XVIII para o XIX e que se inicia no Brasil de modo tardio em fins do século XIX. Schwarcz (1994) nos aproxima dos alemães em nossa obsessão cíclica por nos indagarmos quem somos e buscarmos uma identidade que nos seja comum.

Neste capítulo, abordo a questão da identidade nacional, tanto por meio de uma breve revisão teórica sobre o conceito quanto pela discussão de dois autores fundamentais (Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda) para o entendimento da identidade (ou das identidades) brasileira.

2.1 Identidade nacional: um debate sobre o conceito

Essa parte da dissertação foi pensada a partir da contribuição de quatro autores que refletiram sobre o conceito de nação: Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenart, Dante Moreira Leite e Renato Ortiz. O emprego desses autores, contudo, não significa que corroboro todas as afirmações por eles feitas. O que pretendo é problematizar os conceitos de nação e identidade nacional, dialogando, por isso, também com autores que são contrários a eles. Desse diálogo, sedimentou-se a compreensão da identidade nacional enquanto um construto essencialmente humano, o que me fez procurar em meu *corpus* por traços permanentes e desviantes nas descrições dos atletas, e não apenas reiterar os emblemas de brasilidade já

encrustados em nosso imaginário. Destaco que o conceito de nação aparece ao longo da história associado ao de raça, povo e etnia.

Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart (1998) elaboraram uma revisão histórica do conceito de nação dentro dos estudos antropológicos. Recuperando as origens do conceito no século XIX, encontramos Ernest Renan, que investigou as razões que tornam a coesão entre indivíduos bem-sucedida. Na leitura de Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 35, grifos meus) sobre o autor, a resposta para essa questão basilar seria:

Certamente, não é pelo interesse individual em aderir [...], mas ao contrário um sentimento (o amor pela pátria) no qual se incluem em grande parte *o sacrifício, o luto e o sofrimento* compartilhado no passado, e cuja memória se transmite pelo culto aos ancestrais, pela lembrança dos grandes homens e suas *ações heroicas*.

Conseguimos depreender, a partir de Renan, como o heroísmo correlaciona-se ao nacionalismo. Entende-se ainda a nação como sucessora das etnias, e como uma construção histórica e política iniciada no século XIX. Na concepção de Barth (1998), a identidade étnica se define pelo contexto e é um processo de assimilação individual estabelecido pela convivência intra-grupal e pelo contato com “estrangeiros”. Apesar das semelhanças, haveria, porém, uma distinção fundamental entre nacionalismo e etnicidade, conforme Eric Hobsbawm: “Porque o nacionalismo é justamente um programa político e porque a etnicidade, seja ela o que for, não é por sua vez um conceito político e não tem conteúdo programático” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 54).

Max Weber foi outro nome a diferenciar raça, etnia e nação, antecipando a questão política trazida por Hobsbawm:

O que distingue a pertença racial da pertença étnica é que a primeira é ‘realmente’ fundada na comunidade de origem, ao passo que o que funda o grupo étnico é a crença subjetiva na comunidade de origem. Quanto à nação, ela é, como o grupo étnico, baseada na crença da vida em comum, mas se distingue deste último pela paixão (*pathos*) ligada à reivindicação de um poderio político (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 37).

Em Weber, que se debruçou primordialmente nas comunidades étnicas, o fato político é preponderante na formação de laços. Aliás, tanto a nação como a etnia seriam fruto de um esquecimento do passado que torna possível a construção narrativa de uma origem comum em tempos imemoriais. O estrangeiro possui um papel chave para delimitação da identidade étnica, uma vez que o exercício da alteridade força o estabelecimento de fronteiras e evidencia pontos em comum entre os indivíduos (em oposição aos “outros”). Essa construção do

nacional em oposição ao que lhe é externo é muito utilizada nas narrativas sobre os atletas brasileiros em Olimpíadas, em um movimento de distinção aos europeus e norte-americanos e aproximação aos latino-americanos. O “outro” é um parâmetro para o nosso desempenho e organização, além de evidenciar nossas peculiaridades e especificidades enquanto “brasileiros”.

Já no século XX, Walker Connor interpreta a etnicidade como uma fase no caminho para a nação: “A etnicidade, então, refere-se aos grupos, ou mais exatamente aos povos, que são nações potenciais, situadas em um estágio preliminar da formação da consciência nacional” (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 45). Étienne Balibar entende a nação como um processo de institucionalização de indivíduos, logo é contínuo e progressivo, e não finalizado. Desse modo, segundo Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 44), atualmente as oposições se encontram estabelecidas “entre a nação como comunidade política e a nação como comunidade etnocultural”.

Dante Moreira Leite, por sua vez, em seu livro *O caráter nacional brasileiro*, contrapõe os nacionalismos aos racismos. Apesar de levar em conta seus possíveis entrecruzamentos teóricos em dados momentos históricos, o racismo seria um conceito mais biológico, enquanto o nacionalismo, “histórico, cultural e político” (1983, p. 17). Enquanto as teorias nacionalistas promoveriam uma coesão dos indivíduos de um país, as teorias racistas seriam responsáveis pela desagregação e conflito interno desses mesmos indivíduos. A tese central da obra pode ser assim resumida: “As idéias sobre caráter nacional surgem nos momentos de crise, e acompanham os movimentos nacionalistas” (LEITE, 1963, p. 361). O caráter político da nação, evidenciado por Weber e Hobsbawm, pode ser inferido também em Moreira Leite, ainda que ele não assuma a existência de um caráter ou identidade nacional: “Não existe qualquer prova de que um povo tenha características psicológicas inexistentes em outro. Quando muito seria possível pensar em características mais importantes num grupo do que em outro” (LEITE, 1963, p. 365).

Ainda que um caráter ou identidade nacional possam ser apenas injunções teóricas, os nacionalismos enquanto fatos político-culturais possuem existência concreta. A Revolução Francesa de 1789 teria marcado o início do movimento nacionalista em sua face mais contemporânea. O romantismo alemão, por sua vez, introduz o debate sobre o caráter ou espírito nacional (LEITE, 1963, p. 14). Os pontos em comum para a tomada objetiva do conceito de nacionalidade englobam a língua, a religião e o território, ainda que esse postulado comporte uma miríade de exceções, como, por exemplo, os imigrantes e o caso judaico. Subjetivamente, a nacionalidade seria uma escolha individual ou de um grupo por

meio de sua autonomia política. O nacionalismo pode vir à tona por disputas políticas, econômicas ou sociais. Como exemplo, temos as independências na América e na África, que aceleraram um processo de constituição de nações atuantes em oposição às antigas metrópoles.

O nacionalismo brasileiro acompanha o processo nacional europeu anterior. O conflito entre clássicos (herança grega) e românticos (nacionalistas) na Europa se reproduz no Brasil com a dicotomia nacional x europeu. Moreira Leite salienta a formação do nosso nacionalismo e a importância dos heróis: “[...] como os outros nacionalismos, parece exigir uma continuidade histórica e, mais que isso, um passado comum, que frequentemente se aproxima do mito – característica que aqui, como em outros países, é a atmosfera que cerca os *heróis nacionais*” (LEITE, 1963, p. 25, grifos meus).

O autor traça uma genealogia do caráter nacional que perpassa as formulações feitas no Romantismo alemão, na antropologia, na sociologia, na genética e na psicologia. No século XIX, o conceito de raça estaria bastante entranhado nos desenvolvimentos teóricos sobre a nação⁶. Com a antropologia, o termo raça (do qual derivavam muitos preconceitos) cai em desuso, sendo substituído até certo ponto por cultura. Em suma, Moreira Leite (1963, p. 39) identifica alguns movimentos gerais nos estudos do caráter nacional: “[...] a uma fase de entusiasmo, sucedeu um período de crítica e ceticismo, onde o conceito de caráter nacional foi inteiramente abandonado; depois através de novos pressupostos, o conceito pode ser retomado, embora em bases inteiramente diversas”.

Em seguida, Moreira Leite analisa o processo de formação do indivíduo em Freud, Marx e Fromm, evidenciando as divergências entre eles. Os três autores escrevem suas obras de maior relevo em um contexto marcado pela Segunda Guerra Mundial. Isso explica em grande medida a perspectiva etnocêntrica identificada por Moreira Leite neles: “Mas se essa nova fase do caráter nacional se inaugurava sob o signo do nacionalismo e do etnocentrismo, o término da Segunda Grande Guerra não diminuiu o ímpeto de antropólogos, e depois também de psicólogos, que se voltaram para o estudo do caráter nacional” (LEITE, 1963, p. 64).

Após a Segunda Guerra Mundial, o debate sobre o caráter nacional não teria arrefecido. Pelo contrário. Presenciou-se novamente a ascensão de críticos e defensores do

⁶ As teorias racistas tem sua fundação na Europa na metade do século XIX. Essa fundação mescla-se às origens da antropologia profissional. As análises de crânios para aferição de características psicológicas distintas entre as raças estavam “na moda”. Contudo, foi uma moda efêmera e, já em fins do século XIX, Franz Boas aparecia para desmistificar esses conceitos e colocar o termo cultura como um eficaz substituto para raça (ORTIZ, 2012, p. 28-29).

conceito. Há também a contribuição da psicanálise, por meio de pesquisadores conhecidos como “neofreudianos”, ou seja, que estudam os processos conscientes (e não inconscientes, como Freud) da ação humana. Dentre eles, Moreira Leite (1963, p. 66) cita Fromm, Horney e Sullivan. Erik Homburger Erikson, por exemplo, tentou explicar os problemas sociais por meio das relações familiares. Isto é, os conflitos entre as novas gerações e seus pais (LEITE, 1963, p. 67-68). O autor opta por utilizar o termo “identidade nacional”, que acabaria sendo mais empregado que “caráter nacional”. Algumas das análises do período, como as de Margaret Mead, influenciadas pela Guerra Fria, estariam repletas de injunções políticas dadas pelo julgamento da outra cultura pelas lentes do certo e do errado, e menos pela relativização de hábitos e costumes (LEITE, 1963, p.77).

As críticas de Moreira Leite (1963, p. 97) ao conceito de caráter nacional circulam em torno de dois eixos básicos: “[...] de um lado, a relação entre cultura e personalidade; de outro, a existência de culturas nacionais”. A primeira crítica se concentra na impossibilidade de estabelecermos uma relação entre características gerais de uma cultura e padrões específicos de personalidade. Aliás, não haveria unanimidade sequer na existência de culturas, enquanto entidades coletivas estáticas no tempo e no espaço. De acordo com as características do observador, as culturas dos observados sofrerão variações em suas descrições.

Apesar de reportar, e em muitos momentos concordar com, as críticas feitas ao conceito de caráter nacional, Moreira Leite admite a existência de aspectos superficiais, empiricamente observáveis, em uma dada cultura. A falha, segundo ele, encontrar-se-ia em tentar misturar descobertas da personalidade interna de um indivíduo com hábitos gerais de dada cultura. As diferenças entre os povos seriam inegáveis, estando o problema localizado na mensuração desses contrastes e no esclarecimento de sua fundação simbólica (LEITE, 1963, p. 129). Sublinho que, em Moreira Leite, o caráter ou identidade nacional é entendido mais como um guia de percurso cultural do que a uma norma inserida nos cérebros de cada indivíduo.

Os antropólogos analisados por Moreira Leite tenderiam, segundo ele, a impregnar seus trabalhos de certo etnocentrismo dissimulado sob o termo caráter nacional. Haveria, então, inerentemente ideologias por detrás das teorias, que nos ajudariam a compreender os autores e suas obras. É tentando levar em consideração esse pressuposto que Moreira Leite recuperará criticamente as interpretações do Brasil feitas pelos seus principais intelectuais, dentre eles Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, os quais serão vistos ainda nesse capítulo.

Renato Ortiz (2012) capta o debate sobre identidade nacional justamente por um viés mais político, inserindo-o na história sociopolítica brasileira. Em primeiro lugar, teríamos uma unidade na percepção de nossa diferença em relação a outros países (alteridade), o problemático seria definir precisamente qual seria essa diferença. Ortiz se preocupa menos em saber se a identidade nacional de fato possui viabilidade teórica do que em analisar as influências ideológicas dos intelectuais que a tomaram como real. Para o autor, a luta pela delimitação de nossa identidade atravessa uma disputa entre grupos ideológicos que desejam, de certo modo, impor sua visão da realidade. Neste ponto, Ortiz se aproxima de Moreira Leite, ainda que possua um referencial teórico distinto, mais situado na Antropologia e na Sociologia do que na Psicologia.

Ortiz remonta o início dos estudos sobre nossa identidade nacional, tomando como precursores Euclides da Cunha, Nina Rodrigues e Silvio Romero. Ele tenta entender o posicionamento racista desses autores a partir de seus referenciais teóricos. O evolucionismo, então em voga na Europa, encontra um modo peculiar de adaptação na reflexão desses intelectuais. A posição inferior do Brasil na escala evolucionista vai ser justificada por eles autores devido ao meio (ambiente, clima, geografia) e a raça (ORTIZ, 2012, p. 15). As três raças formadoras do Brasil transformam-se assim em uma encruzilhada teórica, que é resolvida pelo estabelecimento do mestiço como tipo nacional. Um tipo, porém, visto como intermediário no processo de “branqueamento social” (ORTIZ, 2012, p. 21). Thomas Skidmore propõe uma periodização na qual esse ideário racista encontra-se situado entre os anos de 1889 e 1914 (ORTIZ, 2012, p. 22). Justamente quando as teorias racialistas começavam a cair em desuso na Europa é que esse debate popularizou-se no Brasil difundido pelos autores supracitados. Havia uma conveniência em assumir essa teoria biológica das raças para explicar o momento brasileiro e forjar uma identidade nacional.

No início do século XX, os ventos da modernidade tornam necessária a obra de Gilberto Freyre. No entanto, segundo Ortiz, Freyre ainda estaria ligado à tradição de Silvio Romero, representando mais uma continuidade com uma nova linguagem do que propriamente uma ruptura (ORTIZ, 2012, p. 41). Em outro extremo, estariam Caio Prado Junior e Sérgio Buarque de Holanda, autores que seriam produto de um meio universitário incipiente, símbolo da “modernidade”. Após a crítica, Ortiz reconhece a importância de Freyre e do potencial aglutinador de sua obra. Ao elevar o mestiço a símbolo do nacional, Freyre resolveu o impasse que cercava essa herança vinda de três raças distintas. Ao positivar o caráter dessa mistura, ele nos reconciliava, de certa forma, com nosso passado. Em suma:

“O mito das três raças é, neste sentido, exemplar: ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais” (ORTIZ, 2012, p. 44).

Mais tarde, na década de 1950, os isebianos (Instituto Superior de Estudos Brasileiros), como Roland Corbisier, Alberto Guerreiro Ramos, Nelson Werneck Sodré e Cândido Mendes, aportaram um novo ferramental teórico para compreender a sociedade brasileira, buscando fundar um programa de Brasil e de sociedade civil brasileira, e não apenas analisar historicamente nosso passado, o que até então havia sido o objetivo principal dos sociólogos brasileiros. As expressões e explicações, vinculadas a um pensamento de viés hegeliano e marxista, elaboradas por esse grupo de intelectuais se impregnaram na opinião pública, influenciando todo um ideário, principalmente de esquerda, sedimentado em décadas posteriores. Buscava-se tanto uma identidade quanto uma sociologia nacional e autêntica.

Na década de 1950, de onde os isebianos “falam”, o mundo presenciava um processo de independências na África e na Ásia. Nesse contexto descolonizador, as teorias que se debruçavam sobre o “nacional” ganhavam relevo. O Brasil não ficou imune às influências vindas de além-mar, ainda que nossa realidade fosse mais “reformista”, como propunha os isebianos, do que “revolucionária” como nas ex-colônias africanas e asiáticas.

Com o Centro Popular de Cultura, vinculado a UNE, o debate sobre a cultura popular se aproximava das discussões sobre o nacional. Ortiz analisa o CPC como uma “radicalização à esquerda” da perspectiva isebiana (ORTIZ, 2012, p. 68). Nesse sentido, devia-se valorizar a tradição e combater as influências estrangeiras, que maculariam a autenticidade do nacional. O nacional contaminado por interesses mercadológicos e/ou internacionais seria inautêntico. Válido ressaltar que Ortiz enumera uma série de incoerências e falhas nas proposições ideológico-práticas do CPC. O autor enxerga menos um processo de alienação do que uma luta de forças na produção cultural brasileira, principalmente a partir da criação de instituições públicas e privadas de cultura, como as por ele citadas: “Embrafilme, Funarte, Projeto Minerva, TV Globo” (ORTIZ, 2012, p. 78).

Durante a ditadura, a cultura produzida com apoio estatal possuía um viés de integração nacional. O poder autoritário fez uso do potencial aglutinador da cultura, contanto que atendesse a seus propósitos e desígnios. Seria justamente, por isso, que, nesse período, surgiram grandes veículos de comunicação massiva, como a TV Globo e a Editora Abril, que monopolizam mercados até hoje (ORTIZ, 2012, p. 83). A cultura devia se posicionar a serviço do interesse nacional, o que, no período significava um alinhamento compulsório ao regime militar vigente.

O argumento central de Ortiz repousa na união entre o popular e o nacional na definição de nossa identidade, em vários momentos dos séculos XIX e XX. Nessa relação, o Estado desempenha papel primordial. Sublinho que o contexto político em que se estabelece as reflexões acima compreende parte significativa do *corpus* dessa dissertação, daí meu interesse em reproduzi-las aqui.

Outra diferenciação elaborada por Ortiz, e que me é bastante útil, diz respeito à ideologia e ao mito, sendo o primeiro associado à memória e à identidade nacionais, enquanto o segundo estaria mais presente em grupos menores e/ou tribais. A identidade nacional é forjada pela coesão, não necessariamente tranquila e perene, entre as diferentes memórias e práticas coletivas (os mitos contemporâneos). Assim: “Memória e identidade nacional são *construções de segunda ordem* que dissolvem a heterogeneidade da cultura popular na univocidade do discurso ideológico” (ORTIZ, 2012, p. 138, grifos meus). O Estado tenderia a colocar no “guarda-chuva” da “brasilidade” todas as grandes ou pequenas manifestações de memória coletiva, sejam elas religiosas (candomblé), festivas (carnaval) ou artísticas (reisados).

Acredito que a memória nacional forjada a partir dos esportes possui uma peculiaridade. Sua perpetuação ocorre à maneira dos mitos, ou seja, pela repetição ritualizada de determinados eventos, práticas e costumes. Por exemplo, durante os Jogos Olímpicos, o *JB* emprega uma série de expedientes que são recorrentes em mais de uma edição do evento, a saber: descrição das cerimônias de abertura e encerramento, relato pormenorizada da participação dos atletas brasileiros nas provas e modalidades em que participam, rememoração de momentos emblemáticos do esporte nacional ou internacional. Esses momentos, repetidos ciclicamente, auxiliam na consolidação tanto da história olímpica quanto da identidade nacional brasileira.

Para além das contribuições de todos os autores citados acima, tendo a me identificar mais com as proposições de Stuart Hall (2011, p. 39-51, grifos do autor), que propõe a existência de identificações forjando os sujeitos pós-modernos ao invés de identidades fixas.

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades

Ele explica esse pertencimento como um "sistema de representação cultural" a uma comunidade simbólica, relacionando memória, imagem e discurso. As nacionalidades caminhariam assim em um duplo movimento de olhar ao passado, buscando origens míticas, e ao futuro, para perpetuar a grandeza de um povo. Em sociedades cujas identificações são múltiplas e descontínuas, como o Brasil, podemos esperar por narrativas heroicas igualmente variadas.

2.2 Os estudos clássicos: Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda

Finda a discussão sobre os sentidos da identidade ou caráter nacional, parto agora para a análise de dois importantes intelectuais que pensaram o Brasil e sua identidade: Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. Acredito ser importante revisitá-los, pois se trata de autores basilares na definição de um imaginário sobre o ser brasileiro e que influenciaram os trabalhos posteriores nas Ciências Humanas e Sociais.

Faz-se importante explicitar como cheguei aos dois nomes que trabalho nessa seção. Apropriei-me primordialmente do crivo de Roberto DaMatta (1997, p. 41), que afirma serem Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Júnior e Florestan Fernandes, “contribuições básicas” para o entendimento de uma “sociedade complexa como é o Brasil”.

Octavio Ianni compartilha da visão de DaMatta (1990, p. 34): “Assim Oliveira Vianna, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Roberto C. Simonsen e Caio Prado Júnior adquirem a aura de clássicos”. Fernando Henrique Cardoso (2013, p. 265) é mais um a falar da atualidade dessas obras: “O curioso é que, se alguém for pensar hoje sobre as contribuições básicas para a interpretação do Brasil, esses três autores [Freyre, Holanda e Prado Júnior] estarão no panteão dos notáveis do mesmo jeito”.

Fábio Franzini situa Gilberto Freyre, juntamente com Holanda, Prado Júnior e Simonsen, como autores que pensaram o Brasil urbano-industrial com suas lentes da década de 1930. Franzini (2002, p. 8) usa a expressão “redescobrimento do Brasil” para definir a verve intelectual daquele período. Ele destaca *Casa Grande & Senzala* como a obra de maior vulto à época, tanto na recepção do público quanto da crítica especializada.

Dante Moreira Leite (1983, p. 301), por sua vez, em uma visão menos elogiosa e mais desaprovadora, põe em relevo o caráter conservador da obra de Freyre (por vezes reforçador de uma visão preconceituosa da elite sobre o negro) e o tom “pricipiante” de sua escrita:

“Disso resulta que Gilberto Freyre é hoje, pelo menos no Brasil, um intelectual de direita, aceito pelos grupos no poder, mas não pelos jovens intelectuais”. O autor aponta ainda a carência de método e bases teóricas definidas em Freyre. A opinião de Moreira Leite acabou se revelando equivocada. Freyre continua relevante e é lido e citado tanto por jovens autores quanto por pesquisadores consagrados.

Apesar de mais condescende em relação a Sérgio Buarque de Holanda, Moreira Leite também não poupa críticas a ele, sobre o qual discorre que “[...] percebe as transformações na vida social, mas, apesar disso, continua preso à idéia de características nacionais, de um passado que determina o presente. Daí as inevitáveis contradições de seu ensaio” (LEITE, 2012, p. 324-325).

Ortiz (2012, p. 137) aponta para o problema de enxergar, assim como feito por Freyre e Holanda, a identidade nacional por meio de “traços definitivos” que comporiam um “caráter imutável”. A opinião de Ortiz sobre o tema é a seguinte: “[...] a identidade nacional é uma entidade abstrata e como tal não pode ser apreendida em sua essência” (ORTIZ, 2012, p. 138). Concordo em partes com o autor, pois como mostrarei no capítulo cinco, a identidade nacional, pelo menos aquela forjada por meio da mídia e do esporte, é obtida em uma negociação, sempre tênue, entre emissor (jornal), receptor (leitor, torcedor) e o material humano que serve de fonte para as matérias (atletas). Sendo assim, há muito mais variações nas descrições do que permanências e elementos peremptórios. Deve ser dito, contudo, em defesa de Freyre e Holanda, que nenhum dos dois teve contato com as proposições de Ortiz e o debate sobre a identidade nacional, como visto acima estava em voga no início do século XX.

Quanto à atualidade do debate, é notório que as discussões sobre uma identidade brasileira continuam repercutindo hoje, ecoando as contribuições dos grandes intelectuais citados e trazendo novos olhares e críticas. Octávio Ianni (1990, p. 19) pontua que: “O Brasil já foi pensado de modo particularmente abrangente em três épocas. A partir da Declaração de Independência de 1822, da Abolição da Escravatura e da Proclamação da República em 1888-1889 e da Revolução de 1930”. Essa necessidade de “compreender, explicar ou inventar, como se forma e transforma a nação, quais as suas forças sociais, seus valores culturais, tradições, heróis, santos monumentos, ruínas” começou a ser abordada com mais êxito a partir de 1930 (IANNI, 1990, p. 27-28). Ianni afirma que após essa década outros teóricos também trouxeram contribuições inéditas e importantes, porém 1930 foi responsável por apontar as matrizes de um pensamento social brasileiro em suas questões fundamentais. Ele enumera

ainda outros momentos paradigmáticos em nossa história: 1945, 1964, 1985. E poderíamos complementar com 1992 (Fora Collor), 2013 (Revolta do Vinagre, Movimento Passe Livre⁷).

Dentro dessa escolha mais geral sobre autores, fez-se necessário ainda um recorte sobre as obras estudadas. Antonio Candido (2011, p. 9) ressalta a importância de duas obras desses autores: *Casa Grande e Senzala* (FREYRE, 2003) e *Raízes do Brasil* (HOLANDA, 1995)⁸. Ele assim os define: “São esses os livros que podemos considerar chaves, os que parecem exprimir a mentalidade ligada ao sopro de radicalismo intelectual e análise social que eclodiu depois da Revolução de 1930 e não foi, apesar de tudo, abafado pelo Estado Novo” (CANDIDO, 1995, p. 9). Essa base teórica fornece substrato para a melhor interpretação dos resultados e das análises que são feitas sobre a identidade brasileira presente nos discursos jornalísticos sobre os atletas-heróis olímpicos nacionais.

2.2.1 Gilberto Freyre: *Casa Grande e Senzala*

Gilberto Freyre nasceu em 1900 no Recife e lá morreu aos 87 anos. Por ter cursado boa parte de seus estudos em uma escola protestante, pôde aguçar seu olhar crítico em relação ao catolicismo arraigado na sociedade brasileira. Completou sua formação, em nível superior, nos EUA, além de ter estado por um período na Europa. Essa vivência internacional foi fundamental na composição do arcabouço teórico de Freyre. Além de sua produção acadêmica, amplamente conhecida, foi também jornalista e político (cf. MOREIRA LEITE, 1983, p. 297-299). Sua produção teórica contém ao mesmo tempo continuidade e ruptura em relação aos autores do final do século XIX. Trabalha a questão do popular e do nacional, mas sem o viés racista que predominou nos escritos de Sílvio Romero, Nina Rodrigues e Euclides da Cunha (ORTIZ, 2012, p. 127).

Há uma dificuldade de enquadramento disciplinar em Freyre, definido ao mesmo tempo como “antropólogo-sociólogo-historiador” (CARDOSO, 2003, p. 19). Ele buscava na

⁷ As manifestações populares de insatisfação com a política em geral e com questões particulares de cada Estado brasileiro ainda não possui uma nomenclatura unificadora. No entanto, alguns nomes se popularizaram. No Rio de Janeiro, fala-se em Revolta do Vinagre – uma alusão ao produto (vinagre) utilizado pelos manifestantes para atenuar os efeitos das bombas de gás lacrimogênio lançadas pela polícia. Em São Paulo, o protesto está associado ao principal grupo que o organizou – o MPL ou Movimento Passe Livre.

⁸ Além delas, Candido também menciona *Formação do Brasil Contemporâneo* (PRADO JUNIOR, 2000). Esta, contudo, não será objeto de minha análise.

história explicações para a realidade social hodierna (CARDOSO, 2003, p. 100). Seu estilo de escrita é por vezes contraditório e alguns argumentos repetem-se ou são retificados sem motivo ao longo de seu texto. Em *Casa Grande & Senzala*, ressaltou a suposta idealização que Freyre faz de alguns tipos sociais. Por exemplo, o negro, a família patriarcal e, quiçá, o próprio período imperial escravagista. Os méritos da obra foram muitos, em especial a inovação na abordagem da vida social brasileira. Freyre foi original ao adentrar a casa e investigar as razões sociais do caráter brasileiro. Analisou a vida privada, antes que essa prática fosse disseminada na academia. Sua obra é um relato pormenorizado que se estende por meio das inúmeras e longas notas de rodapé e por suas descrições não menos extensas (cf. CARDOSO, 2013, p. 107).

Burke interpreta, a meu ver corretamente, a forma como Gilberto Freyre pensou a história em seu livro e que é particularmente importante para todos aqueles que refletem sobre a cultura:

Como o historiador brasileiro Gilberto Freyre sugeriu 60 anos atrás, enquanto a história política e militar, empreendida num estilo nacionalista, muitas vezes separa as pessoas, ‘o estudo da história social e cultural’ é ou poderia ser uma maneira de ‘aproximar pessoas’ e abrir ‘vias de compreensão e comunicação entre elas’ (BURKE, 2008, p. 180).

Nesse sentido, aliás, Freyre e Holanda são autores que dialogam fortemente com a perspectiva culturalista da História (a ser vista no capítulo cinco). Vejamos:

[...] no Brasil, já nos anos 30 do século XX, pensadores como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda se apresentam com uma postura *avant la lettre* para o seu tempo. *Casa Grande & Senzala*, publicado por Gilberto Freyre, em 1933, e *Raízes do Brasil*, publicado por Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, marcaram uma perspectiva culturalista na maneira de abordar a realidade brasileira e de repensar a identidade nacional (PESAVENTO, 2012, p. 102, grifos da autora).

Inspirado por Franz Boas, seu professor nos EUA, Freyre propõe acertadamente que a teoria genética sobre as sub-raças estava amparada em pressupostos e evidências de cunho sociocultural (má-alimentação, baixa renda familiar, más condições de habitação). Raça e cultura são chaves de leitura para compreensão do livro de Freyre. Aliás, uma inferioridade tida como inata também é vista no discurso sobre nossos atletas, quando estes fracassam nos Jogos Olímpicos. Nas Olimpíadas de 1952, a narrativa do *JB* sempre destacava o fato de estarmos enfrentando os melhores atletas do mundo, o que funcionava como um reforço discursivo para os nossos repetidos fracassos e poucos sucessos e colaborava para

manutenção de um sentimento de inferioridade crônica em relação às potências do esporte (ver a pág. 92 dessa dissertação, por exemplo).

É importante situar de onde Gilberto Freyre fala e sobre o que ele fala. Ele trata de um Brasil recém-saído da República Velha e ainda nostálgico do período Imperial. Sua obra reflete justamente sobre esse Brasil Império, onde teria se formado o que ele chama de “família brasileira”, mas que, por extensão, acaba sendo uma análise do indivíduo nacional. Esse olhar em retrospectiva, presente tanto em Freyre quanto em Holanda, insere-se dentro de um quadro descrito por Ianni (1990, p. 25) como de intelectuais que desejavam “compreender quais eram as perspectivas abertas com a República e o trabalho livre. Mas eram obrigados a refletir sobre as heranças de séculos de escravismo, patriarcalismo, divisão entre brancos, negros e índios”. Trabalhavam com continuidades e rupturas do passado para melhor compreender a realidade que se descortinava no presente (IANNI, 1990, p. 33).

A questão da herança ibérica está presente na obra de Gilberto Freyre, assim como veremos em Holanda. A predisposição do português para o contato e a mistura com outros povos derivaria, segundo Freyre, da formação peculiar desse povo. Ainda na Europa, teria sofrido influências africanas, forjando-se assim maleável ao “outro”. Nos termos de Freyre (2003, p. 65), “gente mais flutuante que a portuguesa, dificilmente se imagina; o bambo equilíbrio de antagonismos reflete-te em tudo que é seu”. Aliado a padrões climáticos semelhantes, o português superou seus vizinhos europeus na corrida colonialista. Freyre, no entanto, possui um discurso mais favorável ao português que Holanda. Este vê a herança ibérica como mais perniciosa do que benéfica.

A dicotomia verificada na leitura dos heróis esportivos, ora apolíneos ora dionisíacos (HELAL, 2003), e em outras esferas do social encontra ecos em Freyre, quando ele descreve a importância do elemento africano na mediação entre europeus e índios e ressalta a força que essas dualidades possuíram (e, a meu ver, continuam possuindo) no *ethos* nacional:

Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido, na verdade [...] um processo de equilíbrio de antagonismos. Antagonismos de economia e de cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril. A agrária e a mineira. O católico e o herege. O jesuíta e o fazendeiro. O bandeirante e o senhor de engenho. O paulista e o emboaba. O pernambucano e o mascate. O grande proprietário e o pária. O bacharel e o analfabeto. Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo (FREYRE, 2003, p. 114).

Esses antagonismos complementares são lidos por Freyre como uma das potencialidades da cultura brasileira. Sua visão de sociedade brasileira valorizaria a ética

dionisíaca⁹, no que Cardoso (2003, p. 24) o critica como pouco democrático. Outrossim, Freyre efetua um contraponto entre a mobilidade do negro e do índio e a estabilidade do português (CARDOSO, 2003, p. 41) – distinções que se aproximam a proposta por Holanda para os tipos aventureiro e trabalhador.

A própria relação entre casa grande e senzala era interpretada como antagônica e, ao mesmo tempo, complementar. A partir dela, aliás, é que obtenho um dos trechos mais interessantes para a abordagem dos heróis nos esportes: “Verificou-se entre nós uma profunda confraternização de valores e de sentimentos. Predominantemente *coletivistas*, os vindos das senzalas; puxando para o *individualismo* e o *privatismo*, os das casas-grandes” (FREYRE, 2003, p. 452, grifos meus). Em outro momento do livro, podemos encontrar explicação para nossa preferência por heróis menos formais e mais próximos do estereótipo malandro: “Muito menino brasileiro deve ter tido por seu primeiro herói, não nenhum médico, oficial da marinha ou bacharel branco, mas um escravo acrobata que viu executando piruetas difíceis nos circos e bumbas-meu-boi de engenho; ou um negro tocador de pistom ou de flauta” (FREYRE, 2003, p. 535). Há uma separação entre um mundo “branco” da formalidade e um mundo “negro” mais propício aos exercícios corporais.

Em Freyre, encontramos ainda uma visão positiva da miscigenação, que teria diminuído as segregações entre as três raças e permitido uma conseqüente derrubada das fronteiras entre elas. Esse elogio da mestiçagem desloca o eixo de interpretação então em voga (cf. BENZAQUEN DE ARAÚJO, 2009). Ao propor que estava aí nosso maior potencial, e não nosso grande defeito, Freyre possibilitou que práticas como o futebol, mas não apenas ele, usufríssem das contribuições de negros e mulatos. O principal mérito de Freyre nessa construção simbólica foi ter feito de um mal (a escravidão) o remédio (mestiçagem) para dissolver alguns dos dilemas morais da teoria cultural brasileira. E o futebol foi de fato o palco onde a democracia racial pôde se manifestar em um primeiro momento (cf. FILHO, 1964).

Trazendo a contribuição de Freyre especificamente para o meu trabalho, é interessante notar como algumas das características psicológicas que o sociólogo pernambucano identifica como típicas do brasileiro são efetivamente encontradas nas falas dos atletas ou nas narrativas jornalísticas sobre eles. Dante Moreira Leite (1983, p. 316) identifica treze pontos-chave na definição freyreana dos brasileiros. Três delas me foram facilmente identificáveis na análise

⁹ Essa própria alusão a Dionísio comporta uma série de ambigüidades semânticas: “Dionísio, o deus bárbaro, é também múltiplo nas suas manifestações. É contraste de sentimentos: magnânimo e cruel, alegre e sofredor, esfuziante, delirante e melancólico ao mesmo tempo” (PESAVENTO, 2006, p. 212).

do objeto empírico: “crença no sobrenatural”, “personalismo” e “maternalismo”. A crença em elementos exteriores a vida terrena é um elemento que permeia a fala de inúmeros atletas. Deus e a fé religiosa ocupam uma posição central nos discursos de inúmeros atletas. Essa crença vem algumas vezes acompanhada do agradecimento à família, tendo a mãe função central por criar o atleta e zelar espiritualmente por ele. A mãe do goleiro Gilmar, titular da seleção de futebol em 1984, teria permanecido trancada no quarto rezando enquanto a partida final estivera sendo disputada. O título da matéria exemplifica o maternalismo: “Gilmar promete medalha a Dona Maria” (11/08/1984, p. 27). A religiosidade foi vista outras vezes em matérias da própria Olimpíada de 1984, principalmente em relação à mãe de Joaquim Cruz. O personalismo é mais presente no futebol ou em esportes individuais, mas também se manifesta em narrativas sobre atletas extraordinários do basquete e do vôlei, por exemplo. Como veremos, em 1996, as narrativas sobre Oscar obnubilaram a própria seleção nacional de basquete.

Apesar de próximos em seus estudos pioneiros, Freyre e Holanda divergiam em uma série de questões. A noção de “homem cordial”, afeito a relações pessoais e hierarquias pessoalizantes, contrapõe-se, de certo modo, ao “equilíbrio entre contrários” proposto por Freyre. Tanto Freyre quanto Holanda são revolucionários em suas abordagens da sociedade, mas Freyre o faz de modo menos evidente, mantendo-se conservador em muitos aspectos, enquanto Holanda apoia mais explicitamente as mudanças advindas com a urbanização e a industrialização, por exemplo.

2.2.2 Sérgio Buarque de Holanda: *Raízes do Brasil*

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982) nasceu e morreu em São Paulo, mas, nesse ínterim, conduziu sua formação intelectual no Rio de Janeiro e na Europa. Formado em Direito pela Universidade do Brasil em 1925, mudou-se para Berlim em 1929, de onde escrevia para os *Diários Associados*. Anteriormente era colunista do *Jornal do Brasil*. Em seu retorno ao Brasil, em 1936, tornou-se professor assistente na Universidade do Distrito Federal. Na década seguinte, passou a professor na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Assim como Freyre, foi um intelectual de vivência global, tendo lecionado e palestrado tantos nos EUA quanto na Europa. Inegável não reconhecer a importância dessas experiências multiculturais no engrandecimento de sua obra.

Raízes do Brasil, livro mais célebre de Sérgio Buarque de Holanda, cuja primeira edição data de 1936, foi utilizado aqui em sua vigésima sexta edição, publicada em 1995, que vem acrescida de um prefácio de Antonio Candido de 1986 e de um do próprio Holanda (publicado pela primeira vez na segunda edição em 1947). Esse prefácio à segunda edição, conforme Murilo de Carvalho (2013, p. 297), traz um aviso sobre as modificações que a versão original do livro, de 1936, sofreu. A versão alterada seria fruto das influências da volta de Holanda a São Paulo e de seu contato com a escola paulista de Ciências Sociais.

Sua teoria rompe com perspectivas reacionárias e de influência evolucionista, então na moda nas ciências sociais brasileiras. Uma Ciência Social, ainda em fase rudimentar, começou ser gestada no Brasil em fins do século XIX e tinha como substrato, além do positivismo comtiano, o ideário evolucionista europeu, que, dada nossa realidade, adquiriu ares racistas e eugênicos, como em Nina Rodrigues, Oliveira Vianna e Silvio Romero (cf. RAMOS, 2003).

O tema da mestiçagem tão premente em Holanda e que é central na leitura freyreana é uma constante entre os autores da época que se dedicaram ao tema da identidade brasileira, desde uma perspectiva “racial e detratada” até uma mais “moral e nacional” (cf. SCHWARCZ, 1994, p. 5). *Macunaíma* de Mário Andrade passa a ser um dos ícones desse período, fruto da ebulição intelectual que cercava o “mito das três raças”.

Holanda faz uso de uma interpretação sociológica pela via dual, enxergando uma dicotomia entre um espírito dito aventureiro e outro trabalhador. O primeiro, segundo ele, teria predominado em nossa colonização ibérica e seus resultados seriam sentidos até na época em que publicou seu livro. Ainda que provavelmente não sejam vistos em “estado puro” ou como descrição acoplada a alguma pessoa, representam antes éticas que permeiam nossa sociedade. Seriam características próprias do aventureiro: “audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem” (SCHWARCZ, 1994, p. 44). Já os trabalhadores seriam associados “à estabilidade, à paz, à segurança pessoal” (SCHWARCZ, 1994, p. 44). Enquanto os primeiros focam os fins, estes últimos estão mais preocupados com os meios que serão acionados para alcançar tais objetivos. Podemos vislumbrar aqui uma origem acadêmica das futuras definições do malandro. A expressão “ganho fácil” é reiterada no livro como fazendo parte de uma psicologia própria de nossos colonizadores e nossa por extensão.

Inspirado pelos “tipos ideais” weberianos, a noção de “homem cordial”¹⁰ (cf. HOLANDA, 1995, p. 146-151), antecipa conceitos caros à sociologia contemporânea brasileira e que à época foram de extrema valia para a compreensão de nossa realidade: “O ‘homem cordial’ é visceralmente inadequado a relações impessoais que decorrem da posição e da função do indivíduo, e não da sua marca pessoal e familiar, das afinidades nascidas na intimidade dos grupos primários” (HOLANDA, 1995, p. 17). A visão de Holanda não é romantizada, típica do estrangeiro que enxerga na “cordialidade” um traço positivo de nosso caráter; pelo contrário, ele a vê como algo problemático e sintomático de nossas dificuldades em nos inserirmos na lógica moderna das sociedades. Além disso, o homem cordial opõe-se a noção de homem racional burguês, prototípico do capitalismo em voga. No fundo, “[...] a tese de Holanda significava antes um grande alerta com relação às consequências desse apego irrestrito aos ‘valores da personalidade’” (SCHWARCZ, 1994, p. 30).

Cardoso (2013, p. 275) esclarece que: “Cordial não quer dizer ‘bom’, quer dizer da ‘emoção’. E a emoção perturba o estabelecimento das regras gerais, formais, democráticas. A leitura do homem cordial como homem afável é equivocada”. Há aqui um germe do problema da separação entre indivíduo e pessoa, dilema da cultura brasileira, que será recuperada por DaMatta em *Carnavais, Malandros e Heróis*.

O sociólogo introduz ainda outra problematização que diz respeito às amarras de pessoalidade e patriarcalismo que impedem o Brasil moderno de avançar. Ao criticar o patriarcalismo, Holanda se opõe a Freyre, cuja visão da sociedade escravocrata soava por vezes nostálgica e idealizada. O “tradicional personalismo” seria uma característica atemporal do brasileiro e da qual, nos termos de Candido, “provêm a frouxidão das instituições e a falta de coesão social” (HOLANDA, 1995, p. 13). O personalismo sempre se refletiu na organização das confederações brasileiras de diversos esportes, marcadas pela perpetuação no poder dos populares “cartolas”, que influenciam politicamente os rumos do esporte e não raras vezes fazem uso do nepotismo.

Holanda identifica nos primórdios do século XIX outra dualidade que, pelo menos na teoria social brasileira, permaneceria até a contemporaneidade. Ao abordar a tentativa progressista e modernizadora do barão de Mauá, ele explica que: “o malogro comercial de um Mauá também é indício eloquente da radical incompatibilidade entre as formas de vida copiadas de nações socialmente mais avançadas, de um lado, e o patriarcalismo e

¹⁰ A expressão não é criação de Holanda. Na verdade, foi cunhada por Ribeiro Couto (MURILO DE CARVALHO, 2013, p. 297; SCHWARCZ, 1994, p. 30) e reapropriada em sentido distinto por Cassiano Ricardo (HOLANDA, 1995, p. 204).

personalismo fixado entre nós por uma tradição de origens seculares” (HOLANDA, 1995, p. 79). A urbanização das cidades no século XIX herdou a mentalidade agrária dos senhores de engenho escravocratas e suas estruturas familiares paternalistas e patriarcais. As regras da casa, assim, estender-se-iam para o domínio da vida pública, espalhando o patriarcalismo pelas diversas esferas da sociedade.

Esse personalismo aproxima-se do que DaMatta (1997) trata pela dicotomia indivíduo/pessoa; a tendência que tínhamos em hierarquizar os fatos sociais, tentando sempre buscar um jeitinho de tornar a situação mais adequada aos nossos desígnios - com o perdão da redundância - “pessoais”. Em dois períodos temporais diferentes (aquele de Freyre e o de DaMatta), a constatação sobre nossa identidade e sobre nossa inadequação às formalidades permanece bastante parecida. Esse personalismo pode estar relacionado a uma crítica contumaz feita a formação dos atletas brasileiros. Os colunistas do *JB*, principalmente até a década 1980, criticavam a ausência de um planejamento olímpico e de estímulo à atividade esportiva massiva. Poderíamos falar que o investimento nos indivíduos não existiria até que eles se tornassem pessoas, ou seja, atletas consagrados por suas conquistas. Como exemplo desse discurso, eis o que fala Armando Nogueira durante as Olimpíadas de Barcelona:

A brasileira Luísa Parente está salvando a pátria. Atleta única no feminino da ginástica olímpica, Luísa já figurou no rol das 30 melhores ginastas do mundo. É um desses fenômenos que inventam criaturas como Hortência, Paula, Gustavo Borges, Oscar, Joaquim Cruz, João do Pulo, Adhemar Ferreira da Silva, Maria Ester Bueno. *Estrelas solitárias que fazem um pouco do nosso verão cívico* (30/07/1992, Esportes, p. 5, grifos meus).

Holanda é incisivo quanto à influência ibérica em nossa índole, ao nos denotar de “desterrados em nossa terra” (1995, p. 31). Aos ibéricos, em comparação aos europeus, é creditada uma “cultura da personalidade”, “que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais” (HOLANDA, 1995, p. 32). Essa característica nos teria sido legada desde a colonização. Até nas esferas burocráticas e governamentais a amizade e o compadrio influem nos favorecimentos: “o freguês ou cliente há de assumir de preferência a posição do amigo” (HOLANDA, 1995, p. 134).

A aparente desorganização de nossa colonização, colocada em contraposição com aquela da América espanhola por Holanda, reflete-se também na organização espacial das cidades brasileiras, onde imperaria a ausência de ordenamento sobre o espaço público. Assim é feita a descrição do sociólogo sobre nosso processo colonizador: “Nenhum rigor, nenhum mérito, nenhuma providência, sempre esse significativo abandono que exprime a palavra

‘desleixo’” (HOLANDA, 1995, p. 110). Essas disparidades também se refletem na formação superior – era muito maior o número de graduados e doutores nas demais colônias americanas que no Brasil – e na presença da imprensa – já uma realidade na América Espanhola desde o início do século XVI (HOLANDA, 1995, p. 120) e que chegaria ao Brasil apenas na aurora do século XIX juntamente com a família real. A desorganização na América Portuguesa no que tange à ocupação cidadina teria refletido em nossa formação cultural: “Entre nós, a inexistência da racionalidade abstrata e do gosto pela disciplina levou ao personalismo” (CARDOSO, 2013, p. 274). Essa ausência de planejamento e coordenação é, como veremos, um elemento recorrente nas narrativas jornalísticas, principalmente ao final de uma Olimpíada, quando faz-se o balanço da participação brasileira em todos os esportes.

A influência da família brasileira, afetiva e protetora, possuiria reflexos perversos nos indivíduos por ela formados, muitas vezes inaptos ao convívio em sociedades modernas e impessoais (cf. HOLANDA, 1995, p. 142-145). Acostumados a um tratamento especial, pessoalizado e cercado de cuidados, a criança se torna um adulto que não sabe o que é ser um indivíduo, apenas mais um no meio social. Daí, derivariam os problemas identificados por DaMatta em nossa esfera social – a dicotomia sintetizada pelo antropólogo entre a Casa (família) e a Rua (instituições burocráticas do Estado). O excerto a seguir apesar de escrito por Holanda poderia facilmente ser confundido com as ideias defendidas por DaMatta (1997):

Essa aptidão para o social está longe de constituir um fator apreciável de ordem coletiva. Por isso mesmo que relutamos em aceitar um princípio *superindividual* de organização que o próprio culto religioso se torna entre nós excessivamente humano e terreno, toda a nossa conduta ordinária denuncia, com frequência, *um apego singular aos valores da personalidade configurada pelo recinto doméstico*. Cada indivíduo, nesse caso, afirma-se ante os seus semelhantes indiferente à lei geral, onde esta lei contrarie suas afinidades emotivas, e atento apenas ao que o distingue dos demais, do resto do mundo (HOLANDA, 1995, p. 155, grifos meus).
[...] Na verdade, a ideologia impessoal do liberalismo democrático jamais se naturalizou entre nós (DAMATTA, 1997p. 160).

Moreira Leite provavelmente não corroboraria essa aproximação causal entre a criação familiar e aspectos sociais. O autor criticava os pesquisadores que defendiam a existência de características psicológicas de um indivíduo determinadas exclusivamente pelo seu contexto histórico-social. Ao explicar dado “movimento ditatorial” (como o nazismo), por exemplo, o pesquisador desaprova a busca de suas motivações nas formações familiares de um país, como se houvesse inequivocamente uma relação de causa-efeito entre um e outro.

Em suma, Holanda associa ao brasileiro um caráter de pessoalidade nas relações sociais e de desorganização na vida pública. As dicotomias são, desde Holanda, vias para

interpretação de nossa personalidade. Os adjetivos que poderiam ser pontuados pela sua descrição do *ethos* brasileiro são: impessoalidade, patriarcalismo, desorganização, espírito aventureiro e, distendendo um pouco a interpretação, pouca afeição às normas e ao esforço para alcançar o sucesso. A aversão ao “trabalho regular” identificado por Holanda pode ser interpretado como um empecilho ao êxito esportivo, principalmente em esportes que demandam repetição, treino e esforço constante. Nos termos do sociólogo:

É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço à atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia (HOLANDA, 1995, p. 38).

Dante Moreira Leite também enumera alguns pontos principais identificados por Buarque de Holanda na personalidade do brasileiro: “culto da personalidade”, “falta de hierarquia”, “desordem”, “ausência de espírito de organização espontânea”, “inquieto e desordenado”, “ânsia de prosperidade sem custo, de posição e riqueza fáceis”, “aventureira”, “inteligência como ornamento e prenda”, “cordialidade”, “individualismo”. O *culto a personalidade* está bastante presente nas narrativas sobre as Olimpíadas, ainda que em menor escala que naquela vista em Copas do Mundo. A *desordem* é criticada por colunistas como o principal problema no planejamento dos investimentos nos esportes olímpicos. Poderíamos dizer que nossos dirigentes esportivos carecem de *espírito de organização espontânea*. A *ânsia de prosperidade sem custo* não é confirmada totalmente, visto que inúmeras são as narrativas que colocam o treino como elemento primordial da formação e desenvolvimento dos atletas brasileiros. Além dessas características exemplificadas aqui, outras mais serão encontradas na descrição da narrativa jornalística sobre os Jogos, seja confirmando Holanda, seja negando-o.

Ao tratar aqui desses autores, lidei com mitos de origem. Eles são necessários no diálogo com a identidade brasileira e, em última instância, atua como um emblema contido nas representações sobre os atletas: “A elaboração dos mitos de origens vai ao encontro das identidades nacionais, compondo conjuntos de referências para as raízes de um povo” (PESAVENTO, 2012, p. 91)¹¹.

¹¹ Ratifico aqui a ausência nesse texto qualificatório do pensamento de Caio Prado Júnior. Entretanto, no texto completo da dissertação, ele estará presente.

2.3 O estudo pioneiro de DaMatta: *Carnavais, Malandros e Heróis*

DaMatta em *Carnavais, Malandros e Heróis* (1997) atualiza muitas das reflexões presentes em Freyre e Holanda. Antes de revisitá-lo, é necessário, contudo, esclarecer o contexto em que a obra foi publicada. A primeira edição data de 1978, o último ano em que vigorou o Ato Institucional nº 5. Sancionado durante o governo do general Costa e Silva, a série de medidas vinculadas ao AI-5 representou o período mais duro do regime militar brasileiro. À época, as Ciências Sociais brasileiras dedicavam-se majoritariamente a reflexões políticas e considero ousada a atitude de Roberto DaMatta em falar de temas tidos como não-sérios que nos ajudariam a refletir sobre o ser brasileiro, como o Carnaval e o Futebol, e de um Brasil independentemente de seus governos. Muitas das críticas que recebeu então se deviam a temática escolhida.

Logo no início de sua obra, o antropólogo propõe uma historização não-linear e menos maniqueísta. Pretendendo enfocar o “povo” e as dramatizações da sociedade brasileira, “a questão deste livro é saber o que faz o Brasil, Brasil” (DAMATTA, 1997, p. 15). Apesar de antropólogo, ele deixa claro que se utiliza também da sociologia comparada. No Brasil, DaMatta foi um dos inauguradores do campo de estudos denominado Antropologia Social.

Carnaval e futebol trazem consigo traços bastante semelhantes e que destoam do cotidiano, daí talvez provenha seu apelo popular. Ao conceder a esses dois eventos um *status* ritualístico, DaMatta parece querer, na verdade, indicar algo maior. Isto é, parece apontar que nesses dois objetos estão sintetizadas partes importantes de nossa identidade nacional e que, por isso, merecem maior atenção dos cientistas sociais (mais do que à época recebiam). Esses ritos contribuíram para sedimentar os laços de uma sociedade moderna forjada a partir de elos fracos (DAMATTA, 1997, p. 31). Ritualidade cotidiana, aliás, que não foi percebida por Holanda (1995, p. 148) na década de 1930: “Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro”.

Não me interessa, nesta dissertação, focar-me nas análises de DaMatta (1997, p. 187) sobre o carnaval, a Semana da Pátria e as procissões religiosas, ainda que sejam partes fundamentais de seu livro. Detenho-me aqui da parte IV em diante, quando o antropólogo inicia seu ensaio sobre a “regra informal” do “você sabe com quem está falando?”.

O traço autoritário do caráter nacional alia-se a um formalismo e a um autoritarismo que se opõem diretamente à informalidade associada ao brasileiro, símbolo de “malandragem, bom futebol e samba no pé”. Concordamos que esse traço existe, mas não o assumimos como

nosso diante de um estrangeiro, pois não há motivo de orgulho nele, pelo contrário. Sendo assim, essa expressão de soberba e autoritarismo é vista como um roubo pessoal, e não como uma expressão coletiva da “personalidade do brasileiro”. Talvez por isso, a suposta humildade seja uma característica tão prezada nos atletas brasileiros, como apresentado no capítulo 5. Não obstante, o “sabe com que você está falando” está disseminado em todas as classes sociais e é utilizado indistintamente por patrões e subordinados. Passa-se do status de indivíduo qualquer para o de alguém conhecido ou conhecido de alguém importante (DaMATTA, 1997, p. 223). Desta feita, DaMatta relaciona sua reflexão com aquela do “homem cordial” de Holanda: “Não há dúvida de que temos cordialidade, mas também não parece haver dúvida de que esta cordialidade está dialeticamente relacionada à lógica brutal das identidades sociais, seus desvendamentos e o fato de que o sistema oscila entre o cumprir a lei ou respeitar a pessoa” (DAMATTA, 1997, p. 224-225). O jeitinho brasileiro seria para DaMatta a manifestação cordial do “sabe com quem está falando” (DAMATTA, 1997, p. 247).

Saber com quem está falando pressupõe uma pessoalidade no discurso, uma hierarquização baseada na lei informal do mais forte (ou seja, aquele que o ocupa o cargo mais alto), e não de leis impessoais e, por isso, mais justas que deveriam predominar em um estado liberal e democrático. Não obstante, essa expressão também contém certa dose de inclusão, uma vez que qualquer pessoa em potencial poderia utilizá-la: “Todos têm o direito de se utilizar do ‘sabe com quem está falando?’, e mais, sempre haverá alguém no sistema pronto a recebê-lo (porque é inferior) e pronto a usá-lo (porque é superior)” (DAMATTA, 1997, p. 202).

De todo modo, ao situar um ser humano como superior a outro rompe-se o elo igualitário que deveria perpassar todos os cidadãos de uma democracia. Essa ausência de senso coletivo poderia se manifestar em um individualismo exacerbado e na valorização de casos de sucesso pessoal de atletas, o que realmente vemos no discurso de jornal. Por outro lado, em Olimpíadas, obtemos também certo sucesso nos esportes coletivos – ainda que esse psicologismo não baste para explicar nosso sucesso nessas modalidades¹²; muitos outros fatores, como perícia na prática, custos para o exercício, popularidade, também devem ser levados em conta.

¹² Modalidade esportiva pode ser utilizada como sinônimo para esporte. Por exemplo, em uma Olimpíada temos certo número de modalidades ou esportes, subdivididos em várias provas.

A dualidade dicotômica seria a marca do Brasil em DaMatta, assim como vimos em Freyre e Holanda. Oposições presentes entre o tradicional e o moderno, hierarquia e pessoalidade, indivíduo e pessoa, individualismo e coletividade. A temática chave que DaMatta propõe pode ser resumida no duelo entre pessoalidade e impessoalidade no domínio das relações cotidianas na sociedade brasileira. Dito de outra maneira, uma ética burocrática e uma ética pessoal (DaMatta se utiliza também de termos como hierarquia, relações familiares, leis universais). Em suas palavras:

É como se tivéssemos duas bases por meio das quais pensássemos o nosso sistema. No caso das leis gerais e da repressão, seguimos sempre o código burocrático ou a vertente impessoal e universalizante, igualitária, do sistema. Mas, no caso das situações concretas, daquelas que a “vida” nos apresenta, seguimos sempre o código das relações e da moralidade pessoal, tomando a vertente do “jeitinho”, da “malandragem” e da solidariedade como eixo da ação. Na primeira escolha, nossa unidade é o *indivíduo*; na segunda, a *pessoa* (DAMATTA, 1997, p. 227).

Do excerto acima, retiramos outra dualidade central para compreensão de DaMatta: indivíduo e pessoa. Traçando um paralelo com o meu objeto, os heróis estariam mais para “pessoas” no desempenho de suas funções extraordinárias e mais para indivíduos quando se despem de suas vestes e misturam-se ao corpo social. Em sociedades tribais, a passagem de indivíduo para pessoa (membro da tribo) ocorre sempre com um ritual. Essas noções, no entanto, apresentam nuances em uma tribo, em uma sociedade moderna e em uma sociedade tradicional. Em cada uma, pode-se ter o indivíduo, a pessoa ou ambos como membros básicos do agrupamento social. No Brasil, teríamos ambos em tensão permanente, o que fica evidente no já explicitado “você sabe com quem está falando?” (DAMATTA, 1997, p. 257).

O interesse de DaMatta (1997, p. 21) em descobrir “áreas em que a noção de indivíduo é importante e aquelas em que ele pode ser, mesmo num sistema ‘individualista’, substituído por outras entidades sociais” se aproxima aos meus objetivos nesta dissertação. No meu caso, parece claro que no futebol opta-se por uma valorização das sagas individuais, constituindo o que se convencionou chamar de herói brasileiro (DAMATTA, 1982; HELAL, 2003), mas em outros esportes olímpicos não há igual dimensionamento para essa narrativa individualista. No vôlei, um atleta pode brilhar, mas o fato de ter toda uma equipe lhe dando suporte aparece em evidência nas narrativas, o que retira, de certo modo, a idolatria única que poderia recair sobre ele. Em esportes individuais, como a natação, o atletismo e a ginástica, a glória da conquista é muitas vezes repartida com a equipe técnica responsável por preparar o atleta durante os três anos pré-olímpicos e à família, que lhe deu suporte principalmente no início da carreira. Todo atleta olímpico, entretanto, inicia sua saga heroica como um indivíduo, visto

que é apenas mais um anônimo dentre milhares que tentam ascender; a conquista da medalha olímpica o eleva a condição de pessoa, concedendo fama e reconhecimento, ainda que efêmeros.

Ao esgarçar o argumento, DaMatta (1997, p. 239) propõe que o brasileiro enxerga o trabalho como castigo e o individualismo não é bem visto, pois interpretado como egoísmo (DAMATTA, 1997, p. 241). Nesse ponto, minha pesquisa apresentará um contraponto às reflexões de DaMatta. Ainda que o argumento do trabalho como castigo possa se manter atual, não é isso que o discurso jornalístico prega quando fala do atleta olímpico. Exige-se dedicação e esforço, provenientes do trabalho focado, como a única maneira de sermos bem sucedidos nos Jogos. O elemento treino é central para entendermos as narrativas olímpicas. Por outro lado, o individualismo continua sendo bem vindo ao futebol, onde o craque genial é louvado por sua habilidade ímpar e por sua capacidade singular com a “bola nos pés”.

3 HERÓI

3.1 As figuras paradigmáticas da nação brasileira

DaMatta (1997, p. 263) encaminha sua análise anterior até chegar na definição das “figuras paradigmáticas” de uma sociedade” - os heróis:

[...] pessoas que perderam o anonimato e agora estão dentro do panteão das figuras paradigmáticas do mundo social brasileiro, seja como um exemplo a ser imitado e possivelmente seguido, ou como um tipo a ser evitado e banido para as zonas mais escuras do nosso mundo social [nesse último caso, ele refere-se a bandidos/vilões, e não aos heróis]”.

Um embate sociológico cerca quais seriam as forças moventes da sociedade: os heróis ou a coletividade? Nos EUA, segundo DaMatta, uma sociedade individualista e igualitária¹³ por excelência, os heróis encontrariam sua inspiração no homem comum e, desse modo, todos poderiam se ver espelhados nele. No Brasil, o herói seria uma figura singular, num processo de pessoalização do indivíduo. Para reforçar seu argumento, DaMatta afirma que os super-heróis como *Batman* e *Superman* carregam em si a dualidade com o homem comum, respectivamente Bruce Wayne e Clark Kent. No entanto, essa argumentação é falha se pensarmos que também no Brasil são ressaltados aspectos que ligam o ídolo-herói ao homem comum.

Outros autores já haviam percebido a necessidade do elemento humano na identificação gerada pelo mito do herói. Umberto Eco (2004) afirmava que estava em seu traço de humanidade o grande poder de atração do mito do herói. Edgar Morin (1981, p. 106-107) salientava o papel da mídia nesse processo: “A imprensa de massa, ao mesmo tempo que investe os olímpicos de papel mitológico, mergulha em suas vidas privadas a fim de extrair delas a substância humana que permite a identificação”. Rubio (2001, p. 88) situa a atração por heróis como intrínseca a condição humana e sobreposta até mesmo ao apreço pelos deuses: “A distância entre os deuses e heróis ainda que não seja grande, faz com que o

¹³ Cabe aqui uma problematização. DaMatta tende a idealizar a sociedade norte-americana, ao defini-la como igualitária. As desigualdades no sistema americano compreendem desde o ensino superior até a discriminação por origem nacional ou cor de pele. O próprio DaMatta reconhece que o sucesso efetua a diferenciação entre VIPs e normais em sociedades individualistas, como a norte-americana. Seria, pois, uma exceção, uma ruptura em seu suposto sistema igualitário.

homem se coloque mais próximo do herói, talvez por sua genealogia semi-humana, do que dos deuses, esses sim ilustres e inatingíveis”.

Em atletas, é frequente que seja focado seu passado pobre – comum a milhões de brasileiros –, seus defeitos de personalidade e a volta às suas origens (em churrascos, conversas com amigos) –, o que os aproxima do homem ordinário. Concordo, assim, com DaMatta quando ele propõe que nossos heróis se assemelham pelos infortúnios ao longo de seus trajetos.

Apesar das agruras em termos financeiros (o “ter”) não faltaria ao “escolhido” qualidades que o discerniriam da maioria (o “ser”). E como em toda estória de fundo mítico-heroico, “à medida que a narrativa progride, nosso herói não pode deixar de enfrentar as mais terríveis provas” (DAMATTA, 1997, p. 270). Esse caminho se apresenta como a saga ou “destino”/“sina” do sujeito heroico (DAMATTA, 1997, p. 271)¹⁴. Esses três fatores (sorte, destino, sina) estão muito presentes nas narrativas do *JB* analisadas à frente. No dia 18 de julho de 1976, por exemplo, na matéria “João Carlos de Oliveira começa a ficar otimista”, o discurso enfocava o treinamento intenso do atleta, apesar de ele próprio atribuir seu desempenho aos desígnios do destino: “Mas tudo depende de sorte – diz o próprio João, com humildade” (1º caderno, p. 36).

DaMatta adota o malandro como tipo heroico mais emblemático do Brasil, apesar de identificar dois outros tipos presentes tanto no imaginário popular como na literatura: os renunciadores (ligados à seguinte relação “procissões = santo = romeiros = peregrinos”) e os caxias (“*paradas* = caxias = autoridades = leis”). Os malandros são homens situados à margem da ordem, provenientes do carnaval, que desestabilizam a estrutura individualizante de uma sociedade impessoal. O caxias, por sua vez, é o extremo oposto do malandro, representando a ordem. Entre ambos, encontra-se o renunciador, que por não burlar nem apoiar o sistema vigente, propondo a criação de uma realidade alternativa, “é o verdadeiro revolucionário num universo social hierarquizante, como é o caso do sistema brasileiro” (DAMATTA, 1997, p. 279). Na figura dos atletas olímpicos, vemos encerrado características de esforço e respeito à ordem (no caso, ao planejamento tático e ao treino), próprios do *caxias*, ao mesmo tempo uma renúncia ao mundo “exterior” (de festas, badalação) em favor de um melhor rendimento no esporte (principalmente os de alto rendimento, como as modalidades de atletismo e natação), e, mais raramente, certa dose de astúcia ou malandragem para sobrepujar o adversário.

¹⁴ Sobre essa capacidade dos heróis moldarem seus próprios destinos e fecharem os ciclos de suas vidas, DaMatta nos diz que: “Poder-se-ia acrescentar que os heróis, como pessoas que se podem ver em posições sociais polares no curso de sua existência social, são seres com o privilégio de poder completar o sentido de suas biografias ainda em vida. Ao passo que para nós, homens comuns, o destino é algo invisível, muitas vezes ansiosamente esperado” (1997, p. 348).

A literatura forneceria exemplos para essa tipologia¹⁵. Pedro Malasartes¹⁶ seria o típico malandro (“astucioso e vadio”). Suas aventuras legendárias evidenciam o caráter de um personagem anti-heroico, que, por meio de inúmeras artimanhas, consegue “driblar” a lei e a ordem (ou usá-la em seu proveito), subvertendo hierarquias. Ao contrário das narrativas clássicas, onde o herói por sua diligência moral elevar-se-ia socialmente (elevação moral equivalendo a ascensão social), Malasartes opta por permanecer marginal, não se integrando à “ordem estrutural” da sociedade. Por essa opção, DaMatta (1997, p. 290) o compara à Macunaíma. A façanha do herói em lograr êxito à custa do vilão (o fazendeiro) assemelha-se aos doze trabalhos de Hércules, com uma pitada de malícia e perfídia. Poder-se-ia dizer de Malasartes que ele é a versão nacional de Hércules ou simplesmente o nosso herói nacional.

A estória de Malasartes também funciona como uma alegoria do valor do trabalho no Brasil. Enquanto seu irmão, João, por meio de árduo esforço, permanece tão ou mais pobre do que quando foi trabalhar para o fazendeiro, e ainda lhe é retirada a pele das costas como punição contratual, Pedro consegue dinheiro e a vingança de seu irmão por pura “malandragem”. Desde a literatura, temos a lição moral de que, no Brasil, o trabalho não compensaria. Pelo contrário, lhe deixaria mais pobre e com as costas descarnadas. É importante frisar, no entanto, que Pedro derrota o sistema utilizando-se dos meios que esse mesmo sistema lhe oferece. Nesse sentido, ele não é um revolucionário ou, nos termos de DaMatta, um “renunciador”. Ele se utiliza das regras impessoais do contrato que estabeleceu com o fazendeiro para poder burlá-lo em proveito próprio.

Essa contextualização do herói enquanto figura paradigmática nos permitirá uma melhor reflexão sobre algumas das narrativas acerca dos atletas medalhistas que serão expostas no capítulo seis. Os pontos acima mencionados não expressam uma concordância acrítica com DaMatta, mas antes marcam a importância de suas ideias. O mito de Malasartes, por exemplo, não encontra reflexo nas narrativas sobre os atletas olímpicos, pois o esforço, o treinamento e o trabalho árduo, dentro de uma hierarquia de comando, são condições essenciais para o sucesso desportivo. A figura do malandro não é apreciada nos esportes ditos amadores, ao contrário do

¹⁵ Ainda que não detalhada aqui, a estória de Leonardo Filho, protagonista do livro *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida, também é um exemplar literário da malandragem.

¹⁶ Mesmo protagonizando esse livro, o mito de Malasartes não era originário da trama de Almeida, estando presente, como aponta DaMatta (1997, p. 288), em variantes de “Aluísio de Almeida (1951); Lindolfo Gomes; Silvio Romero (1954); Amadeu Amaral; Expedito da Silva, 1976; e, naturalmente as versões [colhidas pelo antropólogo] entre os Apinayé e sertanejos do Brasil Central”. DaMatta afirma que se utiliza da versão de Câmara Cascudo para essa estória publicada em *Contos tradicionais do Brasil*.

que vemos no futebol com Romário, Garrincha e os Ronaldos (Fenômeno e Gaúcho), por exemplo.

3.2 Os modelos de herói brasileiro

Heróis estão presentes em todas as sociedades humanas nas mais diferentes épocas – ainda que hoje alguns autores, como James Sheehan (apud BUONNANO, 2011), discutam a ideia de um pós-heroísmo¹⁷. Os heróis expressam os mais elevados valores da espécie humana, sendo portadores simbólicos dos anseios de uma coletividade. Pensar os heróis enquanto essencializações de uma suposta identidade nacional encontra suporte na seguinte afirmação: “[...] a sociedade encontra aqui [no universo do esporte] a oportunidade de revelar alguns de seus segredos mais profundos, fazendo uma representação de si para si mesma” (HELAL, 2000, p. 4).

A primeira segmentação que pode ser feita no “mundo dos heróis” é entre os ficcionais e os reais (HELAL; COELHO, 1996, p. 55). Os primeiros podem ser encontrados em quadrinhos, no cinema e em séries de TV e representam muitas vezes um tipo de heroísmo inalcançável por seres humanos normais. Os segundos surgem majoritariamente no campo das artes e dos esportes e, assim como na ficção, em torno deles cria-se um personagem, editado pela mídia. Na contemporaneidade, ambos tendem a se tornar produtos espetacularizados produzidos pelas indústrias culturais.

Entre os heróis “reais”, é possível de ser feita uma segunda distinção, como proposta por Helal (2003), entre os artistas e os esportistas. Estes possuiriam maior tendência a virar heróis do que os primeiros, devido a atributos inerentes ao esporte, como a repartição das conquistas e o caráter agonístico das competições: “Dentre os vários fenômenos que a sociedade moderna tem produzido para a emergência de atitudes heroicas, o esporte vem ocupando um dos lugares mais destacados” (RUBIO, 2001, p. 95). Ambos podem vir a ser celebridades, mas heróis são provenientes majoritariamente do mundo esportivo: “Enquanto

¹⁷ Buonnano afirma, provavelmente levando em conta o cenário italiano, que “[...] o que vemos hoje é o avanço aparentemente irresistível, na opinião pública e no senso comum, da rejeição anti-heroica em proporções coletivas gigantescas” (2011, p. 68). Logo depois, em seu artigo, ele revela, paradoxalmente, um grande interesse do público pelas biografias heroicas transmitidas pelo canal italiano RAI, em contraposição a certa animosidade de acadêmicos e críticos especializados.

os primeiros [celebridades] vivem somente para si, os heróis devem agir para ‘redimir a sociedade’” (HELAL, 2003, p. 225).

De acordo com Rubio, poderíamos pensar em mais uma distinção, aquela entre atletas estrelas e atletas heróis: “Seus feitos [do herói] o diferenciam da estrela, atleta que consegue uma boa *performance* em uma competição ou a benevolência da mídia por sua boa aparência ou simpatia tem seu nome registrado nos anais, mas cumprida sua trajetória tem seu brilho apagado” (2001, p. 98, grifos da autora). Esse excerto aplica-se a muitos casos encontrados nas narrativas do *JB*: alguns atletas são alçados ao posto de estrelas e, não obtendo conquistas significativas, são repentinamente esquecidos.

A trajetória do herói, proposta por Campbell (1995), Brandão (1993) e Propp (2010), pode ser resumida assim: “A saga do herói clássico fala de um ser que parte do mundo cotidiano, se aventura a enfrentar obstáculos considerados intransponíveis, vence-os e retorna à casa dividindo os seus feitos com seus semelhantes” (HELAL, 2003, p. 225). Ao herói esportivo, compartilhar seus feitos com a nação é inerente ao seu ofício (o que fica bastante evidente no próprio discurso dos atletas na mídia, como exposto no capítulo seis). Na conquista do lugar mais alto do pódio em uma competição olímpica, por exemplo, o atleta é consagrado com a medalha de ouro, mas seu feito é reverenciado com a execução do hino nacional – momento em que se dá a consagração coletiva de todos os seus compatriotas. Na Olimpíada de 1952, alta dose de patriotismo é acionada nessas construções que falam da subida ao pódio e do hasteamento da bandeira. Nas demais edições dos Jogos, as comemorações nacionais e locais (nas cidades dos atletas), em carreatas, festas e discursos, é uma constante pauta para matérias.

Dentro da seara dos heróis do esporte, mais uma possível divisão pode ser vista em trabalhos acadêmicos: heróis clássicos ou universais – herdeiros da ética única, de matriz grega – e heróis nacionais brasileiros – denominados por Helal (2003) e DaMatta (1997) de “Macunaíma” ou “Malasartes”. O foco primordial da distinção está na forma como as vitórias e conquistas são alcançadas. Enquanto o herói clássico ou universal obtém seu triunfo por meio do trabalho, com dedicação, treinamento e esforço, o herói nacional ou macunaímico seria dotado de talento nato e, por isso, alcançaria o êxito por meio de sua “genialidade”, “irreverência” e “malandragem” (HELAL, 2003, p. 227). É claro que não se trata de uma narrativa única a abarcar todos os atletas nacionais. Ela é mais comum no futebol e, mesmo nesse esporte, há exceções, vide as pesquisas sobre as biografias de Zico (HELAL, 2003) e Pelé (LEVER, 1983). Em esportes olímpicos, ditos “amadores”, a hipótese é que prevaleça a ética do herói universal, como comprovado em artigo sobre os Jogos Pan-Americanos do Rio

(HELAL; CABO; MARQUES, 2009), apesar de outros autores, como Rocco Jr. (2009, 2012), encontrarem construções que aproximam os atletas da figura do malandro.

Reitero que existem controvérsias em relação ao modelo de herói “tipicamente brasileiro”. Helal e Lovisolo (2009), em artigo sobre Pelé e Maradona, questionam a natureza de nossos maiores heróis nacionais no futebol. Fugindo ao senso comum, em parte criado pela crônica "Football Mulato" de Gilberto Freyre (1938), eles afirmam que o brasileiro tenderia a cultuar os heróis apolíneos, vide Pelé, ainda que isso não seja admitido, enquanto aos argentinos lhes aprazeriam mais aqueles dionisíacos, como Maradona. Segundo os autores, ambas as nações reivindicam para si o caráter da “malandragem” como traço constituinte de suas identidades nacionais (HELAL; LOVISOLO, 2009, p. 23). Em outro artigo, Helal (2009, p. 34), juntamente com Cabo e Marques, é mais enfático nesses questionamentos:

No que concerne à cobertura midiática no Brasil referente aos atletas, geralmente, sublinha-se o êxito por meio de atributos como “genialidade”, “irreverência” e/ou “malandragem”. Essa “construção” dos veículos de comunicação tem como modelo predominante as narrativas em torno de ídolos futebolísticos. Cabe a pergunta: que narrativa de futebol? O da seleção de 1970, por exemplo, visto como algo “mágico”, como expressão “genuína” do nosso talento e que, equivocadamente, é exposta como uma seleção que não precisava de treinamentos e suportes táticos? Ou o futebol da seleção de 1994, percebido, pelos analistas esportivos, como “defensivista” e de “rigidez tática”? [...] Neste imaginário construído, só nós sabemos “jogar bonito”. No máximo, os argentinos, em alguns períodos são identificados como praticando o “futebol sul-americano”.

O imaginário¹⁸ heroico não fica restrito às páginas dos jornais ou ao discurso das outras mídias. Ana Carolina Escosteguy, com base nessa premissa, realiza seu estudo sobre a penetração das influências do “melodrama e do *ethos* heroico” nas falas de seus entrevistados (pessoas comuns, segundo ela). Por meio do que denomina de entrevistas biográficas, a autora conclui que:

a) as narrativas identitárias coletadas são reveladoras de processos culturais maiores e mais abrangentes, expressando a presença fluída e penetrante da mídia nos modos de ser; b) as narrativas identitárias são construídas mediante convenções culturais que estão em circulação na mídia; c) entre tais convenções, destacamos a presença de características do melodrama e de um *ethos* heroico (ESCOSTEGUY, 2013, p. 2).

A pesquisadora percebe um forte traço autoreferenciador nas narrativas identitárias, o qual correlaciona a uma abordagem heroica diante da vida. As seis mulheres entrevistadas

¹⁸ O livro *O imaginário: ensaios acerca das ciências e da filosofia da imagem* (DURAND, 2011) é uma obra basilar para o melhor entendimento desse conceito ao longo da história.

seriam protagonistas de suas histórias e heroínas em seus próprios imaginários, o que, segundo Escosteguy defende, ficaria evidente em seus discursos. Ao contrário do mito clássico sobre o herói que se afasta do mundo para atingir seus feitos, ela assevera que “os heróis de hoje distanciam-se dessa imagem: estão imersos na vida diária, buscam seu próprio bem-estar e realização pessoal, mesmo que mediante sacrifícios, sofrimentos e muito esforço para alcançar a recompensa final” (ESCOSTEGUY, 2013, p. 8). O que é válido salientar desse trabalho são as características invocadas como tipicamente heroicas. Escosteguy enumera qualidades típicas do herói universal, e não do que Helal, em artigos expostos aqui em outro momento, denominou de modelo heroico brasileiro: “a superação dos revezes dá-se através de valores heroicos – abnegação, sacrifício, dedicação - vivenciados no cotidiano, a partir dos quais as entrevistadas parecem sentir-se valorizadas” (ESCOSTEGUY, 2013, p. 8-9). Nesse caso, os heróis olímpicos parecem ser mais persuasivos do que os heróis malandros.

Os méritos não escondem, porém, um possível equívoco de Escosteguy. Ela esquece de considerar que a mídia pode “beber” dessas mesmas narrativas identitárias por ela coletadas, e não o contrário – ainda que, ao final do texto, ela relativize suas afirmações propondo que “trata-se de um processo que é melhor compreendido se visto pelo prisma do conceito de mediação” (ESCOSTEGUY, 2013, p. 11). Ela considera a mídia como a causadora das narrativas identitárias de conteúdo heroico verificada entre as suas seis entrevistadas. No entanto, não poderia a mídia simplesmente reproduzir esses discursos sociais, ao invés de criá-los? Não seria essa uma lógica mais dialética do que unidirecional?

Finda essa discussão, o que deve permanecer para a leitura do restante desse trabalho são as múltiplas visões acerca do papel do herói e como ele é alcançado. Em relação aos heróis esportivos, há certa predominância de narrativas centradas na seguinte dicotomia: herói do tipo clássico e do tipo brasileiro. As etapas para a consecução dos objetivos, porém, pouco diferem entre um e outro. A forma como a aventura é conduzida encerra a diferença fundamental. O herói brasileiro nasce pronto, por isso, seu talento é inato e o esforço desnecessário ou no máximo secundário. No capítulo seis, as narrativas jornalísticas não se aproximaram tanto desse modelo visto como hegemônico. A seguir, explicarei teoricamente as peculiaridades do herói olímpico brasileiro.

3.3 O herói olímpico brasileiro: reflexões

A trajetória descrita por Campbell no *Herói de Mil Faces* (1995) para o seu herói universal¹⁹ é composta de 17 etapas repartidas em três fases principais²⁰. Trata-se do monomito, um padrão básico presente em diversas estruturas legendárias observadas por Campbell. Nem todas essas etapas necessitam ser constatadas nas narrativas sobre os heróis olímpicos. Algumas delas sequer poderiam ser transpostas literalmente para o “mundo real”²¹. Adiantando os resultados apresentados no capítulo seis, é precisamente isso que foi constatado no *corpus* estudado. De todo modo, as fases principais constantes nessa trajetória permeiam o herói olímpico, como bem relatado por Rubio (2001, p. 99-100)²²:

Não é apenas a disputa que faz o atleta identificar-se com o herói. O caminho para o desenvolvimento dessa identidade envolve etapas comuns ao mito: há uma camada para a prática esportiva, que em muitos casos significa deixar a casa dos pais e enfrentar um mundo desconhecido e, por vezes, cheio de perigos. Sua chegada ao clube representa a iniciação, propriamente dita, um caminho de provas que envolve persistência, determinação, paciência e um pouco de sorte. A coroação dessa etapa é a participação na Seleção Nacional, seja qual for a modalidade, lugar reservado aos verdadeiros heróis, onde há o desfrute dessa condição. E, finalmente, há o retorno, muitas vezes, negado, pois devolve o herói à sua condição mortal, e na tentativa de refutar essa condição são tentadas fugas mágicas (como a desmotivação em retornar ao seu clube de origem), porém, por paradoxal que seja, é apenas nesse momento que ele encontra a liberdade para viver.

Schwarz (1994, p. 24), por sua vez, acredita que nós, brasileiros, nos esportes em geral, “defendemos sempre a idéia de que vence a nossa ‘ginga malandra’: jornada nas

¹⁹ Ao contrário de Campbell, no entanto, evito falar em “arquétipo” do herói. Creio que devemos ter cuidado no uso dessa expressão, tomada emprestada da psicanálise, uma vez que nem em sua disciplina de origem ela chega a ser consenso.

²⁰ As fases e subfases são as seguintes: 1) A partida; 1.1) O chamado da aventura; 1.2) Recusa do chamado; 1.3) O auxílio sobrenatural; 1.4) A passagem pelo primeiro limiar; 1.5) O ventre da baleia; 2) A iniciação; 2.1) O caminho das provas; 2.2) O encontro com a deusa; 2.3) A mulher como tentação; 2.4) A sintonia com o pai; 2.5) A apoteose; 2.6) A benção última; 3) O retorno; 3.1) A recusa do retorno; 3.2) A fuga mágica; 3.3) O resgate com auxílio externo; 3.4) A passagem pelo limiar do retorno; 3.5) Senhor de dois mundos; 3.6) Liberdade para viver.

²¹ Essa ausência de todas as etapas foi testada por Martinez (2003) em pesquisa de doutoramento. A autora propôs um método para escrita jornalística de biografias de entrevistados, tendo Campbell como uma das inspirações, mas não a única.

²² Rubio, em seu livro *O atleta e o mito do herói* (2001), busca nas histórias de vida de atletas de diferentes esportes como a trajetória heroica proposta por Campbell se reproduz em seus discursos. Cada etapa encontra ressonância na narrativa pessoal de um atleta. A pesquisa exaustiva que originou o livro é bem-sucedida e pode servir como parâmetro para aqueles que desejam seguir essa linha (psicológica, baseada em entrevistas em profundidade) de investigação sobre os atletas-heróis olímpicos.

estrelas no vôlei; Senna ganhava na chuva; Piquet tinha um pé na irreverência; e do futebol só se espera arte”. É uma concepção deveras alheia àquela de Helal, Cabo e Marques (2008), que assumo como hipótese de trabalho aqui. Mas o que discutem Helal, Cabo e Marques no artigo em questão?

O *corpus* da pesquisa dos autores compreendeu os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro em 2007 por meio da análise do discurso de dois jornais – *O Globo* e *Lance!* – no período de 16 a 30 de julho. O foco central está nas histórias de vida construídas pela mídia, sendo os atletas medalhistas o recorte específico de análise. Como conclusão geral, os autores sugerem que há uma maior complexidade na elaboração das narrativas sobre os atletas de esportes amadores em comparação àquelas verificadas sobre os jogadores de futebol. Como palavras-chave no discurso jornalístico, eles pontuam o “suor”, o “esforço”, a “disciplina”, a “repetição”, as “dificuldades” e a “superação”, contrapondo-os ao “talento” e “magia” intrínsecos ao futebol. Os autores sustentam a hipótese de que existe “uma clara dicotomia na cobertura da imprensa: de um lado, todos os esportes; de outro, o futebol” (HELAL; CABO; MARQUES, 2009, p. 40).

Haveria, segundo eles, uma dificuldade no discurso jornalístico em lidar com atletas que galgam seu sucesso com base no esforço aliado às habilidades singulares. Eles assumem que a narrativa midiática entra “em crise” nesses momentos. Outra incompatibilidade diz respeito às impossibilidades de adjetivação de alguns esportes, por exemplo: “Não há como tratar os atletas brasileiros do *badminton* como ‘nascidos para aquele esporte’, ou destacar a ‘malandragem’ dos fundistas brasileiros ou, ainda, a ‘malícia’ dos nadadores” (HELAL; CABO; MARQUES, 2009, p. 35). É evidente que alguns qualitativos tendem a aderir mais do que outros, contudo, tendo a crer que mesmo aqueles atribuídos ao futebol com mais “naturalidade” são construções exitosas, que talvez pudessem ter se “colado” a outros esportes caso as condições históricas e a aceitação popular fossem outras. A infância pobre e a repartição dos feitos são pontuadas como constantes nas representações dos atletas pan-americanos, o que também será comprovado na análise dos atletas olímpicos.

Discute-se ainda o esquecimento dos atletas alçados ao posto de heróis nos Jogos Pan-Americanos, alcunhados de “heróis efêmeros” (HELAL; CABO; MARQUES, 2009, p. 42). Apesar de concordar que possa ser esse o caso no Pan, nas Olimpíadas, pela maior dimensão do evento, os atletas brasileiros vitoriosos tendem a se manter por mais tempo no imaginário popular e gozar de uma reputação mais longa²³. Sempre que há um novo medalhista

²³ Pelo menos uma exceção pôde ser encontrada. Na matéria do *Jornal do Brasil* do dia de 9 de outubro de 1968, durante os Jogos da Cidade do México. Ela ratifica um suposto caráter efêmero do herói olímpico: “Há ídolos

olímpico em dado esporte, o nome dos antigos vencedores brasileiros é invocado e rememorado, até mesmo por não serem muitos, denotando um processo de eterna lembrança àqueles que elevaram o nome do Brasil mundialmente. Isso não se reverte obrigatoriamente, porém, em patrocínios e recompensas financeiras para o atleta, como costuma ocorrer no futebol. Muitos atletas de esportes amadores continuam passando por dificuldades econômicas mesmo após grandes conquistas.

Outra hipótese avultada pelos três autores é que teríamos uma incompatibilidade em nos identificarmos com atletas isolados, mas apenas com “entidades esportivas” (clubes). Caso isso esteja correto, haveria uma propensão inata a desgostarmos das Olimpíadas, pautadas, sobretudo, pelos desempenhos individuais dos atletas (ainda que o programa olímpico conte com número crescente de esportes coletivos). As sugestões levantadas pelos pesquisadores são boas para se pensar e muitas delas aparecerão na investigação de meu objeto empírico, sendo retomadas nas considerações finais.

Em contraponto a Helal, Cabo e Marques, temos a visão mais apocalíptica de Rocco Júnior (2009, 2012). Em artigo apresentado no Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2012, o autor afirma que a cobertura das Olimpíadas tende cada vez mais ao espetáculo do que a informação jornalística, sendo a atenção às histórias de vida dos atletas uma das facetas desta espetacularização. “O evento, o fato esportivo e seus principais atletas, são vistos como elementos de consumo, enquanto cultura, entretenimento e espetáculo” (ROCCO JR, 2012, p. 5). Ele utiliza como objeto as narrativas sobre o nadador Michael Phelps e o fundista Usain Bolt. Enquanto o primeiro seria um legítimo exemplar do herói clássico universal, o segundo encarnaria a “face do herói malandro” (ROCCO JR, 2012, p. 4). O principal equívoco presente na análise de Rocco encontra-se, entretanto, no peso que concede ao espetáculo em detrimento do desempenho dos atletas nas competições²⁴. Phelps e Bolt não são “criações” da mídia. Seus desempenhos extraordinários enquanto atletas os transformaram também em celebridades, e não o contrário. Os dados da pesquisa aqui desenvolvida não me permitem corroborar a hipótese de que a mídia, sozinha, transforme atletas em celebridades e heróis sem que haja um retorno contundente de resultados e atuações por parte deles. O desempenho configura-se ainda em fator preponderante a médio e longo prazos para a consolidação do *status* heroico.

populares que são chamados *deuses do estádio*. Sua divindade, entretanto, é passageira e rápida. Outros vêm e fazem melhor” (grifos na matéria).

²⁴ Para essa crítica, me refiro mais especificamente a seguinte frase: “Essa inserção [na cultura pop] faz com que os meios de comunicação, de massa ou individualizados, colaborem para a construção da imagem dos principais atletas esportivos, muito mais como celebridades, do que como esportistas, onde o rendimento nas competições deveria ser o principal objetivo desses atletas” (ROCCO JR., 2012, p. 8).

Há, todavia, um esquecimento compartilhado pelos dois artigos. Nenhum deles se indaga sobre as origens históricas das associações feitas para o herói olímpico. Nas linhas que seguem, tentarei dar conta desse lapso, consolidando algumas proposições teóricas acerca do herói olímpico.

Nos esportes olímpicos, a ênfase no coletivo (mesmo em esportes individuais, a equipe técnica trabalha em parceria com o atleta) pode ser a chave para entendermos o porquê de vermos outro tipo de construção “heroica”. O jogo coletivo pressupõe um maior apego à disciplina, ao treinamento e ao esforço como meios para atingir as vitórias – uma proposta mais próxima aquela da saga do herói clássico universal. Até mesmo as lendas mitológicas gregas registram os longos períodos de treinamento que os heróis se submetiam juntamente com seus mestres (RUBIO, 2001, p. 211). Quíron, o mais ilustre dentre os centauros, era o mais célebre desses mestres, sendo responsável pela tutoria de nomes legendários como Asclépio, Aquiles, Jasão e Apolo (GUIMARÃES, 1972, p. 270).

No Brasil, o treinamento estaria abaixo do dom e da genialidade em uma escala valorativa do *ethos* atlético. Bartholo e Soares (2011, p. 59) afirmam que “o treino é visto como algo estoico para aqueles que não possuem ‘dom’”. A oposição fica ainda mais patente nesse outro excerto: “Aquele que treina estaria próximo do modelo das normas e da disciplina, enquanto o que possui o dom seria criativo, criaria ruptura” (BARTHOLHO; SOARES, 2011, p. 67). O próprio Sergio Buarque de Holanda (1995, p. 164, grifos meus), trabalhado aqui em outro momento, já constatava, em princípios do século XX, o quanto esse pensamento estava arraigado em “nossa gente”:

Mas há outros traços por onde nossa intelectualidade ainda revela sua missão nitidamente conservadora e senhorial. Um deles é a presunção, ainda em nossos dias tão generalizada entre seus expoentes, de que *o verdadeiro talento há de ser espontâneo, de nascença*, como a verdadeira nobreza, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração aos ofícios vis que degradam o homem.

Esse talento nato é menos perceptível nas narrativas sobre os atletas olímpicos. Aliás, quando aparece, normalmente está aliado ao trabalho duro. Na descrição que Cardoso (2000, p. 214) faz do corredor Zátópek (o único atleta medalhista nos 5.000 e nos 10.000 metros em uma mesma edição dos Jogos até hoje), ele enfatiza que: “Além de talento, Zatópek trabalhou muito para ser um superatleta”. O mesmo é visto em muitas das descrições feitas por Katia Rubio em seu livro *Heróis Olímpicos Brasileiros* (2004).

A ética amadora e o *fair-play*, preceitos olímpicos durante por boa parte do século XX, também poderiam contribuir nessa representação heroica clássica vinculada ao atleta olímpico. Apenas em 1992, nos Jogos de Barcelona, é que sucumbiu a obrigatoriedade de amadorismo dos atletas – inaugurando-se a era do profissionalismo olímpico, ainda tímido nas edições anteriores. Já o *fair play* é um valor presente ainda hoje nas competições e “pode ser definido como um conjunto de princípios éticos que orientam a prática esportiva, principalmente do atleta e dos demais envolvidos com o espetáculo esportivo” (RUBIO, 2002, p. 139). Assim como o amadorismo, em sua origem, ele também estava vinculado a ideais ligadas à nobreza e ao “comportamento cavalheiresco”. Com o tempo esse ideal antigo foi se adaptando às novas circunstâncias do esporte e designando o “jogo limpo” e o tão citado “espírito esportivo” (RUBIO, 2002, p. 139). Essa atualização dos valores olímpicos recebe de Rubio (2002, p. 130) a denominação de pós-Olimpismo.

Por outro lado, se olharmos para a Grécia Antiga, temos uma visão um tanto distinta dessa do atleta contemporâneo. Nas diversas lendas sobre os criadores dos Jogos, Herácles (Hércules) ou Pélope (os protagonistas das duas lendas mais conhecidas) conjugam técnica, esforço, uma dose de astúcia e até mesmo a intervenção divina (GODOY, p. 54-55). Tínhamos, nos Jogos Gregos, um culto aos atletas perfeitos, imortalizados em estátuas e sua ascensão ao posto de semideuses na Terra – uma ênfase a *perfeição individual*. Como salienta Gumbrecht (2007, p. 72), há também uma “completa ausência do esporte coletivo” nos Jogos gregos. Os heróis eram retratados em belas esculturas, situadas usualmente nos locais de competição, que imortalizavam suas imagens e os tornavam referências para os demais atletas. Outro ponto é que os Jogos eram concebidos como duelos individuais, e não como uma disputa entre nações, como o são hoje (o que enaltece o espírito patriótico e coletivo). Não sou, todavia, alheio ao fato de que a presença de atletas das diversas cidades-estados gregas era valorizada, o que engrandecia a disputa e os Jogos em curso: “[...] quanto mais atletas participantes representando um maior número de cidades, maior a importância daquela competição” (RUBIO, 2001, p.112).

Os atletas que participavam dos Jogos Olímpicos distinguiam-se do restante da população grega, na medida em que a inclusão nesse evento era restrita aos cidadãos (escravos e mulheres²⁵ não competiam nem tampouco assistiam às competições) e àqueles que passavam por um processo iniciático para conquistar o direito ao exercício dos Jogos. Em caso de vitória, além de receber uma coroa de louros, o atleta vencedor gozava da glória e da ascensão social, por meio de

²⁵ Rubio (2001, p. 112), entretanto, salienta que os Jogos Heranos, em homenagem à Hera, esposa de Zeus, eram um espaço para a disputa atlética feminina. Mas, no geral, os Jogos eram um espaço exclusivo do homem ateniense.

honras políticas, isenção de impostos, pensões vitalícias, escravos, dentre outras regalias. Ademais, os feitos atléticos colocavam seu protagonista na galeria dos heróis mitológicos, indicando a impressão de seu nome em documentos e praças públicas onde esses feitos eram contados e celebrados: “Muitas das *palestras* e dos *ginásios*, locais de treinamento para as disputas atléticas, eram dedicados a heróis [...], levando o povo grego a ter os grandes Jogos Pan-Helênicos como os acontecimentos religiosos centrais da vida nacional” (RUBIO, 2001, p. 211).

Nos Jogos Modernos, há certo abandono, ainda que não total, dessa individualidade na disputa, mesmo que se mantenham as glórias da conquista: cada vez mais financeiras do que morais ou simbólicas. Segundo Melo (2005, p. 60, grifos meus), tratando do filme *Olympia*, “os atletas não eram encarados individualmente, mas como componentes de uma nação, o que é, de certa forma, *contraditório com a própria proposta do olimpismo*”. Nota-se aqui como a aposta de que nos esportes olímpicos o jogo coletivo seria peremptoriamente responsável por uma série de qualidades “nobres” e fraternas é de construção moderna, e não antiga, como poderíamos erradamente supor. Os esportes olímpicos, como pensados por Coubertin, deveriam ser exclusivos para os homens e individuais (CARDOSO, 1996, p. 117). O primeiro esporte coletivo foi o futebol masculino, inserido na programação em 1900. Os outros só viriam a entrar 36 anos depois (Berlim-1936) – basquete e handebol masculino. Até 1996, as modalidades coletivas eram basquete, futebol, handebol, hóquei na grama, vôlei e beisebol (este último somente masculino). Grande parte das modalidades ainda hoje são individuais.

A questão dos nacionalismos, com certeza, colabora para deturpar as origens individualistas e os propósitos universalistas, em termos de valores (*fair-play* e amadorismo), das Olimpíadas Modernas. Bourdieu (1997, p. 123, grifos meus) aborda criticamente esse debate nos seguintes termos:

O que entendemos exatamente quando falamos dos Jogos Olímpicos? O referencial aparente é a manifestação “real”, isto é, um espetáculo propriamente esportivo, confronto de atletas de todo o universo que se realiza sob o signo de ideais *universalistas* e um ritual, com forte coloração nacional, senão *nacionalista*, desfile por equipes nacionais, entrega de medalhas com bandeiras e hinos nacionais.

Nas narrativas jornalísticas, essa influência das nações sobre a competição esportiva normalmente não é vista com bons olhos, sendo com frequência condenada. Após a “vitória” americana sobre os soviéticos na contagem de pontos da Olimpíada de Helsinque (1952), o *Jornal do Brasil* relatava a insatisfação da imprensa norte-americana. O título da matéria deixa clara a tomada de posicionamento: “Não coincide com o espírito dos jogos olímpicos” (*JB*, 06/08/1952,

p. 14, grifos meus). Vejamos o que a matéria diz e que condiz com o cenário descrito anteriormente:

Ambos os principais matutinos de Nova York defendem o ponto de vista de que os Jogos Olímpicos não devem ser tomados como *competições entre nações*, mas entre *indivíduos*. Diz o “Times”, por exemplo, que não obstante o fato de os Estados serem considerados campeões à base da contagem extraoficial de pontos, “é possível que parte do brilho tenha sido roubado por uma ‘rivalidade’ artificial, oriunda dos modos não oficiais de contagem dos Estados Unidos e da União Soviética. Isso é compreensível e talvez inevitável, diz o jornal, *mas não coincide com o real espírito dos Jogos Olímpicos...*

Percebe-se até aqui algumas tensões permeando essa narrativa sobre o herói Olímpico – amador/profissional; indivíduo/coletivo/nação. O mundo do cinema não deixou passar despercebido esses antagonismos. No filme *Carruagens de fogo* (1981), por exemplo, há uma dualidade antagônica entre os dois personagens principais. O filme tem como cenário as Olimpíadas de 1924 em Paris e traz como protagonistas os corredores Eric Liddel e Harold Abrahams. As trajetórias dos dois atletas seguem caminhos distintos, mas ao final a mensagem é que tanto o amadorismo quanto o profissionalismo podem levar a conquista da vitória e a consagração do herói, ainda que no filme o amadorismo soasse mais natural ao espírito da época. Hoje em dia, com os níveis competitivos mais elevados, é possível assegurar que apenas o profissional teria alguma chance de conquista.

Muito já foi dito sobre as influências teóricas que perpassam a figura do atleta olímpico. Uma última questão fundamental, entretanto, permanece em aberto. Por que associo imperativamente o atleta ao herói, formando o substantivo composto atleta-herói²⁶? Com o uso desse termo consegui evitar a repetição das palavras “atletas brasileiros medalhistas olímpicos”. Isso, no entanto, não serve como justificativa peremptória para esse reducionismo. Em primeiro lugar, me reporto a Rocco Jr. (2009, p. 4, grifos meus) no seguinte trecho:

A construção simbólica que a imprensa esportiva faz dos feitos dos atletas profissionais, especialmente em época de Jogos Olímpicos e Copa do Mundo, procura, *por vezes*, transformar tais *atletas em heróis*, conquistadores de feitos incomuns, representante de tudo aquilo que a sociedade deseja alcançar.

O papel da mídia é essencial nessa construção, ainda que, como vimos, o atleta seja associado ao herói desde tempos anteriores à mídia de massa. Minha escolha encontra maior

²⁶ Esclareço que esse termo já foi utilizado por Rubio (2001).

suporte quando concordamos que o atleta olímpico cumpre, inevitavelmente, pelo menos, a primeira etapa da saga do herói: o abandono do mundo comum. E esse abandono ocorre tanto literalmente quanto metaforicamente. Em sua grande maioria, os atletas têm de deslocar-se de seu país de origem até o país-sede dos jogos (à exceção dos atletas anfitriões). Nessa mudança de lugar, abandona-se também a rotina diária de treinos e adentra-se em outra ordem cotidiana, pautada pela pressão das competições e pelo alto nível de cobrança dos seus pares e da opinião pública. Pode-se dizer que o atleta vivencia durante quinze dias um mundo paralelo, sediado na Vila Olímpica e nos ginásios desportivos.

Por tudo que foi comentando neste capítulo, acredito que foi possível constatar como é complexa a temática do heroísmo, principalmente quando nos referimos ao atleta olímpico brasileiro. No Brasil, tendemos a ser dragados por construções de heróis futebolísticos ora apolíneos ora dionisíacos, com uma suposta predileção pelo caráter malandro que subjaz ao segundo. Nas Olimpíadas, oscila-se, tanto na teoria quanto no meu *corpus* de pesquisa, entre o individualismo²⁷ e o espírito coletivo; entre a glória nacional e o júbilo pessoal; entre culto ao amador e à valorização do profissional. Isto posto, uma das questões presentes no capítulo seis pode ser adiantada: como essas dicotomias aparecem nas narrativas construídas pelo *Jornal do Brasil* na segunda metade do século XX?

²⁷ Louis Dumont contribui para o entendimento da ideologia moderna e do individualismo como um traço intrínseco a ela. Essa relação, entretanto, comporta inflexões e divergências, como a permanência de aspectos pré-modernos ou não modernos; por exemplo, a importância da família (1985, p. 29). Para ele: “A ideologia moderna é individualista [...] Mas trata-se de uma configuração, não de um traço isolado, por mais importante que seja” (1985, p. 21, grifos do autor).

4 JOGOS OLÍMPICOS

4.1 A origem grega: corpo e mente a serviço do esporte

Muitos Jogos em homenagem aos mais variados deuses ocorriam na Grécia no período helênico, epicentro social e político da Antiguidade. Como exemplo, podemos citar os Píticos, os Nemeus, os Ístmicos, as Panatenéias, os Heranos e os Fúnebres (deste último, o mais antigo dentre todos, é provável que tenham surgido os Jogos Olímpicos). Sendo Zeus o Deus-maior do Olimpo, os Jogos em sua honra eram os maiores e mais importantes da Grécia helênica e começaram a ocorrer oficialmente a partir de 776 a.C, com periodicidade quadrienal (cf. GODOY, 2001; YALOURIS, 2004). Com o avanço do cristianismo no Império Romano, os Jogos Olímpicos passaram a ser vistos como pagãos e deixaram de ser realizados em 393 d.C, após 1.200 anos de ocorrência ininterruptos. O cristianismo, devido a seus valores mais espirituais que carnavais, rompe com os ideais de corpo perfeito, marcantes tanto na sociedade grega quanto na romana. Para os cristãos, pouco importa a aparência externa do humano, já que todos seríamos iguais perante a Deus (cf. SENNETT, 2010).

No berço do olimpismo, o culto ao corpo conjugava-se ao florescimento das ideias. Rubio (2001, p. 108) situa o esporte na Grécia Helênica como “um item da educação grega”, em contraposição ao atual esporte espetáculo, produzido pela indústria cultural. Os gregos não ficaram conhecidos apenas pelo apreço ao esporte, mas também pelo desenvolvimento da democracia. Corpo e espírito estavam conjugados na assim chamada *paidéia* ou educação integral. Não à toa, provém desse período grande número de estátuas de atletas-heróis olímpicos, como já registrado no capítulo três, e obras literárias relatando os Jogos. Alguns dos grandes filósofos, aliás, foram competidores olímpicos de relativo sucesso. Por exemplo: “Platão foi lutador, tendo participado dos Jogos Ístmicos e Olímpicos, onde obteve vitórias que o tornaram tão famoso quanto seus célebres *Diálogos*” (GODOY, 2001, p. 33). Os vencedores dos Jogos eram elevados ao posto de heróis e tinham seu nome associados a seus feitos e eternizados como nomes de lugares. Rubio resume o espírito desportivo grego:

A competição, para os gregos, era considerada um princípio vital, não apenas pelo rendimento ambicionado, mas em si mesma com independência de todo objetivo. O indivíduo crescia e se desenvolvia dentro de um espírito criador, um competidor à sua maneira, um “agonista”. Assim, a rivalidade fazia parte da essência da vida, não apenas em situações em que é fácil a determinação da vitória ou da derrota, mas

também situações imponderáveis como a criação artística. Para o grego, a dignidade e o valor de uma competição não residiam nos resultados. O fator determinante era o brilho e o ardor que penetrava nos corpos e espíritos durante o jogo das possibilidades, dominando o instante supremo (RUBIO, 2001, p. 119-120).

O corpo possui tal relevância na Grécia antiga que Sennett (2010, p. 91) afirma que o corpo exposto era a “maior obra de arte da cidade”. Importante destacar que o corpo “grego” estava desnudo também nas provas olímpicas e essa nudez era associada à civilidade²⁸, e não ao primitivismo como o foi na Idade Média e Moderna. “A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez” (SENNETT, 2010, p. 30). Nas academias, os gregos exercitavam o intelecto, enquanto, nos ginásios, os corpos eram desenvolvidos (SENNETT, 2010, p. 45).

Na Idade Média, contudo, essa nudez já não é mais tolerada: “É preciso aguardar a Renascença para que homens e mulheres da Europa condenem a nudez que praticam cada vez menos em público” (LE GOFF; TRUONG, 2012, p. 145). Jacques LeGoff e Nicolas Truong (2012) apontam para a inexistência do esporte organizado, como o conhecemos hoje, na Idade Média. O movimento olímpico moderno, enquanto ideário, se reporta, assim, à Antiguidade, e não à Idade Média:

Todo esse feixe de fatores econômicos e sociais, simbólicos e políticos, contribui para desenvolver, no século XIX, uma ideologia que, saltando no tempo por cima da Idade Média, pretendeu-se ligar à prática e à ideologia da Antiguidade greco-romana e que resultou na criação dos Jogos Olímpicos, em 1896. Aqui, portanto, a Idade Média não é um antepassado (LE GOFF; TRUONG, 2012, p. 152).

Nesse período histórico, então, presenciamos um momento de latência do esporte, em grande parte devido à influência do cristianismo e da Igreja, que possuíam uma visão dicotômica do corpo: “ao mesmo tempo glorificado e reprimido, exaltado e rechaçado” (LE GOFF; TRUONG, 2012, p. 29). Le Goff e Truong (2012, p. 147, grifos meus) são categóricos ao sustentar que:

O esporte desaparece na Idade Média. Se os jogos subsistem, a prática antiga não existe mais: estádios, circos e ginásios desaparecem, vítima da ideologia anticorporal. Entretanto, os homens da Idade Média jogam e fazem esforço físico. Embora mais como antes, e ainda menos do que hoje, desde que o século XIX, desejando sobretudo reatar com os exercícios antigos, definiu e instaurou aquilo que chamamos de esporte.

²⁸ Essa “regra social” não se aplicava às mulheres, que não circulavam nuas pelo espaço público (SENNETT, 2010, p. 32).

4.2 Os Jogos Modernos: rupturas e continuidades

A revalorização do legado grego começa a ocorrer a partir do século XV durante o Renascimento. Esse processo de resgate culminou com os Jogos Modernos, de memória mais recente, que surgiram em fins do século XIX. No plano ideológico, a intenção era recuperar o a herança antiga, tanto que na edição de 1900 (Paris) os Jogos eram divididos em três categorias que evidenciavam suas origens geográficas e temporais: “antigos esportes do Egito, Índia, Grécia e Roma; esportes da idade medieval; e esportes do período moderno” (*JB*, 07/10/1964, 1º caderno, p. 15). Na prática, todavia, os Jogos Modernos foram (e continuam sendo) uma experiência distinta a dos Jogos Antigos, sendo marcados por mais rupturas do que continuidades.

No século XVIII, é importante lembrar, tiveram lugar importantes revoluções, que afetaram sobremaneira a sociedade europeia e mundial: o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. O esporte, nesse contexto, era visto por muitos países europeus como uma forma de preparação do homem para a guerra. Daí, o incentivo de uma ginástica que fosse menos educativa do que militarizada. Conforme Rubio (2001, p. 126): “O desenvolvimento da capacidade de defesa do próprio indivíduo e da nação era o objetivo maior da atividade física”. A Inglaterra, por sua localização geográfica privilegiada, pôde desenvolver uma atividade atlética regrada e mais voltada para fins recreativos e competitivos. Não obstante, é importante frisar que coexistiam na Inglaterra dois modelos de educação física: um voltado à formação de líderes e outro, a de subordinados. Assim, o resultado esperado era o seguinte:

[...] jogos organizados nas Escolas Públicas e ginástica nas Escolas Primárias, ou seja, nas primeiras tem-se a formação de líderes empreendedores e bons oficiais, e nas segundas bons operários e soldados, talhados na disciplina e nos efeitos fisiológicos do exercício sistemático (RUBIO, 2001, p. 128).

Stefano Pivato (1994, p. 22-27) relaciona o esporte moderno aos valores que fizeram emergir a Revolução Industrial, como a velocidade, a racionalização, o controle do tempo, a universalização das regras. Enquanto o esporte seria fruto da modernidade, “sinônimo de progresso, velocidade e perfeccionismo”, o jogo estaria ligado ao “mundo em declínio”. (PIVATO, 1994, p. 27). Pivato (1994, p. 26, grifos do autor) menciona ainda a influência inglesa no desenvolvimento do esporte moderno, em associação ao movimento industrial, que, aliás, também teve lugar na Inglaterra:

Em geral, o esporte surgiu como um conjunto de regras, de formalizações rígidas de jogos preexistentes e de disciplinas a respeitar. Ele tornou-se assim uma ideologia completa que os historiadores têm identificado como umas das mais características da era vitoriana: o *ideal atlético*. Velocidade, perfeição, constante superação de si, aspiração ao sucesso e, acima de tudo, o espírito de competição - este espírito que animava as leis do liberalismo econômico - fizeram do *ideal atlético* um vetor de transmissão dos valores educativos e morais atribuídos à cultura industrial da nação britânica ²⁹.

Seria leviano não mencionar a obra de Huizinga, *Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura* (1938), que se situa nessa transição do jogo para esporte. O filósofo holandês diagnóstica, a partir de sua experiência nos Jogos Olímpicos de 1936 na Alemanha, uma perda do elemento lúdico no esporte moderno. Essa hipótese é o fio que sustenta a argumentação de seu livro. Todo cuidado é necessário nessa leitura de Huizinga, uma vez que sua fala está em um momento histórico peculiar e muito de seu pessimismo são daí derivados. Não obstante, a maior seriedade do esporte e o declínio do lúdico são conclusões para as quais existe certo senso comum. Essa perda do elemento lúdico e a modernização dos esportes são observáveis nas cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos. De desfiles das delegações dos países participantes, hoje a abertura é quase um evento à parte das Olimpíadas, aguardada com ansiedade pela mídia e pelo público. Na perspicaz leitura de Gastaldo (2012, p. 125) acerca da crítica de Huizinga, lemos que:

[...] o ‘espírito do jogo’ preside todas as principais manifestações da cultura humana, em todas as épocas e sociedades. Entretanto, no mundo moderno, este princípio estaria sendo pervertido. De cerimônias sagradas, ligadas à experiência mais profunda de contato com as forças supremas do Universo – como nos Jogos Olímpicos da Grécia antiga, disputados em homenagem aos deuses do Olimpo – os esportes modernos estariam sendo convertidos, por força da ideologia moderna, em competições levadas a cabo por atletas-máquinas, a serviço de Estados e corporações, pelo bem dos negócios e não da Humanidade

Nos Jogos do século XIX, destaca-se a figura patriarcal do francês Pierre de Freddy, o Barão de Coubertin, entusiasta do esporte como instrumento pedagógico como visto nas escolas públicas inglesas³⁰, das possíveis contribuições da cultura helênica à

²⁹ Tradução minha do excerto original: “De façon générale, le sport s’est affirmé comme un ensemble de règles, de formalisations rigides de jeux préexistants et de disciplines à observer. Il devint ainsi une idéologie achevée que les historiens ont définie comme l’une des plus caractéristiques de l’ère victorienne: l’*athlétisme*. Vitesse, perfection, constant dépassement de soi, aspiration au succès et, surtout, esprit de compétition – cet esprit qui animait les lois du libéralisme économique – ont fait de l’*athlétisme* un vecteur de transmission des valeurs éducatives et morales accordées à la culture industrielle de la nation britannique”.

³⁰ Essa admiração era fruto da vivência de Coubertin na sociedade inglesa e da observação dos supostos benefícios da prática esportiva nos colégios. Coubertin estudou na Harrow School e posteriormente na Universidade de Cambridge. Para ele o poderio do Império Britânico derivava do lugar privilegiado ocupado pelo esporte nessa sociedade (PIVATO, 1994, p. 56; LASCH, 1991, p. 112).

contemporaneidade e do potencial do esporte como promotor da paz mundial. Admirador do modelo grego das Olimpíadas, Coubertin pretendia recriar as tradições gregas como parte das festividades da virada do século. O movimento olímpico moderno estava impregnado por valores provenientes da nobreza (cavalheirismo, amadorismo, *fair play*), mas gradualmente o esporte torna-se popular e menos aristocrático. Bourdieu (1983b, p. 142), nesse sentido, pontua que o “primeiro comitê olímpico contava com não sei quantos duques, condes e lordes, e todos de nobreza antiga”.

O amadorismo escondia um desejo de elitização da prática esportiva, restringindo-a aqueles poucos que pudessem se dedicar ao esporte integralmente e sem obter ganhos por isso. Percebe-se então que: “Os inventores do amadorismo queriam antes de mais nada afastar da arena os trabalhadores” (CARDOSO, 2000, p. 16). O amadorismo enquanto valor olímpico elementar, apesar de inócuo na prática, foi aceito durante certo tempo acriticamente pelo jornalismo esportivo, como poderemos ler no capítulo seis deste trabalho. O desejo de manutenção da exclusividade dos mais ricos no exercício de uma atividade desportiva, em detrimento de sua prática pelos mais pobres faria parte dessa identificação social produzida pelo esporte:

O esporte se afirma então igualmente como um instrumento de diferenciação de classes sociais. Jogar futebol, rúgbi e tênis, praticar ciclismo ou automobilismo são maneiras de demonstrar seu pertencimento social. Conforme as classes mais altas são deslocadas de suas próprias práticas de lazer, eles se voltam para novos esportes, mais elitistas (PIVATO, 1994, p. 43).³¹

O aspecto inicial dos Jogos Olímpicos assemelhava-se, assim, sobremaneira à biografia de seu criador e promotor. Coubertin possuía uma origem familiar aristocrática. Além disso, muitos dos ideais olímpicos não eram necessariamente congruentes a seus pensamentos. Um exemplo dessas contradições, citado por Pivato (1994, p. 56), é o seguinte: “Coubertin teve a ideia de ‘forjar uma nova raça guerreira’. No entanto, ele passou à posteridade como um instigador de um modelo esportivo de paz e de fraternidade”³².

³¹ Tradução minha do excerto original: “Le sport s’affirme donc également comme un instrument de différenciation des catégories sociales. Jouer au football, au rugby ou au tennis, aller à bicyclette ou en automobile sont des façons de démontrer son appartenance sociale. Au fur et à mesure que les classes les plus hautes se voient délogées de leurs propres pratiques ludiques, elles se tournent vers de nouveaux sports, plus élitaires” (PIVATO, 1994, p. 43).

³² Tradução minha do excerto original: “Coubertin avait dans l’idée de ‘forger une nouvelle race guerrière’. Il est pourtant passé à la postérité comme l’instigateur d’un modèle sportif de paix et de fraternité” (PIVATO, 1994, p. 56).

Coubertin também era contrário à participação feminina nos Jogos, pois considerava que o verdadeiro herói olímpico era o homem adulto.

A partir da década de 1970, tem-se o patrocínio estatal dos atletas, o que funcionou como uma brecha para o profissionalismo dos mesmos sem o perigo de sofrerem sanções, afinal eram funcionários públicos. Na década seguinte, surgem e se disseminam os patrocínios privados aos desportistas. A força do mercado encontrou campo propício para atuação no esporte, onde os atletas eram (e são) instados a apresentar-se em nível cada vez mais elevado de performance e para isso necessitam dedicar-se exclusivamente a sua prática. O público aficionado troca assim os ideais atribuídos a Coubertin por um esporte de mais espetáculo, recordes e performances excepcionais.

Coubertin possuía uma visão holística para as Olimpíadas, pretendendo conjugá-la com outras formas de arte em algo como um festival cultural, inclusive “tendo implementado concursos de poesias, de artes plásticas e mesmo de músicas, nas primeiras edições” (MELO, 2006, p. 30). A Carta Olímpica, redigida por ele e repetidas vezes modificada desde então³³, instituiu os princípios do Comitê Olímpico Internacional e do Movimento Olímpico em si (RUBIO, 2005). Diferentemente dos Antigos Jogos, a atual olimpíada é um evento laico, que ocorre em cidades diferentes a cada quatro anos e possui edições de Inverno e de Verão.

O olimpismo moderno tem como um de seus mitos atléticos fundacionais o maratonista grego Spiridion Louys. Sua história de superação foi amiúde recontada nas edições seguintes dos Jogos Olímpicos. A maratona foi incluída nos I Jogos Olímpicos após insistência de um dos membros do COI, uma vez que esse tipo de prova não existia na Antiguidade. A maratona é desde 1896 a última prova disputada nos Jogos, simbolizando o encerramento do evento (*JB*, 07/10/1964, 1º caderno, p. 15).

Nas primeiras edições dos Jogos Modernos, várias cerimônias protocolares (invenções de tradição em série³⁴), como o Juramento Olímpico, o desfile de abertura com as delegações, a pira olímpica, o revezamento da tocha (criação dos nazistas) (MELO, 2006, p. 93) foram sendo introduzidos com a intenção de mimetizar e transplantar para a contemporaneidade a ritualidade que envolvia os Jogos gregos. A mimese foi falha, uma vez que a maioria dos rituais foi sendo repetidamente modificada ao longo das edições, evocando cada vez menos os Jogos antigos.

³³ A última versão data de 08 de julho de 2011 e está disponível para leitura on-line no site do COI: <http://www.olympic.org/Documents/olympic_charter_en.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2013.

³⁴ Uso esse termo no sentido proposto por Hobsbawm (2008).

O que se pode frisar é que da intenção inicial de reeditar uma prática pedagógica, profundamente fincada em outra prática, a religiosa, elementos caros à era contemporânea foram agregados àquela prática antiga, criando um modelo com valores modernos, apesar do empenho de seu idealizador em se manter fiel à tradição grega, apresentando o esporte como o temos na atualidade, um elemento de cultura (RUBIO, 2001, p. 211).

Nesse primeiro momento, as Olimpíadas foram prejudicadas pela pouca organização e pela baixa adesão dos países. Em 1896, os Jogos foram também marcados pela ausência de atletas do sexo feminino. Como evidenciado por Rubio, o próprio Coubertin era avesso à participação olímpica feminina (RUBIO, 2001, p. 137). Nesse sentido, seu desejo se enquadrava perfeitamente aos Jogos Antigos, que também cerceavam o direito feminino ao esporte competitivo. Já na França (1908), contudo, a pressão feminina por participar dos Jogos e o bom senso dos organizadores em acatar tal demanda fizeram com que as Olimpíadas fossem verdadeiramente universais, e não discriminatórias.

Nesses primeiros anos, as Olimpíadas eram um evento menor no calendário mundial e ainda não contavam com grandes assistências – em 1896, foram apenas 14 países e 241 atletas³⁵. Por isso, as edições de 1900 e 1904 foram realizadas concomitantemente com as Exposições Universais³⁶. Não havia ainda sequer uma preocupação com alojamentos para atletas. Na edição de 1924, em Paris, eles foram acomodados em barracas nas cercanias das áreas de competição. Pivato (1994, p. 58) assume que somente a partir de 1912, em Estocolmo (Suécia), os Jogos adquiriram verdadeira notoriedade, tanto em termos de espectadores como de atletas e nações participantes.

A partir de 1932, esse cenário começa a mudar e assemelha-se mais ao que temos hodiernamente. Los Angeles utilizou-se dos Jogos para superar os efeitos da crise de 1929 e construiu o primeiro complexo habitacional para os atletas – o que conhecemos hoje como vilas olímpicas. No rastro dessa tradição, Berlim, sob a tutela nazista, vai além e instala também “equipamentos específicos para os atletas” (cf. MASCARENHAS, 2011). É nessa edição ainda que os Jogos adquiram um caráter mais nacionalista, como pontua Hobsbawm (2004, p. 171). Em 1916, devido à 1ª Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, devido à 2ª Guerra, não ocorreram edições dos Jogos. Os anos 1920 e 1930 representaram para os Jogos Olímpicos um momento de invenção em massa de tradições, como “a ascensão da chama olímpica, o desfile das nações,

³⁵ Dados do COI. Fonte: < <http://www.olympic.org/athens-1896-summer-olympics>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

³⁶ O livro *Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX* (1997), escrito por Sandra Jatahy Pesavento, é uma obra de referência sobre essa temática.

a fórmula do juramento de abertura e todas as outras cerimônias destinadas a conferir uma forma espetacular e solene aos Jogos” (PIVATO, 1994, p. 88)³⁷.

No período da Guerra Fria, aumenta a participação dos países, porém maculam-se os propósitos pacíficos do olimpismo – de encontro apenas esportivo entre nações passa-se a uma disputa pela supremacia (bélica, cultural, econômica) entre as duas potências emergidas da 2ª Grande Guerra (EUA e URSS). Nos Jogos de 1980, em Moscou, os EUA juntamente com 61 outros países boicotaram a competição, em represália a não retirada das tropas soviéticas do Afeganistão (NEGREIROS, 2009, p. 325). O troco foi dado na edição seguinte, em Los Angeles (EUA), quando 16 nações, principalmente do bloco soviético, decidiram não participar dos Jogos.

É válido lembrar que na própria Grécia Antiga os Jogos, se não chegavam a ser períodos de paz total, pelo menos, representavam uma trégua entre povos constantemente envolvidos em batalhas. Em Olímpia, por exemplo, não era permitido a entrada nem o porte de armas. A edição de 27 e 28 de julho de 1952 da Página de Esportes do *JB* traz uma coluna especial sobre a abertura dos Jogos de Helsinque e nela entrevemos as influências de um discurso que prega a união e um intervalo nos conflitos:

Cada uma [das delegações das nações] que surge na pista, tendo à frente o pavilhão do seu país, circundando-a sob prolongados aplausos da multidão faz-nos esquecer as lutas e dissensões que mantem países separados ou estremecidos uns com os outros para que fiquemos empolgados pela beleza do espetáculo que se tem diante dos olhos; são seres humanos, alegres e felizes, de todos os cantos do Universo, comungando, naquele instante, dos mesmos ideais, deixando-nos entrever que paraíso seria o mundo se fosse possível aos povos manter esse clima de paz e amizade em todas as suas relações.

No decurso de suas edições, as Olimpíadas ganharam a magnitude pretendida pelo projeto inicial de Coubertin, ao custo da perda de alguns dos valores e ideais simbólicos que possuíam em sua fundação. Se na Grécia, em 1896, tínhamos 241 atletas, em Londres-2012, foram cerca de 10.500; o número de esportes passou de 9 a 26; e os países de 14 a 204. Os Jogos Olímpicos hoje, segundo Mascarenhas e outros (2011, p. 18), estão resumidos na seguinte equação simplificada:

Produz-se um caudaloso investimento discursivo, consubstanciado numa retórica conjugada à articulação de interesses públicos e privados, que alinha países e

³⁷ Tradução minha do excerto original: “L’ascension de la flamme olympique, le défilé des nations, la formule du serment d’ouverture et toutes les autres cérémonies destinées à donner une forme spectaculaire et solennelle aux Jeux [...]” (PIVATO, 1994, p. 88).

idades de todo planeta na disputa pela obtenção do direito de sediar megaeventos esportivos, tomados como alavanca para a dinamização da economia local e redefinição da imagem da cidade e/ou país no competitivo cenário mundial.

O Brasil esteve representado em quase todas as edições das Olimpíadas de Verão desde 1920 (Antuérpia) até hoje, com exceção de Amsterdã em 1928. No Congresso Olímpico Internacional de 1913, em Lausanne (RUBIO, 2005), Raul do Rio Branco, ministro brasileiro na Suíça, foi elevado a membro do COI, tornando-se o primeiro brasileiro a ter um cargo nessa instituição. Além de Raul do Rio Branco, outros seis brasileiros já integraram o corpo de membros do COI: Arnaldo Guinle (de 1923 a 1961); José Ferreira Santos (de 1923 a 1962); Antonio do Prado Júnior (de 1938 a 1955); Sylvio de Magalhães Padilha (de 1964 a 1995); João Havelange (de 1963 a 2011); Carlos Arthur Nuzman (desde 2000).

Desde 1992, em Albertville (França), o Brasil participa também das Olimpíadas de Inverno. Nosso Comitê Olímpico existe desde 1913 (de forma institucionalizada, porém, apenas em 20 de maio de 1935). Em toda história dos Jogos Modernos, o Brasil conquistou um total de 108 medalhas: 23 de ouro, 30 de prata e 55 de bronze. Nosso desempenho começa de verdade a tornar-se digno de nossa importância geoeconômica em 1996 (Atlanta), com a conquista de 15 medalhas. Em Los Angeles 1984, foram 8 medalhas, mas deve-se levar em conta o boicote soviético. Em Londres 2012, obtivemos o maior número de medalhas de nossa história olímpica, porém não ultrapassamos o total de ouros obtido em Atenas 2004 (cinco). A atual visão do COB é auspiciosa: “Tornar o Brasil uma Potência Olímpica nos Jogos Rio 2016 e mantê-lo nesse patamar”³⁸. Reproduzo abaixo três tabelas que tornam mais claros esses números.

Tabela 1: Relação das medalhas brasileiras em todas as Olimpíadas de Verão.

Jogos	Atletas	Ouro	Prata	Bronze	Total	Posição
1896 (Atenas)	O Brasil não competiu					
1900 (Paris)						
1904 (St. Louis)						
1908 (Londres)						
1912 (Estocolmo)						
1920 (Antuérpia)	21	1	1	1	3	15°
1924 (Paris)	12	0	0	0	0	-
1928 (Amsterdã)	O Brasil não competiu					
1932 (Los Angeles)	67	0	0	0	0	-
1936 (Berlim)	94	0	0	0	0	-
1948 (Londres)	77	0	0	1	1	34°

³⁸ Fonte: <<http://www.cob.org.br/comite-olimpico-brasileiro/missao-visao-e-valores>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

1952 (Helsinque)	108	1	0	2	3	25°
1956 (Melbourne)	48	1	0	0	1	25°
1960 (Roma)	81	0	0	2	2	40°
1964 (Tóquio)	68	0	0	1	1	39°
1968 (Cidade do México)	84	0	1	2	3	35°
1972 (Munique)	89	0	0	2	2	41°
1976 (Montreal)	93	0	0	2	2	41°
1980 (Moscou)	109	2	0	2	4	18°
1984 (Los Angeles)	151	1	5	2	8	19°
1988 (Seul)	171	1	2	3	6	19°
1992 (Barcelona)	197	2	1	0	3	25°
1996 (Atlanta)	225	3	3	9	15	25°
2000 (Sydney)	205	0	6	6	12	52°
2004 (Atenas)	247	5	2	3	10	16°
2008 (Pequim)	277	3	4	8	15	23°
2012 (Londres)	259	3	5	9	17	22°
Total	2683	23	30	55	108	37°

Tabela 2: Lista dos maiores vencedores brasileiros nos Jogos Olímpicos.

Atleta	Esporte	Info	Medalha
Jaqueline	Vôlei	Pequim-2008	ouro
		Londres-2012	ouro
Adhemar Ferreira da Silva	Atletismo	Melbourne-1956, salto triplo	ouro
		Helsinque-1952, salto triplo	
Fabi	Vôlei	Pequim-2008	ouro
		Londres-2012	
Fabiana	Vôlei	Pequim-2008	ouro
		Londres-2012	ouro
Giovane Gávio	Vôlei	Barcelona-1992	ouro
		Atenas-2004	ouro
Marcelo Ferreira	Vela	Atlanta-1996, classe <i>Star</i>	ouro
		Atenas-2004, classe <i>Star</i>	ouro
		Sydney-2000, classe <i>Star</i>	bronze
Maurício Lima	Vôlei	Barcelona-1992	ouro
		Atenas-2004	ouro
Paula Pequeno	Vôlei	Pequim-2008	ouro
		Londres-2012	ouro
Robert Scheidt	Vela	Atlanta-1996, classe <i>Laser</i>	ouro
		Atenas-2004, classe <i>Laser</i>	ouro
		Sydney-2000, classe <i>Laser</i>	prata
		Pequim-2008, classe <i>Star</i>	prata
		Londres-2012, classe <i>Star</i>	bronze
Sheilla	Vôlei	Pequim-2008	ouro
	Vôlei	Londres-2012	ouro
Thaísa	Vôlei	Pequim-2008	ouro
		Londres-2012	ouro

Torben Grael	Vela	Atlanta-1996, classe <i>Star</i>	ouro
		Atenas-2004, classe <i>Star</i>	ouro
		Los Angeles-1984, classe <i>Soling</i>	prata
		Sydney-2000, classe <i>Star</i>	bronze
		Seul-1988, classe <i>Star</i>	bronze

Fonte: O Globo Online³⁹.

Tabela 3: Relação do número de medalhas por esportes em toda história da participação olímpica brasileira.

Esporte	Ouro	Prata	Bronze	Total
Vôlei (quadra e praia)	6 (4 e 2)	9 (3 e 6)	5 (2 e 3)	20 (9 e 11)
Vela	6	3	8	17
Atletismo	4	3	7	14
Judô	3	3	13	19
Natação	1	4	8	13
Tiro	1	1	1	3
Hipismo	1	0	2	3
Ginástica	1	0	0	1
Futebol	0	5	2	7
Basquete	0	1	4	5
Boxe	0	1	3	4
Pentatlo	0	0	1	1
Taekwondo	0	0	1	1
Total	23	30	55	108

³⁹ Fonte: < <http://oglobo.globo.com/infograficos/quadro-medalhistas-brasileiros/>>. Acesso em: 15 jan. 2014.

5 METODOLOGIA DE PESQUISA

5.1 Explicando o método e o *corpus* da pesquisa

“Não podemos estudar todos os casos de tudo quanto nos interessa, nem gostaríamos de fazê-lo”. A frase de Becker (2007, p. 97) expressa uma das maiores dores de cabeça de qualquer pesquisador: a definição da amostragem. O presente trabalho, ainda sob a forma de projeto de seleção para o Mestrado, tinha como objetivo pesquisar comparativamente qual era o discurso da mídia impressa sobre os atletas-heróis nas Olimpíadas e Copas do Mundo. A mudança de ideia sobre ele começou a se desenvolver durante a apresentação desse projeto preliminar em uma das aulas da disciplina “Antropologia da Comunicação”, ministrada pela professora Isabel Travancas no PPGCom da UFRJ, no primeiro semestre de 2012. Fui indagado tanto pela professora quanto pelos meus colegas de classe sobre a viabilidade de trabalhar com tanto material de pesquisa. Minha reação imediata foi rebater que era, sim, factível e que conseguiria “dar conta” (ainda que começasse a perceber que não gostaria de fazê-lo). Pensando com mais calma nas semanas seguintes e discutindo com meu orientador, concluí ser mais proveitoso focar em apenas um desses eventos esportivos e a partir dele guiar a escolha do *corpus*. Percebi que não poderia estudar tudo e realmente não conseguiria fazê-lo. Escolhi então as Olimpíadas de Verão por ser um tópico menos problematizado que as Copas do Mundo dentro das Ciências da Comunicação, e mesmo dentro das Ciências Sociais (como já detalhado no capítulo um).

A partir daí, restava ainda uma escolha certamente mais complexa. Como definir as edições específicas que focaria e como justificar essa escolha. Ora, estou trabalhando aqui com a representação jornalística dos atletas no *Jornal do Brasil*. Em tese, qualquer atleta pode, por caminhos distintos, atingir o *status* heroico. Conquistar medalha é, porém, o caminho mais óbvio. Outros existem, com certeza, e serão descritos no capítulo seguinte. Desse modo, optei por não me limitar apenas às edições em que o Brasil foi mais bem sucedido, ainda que essa fosse minha ideia até o momento limiar da Qualificação. Nele, fui demovido da ideia de restringir (o que havia feito até então) e voltei a ampliar meu objeto. A partir daquele momento, o *corpus* passou a compreender todos os Jogos Olímpicos realizados na segunda metade do século XX. De cinco olimpíadas passei a treze. A quantidade de trabalho aumentou proporcionalmente, mas o resultado foi mais recompensador.

Resta ainda justificar minha escolha pela segunda metade do século XX, e não a primeira ou quiçá o século XXI. Primeiramente, explico o que não fiz. Na primeira metade do século XX, o Brasil participou de apenas cinco das dez Olimpíadas ocorridas e, além disso, conquistou apenas quatro medalhas. Ainda que não esteja levando o critério de medalhas como um imperativo exclusivo para escolha, ele continua sendo relevante. Outrossim, as delegações olímpicas brasileiras eram relativamente pequenas até Londres (1948) e foram, ainda que não continuamente, aumentando a partir de Helsinque (1952). O século XXI foi excluído por compreender apenas três Jogos, sendo que em um deles (Londres, 2012) o jornal escolhido como fonte já não mais existia em seu formato impresso. A segunda metade do século XX se revelou, assim, um percurso mais promissor e profícuo em termos históricos, sociais e desportivos. Se na primeira metade do século XX, tivemos a introdução dos cerimoniais (desfile de abertura, chama e bandeira olímpicas, corrida da tocha) aos Jogos, na segunda metade desse século há o debate mais intenso sobre o profissionalismo, a disputa entre capitalismo (EUA) e comunismo (URSS), as controvérsias envolvendo inúmeros casos de *doping*, o início da participação da República Popular da China, o primeiro brasileiro bicampeão olímpico.

Isso posto, escolhi somente um periódico, ao invés de ter coletado múltiplos títulos, pois não buscava um olhar comparativo em relação ao discurso jornalístico. A análise se concentrou no período que vai do terceiro dia anterior ao início do evento até o terceiro dia posterior ao seu final. Meu interesse estava focalizado mais nas formas como as narrativas eram construídas pelo veículo específico escolhido. As treze edições dos Jogos compuseram uma amostragem significativa em termos de representatividade e me concederam certo poder de generalização.

Entendo, a partir de Simoni Guedes (2010/2011), que o *Jornal do Brasil* atua como um dos discursos legitimados sobre as Olimpíadas. Existem outros, por exemplo: os demais periódicos, a opinião pública (história oral), os próprios atletas (que tem suas falas editadas nos jornais). Escolher o *JB* se deu por três motivos principais: a facilidade de acesso às fontes⁴⁰; a relevância do periódico – um dos principais jornais brasileiros desde o final do século XIX e o “preferido dos apaixonados pelo esporte” (MELO, 2012, p. 114); e, por último, acredito que a saída desse jornal do formato impresso deva estimular pesquisas que renovem o seu valor como fonte histórica relevante.

⁴⁰ Todo acervo do Jornal do Brasil está disponível online, digitalizado, para acesso público. É possível por esse mecanismo realizar também pesquisas por palavras-chave. Fonte: <<http://hemerotecadigital.bn.br/artigos/jornal-do-brasil>>.

O jornalismo⁴¹ e a academia, segundo Guedes (2010/2011), são produtores de “discursos autorizados”⁴² sobre o futebol (estes se opõem ao discurso rebelde de jogadores como Romário e Edmundo). Em suas palavras:

Poderíamos hoje classificar amplamente os textos produzidos sobre o futebol no Brasil em três grandes categorias: a primeira, recobrando aqueles nítida e claramente com objetivos jornalísticos; a segunda, dos textos acadêmicos que respondem a problemas sociológicos; a terceira, esta mais complexa, em que o texto jornalístico é, também, de pleno direito, uma interpretação sociológica ou utiliza-se das técnicas desenvolvidas na história e nas ciências sociais para a construção dos seus dados (GUEDES, 2010/2011, p. 8).

Importante deixar claro meu próprio entendimento sobre o conteúdo jornalístico enquanto fonte de pesquisa. Esse “discurso autorizado” se compõe da junção entre a opinião pessoal do jornalista, as diretrizes editoriais do veículo para onde se escreve e o interesse do público leitor. Dada essa conjuntura, acredito que a narrativa jornalística seja uma via privilegiada de acesso à opinião pública sobre um tema ou até mesmo sobre um período histórico. Quando me refiro, então, a um estudo das narrativas ou dos discursos sobre os atletas nas Olimpíadas, o faço a partir da definição de Burke para narrativas culturais, que seriam “características de uma cultura em particular, as histórias que as pessoas naquela cultura ‘contam a si mesmas sobre si mesmas’ [...] Tais ‘narrativas culturais’, como foram chamadas, oferecem pistas importantes para o mundo em que foram contadas” (GUEDES, 2010/2011, p. 158). As histórias de vida sobre os atletas resumem, assim, uma visão particular sobre dada cultura, qual seja, aquela contada pela mídia impressa. Em um livro biográfico, por outro lado, o autor dispõe de mais tempo e espaço para compor em minúcias a história de seu biografado. O jornalismo esportivo trabalha em tempo e espaço exíguos, se utilizando, por isso, das características que teriam sido mais emblemáticas para o atleta na conquista de sua vitória.

Por último, desejo enfatizar, tomando emprestado um trecho de artigo de Cabo e Helal (2011, p. 95), que “refletir sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e

⁴¹ Em uma perspectiva mais crítica, o jornalismo esportivo pode ser lido como “falação esportiva” (ECO, 1984). Prefiro, entretanto, não adotar essa postura aqui.

⁴² Em Bourdieu (1983a), entendemos essa autorização social da fala de outrem como uma das atribuições que deveriam ser incorporadas por uma ciência que se proponha a estudar o discurso. Ele afirma que: “Não falamos a qualquer um; qualquer um não ‘toma a palavra’ [...] A ciência do discurso deve levar em conta as condições de instauração da comunicação, porque as condições de recepção esperadas fazem parte das condições de produção” (1983, p. 161).

discursos identitários, apesar da objetividade jornalística, que se constitui um dos pilares da profissão”. O jornalismo esportivo, em particular quando fala de esportistas nacionais, se permite torcer patrioticamente. Para os jornalistas das demais editoriais, não se aceita que a paixão pelo objeto impregne a redação das matérias, exigindo, assim, jornalismo mais “neutro” e investigativo.

Os jornais fazem uso de imagens e textos, que, pelo viés da história cultural, são “formas de representação do mundo que constituem o imaginário” (PESAVENTO, 2012, p. 86). Sobre imaginário, representação e história cultural, como interface para o meu estudo, falarei a seguir.

5.2 Breve debate sobre a representação e a história cultural

A questão das representações, do imaginário social e da construção da identidade são focos de atenção da Nova História Cultural (NHC), ainda que estejam sob forte tensão de significado. Antes de entrar especificamente nesse debate, é necessário entender o que foi a História Cultural enquanto movimento e quando surge a NHC.

Há evidentemente incertezas quanto à abrangência do que seria um “fazer história cultural”, bem como sua metodologia. A história cultural é multidisciplinar e interdisciplinar; ela é mais inclusiva do que exclusiva com outros campos de saber (BURKE, 2008, p. 170). Nisso, assemelha-se muito à própria Comunicação. Somente no Brasil, a história cultural responde por aproximadamente 80% da produção historiográfica (PESAVENTO, 2012, p. 7).

Peter Burke (2008, p. 15) situa a década de 1780 como um provável início para os estudos sobre as “histórias da cultura humana ou de determinadas regiões ou nações”. Pesavento (2012, p. 9) fala nos movimentos culturais e sociais da década de 1970, e até mesmo anteriores, como propulsores dessa mudança paradigmática nos estudos históricos.

Quando da ascensão de Hitler, historiadores culturais judeus reunidos em torno do Instituto criado por Aby Warburg – um dos principais nomes da história cultural –, tiveram de abandonar a Alemanha. A migração deles para EUA e Inglaterra foi fundamental para o desenvolvimento de uma linhagem de historiadores culturais nesses países, preocupados com o diálogo entre cultura e sociedade. Na Inglaterra, influenciados e estimulados pela onda dos estudos culturais, os historiadores voltam suas atenções às classes baixas e a história das pessoas comuns.

Nesse período, a perspectiva marxista se defronta com a culturalista na interpretação da história. Os marxistas eram criticados pelo economicismo, ao mesmo tempo em que se opunham aos historiadores culturais em seu culturalismo e, conforme Thompson (apud PESAVENTO, 2012, p. 36), na “visão holística” de cultura. A história cultural se desenvolve em oposição ao marxismo e à corrente dos *Annales*, ao mesmo tempo em que é estimulada por eles. O materialismo histórico era um método particularmente atraente diante do cenário político brasileiro nas décadas de 1960/70.

O termo cultural entra “na moda” definitivamente na década de 1990 quando passa a compor o título de livros de vários historiadores. Os franceses, tendo como “embaixador” Roger Chartier, se rendem a *histoire culturelle*. Cresce o interesse pelo eixo de interpretação antropológico em detrimento do marxista. A mudança de perspectiva que se processava pode ser resumida assim: “Antes empregado [o termo cultura] para se referir à alta cultura, ele agora inclui também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modos de vida. Em outras palavras, os historiadores se aproximaram da visão de cultura dos antropólogos” (BURKE, 2008, p. 48).

Após certa influência antropológica nos anos 1970 e 1980, o que se convencionou denominar de nova história cultural (NHC) veio a assentar-se em bases mais amplas e variadas. Dedicou-se maior atenção à teoria (BURKE, 2008, p. 70). Bourdieu, Bakhtin, Foucault e Elias foram os quatro nomes que maior influência exerceram sobre os adeptos da NHC. Graças a esses intelectuais, as representações e as práticas figuram como eixos centrais na NHC. A história das práticas, por exemplo, permitiu que o estudo do esporte deixasse de ser um tema secundário e se constituísse em uma área nobre da História, vide a criação da revista *International Journal for the History of Sport* (BURKE, 2008, p. 78).

Feito esse rápido panorama, volto à indagação central deste tópico: o que a representação implica para a história cultural (e, por extensão, ao meu trabalho)? Burke (2008, p. 99) admite que “tornou-se comum pensar e falar em ‘construção’ ou ‘produção’ da realidade (de conhecimento, territórios, classes sociais, doenças, tempo, identidade e assim por diante) por meio de representações”. A realidade passa, assim, a ser investigada como “invenção” (Michel de Certeau) dos atores sociais, e não mais como algo previamente dado e captado como real pelos observadores. Pesavento (2012, p. 17) resume qual seria o conceito de representação trabalhado pela história cultural: “[...] entendemos que, de uma forma geral, todos trabalham com a mesma ideia do resgate de sentidos conferidos ao mundo, e que se manifestam em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas”.

Representação liga-se a outro conceito, que é o de sensibilidades. Nele, a narrativa sobre os homens comuns ganha lugar, bem como “a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida” (PESAVENTO, 2012, p. 56). Voltando à representação, o conceito foi um dos pontos-chave na mudança epistemológica que se deu na história cultural, a partir das contribuições de Marcel Mauss e Émile Durkheim. A representação funcionaria como um simulacro do real. Não é sua verdade, ainda que almeje sê-la. É um recorte do real efetuado pelo olhar do pesquisador. Funciona como uma das explicações para os fatos sociais presentes e pretéritos. Em resumo: “As representações se inserem em regimes de verossimilhança e de credibilidade, e não de veracidade” (PESAVENTO, 2012, p. 41).

A representação é tão central no contexto em que se assenta a História Cultural, que Pesavento a coloca nos seguintes termos: “[...] pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois *decifrar a realidade do passado por meio das suas representações*, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 42, grifos meus). Essa representação feita a partir de outras representações do passado define um eixo chave para o entendimento da NHC: o imaginário. “Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 43). Esclareço que a noção de imaginário está sendo trabalhada aqui de modo complementar à representação, e não em oposição ou disputa com ela.

Um terceiro conceito, que se junta ao de imaginário e ao de representação, é o de narrativa. A História hoje é vista como uma das narrativas sobre o passado que aspira a verdade dos fatos. Em outro momento, o narrador desse passado – o historiador – compunha o imaginário do passado por meio das representações que obtinha de suas fontes e redige sua narrativa pretendendo ser a “voz” sobre o passado. Isto é, “sua narrativa almeja ocupar o lugar deste passado, substituindo-o” (PESAVENTO, 2012, p. 50).

A representação dos heróis olímpicos ao longo da segunda metade do século XX pode ser interpretada como um texto específico para lermos a cultura brasileira. Não nos fornece uma visão definitiva, mas funciona como uma janela para aspectos específicos do *ethos* nacional. A utilização de um meio impresso, no caso o Jornal do Brasil, torna mais literal a apropriação do método de Geertz para análise da cultura, já que se trata propriamente de um texto (palavras e frases compondo um todo coerente) que nos dá acesso a outros textos (metaforicamente falando, no sentido proposto por Geertz). Busco abordar “tanto o dito quanto o não dito, tanto a presença quanto o silêncio” (PESAVENTO, 2012, p. 111). E,

principalmente, trazendo a questão para o meu objeto, ao longo da segunda metade do século XX, presenciamos “mudanças e permanências, as unidades e diversidades de sentidos” (PESAVENTO, 2012, p. 111) nas representações sobre os atletas que nos auxiliam a traçar um retrato sobre o quadro maior de construção narrativa sobre eles.

Na História Cultural, aqui adotada como o principal norte metodológico para o entendimento das representações, os achados são certezas provisórias. Não posso asseverar que as representações aqui esmiuçadas são aplicadas a todos os jornais em todas as épocas. Falo de um período de tempo delimitado (segunda metade do século XX) e de uma voz específica (o *Jornal do Brasil*). Outras pesquisas em fontes diferentes ou em outros períodos históricos podem confirmar minhas conclusões ou desmenti-las. Deixo, então, em aberto os resultados da análise do capítulo seis, que devem ser somados aos esforços anteriores e futuros para a compreensão do discurso jornalístico quando representa os atletas brasileiros em Olimpíadas.

5.3 O *Jornal do Brasil*

Fundado em 1891 por Rodolfo Epifânio de Souza Dantas (1855-1901), o *JB* foi um dos jornais de mais longa duração na história da imprensa brasileira e se manteve uma voz importante durante toda sua existência como veículo impresso. Era um periódico matutino, que circulava de terça a domingo até a década de 1960⁴³. A partir da década de 1970, passa a circular também as segundas, disputando espaço com o até então vespertino *O Globo* (este circulava de segunda a sábado). Em seu início, aproximava-se dos ideais monarquistas, mas não tardou a pender para o lado dos adeptos da República. Transformou-se, segundo Lopes (apud MELO, 2012, p. 109), em um “intermediário entre a cultura popular e os mais letrados do Rio de Janeiro do começo do século XX”. Devido a sucessivas altas tiragens e vendagens, recebeu o carinhoso apelido de “popularíssimo”. No editorial de seu relançamento, em 15 de novembro de 1894 – o *JB* fora censurado pelo então presidente Floriano Peixoto –, se define como: “legítimo e natural representante do povo” (FONSECA, 2008, p. 1537).

⁴³ Saliento, porém, alguns dados. Em 1896, a edição de terça era conjunta com a de segunda. Entre 1900 e 1920, circulava uma edição do jornal às segundas-feiras. Entre 1924 e 1936, não havia edição de segunda-feira. De 1948 até 1968 a edição de domingo era conjunta com a de segunda.

Ao longo de mais de um século de circulação, o periódico trocou de dono algumas vezes: de Rodolfo Dantas passou para a família Mendes de Almeida, destes para os Condes de Pereira Carneiro. A família Nascimento Brito, ligada aos Pereira Carneiro por Manuel Francisco do Nascimento Brito, genro do Conde e da Condessa, assumiu o jornal em seu período de maior sucesso (a segunda metade do século XX). Por último, em 2001, o jornal foi arrendado ao empresário Nelson Tanure, que não conseguiu cumprir seu objetivo de recuperar o já combalido Jornal do Brasil.

Assim como trocou de dono, o *JB* também mudou algumas vezes de sede. Segundo Wilson Figueiredo (2010, p. 15), foram dois os endereços do *JB*, em prédios célebres pela relevância arquitetônica: Avenida Rio Branco 110/112 e Avenida Brasil 500. Entre a década de 1950 e 1980 estariam situados os anos dourados do periódico (HERKENHOFF, 2010, p. 226). Nesse período, o jornal foi comandado por Maurina Dunshee de Abranches Pereira Carneiro, viúva do conde Pereira Carneiro. Nascimento Brito era o diretor executivo e o responsável pela reforma do parque gráfico, juntamente com o jornalista Odilo Costa Filho, contratado por ele para coordenar esse processo⁴⁴.

Válido mencionar que, em seus primórdios, o *JB* era dirigido por Rui Barbosa (redator-chefe a partir de 1893) e contava “com o sistema de impressão rotativo em impressores de nome Marioni, utilizando os primeiros clichês em zincografia no país” (CAMARGO apud MOTA et al, 2008, p. 1982). Rui era republicano e colaborou para a mudança de postura ideológica do jornal. Além disso, foi responsável pela troca do *Z de Brazil* pelo *S*, ficando: Jornal do Brasil (FONSECA, 2008, p. 1537). Outras transformações ideológicas ocorreram ao longo da história do periódico, que, no geral, manteve-se legalista (a favor do cumprimento da legislação vigente). Durante o governo varguista, no Estado Novo, o *JB* foi mais uma vez censurado e fechado.

Desde seus primeiros números, o *JB* era um periódico preocupado em dedicar espaço à cobertura esportiva. Melo afirma que desde “seu segundo dia de circulação, 10 de abril de 1891, publica-se a coluna ‘Sport’, com três notícias relacionadas ao turfê” (2012, p. 109). Em 1893, a seção “Avisos Sportivos” passa a cobrir, além do turfê, outros esportes (MELO, 2007, p. 104) As notícias esportivas começam a ter destaque na capa do periódico apenas em 1895 (MELO, 2007, p. 104). Em 1912, tornou-se o primeiro jornal com um espaço exclusivo (de

⁴⁴ As informações biográficas sobre Manuel Francisco do Nascimento Brito foram consultadas no site do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Nesse mesmo sistema on-line de buscas do CPDOC, pode ser encontrado um dos históricos mais completos do Jornal do Brasil. Fonte: <http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/biografias/nascimento_brito>. Acesso em: 13 jan. 2014.

uma página inteira) dedicado à cobertura do esporte (MELO, 2012, p. 111; FONSECA, 2008, p. 1540). Com a contratação de Odylo Costa Filho (1914-1979), o jornal passou por reconfigurações, dentre elas a que tornava a página de esporte “um laboratório de experiências” (LESSA, apud FONSECA, 2008, p. 1544).

Nelson Werneck Sodré situa o *JB* na fase dos jornais-empresa e destaca seu papel inovador: “Nessa variada galeria [de jornais na imprensa carioca da década de 1880/90], o *Jornal do Brasil* chega para enfileirar-se entre os grandes. Fora montado como empresa, com estrutura sólida. Vinha para durar” (SODRÉ, 1999, p. 257, grifos do autor). Sua tiragem na virada do século atingia cinquenta mil exemplares, o que o colocava no topo de vendagem da América do Sul (SOUSA, 2010, p. 23). Além disso, dada sua ampla distribuição em território nacional, o *JB* era não apenas um veículo noticioso-informativo, mas também uma janela para a difusão dos valores culturais da capital republicana. Almejava ser um jornal de abrangência e escopo nacional: “Durante algumas décadas, o *Jornal do Brasil* fez parte e em certo momento capitaneou o pelotão de diários nacionais. O nome ajudava. Além disso, o Departamento de Circulação tinha como objetivo converter o *JB* na segunda opção do leitor das capitais estaduais” (DINES, 2010, p. 18, grifos do autor).

Com a reforma gráfica⁴⁵ iniciada na década de 1950, o Jornal assume uma posição de vanguarda no mercado brasileiro de jornais impressos. Por essa época, a capa do *JB* volta a se constituir enquanto um resumo do jornal e de suas principais notícias, diminuindo gradativamente a quantidade de classificados presentes⁴⁶ (vide fig.1). Estes anúncios representam o ônus da modernização do parque gráfico e da construção da nova sede na antiga Avenida Central (hoje, Avenida Rio Branco), no início do século XX. Foram as dívidas adquiridas nesse processo que culminaram com a transferência da propriedade do jornal para o conde Pereira Carneiro, então o maior credor do *JB*.

Amílcar de Castro (1920-2002) foi o responsável por esse melhoramento no design gráfico do *JB* a partir do final da década de 1950: “Ele cria um novo conceito de layout, limpo, sem fios, vinhetas e maior aproveitamento dos espaços em branco” (MOTA et al, 2008, p. 1987). Alberto Dines, editor do *JB* entre 1961 e 1973, foi o consolidador dessa reforma. Sodré analisa a mudança sob o aspecto mais jornalístico dela:

⁴⁵ Uma análise pormenorizado sobre a identidade visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX pode ser encontrada em Fonseca e Cardoso (2008). Rafael. Disponível em: <http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=11855@1>. Acesso em: 25 dez. 2013.

⁴⁶ Os classificados estiveram presentes na capa do *JB* até as Olimpíadas de 1992, quando ocupavam a parte inferior da página apenas. Em 1996, a capa já estava livre de anúncios.

Em 1956, o *Jornal do Brasil* iniciou a reforma também ampla, ajudada pela sólida estrutura empresarial desse diário [...] Com um grupo de excelente profissionais, entre os quais se destacavam Reinaldo Jardim e Ferreira Gullar, Jânio de Freitas revolucionou o jornal, dando apresentação inteiramente nova à matéria, em tarefa que só completou em 1959 (1999, p. 395).

Figura 1: Capas do *JB* nos dias 19 de julho de 1952, 10 de outubro de 1964, 17 de julho de 1976, 17 de setembro de 1988, 15 de setembro de 2000 (aberturas de Olimpíadas).



Desde a década de 1960, contudo, a vendagem do *JB* experimentou um processo de gradativo declínio que, somado às dívidas trabalhistas acumuladas, culminou com a extinção do jornal em seu formato impresso em setembro de 2010. Antes de sua virada para o digital, Alfredo Herkenhoff (2010, p. 5) afirma que ainda existiam 180 funcionários no *JB*, sendo 60 pertencentes à Redação. A crise econômica do jornal é assim descrita: “Na virada dos anos 80 para os anos 90 afloraram as grandes crises financeiras no *JB*, os primeiros atrasos no pagamento de salários. Os bancos, que antes premiavam erros administrativos do *JB* mediante sucessivos empréstimos, fecharam a porta para a família Brito” (Herkenhoff, 2010, p. 7).

A partir de setembro de 2010, acochado pela crise financeira, o jornal decide manter-se apenas em seu formato on-line, enfatizando, porém, o pioneirismo dessa ação através do *slogan*: “O primeiro jornal 100% digital do Brasil”. Investigar as dinâmicas do *JB* na segunda metade do século XX revelou-se, assim, uma chave para o entendimento do jornalismo esportivo, ainda que meu foco estivesse restrito aos Jogos Olímpicos.

6 ESTUDOS DE CASO

6.1. As Olimpíadas de Helsinque 1952

6.1.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

A décima quinta Olimpíada da Era Moderna⁴⁷ teve como palco Helsinque, na Finlândia, reunindo 69 países entre os dias 19 de julho e 03 de agosto. Era a primeira vez que a Finlândia recebia esse evento esportivo, ainda que já tivesse proposto sua candidatura durante a 2ª Guerra Mundial. Em 1952 seus gastos com construção de equipamentos para as provas foram pequenos, uma vez que muito já havia sido feito anteriormente (JB, 03/08/1952).

Ao todo competiram 4.955 atletas, sendo 4.436 homens (89,5% do total) e 519 mulheres (10,5%). Foram disputadas 149 provas em 17 esportes (COB), com 66 recordes olímpicos e 18 mundiais superados⁴⁸ (CARDOSO, 2000, p. 204). Os atletas brasileiros eram 111, sendo 103 homens (92,8%) e apenas 8 mulheres (7,2%)⁴⁹. Nessa edição dos Jogos, o Brasil contou com um forte aporte financeiro do governo de Getúlio Vargas⁵⁰ (CARMONA et al, 2000, p. 95), o que em parte explica o relativamente bom desempenho do Brasil.

Os números apresentados acima, como em todas as demais edições dos Jogos, apresentam algumas divergências. Silvio Lancellotti (1996, p. 252) fala em 20 modalidades

⁴⁷ Os pôsteres das edições analisadas aqui podem ser conferidos nos anexos desta dissertação. Um ponto interessante de ser observado é a mudança de enfoque nas representações neles contidas. Se até a década de 1950, tínhamos pôsteres mais focados no corpo do atleta, a partir desse período o que vemos são apropriações mais artísticas dos nomes das cidades e do símbolo olímpico. Disponível em: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

⁴⁸ Uma grande base de dados sobre os Jogos Olímpicos Modernos, incluindo documentos, fotos e vídeos, está disponível gratuitamente no site *Olympic Ceremony Databse*. Fonte: < <http://www.olympicceremony.org>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

⁴⁹ Fonte: Site oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/helsinque-1952>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

⁵⁰ Vargas (1882-1954) foi presidente do Brasil em dois momentos: durante o Estado Novo (1930-1945) e, democraticamente eleito, de 1951 a 1954. Não completou seu segundo mandato, pois cometeu suicídio em 1954.

esportivas, e não 17. O site oficial do COI aponta um número total de atletas inscritos como 4.955, e não 4.925 como em Cardoso (2000) e Lancellotti (1996). Devido a essas incongruências, nessa e nas demais edições dos Jogos, estou utilizando apenas os números oficiais do COB, que estão alinhados aos do COI.

A cerimônia de abertura foi realizada no estádio Olímpico de Helsinque, diante de cerca de 60 mil pessoas (*JB*, 27 e 28 de julho, 2º caderno). A postura militar das nações em desfile e a forma perfilada, cerrando fileiras, como ficaram dispostas no gramado central⁵¹, causam certa estranheza ao serem comparadas com a forma mais despojada com que as delegações se apresentam atualmente. Ainda dimensionando os Jogos quantitativamente, a Finlândia recebeu um total de 80.000 turistas. Foram 1.250 jornalistas estrangeiros, 165 rádio repórteres e 160 fotógrafos dedicando-se à cobertura do evento (*JB*, 03/08/1952, p. 2, 2º Caderno).

A União Soviética participava pela primeira vez dos Jogos, contando com uma delegação de mais de 300 atletas. Válido recordar a guerra travada entre a Rússia e a Finlândia entre 1939 e 1940, cuja memória ainda era vívida entre os dois povos. Daí, a tocha olímpica ter tido de dar a volta pelo Ártico para não ter de passar pelo território russo. Pela primeira vez, a tocha voou de avião para chegar a um país⁵². Outra curiosidade sobre a URSS é a forma como tentava driblar a obrigatoriedade de amadorismo dos atletas. Os esportistas soviéticos eram militares ou possuíam empregos oficiais suspeitos (LANCELLOTTI, 1996, p. 254).

A classificação oficiosa das nações, diferentemente da atual, era obtida por uma contagem de pontos que conferia 10 pontos ao 1º colocado, 5 ao 2º, 4 ao 3º, 3 ao 4º, 2 ao 5º, 1 ao 6º⁵³ (*JB*, 22/07/52, p. 11). Os Estados Unidos terminaram na primeira colocação geral superando os rivais soviéticos, no prelúdio do que seria a disputa esportiva entre as duas maiores potências do pós 2ª Guerra⁵⁴. A contenda entre URSS e EUA, que se deflagraria

⁵¹ A cerimônia de abertura pode ser visualizada nesse link: <<https://www.youtube.com/watch?v=QC9AXhmYov8>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

⁵² Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=QC9AXhmYov8>>. Acesso em: 24 jul. 2013.

⁵³ Apenas em 1968 o ranking de países não é mais aferido por meio desse sistema de pontuação, mas sim pelas medalhas de ouro prata e bronze conquistadas (15/10/1968, 1º caderno, p. 21).

⁵⁴ Até Seul (1988), última Olimpíada em que a URSS participou antes de sua dissolução, apenas em 1952 e em 1968 os soviéticos foram ultrapassados pelos norte-americanos tanto no total de medalhas quanto no número de ouros. Nas demais edições, o predomínio do bloco comunista foi notório, inclusive, em 1992, quando algumas das antigas repúblicas soviéticas disputaram os Jogos reunidas na Comunidade dos Estados Independentes (CEI).

nesse e nos anos seguintes da Guerra Fria, contrariava os propósitos de Coubertin de “que o movimento olímpico fosse apolítico, apartidário e supranacional” (RUBIO, 2004, p. 45).

No Brasil, os efeitos da Guerra Fria também eram sentidos. A política nacional estava em ebulição, com diferentes grupos de influência transitando em torno do poder: nacionalistas, comunistas, capitalistas de Estado, capitalistas de mercado. Todos eles de certa forma buscando o apoio da sociedade civil, cada vez mais urbana, e do Exército, cada vez mais uma força capaz de ditar os rumos do país. Durante o governo democrático de Getúlio Vargas, as forças políticas em tensão eram múltiplas e coube a Vargas lidar com elas para manter a estabilidade de seu governo. O golpe militar, que caminhava a passos largos após pedido de *impeachment* em junho de 1954, fracassa diante do suicídio de Vargas em agosto do mesmo ano. O apoio popular a Vargas fez recuar a tentativa golpista e garantiu a transição democrática para Juscelino Kubitschek (cf. DEL PRIORE; VENANCIO, 2010, p. 262-267).

As medalhas brasileiras foram obtidas na natação (1500 metros nado livre) com Tetsuo Okamoto (bronze), no salto em altura com José Telles da Conceição (bronze) e no salto triplo com Adhemar Ferreira dos Santos (ouro). Todos os três foram os primeiros em suas modalidades a subir ao pódio pelo Brasil. Adhemar fez o hino brasileiro ecoar em uma Olimpíada após 32 anos de espera da primeira conquista.

6.1.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O escopo de análise se estendeu do dia 16 de julho até o dia 7 de agosto. Ampliei o período de análise em um dia, pois em 07 de agosto é que cessou a publicação da coluna especial sobre as Olimpíadas na Página de Esportes. Esta se compunha basicamente de resultados e da programação de esportes para o dia em questão. Na grande maioria dos casos, os dados eram reportados com objetividade⁵⁵. Isso provavelmente decorre do fato de grande parte das matérias ser assinada por agências internacionais, identificadas pelas siglas U.P.,

⁵⁵ Quando falo em “objetividade”, me refiro ao modo técnico e direto com que a informação era passada. Normalmente, apareciam somente os indicadores de classificação e as próximas competições. Não havia grande preocupação em detalhar como teriam transcorrido as competições apresentadas nem em narrar as histórias de vida dos atletas.

A.P.P. e A.F.P. Algumas vezes eram escritas colunas especiais, não assinadas por agências, contemplando fatos específicos dos Jogos.

B) Os atletas e outros temas

Logo na capa do *JB* do dia 19 de julho, um prelúdio do que aconteceria no período analisado - nenhuma menção ao fato de os XV Jogos Olímpicos terem início naquele dia (vide fig. 2). Aliás, não havia destaque para nenhuma matéria da Página de Esportes⁵⁶. Todo entorno dos *fait-divers* é recoberto por pequenos anúncios. Essas propagandas de pequenos e médios anunciantes eram o sustentáculo financeiro do jornal (daí serem expostas na primeira página), somado, é claro, às suas vendas nas bancas e às assinaturas. Aliás, o uso da primeira página para exposição de notícias é de construção relativamente tardia dentro do jornalismo: “o uso da primeira página nos diários europeus como forma de exposição de notícias, com grandes títulos e ilustrações, só se tornaria comum no começo do século XX” (AGUIAR, 2008, p. 19). O esporte, ao contrário do que poderíamos supor, aparece apenas uma vez na primeira página do jornal em todo *corpus* e, mesmo assim, referenciando um artigo de opinião que não estava na Página de Esportes.

Figura 2: Nenhuma menção a abertura dos Jogos Olímpicos de Helsinque na capa da edição do dia 19 de julho de 1952.



⁵⁶ Não se pode falar em Caderno de Esportes ainda, pelo menos não no *JB*. Havia somente uma página dedicada à abertura de Esportes. O próprio jornal não era muito numeroso. Possuía geralmente em torno de 25 páginas, aumentando consideravelmente de número apenas aos domingos, quando a edição era conjunta com segunda-feira.

Na Página de Esportes do dia 19, vemos que a matéria sobre as Olimpíadas foi escrita em 18 de agosto, daí o atraso para a cobertura da cerimônia de abertura. Isso nos leva a pensar na temporalidade do jornal. Durante a década de 1950, as notícias chegavam por serviço telegráfico, o que implicava em menos imediatismo no recebimento das mesmas. As entrevistas com os atletas, por exemplo, muitas vezes eram feitas apenas quando de seu retorno ao Brasil.

Das oito colunas de texto totais no dia 19, apenas uma se dedicava integralmente a tratar dos Jogos. Um acionamento de memória fora realizado na descrição da cerimônia de carregamento da tocha, quando seu simbolismo e origem (os Jogos de 1936), são lembrados. Na edição dos dias 20/21 relembra-se a “tradição” de a Grécia ser a primeira nação a desfilar, seguida pelas demais em ordem alfabética no idioma do país sede. Sobre a participação brasileira no desfile de abertura, qualifica-se apenas como “vistosa delegação” e descreve-se o vestuário dos atletas.

Ainda no dia 19, a participação dos atletas nas competições é lembrado por meio de notas curtas sobre o esporte em questão (remo, natação). Não há um perfil biográfico dos atletas como atualmente. Os aspectos linguísticos também são dignos de observação. Fala-se ainda em *teams*, *match*, *fouls*, *corner*.

A vitória do Brasil no futebol ganhou destaque no dia 22 de julho, mas a matéria sobressai pela objetividade, discorrendo sobre o fato de os jogadores brasileiros poderem ter sido afetados pelo frio, daí não terem tido um melhor desempenho diante dos luxemburgueses. A cobertura priorizava a informação “fria” dos resultados e a programação fornecida pelas agências de notícia. A medalha de bronze de José Telles da Conceição no salto em altura, por exemplo, não foi alvo de nenhuma construção discursiva mais elaborada e extensa ou sequer de uma tentativa de construção heroica. Diz-se sumariamente que “O brasileiro José Teles da Conceição foi classificado em 3º lugar, na prova de salto em altura com 1m98”.

Telles era um atleta polivalente, o que o tornava útil aos clubes que defendeu (Vasco e Flamengo), pois não precisavam cobrir os custos de levar mais de um atleta para as disputas de diferentes provas no atletismo. Telles corria os 100 e os 200 metros e também disputava o salto com vara. Seu nome apareceu algumas vezes antes e depois das Olimpíadas pelas conquistas nacionais que obteve ao longo da década de 1950 (no total, foram cerca de 130 referências a ele). Não conseguiria, porém, repetir o feito em Melbourne, onde terminou apenas em sexto lugar nos 200 metros rasos.

No dia 23 de julho, à parte da seção sobre os Jogos Olímpicos, havia uma coluna especial que tratava da vitória do Brasil no torneio olímpico de futebol contra os holandeses por 5x1. O destaque dado a esse esporte sobrepuja o restante do megaevento poliesportivo, o que não difere, aliás, das demais Olimpíadas analisadas. Igualmente notável é a forma como o futebol é trabalhado no texto. Diz-se dos jogadores que, apesar de amadores, gozavam de grande fama junto ao público europeu. Válido lembrar que nessa época o Brasil não era sequer uma vez campeão da Copa do Mundo, tendo amargado o vice-campeonato na final de 1950, quando sediara o evento. Apesar disso, abordava-se na matéria a intenção da equipe em manter um suposto “espírito esportivo”, e não se deixar contagiar pela euforia.

Os bons modos dos jogadores, que distribuíram flores às “senhoritas” próximas ao gramado antes do jogo, podem ser interpretados como resquícios de um esporte que em seu início era palco das normas de etiqueta das elites brasileiras. Ao mesmo tempo, ressaltava-se a alegria pós-vitória. O *fair play*, valor olímpico, parecia igualmente querer ser destacado, vide o excerto: “A partida transcorreu num *ambiente cordial e de disciplina*. Os holandeses jogaram um pouco duro, mas com lealdade. Ao terminar a partida todos os jogadores se abraçaram em campo, dando um bom exemplo de esportividade” (grifos meus). Quando o Brasil foi eliminado no futebol pela Alemanha ao ser derrotado por 4x2, o espírito olímpico foi novamente um dos pontos ressaltados, senão vejamos:

Ambos os quadros jogaram com vigor porém realmente nos primeiros 90 minutos; entretanto *esqueceram-se do espírito olímpico* durante a prorrogação. O árbitro Ellis, britânico, teve que fazer uso de toda sua paciência para manter sob controle os vinte e dois jogadores, que com frequência atuavam bruscamente (*JB*, 25/07, grifos meus).

A conquista da medalha de ouro por Adhemar Ferreira da Silva, obtida com a quebra do recorde mundial, ocupou a testeira da Página de Esporte no dia 24 de julho, evidenciando a grandeza do feito. No corpo da matéria, entretanto, a notícia ocupou o espaço de uma simples nota. José Telles não passou de fase e a ele foram reservadas ainda menos palavras. Adhemar foi descrito assim: “Com seus saltos espetaculares, Ademar Ferreira da Silva já havia superado a antiga marca nas semi-finais, com 16,12 e 16,09 metros, e coroou sua atuação com o tremendo salto de 16,22m”⁵⁷. Era a primeira medalha de ouro do Brasil no atletismo

⁵⁷ A grafia correta era Adhemar, mas mantive o modo como o *JB* publicava o nome do atleta, bem como outras expressões idiomáticas da época (vide “semi-finais”).

olímpico. Adhemar voltaria a ser campeão olímpico em Melbourne (1956) – o único brasileiro bicampeão olímpico no século XX⁵⁸.

No dia 25 de julho, uma coluna especial debateu a inclusão do vôlei entre os esportes olímpicos. Os argumentos contrários ao vôlei focavam-se em seu caráter coletivo, o que supostamente iria contra o olimpismo, cuja essência estaria no individualismo⁵⁹. Percebe-se assim a tensão permeando os níveis individual e coletivo. O jornal afirma mesmo que:

A corrente contrária [à inclusão do vôlei], composta de delegados sobremodo ortodoxos ou dos países que desconhecem ou mal praticam o volley-ball, baseia-se nos jogos antigos, que tinham por fim exaltar o indivíduo, a personalidade, o homem, e não as coletividades, como os esportes de equipe. Alegam mesmo que o Barão Pierre de Coubertin, criador dos Jogos Olímpicos Modernos foi inspirado na experiência de Atenas, do que resultou o C.I.O [Comitê Internacional Olímpico], considerados perigosos pela paixão partidária que despertam na multidão [...] *Há, ainda, um grupo, embora menor, que pretende fazer duas Olimpíadas, uma de provas individuais e outra dos esportes por equipe.* Essa, entretanto, não conta com muitos adeptos (JB, 25/07, grifos meus).

No dia 26 de julho, ao abordar a chave brasileira no basquetebol, há uma interessante escolha de palavras para classificar o fato: “Foi-nos madrasta a *sorte*, porém devemos confiar na *fibra* dos nossos defensores” (grifos meus). A curta nota continua descrevendo os difíceis adversários que “nossos bravos defensores” deveriam enfrentar para alcançar a final olímpica. Havia claramente um misto de força e talento, raça e técnica na definição do periódico. A narrativa foi assim construída:

Confia Pitanga [técnico da seleção] na força e na técnica dos seus pupilos e neles também confiam todos os brasileiros. Apesar de todas as dificuldades, devemos esperar que o melhor venha a suceder, porque a isso nos levam a certeza de que temos do espírito de luta e da classe dos jogadores brasileiros. Confiamos pois e avante jogadores do Brasil (JB, 26/07).

⁵⁸ Aqui cabe um comentário um pouco mais desenvolvido sobre esse atleta e que foge das narrativas do JB. Diz-se que começou no esporte pela simples curiosidade despertada pela palavra “atleta”. Demonstrou desde o início um talento singular para o salto triplo e tinha de conciliar estudo, trabalho e treinamentos, em uma época em que ser atleta muitas vezes era encarado como sinônimo de vadiagem (cf. RUBIO, 2004, p. 47). O talento excepcional era inalienável do treinamento árduo. A obrigatoriedade do amadorismo, um valor olímpico à época, fez com que Adhemar declinasse da campanha de doação de uma casa organizada pelo jornal *A Gazeta Esportiva* (RUBIO, 2004, p. 49).

⁵⁹ Pode-se questionar o porquê dessa mesma discussão não ser aplicada ao futebol e ao basquete, por exemplo. Em minha opinião, isso se deve ao fato desses dois esportes estarem presentes na programação olímpica há mais tempo. O futebol existia como esporte-demonstração desde 1900 e o basquete, com o mesmo *status*, desde 1904.

Na mesma edição, na coluna especial sobre as Olimpíadas, aparecia a vitória do Brasil sobre o *five* do Canadá por 57x55. Até então não havia observado tanta adjetivação em um esporte como o que se descortinou na descrição dessa partida. Abordavam-se os atletas brasileiros como “mais brilhante (sic) na execução e mais espetaculares”, em oposição aos canadenses, “mais sóbrios”. A vitória, obtida a despeito do favoritismo canadense, é creditada ao esforço coletivo. No suplemento esportivo do dia posterior, destacava-se a segunda vitória do Brasil no basquete, dessa vez contra as Filipinas. O elemento enfatizado daquela vez fora a habilidade de nossos *players*: “Por todo o segundo tempo os jogadores brasileiros brindaram a assistência com uma notável exibição de técnica, arrancando dos espectadores repetidos aplausos”.

Na edição conjunta dos dias 27 e 28 de julho (domingo e segunda-feira), pela primeira vez até aqui, aparece entre as manchetes da primeira página uma notícia relacionada a esportes – “A Paz e os Esportes”. Apesar do título, a matéria integral, na página cinco do 1º caderno, demonstrava preocupação com um suposto aumento das rivalidades entre os países latino-americanos (Brasil, Argentina, Chile e Uruguai nominalmente citados) diante de eventos esportivos como o Campeonato Pan-Americano e a Copa Rio. Clamava-se por um sentimento maior de “simpatia e amizade de jogadores e torcedores dos respectivos países”. Salientei essa notícia, pois, como já vimos, a esportividade e o espírito olímpico eram palavras reiteradas na Página de Esportes e podemos entendê-las dentro de um contexto de busca por “civilizar” o público leitor e coibir a violência nas práticas esportivas. Além disso, percebemos um elemento muito presente aqui e nas edições seguintes dos Jogos: o sentimento de latino-americanidade.

No dia 29 de julho, novamente havia uma coluna especial, dessa vez abordando o primeiro dia de competição. Sobre os remadores, desclassificados ainda na fase eliminatória, dizia-se que eram “a nossa valorosa guarnição”. Apenas nesse dia, a conquista de José Telles da Conceição recebeu maior ênfase, sendo destacado que fora a melhor posição obtida até aquele momento pelo atletismo brasileiro em Olimpíadas. O hasteamento da bandeira (dita “querido pavilhão do Brasil”) na subida ao pódio foi narrado com ares heroicos, que nos rememoram algumas das premissas do herói – afastar-se do mundo cotidiano, conseguir a glória e reparti-la com seus semelhantes: “É preciso estar-se longe da pátria, conhecer a alta significação que este hasteamento representa, para sentir-se a emoção que nos domina e faz vir aos olhos lágrimas de alegria”. O tom da coluna era extremamente patriótico e exacerbava a conquista esportiva como um feito nacional.

Ainda no dia 29, a vitória da “valorosa equipe” brasileira de futebol foi interpretada como uma conquista da própria inclusão desse esporte na delegação brasileira. Haveria um debate sobre a pertinência ou não de sua inclusão e que o *JB* fora favorável à manutenção do futebol. Tanto a derrota para a Argentina no basquete quanto à vitória sobre o Chile, mereceram pouco destaque no jornal. O primeiro lugar de Okamoto na série classificatória dos 400 metros nado livre passou igualmente despercebido.

A derrota do Brasil para a Rússia no basquete não despertou muita atenção no dia 30 de julho. O quarto lugar de Okamoto nas semifinais dos 200 metros livres na natação novamente não rendia a atenção merecida. A mesma escassez de atenção foi conferida ao quarto lugar de Edith Groba de Oliveira na segunda série dos 100 metros nado de costas. A partida em que o Brasil enfrentou a África do Sul (ambos já eliminados) no polo aquático (“water-polo” no *JB*) foi qualificada simplesmente como “desinteressante”, sem maiores explicações.

No dia 31 de julho, destaque para a derrota para os EUA no basquete. Nossa habilidade nesse esporte voltava a ser evidenciada. Identifico uma descrição similar à gíngua futebolística no seguinte excerto: “No primeiro tempo, os brasileiros superaram os norte-americanos. *Seus jogadores pequenos e ligeiros rodopiavam* em torno dos gigantes norte-americanos” (grifos meus).

Fazendo jus ao prestígio que o basquete parecia gozar no *JB*, no dia 01 de agosto, havia uma coluna discorrendo sobre a eliminação brasileira na competição (além de um comentário na seção das Olimpíadas sobre a vitória contra a França). A crítica inicial à escolha do treinador Pitanga cedia lugar a uma narrativa que invocava ao mesmo tempo o fator treino e o favoritismo decorrente da habilidade de nossos jogadores:

Na realidade, partilhamos da decepção geral diante das irregularíssimas e quase primárias apresentações cumpridas pelo ‘five’ brasileiro, do qual tanto se esperava diante do *valor* dos jogadores requisitados e em face do intenso e longo período de *treinamento* a que foram submetidos. Estamos também no rol daqueles que pensam ter faltado unidade de conjunto à nossa representação, cuja heterogeneidade de atuar atingiu ao (sic) ápice no encontro contra os russos (*JB*, 01/08, grifos meus).

Em 02 de agosto, em nota curta, descreve-se o desempenho do brasileiro Péricles de Sousa Cavalcanti, cujo cavalo refugou ao saltar um obstáculo após três tentativas frustradas do cavaleiro. Sublinhei esse fato para poder compará-lo ao refugo de Baloubet de Rouet, cavalo de Rodrigo Pessoa nas Olimpíadas de Sydney (2000). Se nesta ocasião o refugo ganhou contornos dramáticos, buscando-se explicações para a atitude do cavalo, não se fez o

mesmo diante do refugio do cavalo de Péricles. Guardadas às devidas proporções entre os ginetes e os cavalos, o fato mostra que em meio século os interesses jornalísticos se transformaram, além do espaço do esporte no jornal e da equipe de jornalismo esportivo terem aumentado.

Na edição conjunta dos dias 03 e 04 de agosto, último dia de competições, não havia na capa do jornal nenhuma menção ao fato. Por outro lado, no suplemento esportivo, a informação sobre o encerramento aparecia. De todo modo, o que desejo ressaltar é que o valor-notícia dado a melhor participação do Brasil em Jogos até então fora sobrepujado por outros fatos, a meu ver, de menor importância. Relegava-se, no geral, o desempenho olímpico brasileiro à posição secundária e há um esquecimento dos atletas que fizeram história em suas respectivas modalidades.

Ainda nesse dia, a vitória de Okamoto nos 1.500 metros livres foi posta sem destaque em uma pequena nota. Poderia passar despercebida, caso eu não estivesse procurando com afinco pela classificação do nadador brasileiro. Há, pela primeira vez, uma nota lembrando as conquistas brasileiras nos Jogos, ainda que de modo tímido. Dizia-se apenas:

Os títulos conquistados pelo Brasil [título da nota] Os prêmios levantados pelo Brasil nos Jogos Olímpicos foram uma medalha de ouro, com o campeão Adhemar Ferreira da Silva, no salto triplice; duas medalhas de bronze, com os terceiros lugares obtidos por Teles⁶⁰ (sic) da Conceição no salto em altura e Okamoto nos 1.500 metros de nado (*JB*, 03 e 04/08).

A coluna das Olimpíadas do dia 05 de agosto dedicou-se exclusivamente a divulgar os resultados de cada modalidade. O subtítulo destacava o fato de os EUA terem terminado na frente da URSS na contagem final de pontos. A coluna estendeu-se por duas páginas dado o número de resultados a relatar. Em outra matéria destacava-se a vitória de Telles da Conceição e Adhemar Ferreira da Silva em competição disputada na Bélgica. Percebe-se como eram atletas de porte internacional, porém novamente não havia uma elaboração discursiva pormenorizada sobre os atletas.

No dia 06 de agosto, a seção “Nas Olimpíadas de Helsinque” apresenta subtítulos dedicados exclusivamente aos atletas brasileiros, o que vem a ser uma mudança de postura em relação aos outros dias de cobertura dos Jogos. Lia-se: “A maior conquista do atletismo brasileiro – A vitória de Adhemar Ferreira da Silva – As colocações de José Teles da Conceição e Ari Façanha de Sá – E a atuação das nossas atletas”. No corpo da matéria,

⁶⁰ A grafia correta é Telles com dois “Ls”. Essa incorreção no nome dos atletas será verificada ao longo de toda metade do século XX.

algumas adjetivações encontravam-se presentes – outro fato pouco comum. Sobre a participação do atletismo brasileiro, definia-se como “verdadeiramente espetacular”.

O feito de Adhemar era descrito como “extraordinário”, um “magnífico resultado” e digno de aplausos da plateia no estádio. Os gritos de “Da Silva, Da Silva” entoados pela audiência foram, nas palavras do jornalista⁶¹, “a maior aclamação que, em minha longa vida, vi tributar-se a um atleta”. O acionamento da memória efetua-se por meio das reminiscências de outros atletas que conseguiram bons desempenhos para o Brasil em Olimpíadas passadas, mas que não subiram ao pódio. Um ponto reiterado inúmeras vezes pelo *JB* é o fato de os brasileiros estarem em disputa com “os maiores e melhores atletas do mundo”. Havia, nessa afirmação, certa dose do “complexo de vira-latas” diagnosticado por Nelson Rodrigues como inerente a nossa psique⁶². O mantra é repetido sempre que os brasileiros ganham ou perdem como uma forma de ampliar o feito ou minimizar a derrota.

Ainda no dia 06, a descrição da participação brasileira realçava os desempenhos individuais masculinos e femininos no atletismo: “Tudo isso é prova incontestada do alto valor da representação do atletismo brasileiro nas Olimpíadas de Helsinque”. O orgulho e a emoção que esses feitos proporcionaram aos “patrícios” dos atletas eram mencionados ao longo do texto. Reitero que o bronze de Okamoto na natação até aqui continuava esquecido.

No dia 07 de agosto, sublinhava-se a eliminação da equipe olímpica de futebol. Julgava-se a derrota muito mais por conta de adversidades, “coisas do foot-ball”, do que por demérito de “nossos rapazes”. Os brasileiros eram favoritos e pareciam superar os alemães no quesito habilidade, mas perderam no preparo físico, como fica evidente no excerto: “Os brasileiros pisaram o gramado com as honras de favorito, não obstante o quadro alemão ser visivelmente de superior constituição física”.

No dia 08 de agosto, já não há mais matérias na coluna especial “As Olimpíadas de Helsinki”. Entretanto, percebendo a ausência de menções a Okamoto, decidi realizar uma busca nominal, recurso disponibilizado pelo site da *Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional*. Desse modo, descobri uma matéria falando especificamente da natação brasileira e seu desempenho nos Jogos. No dia 14 de agosto, a matéria sublinhava “Brilhou a natação

⁶¹ As matérias não eram assinadas, logo não posso precisar quem seria seu autor.

⁶² Rodrigues cunhou essa expressão em crônica homônima (“Complexo de vira-latas”), publicada pela *Manchete Esportiva* antes da Copa de 1958. Em suas palavras: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo”. O brasileiro gostaria de ser “levado a sério” pelas outras potências mundiais, mas tropeçava em seus fracassos e na baixa autoestima, como na Copa de 1950.

brasileira nas Olimpíadas”. No corpo do texto havia um enfoque no patriotismo e uma ampliação dos feitos de Okamoto:

[...] também a natação brasileira teve seu quinhão de glórias ao ver tremular, em mastro olímpico, o pavilhão de nossa querida Pátria assinalando o 3º lugar na prova final de 1500 metros, alcançado em sensacional chegada pelo *nosso patrício* Okamoto em competição com os *maiores e mais afamados* nadadores do mundo inteiro (*JB*, 14/08, grifos meus).

A baixa estima que relacionei acima ao complexo de vira-latas mostrava-se mais uma vez no discurso jornalístico em referência à Okamoto:

É preciso que todos não se esqueçam de que os concorrentes representam o que há de melhor em todo o mundo e *nós não devemos ter a pretensão de sermos os melhores de todos eles*. É bom que se acentue a vantagem que representa, sob o ponto de vista técnico e esportivo, uma boa colocação, modesta que seja, na frente de qualquer concorrente (*JB*, 14/08, grifos meus).

Cabe aqui uma relativização em relação a essa baixa estima do esporte brasileiro que o jornalismo parecia estimular. Ora, interpretando com lentes hodiernas, é claro que temos pretensões grandiosas para a participação brasileira – somos a sexta economia do mundo, investimos somas crescentes nos esportes olímpicos e possuímos cada vez mais “voz” em assuntos globais. Naquela época, porém, a realidade era adversa e o Brasil não gozava de grande prestígio no cenário político-econômico internacional. No campo esportivo, havíamos acabado de ser derrotados pelo Uruguai na Copa de 1950.

A própria lógica temporal comum ao espírito da época era outra. Por exemplo, o *JB* noticia que apenas em 09 de setembro regressaram de navio Célio de Barros e Castelo Branco, dirigentes da CBD. Isso me leva a pensar na materialidade do suporte de pesquisa. Caso realizasse a mesma investigação por meio das máquinas de microfilme disponibilizadas na Biblioteca Nacional, não seria capaz de buscar as notícias por meio de palavras-chave dentro de um intervalo temporal, mecanismo exclusivo da Hemeroteca Digital.

C) Conclusões

O desempenho dos atletas brasileiros recebeu pouca atenção ao longo da cobertura do *JB*, misturando-se e perdendo-se nas tabelas com os resultados gerais. O relato é objetivo e majoritariamente imparcial, pois, como já disse, grande parte das informações provinham de agências de notícias, o que permaneceu sendo parte do *modus operandi* do *JB* ao longo de outras edições dos Jogos. As colunas especiais relatavam com um pouco mais de

profundidade e parcialidade a participação brasileira. De todo modo, um fato desperta atenção. Os atletas brasileiros são repetidas vezes alcunhados de “nossos patrícios” pelo *JB*. Essa construção sinaliza para um sentimento de identificação com os atletas e reforça os laços nacionais.

Concluo, assim, que foi possível identificar uma construção heroica em torno apenas de Adhemar, ainda que bem modesta em termos narrativos se comparada ao espaço dedicado atualmente aos ídolos do esporte. No entanto, o mesmo não pode ser dito em relação aos outros atletas medalhistas e não-medalhistas, que são por vezes simplesmente esquecidos (como vimos no caso de Okamoto). Quando são lembrados, lhes são atribuídas qualidades e ressaltadas a importância do treinamento, aliado à técnica e habilidade, sem, contudo, alçá-los a um posto heroico. Caso tivesse de mencionar um eixo central para leitura das narrativas sobre Helsinque diria que é o reforço do nacionalismo e dos feitos brasileiros diante da elite do esporte mundial. O triunfo do atleta é uma conquista da nação e, a meu ver, reside nessa repartição dos louros a principal etapa heroica em destaque.

6.2 As Olimpíadas de Melbourne 1956

6.2.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

Os XVI Jogos Olímpicos da Era Moderna foram realizados na cidade de Melbourne entre os dias 22 de novembro e 08 de dezembro. Setenta e dois países estavam representados nos Jogos, em um total de 3.314 atletas (2.938 homens e 376 mulheres). O Brasil levou à Austrália uma quantidade menor de atletas que à Finlândia. Foram 48 esportistas, sendo 47 homens (97,9% do total) e apenas uma mulher (2,1%). O número de esportes permaneceu em 17, mas o número de eventos diminuiu para 145⁶³. Contamos com representantes brasileiros em 12 esportes: atletismo, basquete, boxe, ciclismo pista, hipismo saltos, levantamento de peso, natação, pentatlo moderno, remo, saltos ornamentais, tiro esportivo e vela.

Os Jogos de Melbourne (Austrália), que ficaram conhecidos como os Jogos da Amizade, foram os primeiros realizados fora do eixo Europa-EUA. A distância, entretanto, foi

⁶³ Fonte: Site oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/melbourne-1956>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

prejudicial à América Latina e à África devido ao alto custo de deslocamento das delegações. Com isso, apesar do aumento no número de nações participantes (69 para 71), o número de atletas decaiu em 33,12% em relação à Helsinque (de 4955 para 3314). Os confrontos no campo político entre a China Comunista e a China Nacionalista (ou Formosa ou Taiwan) culminaram com a ausência da nação comunista das Olimpíadas de 1956. Essa situação de impasse e não-participação perduraria até 1984, quando a China Comunista finalmente voltou a participar das competições olímpicas. A crise no canal de Suez, entre Egito e Israel (com apoio de França e Reino Unido), iniciada em outubro de 1956, fez com que o país africano se retirasse das Olimpíadas como forma de protesto,

No Leste Europeu, a Hungria era invadida pela União Soviética, devido à insurgência conhecida como Revolução Húngara. Os atletas húngaros não participaram diretamente dos movimentos de resistência à invasão, pois já haviam embarcado para Melbourne. Contudo, se manifestaram de outras formas: cantando o hino da Hungria pré-comunista, deixando o mastro da vila olímpica sem bandeira nacional e lutando por cada medalha em disputa contra a URSS (CARDOSO, 2000, p. 224-225). No *JB* do dia 07 de dezembro, foi dito que os atletas húngaros “continuam conduzindo o emblema da Hungria livre, mas, caso seja necessário, poderão retirá-la facilmente” (1º caderno, p. 10). Durante a cerimônia de abertura, quando as nações participantes desfilam, diz-se que a delegação húngara foi muito aplaudida pelos presentes ao estádio, em virtude do conflito impetrado contra o jugo soviético (23/11/1956, 1º caderno, p. 13). Em solidariedade à Hungria, Espanha e Holanda não participaram dos Jogos.

Diante dessas celeumas políticos o então presidente do COI, Avery Brundage, tentando dissociar a esfera política do campo esportivo, foi instado a reforçar em seus discursos o caráter individualista dos Jogos: “Eu não permitirei que nenhum governo do mundo use os Jogos para propósitos políticos. Os jogos são uma competição entre indivíduos – e não entre nações” (LANCELLOTTI, 1996, p. 287). Impossível não percebermos uma possível falha nessa assertiva: ainda que as disputas se deem entre homens ou mulheres solitariamente ou em equipes, estes o fazem sob o signo de suas respectivas nações.

Uma importante explicação se faz necessária. A Austrália estava em uma quarentena semestral que impedia a entrada de cavalos em seu território, como modo de prevenir que seus pastos fossem tomados pela febre equina (doença que se espalhava pelo mundo). Nessa edição, as provas de hipismo (ainda chamadas de Equitação) foram então disputadas em Estocolmo (Suécia) em outra época do ano: de 10 a 17 de junho. Não analisei as matérias desse período, pois o Brasil não conquistou nenhuma medalha nessas provas.

No plano interno brasileiro, Juscelino Kubitschek, cujo vice era João Goulart, assumia a presidência em 1955, tendo diante de si um quadro político parecido ao que Getúlio enfrentava antes de seu suicídio. Os militares, em suas diferentes correntes ideológicas internas, representavam uma constante ameaça ao regime democrático. Era necessário que JK mantivesse todos os lados satisfeitos para garantir sua governabilidade. Por exemplo, ao mesmo tempo em que permitiu a entrada do capital privada na economia, JK não abandonou por completo o intervencionismo estatal. Seu principal programa, o Plano de Metas, conhecido por “50 anos em 5”, estimulou a indústria nacional e transferiu a capital federal do Rio de Janeiro para Brasília. Os avanços econômicos e sociais permitiram que JK governasse até o final do seu mandato, em 1961, com relativa tranquilidade de ação (cf. DEL PRIORE, VENANCIO, 2012, p. 267-269).

A única medalha brasileira nesses Jogos foi obtida por Adhemar Ferreira da Silva. O atleta do salto triplo se sagrou o primeiro (e até agora único) brasileiro a conquistar o ouro olímpico em duas edições seguidas da competição. José Telles da Conceição terminou em sexto lugar nos 200 metros rasos. Éder Joffre ficaria apenas em quinto lugar no boxe⁶⁴, apesar de todo seu histórico posterior no boxe profissional, que o levaria a ser considerado um dos grandes nomes desse esporte.

6.2.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O esporte, assim como em Helsinque, ainda não era um tema tão relevante nas capas do *JB*. Em nenhum dos dias investigados, foi encontrada sequer uma chamada na capa que se relacionasse ao esporte⁶⁵ (entendido aqui de maneira ampla, e não somente em referência aos Jogos Olímpicos). As matérias continuavam sendo fornecidas, em sua extensa maioria, pelas agências de notícias, principalmente a *United Press* (U.P.). No dia 21 de novembro,

⁶⁴ O quinto lugar de Eder Joffre, todavia, simplesmente não foi noticiado pelo *JB*. Fiz uma pesquisa por várias palavras-chave (Joffre, Joffre, Eder Jofre, Eder Joffre, peso galo) para me certificar de que não estava deixando passar alguma menção ao seu nome e a seu desempenho nos Jogos. Nada encontrei, mesmo após essa verificação.

⁶⁵ No dia 24 de novembro, não havia sequer notícias na página de Esportes sobre as Olimpíadas (nem em nenhuma outra parte do jornal). Ao não encontrar nada, decidi pesquisar por “Olimpíada” e “Melbourne” e não foi encontrada nenhuma dessas duas entradas na edição desse dia.

juntamente com o relato da cerimônia de abertura, fez-se menção ao “serviço telegráfico” do *JB*, ressaltando que era ele que tornava possível a publicação das informações sobre o evento.

O número de páginas sobre esportes no *JB* mantinha-se semelhante a 1952, isto é, compunha-se de uma página diária e duas páginas aos domingos (lembrando que a edição de domingo e segunda-feira era conjunta). Os Jogos disputavam a atenção do jornal com o Campeonato Brasileiro de futebol, iniciado em 19 de novembro daquele ano, e com o turfe, que continuava ocupando considerável espaço⁶⁶. Não havia ainda um caderno de Esportes, por isso a página de Esporte pertencia ao Primeiro Caderno do jornal.

B) Os atletas e outros temas

Apesar de o corpus ter início no dia 19 de novembro de 1956, apenas no dia posterior é que estreia a coluna “As Olimpíadas de Melbourne” (muitas vezes chamada de “Jogos Olímpicos da Austrália”). A fórmula de apresentação da coluna sobre os Jogos Olímpicos era simples: um ou dois parágrafos introduzindo os destaques e logo em seguida começavam as notas das agências, assim anunciadas: “Eis o nosso serviço telegráfico sobre os Jogos Olímpicos de Melbourne”. As notícias dessa seção são denominadas de “notas” pelo *JB*. No título, eles elencam os principais destaques do dia e ao final escrevem: “Outras notas” (08/11, 1º caderno, p. 11).

No dia 20, a coluna destacava as eliminatórias do basquete, onde o Brasil enfrentaria o Chile no primeiro jogo. O fato de a delegação brasileira ser maior que a chilena foi mencionada no subtítulo da matéria. No corpo da matéria, essa superioridade numérica era estendida, pontuando-se que a delegação brasileira (atletas e dirigentes inclusos) era a maior da América Latina. A narrativa, do texto enviado pela agência *United Press* (U.P.), enfatizava a inferioridade dos atletas latinos diante de norte-americanos e soviéticos, no entanto, ressaltava a presença de alguns valores individuais que poderiam subir ao pódio: “Do ponto de vista individual, os latino-americanos se orgulham de apresentar às Olimpíadas valores que têm méritos e possibilidades de obter posições honrosas” (20/11, 1º caderno, p. 14). Enumeravam-se, em seguida, as chances latinas em vários esportes, com destaque especial para Adhemar Ferreira da Silva, que “encabeça a lista de esperanças latino-americanas nas competições de atletismo” (20/11, 1º caderno, p. 14). Quase diariamente os atletas mais célebres da América Latina recebiam atenção diferenciada do periódico. Na edição de 30 de

⁶⁶ O turfe continuou ocupando grande destaque até as Olimpíadas de 1996, ainda que o espaço dedicado a ele tenha sofrido variações nesse ínterim.

novembro, há uma pequena matéria chamada: “Breves olímpicas latino-americanas” (1º caderno, p. 12). Observo aqui como nosso processo de construção identitária perpassava o diálogo com norte-americanos, soviéticos e latinos⁶⁷.

No ciclismo, relatavam-se as conversas entre os atletas latino-americanos para atuar em bloco nas competições, ajudando-se uns aos outros, como já faziam os europeus (20/11, 1º caderno, p. 14). Essa consciência latina, entendida frequentemente em contraponto às grandes potências, é um elemento importante na análise discursiva e continuará se fazendo presente nas décadas seguintes. Novamente, no dia 22 de novembro, em matéria, cujo subtítulo era “As possibilidades dos latino-americanos”, discorria-se sobre a necessidade de superação dos atletas para superar a desconfiança e o desdém demonstrados pelos outros países: “As Olimpíadas de Melbourne serão uma boa prova para medir os progressos do desporto latino-americano” (1º caderno, p. 13).

Uma pequena nota da *United Press*, datada de 18 de novembro, informava que toda delegação brasileira, no total de 63 membros (atletas e dirigentes), chegou “bem de saúde e satisfeita” à Melbourne (1º caderno, p. 14). O interessante nessa construção está na chegada em conjunto da delegação, o que atualmente não é mais verificado, pois a delegação de cada esporte envia seus atletas em diferentes momentos de acordo com calendários próprios. Além disso, compreendiam-se os atletas e dirigentes como um todo representante do Brasil. Daí, serem tomados em sua coletividade, e não por particularidades. Posteriormente, a presença de elevado número de dirigentes na delegação seria motivo de críticas severas.

O ideal olímpico era tratado com deferência e, por isso, constantemente mencionado nos jornais dessa década. Como exemplo, cito o excerto:

Todo o mundo esportivo está com suas vistas voltadas para as Olimpíadas de Melbourne. Essa *magna competição* esportiva que reúne as mais destacadas figuras do *esporte amador* em todo o mundo, pelo seu alto objetivo de verdadeira confraternização universal empolga de veras (sic) não somente a mocidade esportiva de todas as nações mas igualmente a multidão daqueles que não pisam a arena para competir e a aplaudem calorosamente, *porque sentem e exaltam o ideal olímpico* (22/11, 1º caderno, p. 13, grifos meus).

Apesar desse apreço pelos ideais olímpicos, é justamente em 1956 que tem início a abertura para o amadorismo. Para tanto, é feita uma modificação no juramento olímpico. O atleta não mais precisaria se manter amador após os Jogos, uma vez que teria “liberdade de

⁶⁷ Sobre esse processo de definição da identidade por meio das alteridades, reler o tópico 2.1 dessa dissertação.

passar para o profissionalismo”. Deveria, entretanto, ser amador apenas “no momento de tomar parte da competição” (22/11, 1º caderno, p. 13).

O jornalismo enquanto serviço de utilidade público é outro ponto que merece atenção na página de esportes em 1956. Diante da carência de cartas de seus familiares, os atletas latino-americanos faziam uso da imprensa para comunicar seu estado de solidão. Assim, o *JB* publicava: “Os atletas latino-americanos às Olimpíadas estão reclamando notícias de seus parentes. Pediram à United Press que científicasse disto em seus países. A correspondência pode ser dirigida para a Vila Olímpica, especificando o nome do país ao qual pertence o atleta” (23/11, 1º caderno, p. 13).

Na edição conjunta dos dias 25 e 26 de novembro, a análise da vitória brasileira sobre a equipe australiana no basquete era sucinta, porém ressaltava-se o segundo triunfo consecutivo da “briosa” equipe nacional (1º caderno, p. 10). De resto, como de praxe, o *JB* apenas apontava os vencedores de cada prova disputada nos dias anteriores. As classificações dos atletas brasileiros se misturavam ao relato dos demais resultados. Faz-se necessário um olhar atento para distinguir onde está o resultado, por exemplo, do Brasil no *iatching* (iatismo)⁶⁸ classe *Star* (30/11, 1º caderno, p. 12).

Figura 3: A manchete sobre o iatismo brasileiro aparece “escondida” entre outros resultados.



⁶⁸ Os termos *yatching*, *iatching* e iatismo eram utilizados para se referir ao mesmo esporte. Atualmente, só a última expressão sobreviveu.

No dia 27 de novembro, a participação de Adhemar Ferreira dos Santos no salto triplo começava a sobressair. Além de estar referenciado no subtítulo, Adhemar, por ser um atleta renomado e esperança de medalha, recebia maior espaço em suas notícias (número de linhas destinadas a falar sobre ele). Apesar disso, nesse dia, o grande destaque era o jogo de basquete entre Brasil e Rússia, que estampava a parte superior da página.

No dia 28 de novembro, as esperanças depositadas em Adhemar foram correspondidas com o ouro na prova de salto triplo. Seu feito ilustra o topo da página e a coluna sobre os Jogos de Melbourne.

Figura 4: A vitória de Adhemar é destaque na página de Esportes do dia 28 de novembro.



Adhemar Ferreira da Silva possuía os ingredientes que tornavam o seu desempenho verdadeiramente heroico. A ênfase discursiva conferida a sua superioridade atlética encontra suporte na assertiva de Katia Rubio (2001, p. 177): “Onde o herói comum teria um teste diante de si, o eleito não encontra nenhum empecilho e não comete erros”. Observo na narrativa jornalística sobre as marcas indicativas do cumprimento de algumas etapas do que conhecemos como a saga do herói clássico. No trecho abaixo, podemos notar a superação de adversidades, a repartição do feito com seus semelhantes e a incontestável qualidade do atleta:

Inegavelmente, *sentem-se jubilosos os brasileiros* com o feito do *magnífico saltador* Adhemar Ferreira da Silva [...] é preciso reconhecer o mérito desse excelente atleta que, *a despeito das dificuldades naturais* da falta de aclimação superou o que de melhor há no mundo em matéria de salto-tríplice, não por um resultado esporádico, mas por um uma série de atuações que atestam a *sua nítida superioridade* (1º caderno, p. 14, grifos meus).

A religiosidade era, e continua sendo até Sydney-2000, um elemento perene nos agradecimentos pós-vitória. Nas declarações colhidas pela U.P., Adhemar não esquecia de agradecer pelo auxílio sobrenatural (também parte do monomito do herói universal de Campbell): “Não fiquei nervoso, nem antes nem depois da prova [...] Acredito que Deus me ajudou a vencer novamente” (1º caderno, p. 14, grifos meus)

Nos dias subsequentes à conquista, até o final dos Jogos, Adhemar fora transformado na grande figura do jornal, sendo retratado em textos e imagens. Isso justificava e consolidava seu status de herói olímpico brasileiro. Quando da chegada do atleta à Belém, por exemplo, foram prestadas muitas homenagens pela população local, o que podia ser lido no título da notícia proveniente da agência *Asapress*: “Grandes Homenagens a Ademar Ferreira da Silva no Pará” (01/12, 1º caderno, p. 11). A notícia descrevia o júbilo dos paraenses por receber Adhemar, cuja conquista era interpretada como uma proeza brasileira:

O campeoníssimo nacional Ademar Ferreira da Silva, durante a sua passagem por esta Capital. Integrando a equipe brasileira que vem participando das Olimpíadas de Melbourne será homenageado pelo público paraense [...] Está sendo organizada uma grande caravana para recepcionar, no Aeroporto de Val de Cans, o bicampeão olímpico que será conduzido em triunfo até o centro desta Capital, onde serão tributadas várias homenagens ao homem que elevou o renome esportivo do Brasil em tão difícil competição (01/12, 1º caderno, p. 11)

A festa de recepção para a chegada de Adhemar ao Pará continuou aparecendo em destaque no jornal ainda na edição dos dias 02 e 03. Dessa vez, a matéria diz o seguinte:

Repercute ainda nesta capital a sensacional façanha de Ademar Ferreira da Silva, levantando pela segunda vez consecutiva a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Melbourne, *elevando assim cada vez mais alto o renome esportivo do Brasil no cenário esportivo mundial* (1º caderno, p. 12, grifos meus).

Os feitos do atleta reverberavam mais do que sua história de vida. O atleta era visto muito mais como um exemplar ilustre do povo brasileiro do que como uma pessoa dotada de características particulares e, provavelmente, uma história de treino, superação e dedicação ao esporte.

Não sei até que ponto as declarações elogiosas de governantes brasileiros em relação a Adhemar Ferreira da Silva, publicadas em algumas matérias do *JB*, eram ingênuas ou dotadas de interesses políticos mascarados nas palavras de afago ao ego do atleta. No dia 05 de dezembro, por exemplo, lia-se a notícia “Do governador Lupion a Adhemar Ferreira da Silva”, que reproduzia os cumprimentos do governo (e do governador) do Paraná ao atleta. A carta enviada fora transcrita em partes pelo jornal (os erros no texto foram mantidos): “O Governo do Paraná acompanhando com interesse desenvolvimento provas mundiais esporte expressa com a melhor alegria diante magnífico resultado sua performance na difícil prova salto tríplice, atingindo novamente recorde olímpico. (a) Moyses Lupion” (1º caderno, p. 12).

A seleção brasileira de basquete continuava ocupando uma posição destacada nas narrativas, tendo seu desempenho acompanhado de perto em Melbourne, embora tenha terminado apenas na sexta colocação geral. No dia 30 de novembro, por exemplo, em que fora relatada mais uma derrota, dessa vez diante da Bulgária, havia uma pequena descrição da partida e um peculiar resumo estatístico da atuação de cada jogador das duas seleções, o qual reproduzo abaixo (1º caderno, p. 12). Interessante notarmos como as formas de relato jornalístico se alteraram sensivelmente no decurso de meio século. Atualmente, esse padrão de descrição não é mais empregado.

Figura 5: Descrição do desempenho individual dos cestobolistas⁶⁹ brasileiros. A equipe da Bulgária também ganhou essa pormenorizada estatística, mas não a reproduzi acima.

MELBOURNE, Austrália, 29 — (U. P.) — Detalhes do match Brasil x Bulgária no torneio olímpico de basket-ball:	
Brasil:	
Zeny Azevedo,	5 cestas, 7 tiros livres, 5 fouls;
Wlamir,	3 cestas, 0 tiros livres, 0 fouls
Marques Lisboa,	1 cesta, 0 tiros livres, 0 foul
Angelin,	6 cestas, 7 tiros livres, 2 fouls
Cedeão,	0 cesta, 1 tiro livre, 3 fouls
Olivieri,	1 cesta, 3 tiros livres, 5 fouls
Facci,	0 cesta, 3 tiros livres, 3 fouls
Edson Santos,	2 cestas, 1 tiro livre, 4 fouls
Fausto Sucena,	0 cesta, 2 tiros livres, 5 fouls.
Amaury,	1 cesta, 1 tiro livre, 5 fouls
Totals:	24 cestas, 25 tiros livres 38 fouls.

Outro método usado para a descrição da partida era a contagem ponto a ponto, como a que aparece na matéria “Vitória firme do ‘five’ brasileiro” (01/12, 1º caderno, p. 10). Para os leitores atuais, acostumados com um texto quase literário sobre as partidas, esse método seria julgado como monótono e desnecessário:

⁶⁹ Os jogadores de basquete eram denominados de cestobolistas, palavra que com certeza se perdeu com o tempo, uma vez que a vemos mais ser empregada.

Figura 6: Descrição do jogo Brasil e Chile. Detalhe para o método como a partida é descrita: ponto a ponto.

do pelos brasileiros por 89 a 64.	
1º tempo: Brasil — 2 0, 4 0, 6 0,	
7 0, 7 1, 7 2, 9 2, 9 3, 10 3, 11 3,	
12 3, 12 5, 12 7, 14 7, 16 7, 16 9,	
18 9, 19 9, 20 9, 21 9, 23 9, 25 9,	
25 11, 25 13, 27 13, 29 13, 31 13,	
33 13, 33 14, 35 14, 37 15, 38 15,	
38 16, 39 16, 41 16, 41 18, 41 19,	
41 20, 41 22, 41 24, 43 24, 43 26,	
45 26, 45 27, 47 27, 49 27, 49 28,	
49 29, 49 31, 49 33, 50 33, 51 33,	
53 33, 55 33.	
2º tempo: Brasil — 57 33, 57 33,	
57 37, 57 38, 58 38, 60 38	
60 40, 62 40, 62 42, 64 42, 64 43,	
66 43, 67 43, 68 43, 68 45, 70 43,	
70 47, 70 49, 71 49, 73 49, 73 51,	
73 53, 75 53, 76 53, 76 55, 76 57,	
77 57, 77 59, 78 59, 79 59, 81 59,	
82 59, 83 59, 83 60, 83 61, 84 61,	
85 61, 85 62, 85 63, 87 63, 88 63,	
89 64.	
Melbourne, Australia, 30 (U.P.)	
— Os Estados Unidos derrotaram	
o Urugual por 101 a 38 no Tor-	
neio Olimpico de Basket-ball,	
classificando-se para as finais.	

O sentimento de pertença nacional não aparecia apenas nos apupos pela vitória de Adhemar. O jornal aparentava tentar conectar o leitor brasileiro aos atletas que disputavam os Jogos em Melbourne. Na desclassificação nos 4x100m, a equipe fora nomeada de “a turma brasileira” (02 e 03/12, 1º caderno, p. 12). Esse tipo de expressão, com pequenas variações e frequência, continuaria sendo verificado até a edição do ano 2000 dos Jogos.

No dia 04 de dezembro, mais uma vez os países latinos tiveram seu desempenho avaliado em conjunto pelo jornal. Cito: “Coletivamente, os países sul-americanos não se colocaram bem na contagem de pontos nas Olimpíadas de Melbourne” (1º caderno, p. 13). A identidade latina se manifestava ainda nas palavras de um ciclista mexicano:

[...] hoje é um dia de luto *para nós latino-americanos*. Não é possível tamanho fracasso em conjunto [...] O que houve? Não sei. Lutamos, não nos entregamos e entretanto perdemos. Sinceramente é preciso que nossos delegados estudem a fundo os nossos casos. Temos muitas vezes tempo superiores aos nossos adversários e entretanto lutamos sem complexos e perdemos. O que há conosco (latino-americanos)? (1º caderno, p. 13, grifos meus).

Há nessa frase uma grande mistura de sentimentos contraditórios. Ao passo em que teríamos capacidade para vencer qualquer oponente, algo que poderíamos chamar de inferioridade intrínseca ou vira-latismo, pegando emprestada novamente a expressão de Nelson Rodrigues, impediriam os atletas latinos de triunfar. O ciclista acima sequer teve seu nome revelado e não deve ser tomado como regra para todos os atletas latino-americanos, porém, sua opinião nos revela um importante ponto para o debate.

No dia 11 de dezembro, os vestígios na página de Esportes sobre a realização dos Jogos desaparecem juntamente com a seção “As Olimpíadas de Melbourne”.

C) Conclusões

Alguns pontos gerais podem ser destacados após o relato feito acima. Os atletas brasileiros que participavam timidamente das competições, não figurando no pódio ou, pelo menos, em uma boa posição, eram noticiados juntamente com informações de outros esportes e atletas estrangeiros das Olimpíadas. Suas descrições, assim, eram encobertas pelo emaranhado de outros dados (como foi mostrado na fig. 3). Sobre os derrotados pouco se era dito. Em relação ao uso da língua vernáculo no jornalismo, percebe-se a utilização de uma miríade de adjetivos na descrição dos feitos de um atleta, tais como magnífico, esplendido, fenomenal, dentre outros. Ainda hoje se recorrem aos adjetivos elogiosos no jornalismo esportivo, mas a redação é dotada de um tom mais comedido. A nomenclatura de esporte “para damas” permanecia sendo comum, ao contrário dos termos “esporte feminino” ou “esporte de mulheres” que não eram ainda empregados.

Por último, destaco que as principais chaves de leitura para entendermos a narrativa sobre os Jogos de Melbourne assemelham-se àquelas utilizadas alhures sobre Helsinque. O sentimento nacional continua muito forte no discurso jornalístico, bem como o sentimento de latino-americanidade.

6.3 As Olimpíadas de Roma 1960

6.3.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

Em Roma, entre os dias 25 de agosto e 11 de setembro, as XVII Olimpíadas da Era Moderna eram realizadas em Roma. Oitenta e três países estavam representados nos Jogos em um total de 5.338 atletas (4.727 homens e 611 mulheres). O Brasil levou à Itália uma quantidade maior de atletas que à Austrália. Foram 81 esportistas, sendo 80 homens (98,77% do total) e apenas uma mulher (1,23%). A desigualdade entre os sexos manteve-se, assim, inalterada desde Helsinque-1952. O número de modalidades esportivas permaneceu em 17, mas o total de eventos aumentou para 150. Estávamos representados em 14 esportes:

atletismo, basquete, boxe, ciclismo pista, futebol, hipismo saltos, levantamento de peso, natação, pentatlo moderno, polo aquático, remo, saltos ornamentais, tiro esportivo e vela.

Nessa edição dos Jogos, os vultosos investimentos do governo italiano no alojamento dos atletas e a transmissão televisiva para mais de um centena de países começavam a transformar as Olimpíadas em um verdadeiro megaevento. Pela primeira vez, o direito de transmissão dos Jogos era vendido a uma cadeia de televisão pela módica quantia de 50 mil dólares (CARDOSO, 2000, p. 243). Outro fato inédito foi a transmissão de alguns eventos esportivos em cores e por satélite (LANCELLOTTI, 1996, p. 321). Outros aspectos positivos dos Jogos foram: a) a união esportiva entre a Alemanha Oriental e a Ocidental, que, mesmo divididas geopoliticamente, disputaram os Jogos sob o mesmo hino e a mesma bandeira; b) os primeiros atletas negros do continente africano subiam ao pódio; c) a Igreja Católica, na figura do Papa, abençoou os atletas e os dirigentes dos Jogos de Roma, rompendo com a anterior censura que fazia à competição. Por outro lado, o *doping*, que era para o COI uma preocupação menor do que a profissionalização dos atletas, fez mais uma vítima. Knud Jensen, ciclista dinamarquês, foi o segundo atleta morto por competir dopado. A China Comunista se desfilou definitivamente do COI e não participou mais uma vez dos Jogos, em represália a presença da China Nacionalista (ou Taiwan ou Formosa). Os atletas desta última, por sua vez, desfilarão na abertura dos Jogos com um cartaz escrito *Under Protest*, em manifestação contra o nome Formosa (Taiwan) imposto pelo COI ao país.

No plano político internacional, o principal destaque foi a Revolução Cubana ocorrida em 1959, quando Fidel Castro e Che Guevara, os principais líderes do Movimento 8 de julho, conseguiram depor o ditador Fulgêncio Batista, instaurando, com o apoio da URSS, um governo comunista no país. Esse apoio em 1961, após a invasão da Baía de Porcos, acirrou as disputas entre norte-americanos e soviéticos, culminando na Crise dos Mísseis de outubro de 1962. A corrida espacial acirrava ainda mais a rivalidade entre as duas superpotências. Os soviéticos saíram na frente com o *Sputnik I* lançado em 1957. No ano seguinte, foi a vez dos norte-americanos lançarem o *Explorer I* ao espaço (cf. CARDOSO, 2000, p. 257).

No Brasil, a capital era finalmente transferida para Brasília em 1960. JK cedia lugar a Jânio Quadros na presidência da República. A eleição de Jânio, um udenista populista, foi conquistada com amplo apoio popular, obtendo um percentual de votos 50% maior que seu concorrente direto, o general Lott, candidato da aliança PTB-PSD (este último, o partido de JK). Jânio foi um candidato peculiar ao conseguir reunir em prol de sua eleição interesses não congruentes – um partido tradicionalmente de direita (UDN) e os anseios das massas. No governo, concilia uma política econômica séria com atitudes excêntricas como o hipnotismo

em praças públicas e a corrida de cavalos diária. No plano político, sua aproximação com países comunistas e o afastamento em relação aos EUA não é vista de modo favorável nem mesmo pelo partido que o elegeu. Ao renunciar ao governo, em agosto de 1961, Jânio esperava poder retornar ao governo apoiado pelos militares e reverenciado pelo povo. Não foi isso que ocorreu. Ao contrário, a situação permaneceu instável até o Golpe de março de 1964 (cf. DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 269-270).

O esporte brasileiro foi duplamente vitorioso em Roma (1960): Manuel dos Santos conquistou o bronze na natação nos 100m livres (era apenas a segunda vez que um brasileiro conquistava medalha nesse esporte) e a seleção masculina de basquete *idem*. Esta geração do basquete masculino compôs o que é considerada a fase de ouro desse esporte no Brasil. Havíamos ganhado anteriormente o Mundial de 1959 e, em seguida, conquistaríamos o Mundial de 1963 e ainda o bronze em Tóquio-1964. Em 1960, o tênis ainda não fazia parte do programa de esportes olímpicos. Por isso, não vimos competir nessas Olimpíadas Maria Esther Bueno, detentora de 19 títulos em *Grand Slams*, como Wimbledon e US Open. Caso o tênis fizesse parte do programa olímpico, Maria Esther Bueno com certeza figuraria como uma heroína brasileira. Seu nome aparece com frequência em pequenas notas e matérias do *JB* no período investigado.

6.3.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O salto quantitativo no que tange à cobertura esportiva foi sensível⁷⁰. Se em 1952 e 1956, a média era de uma página sobre esporte, em 1960 o número cresce para três páginas. A edição de domingo e segunda-feira ainda era conjunta, ou seja, um jornal para dois dias. O esporte, em especial as Olimpíadas, foi manchete em vários dias que investiguei. A capa, aliás, apresenta um *layout* muito diferente daquele de 1956 e 1952. Os espaços em branco começavam a substituir as linhas-guias como elementos gráficos de separação entre as matérias (ver item 5.3 para entender a reforma gráfica). O tamanho das fontes tipográficas, entretanto, permanece variável entre as matérias de uma mesma página, o que implica uma

⁷⁰ Sublinho que o dia 08 de setembro não foi analisado, pois não havia registros das imagens escaneadas do jornal nem na Hemeroteca Digital nem no acervo digitalizado do *JB* no Google.

dificuldade na leitura. O número de fotos na parte de Esportes aumentou consideravelmente quando comparado a 1956 e, principalmente, a 1952. As páginas de Esporte aparecem divididas entre a última página do 1º caderno e a primeira do 2º caderno. Algumas marcas linguísticas permaneciam, como o emprego de palavras em inglês para designar muitos esportes e a referência ao esporte feminino como “de moças”.

As Olimpíadas têm de dividir espaço com o noticiário sobre o Campeonato Carioca. Entretanto, dessa vez, o *JB* contava com um enviado especial (Carlos Lemos), um correspondente (Luís Edgard de Andrade) e com as colunas de Célio de Barros⁷¹, os quais compartilham a cobertura do evento com as notas das agências, como a AP, UPI e FP. Na coluna “Aconteceu em Roma”, demonstrava-se interesse pelo dia-a-dia dos atletas e pelas curiosidades que aconteciam nos bastidores.

B) Os atletas e outros temas

Nos dias 21 e 22 de agosto, a primeira edição do *corpus*, já apareciam matérias relacionadas aos Jogos. Discorria-se sobre a disputa de medalhas entre EUA e URSS. Havia ainda espaço para comentar a preparação da equipe de polo aquático e de futebol. Esta havia treinado “individual e coletivamente” (1º caderno, p. 12).

Nas pernas e na impulsão de Adhemar Ferreira da Silva mais uma vez estavam depositadas nossas esperanças de triunfo. O atleta, apesar de não estar mais entre os melhores saltadores do mundo, ainda era visto como um potencial concorrente a uma medalha. O mito de Adhemar parecia ser imune ao tempo e as imagens discursivas a ele ajuntadas remetiam às glórias de outrora, como nas linhas seguintes: “Trata-se de um atleta assíduo e ambicioso, que realiza cada gesto com o máximo de concentração [...] Deu gosto vê-lo, como se fora um rapazola de 20 anos estreante em competições de envergadura, ele que é bicampeão olímpico” (23/08, 1º caderno, p. 12). Adhemar foi também o porta-bandeira da delegação brasileira e expressou felicidade em receber essa honraria em sua derradeira olimpíada (24/08, 1º caderno, p. 12). Carregar a bandeira nacional é um posto reservado àqueles que já se consagraram heróis nacionais por seus desempenhos extraordinários. No dia 25 de agosto, Adhemar reconhece a responsabilidade que possui diante da opinião pública e afirma que treina para atender às expectativas (1º caderno, p. 12).

No dia 24 de agosto, temos em destaque o jeito de ser brasileiro que contagiava os demais atletas da Vila Olímpica. A suposta brasilidade dos atletas encontrava expressão nas

⁷¹ Célio de Barros divide suas atenções na coluna entre o Campeonato Carioca de Futebol e os Jogos Olímpicos.

serenatas: “Os brasileiros prosseguem sendo sucesso com as suas serenatas improvisadas, à base de violão, pandeiro e a contagiante marcação do ritmo, que tem atraído os demais habitantes da Vila Olímpica. Adhemar Ferreira da Silva e Rosa Branca (basquete) são os líderes do grupo” (1º caderno, p. 12). O samba também encontrava espaço privilegiado nessas manifestações espontâneas dos atletas: “Ficou bloqueado o trânsito na Vila Olímpica, defronte o edifício onde se hospeda a delegação do Brasil, por causa de um animado samba, executado por uma orquestra improvisada de atletas brasileiros [...] A multidão chegou a fazer coro, em algumas músicas” (02/09, 1º caderno, p. 12). À parte o viés festivo, essas demonstrações públicas de pertencimento nacional ajudavam a sedimentar alguns dos estereótipos de estrangeiros em relação ao Brasil.

O técnico Kanela, do basquete masculino, trata com desdém as equipes portuguesas enfrentadas nos Jogos Luso-Brasileiros. Para ele, o tempo gasto nessa competição seria melhor empregado em jogos-treino contra seleções mais qualificadas (1º caderno, p. 12). O sentimento de menosprezo por outrem ainda não havia verificado por mim em um representante do desporto nacional,

O discurso jornalístico era certamente mais otimista que em 1956. Cito: “Os brasileiros mostram esperança de fazer boa figura no torneio de pugilismo, em especial com seus lutadores pesados, que vêm demonstrando condições técnicas animadoras durante os treinos” (25/08, 1º caderno, p. 12). Parece-me que não se esperava apenas uma participação. Ensejávamos também ganhar medalhas.

A importância da categoria “treinamento” é tal que a coluna de Célio de Barros enfocava especificamente esse ponto. Ele analisava a preparação dos atletas brasileiros em Roma, a partir das notícias que recebe das agências (25/08, 2º caderno, p. 1). No basquete, ressaltava-se igualmente o desempenho nos treinos, o que despertava otimismo, a despeito de uma chave difícil no torneio (25/08, 1º caderno, p. 12).

A abertura das olimpíadas de Roma, pela primeira vez, aparecia na capa do *JB*:

Figura 7: A foto do atleta com a pira olímpica e a bandeira italiana ao fundo figura na capa do dia 26 de agosto.



Na descrição da prova de 200m livres, que Manuel dos Santos participaria, percebe-se uma preocupação em não apenas reportar o fato, mas explicar a *modus operandi* da disputa (como os atletas se classificam, quando são disputadas as séries eliminatórias). Até esse momento, ainda não havia visto esse tipo de construção mais didática, que instrui o público leitor. Além disso, começavam a aparecer matérias que enfocavam o cotidiano na Vila Olímpica, como a que tratava o aumento de peso e os distúrbios estomacais de atletas que estariam comendo excessivamente devido à farta oferta de comida nas refeições (26/08, 1º caderno, p. 12).

No dia 27 de agosto, o sexto lugar no ciclismo, na prova “quilômetro parado”, obtido por Anésio Argenton foi efusivamente comemorado. Apesar de não ganhar medalha, exaltava-se a “destacada atuação” do ciclista e o ponto ganho por ele a ser somado à pontuação do Brasil no ranking das nações⁷². Na edição do dia posterior, a atuação de Anésio é novamente exaltada, dessa vez pelo desempenho na prova de velocidade. Mesmo em condições adversas, já que sua bicicleta era mais pesada que a de seu adversário, ele chegou a estar na frente nas três primeiras centenas de metros (1º caderno, p. 12). A superação dos obstáculos, que é uma das etapas da saga do herói clássico, pode ser apreendida por esse relato.

A vitória sobre a Inglaterra, no futebol, foi interpretada como fruto de algumas atuações individuais destacadas: “Foram as boas jogadas de Vanderlei pela extrema-direita, que com dribles sensacionais, chegou a lembrar Garrincha, e o bom trabalho de Gérson, um jogador realmente esplêndido no meio de campo, que abriram caminho para os gols

⁷² Sobre esse ranking, ver a página 82 dessa dissertação.

brasileiros” (27/08, 1º caderno, p. 12). Esse discurso se coaduna com os discursos comumente produzidos sobre o futebol, que focam mais nas individualidades do que no coletivo.

Manuel dos Santos correspondeu às expectativas, ficando com o bronze nos 100m livres com o tempo de 55 segundos e quatro décimos. Não há adjetivações nem narrativas pormenorizadas sobre o desempenho do atleta, ainda que conste uma foto dele no momento de recebimento das medalhas (28 e 29/08, 1º caderno, p. 12).

No dia 30 de agosto, aparecia uma construção que se repetirá ao longo das narrativas. O nível de desempenho exigido da seleção nacional de futebol era muito superior aquele demandado dos demais esportes. Digo isso, pois mesmo com o resultado positivo de 5 a 0 sobre Formosa, reclama-se que a equipe de futebol não havia jogado bem (28 e 29/08, 1º caderno, p. 12).

Célio de Barros era contrário a uma corrente de opinião que pregava pela não participação brasileira nos Jogos, ao invés de comparecer e não conquistar muitos triunfos. Ao contrário até mesmo de outros colunistas do *JB*, que, a meu ver, poderiam se encaixar na corrente identificada, Célio se resignava aos modestos feitos do Brasil e acreditava em um futuro de mais glórias: “Felizmente, o Brasil tem comparecido a todas as Olimpíadas e sua representação jamais fez figura medíocre, pois sempre deu provas de eficiência neste ou naquele esporte e, o que é mais importante, com índices técnicos mais apurados a cada Olimpíada a que concorre” (30/08, 2º caderno, p. 1).

Não era apenas a televisão que recebia destaque crescente, o rádio também era uma mídia que encontrava espaço no jornal. Nesse caso, por óbvios motivos, uma vez que a rádio em questão era parte do grupo *JB* (31/08, 1º caderno, p. 12).

Figura 8: A programação da Rádio *JB* era anunciada nas páginas de Esporte do jornal.



Diante do início iminente das provas de atletismo, as esperanças recaíam sobre Adhemar Ferreira da Silva, já com 33 anos e bicampeão olímpico, e José Telles da Conceição, ganhador de um bronze em 1952. Havia certa desconfiança mesclada com otimismo em relação a Adhemar. Ressaltava-se também o ritmo intenso de treinos: “Treina dia sim, dia não, como é de seu costume” (31/08, 1º caderno, p. 10). José Telles é tido como o “maior atleta brasileiro de todos os tempos”. Seu desempenho em Olimpíadas apenas não seria melhor por contingências profissionais: “[...] a necessidade de fazer de seu clube o campeão carioca de atletismo o obriga a ganhar quatro ou cinco provas, sem que se especialize em nenhuma” (1º caderno, p. 10). A especialização era uma nova realidade que se estabelecia no atletismo.

A coluna “Aconteceu em Roma”, dentre outras coisas, procurava trazer a opinião de jornalistas e jornais do mundo sobre os atletas brasileiros. Nessa edição, eles apontavam a opinião do diário francês *L'Équipe* sobre a equipe de basquete nacional. Saliento a visão cheia de mitos que permeiam a descrição: “O mesmo *L'Équipe* falando do quadro de basquetebol do Brasil: ‘a alegria delirante dos jogadores de basquete do Brasil, vertiginosos dançarinos da bola, lançadores de um novo carnaval com um ritmo irresistível’” (01/09, 1º caderno, p. 12). As narrativas sobre o basquete até aqui se aproximam muito daquelas sobre o futebol.

No futebol, as características do estilo de jogo latino-americano são colocadas em um patamar superior à escola inglesa e tidas como responsáveis pelo triunfo brasileiro. Cito um trecho emblemático desse discurso:

O futebol amador inglês em as mesmas clássicas e tradicionais características do futebol profissional e pode ser derrota com relativa facilidade pelas equipes sul-americanas, se estas empregarem a *malícia*, a troca de passes rápidos, as tabelinhas e as fintas curtas, como sabem fazer (01/09, 1º caderno, p. 12).

Aqui vemos trabalhados dois importantes pontos. Um é o domínio dos latinos sobre determinadas técnicas do corpo, como o passe e o drible (finta). Esse é um argumento rico em imprecisões e que vem sendo repetido pelo discurso jornalístico, como se não fosse possível que outros países apresentassem algumas características tidas como próprias do futebol brasileiro (no caso acima, latino). Outro ponto é a malícia com que jogaríamos. O que definiria essa categoria de ação? A malícia pode ser encarada como positiva, se nos levar ao gol, ou negativa, caso leve nosso adversário ao tento. Neste caso, a malícia passaria a ser vista como “jogo sujo”. As categorias empregadas nas explicações futebolísticas, em particular, são eivadas de pressupostos de difícil confirmação, mas que acabam ganhando um verniz de

verossimilhança pela repetição contínua e acrítica. A alteridade estabelecida com os ingleses auxiliaria também na delimitação dos limites de nossa própria identidade, enquanto latinos.

A vitória de Reinaldo Conrad, na quarta prova (de um total de sete) de sua categoria no iatismo, tinha como ponto de destaque o brasileiro ter terminado na frente do campeão olímpico dinamarquês Paul Evstroen (02/09, 1º caderno, p. 12). A vitória apertada do basquete brasileiro sobre a Itália é atribuída a um misto de “fibra e técnica”, para além do “excelente material humano”. Há assim uma valorização das conquistas sobre adversários europeus, no primeiro caso, e um misto de preparo físico e qualidade técnica no segundo.

Célio de Barros, em sua coluna no dia 02 de setembro, defendia o envio de mais atletas aos Jogos, ao invés de privilegiar apenas os que obtiveram índice olímpico. Curioso notar que o índice olímpico parecia ser opcional para um atleta estar apto à disputa dos Jogos; hoje o índice é uma obrigatoriedade e um mecanismo para seleção dos melhores de cada país. Célio expõe o benefício central de sua proposta: “É competindo com os melhores que se progride, e os nossos atletas, em sua maioria, ainda precisam caminhar bastante” (2º caderno, p. 1). Esse posicionamento se aproxima ao dos jornalistas que nas próximas edições do Jogos defenderiam uma maior internacionalização dos nossos atletas.

No dia 03 de setembro, uma manchete na capa do *JB* resume as esperanças brasileiras que ainda restavam nos Jogos: “Brasil: só basquete e Ademar”. Da atuação brasileira no basquete, mencionava-se o cansaço físico de nossos atletas e atuação de Vlamir. Outro ponto era a violência de nossos atletas, encoberta por meio da narrativa: “Os poloneses sentiram a diferença física e certa rudeza com que atuaram os brasileiros, que mereceram até admoestações do árbitro Havery (N. Zelândia)” (03/09, 1º caderno, p. 12). A violência no esporte merece ser destacada por ser um ponto recorrente, sendo verificada nas manchetes principalmente sobre o futebol e o basquete desde 1952. Com o tempo, ela foi sendo atenuada pelo que depreendo das narrativas, talvez atendendo a um processo civilizatório dos esportes.

A capa do dia 04 e 05 de setembro (edição conjunta) destacava a ida do basquete brasileiro às finais da competição olímpica: “Brasil foi às finais do basquete”. A vitória sobre os tchecos aparece novamente na edição do dia 06 de setembro. Julgava-se a partida com desdém, como se o resultado tivesse sido obtido com extrema facilidade. Na coluna “Aconteceu em Roma” desse dia, o jogo é assim descrito: “Foi tão fácil a vitória dos brasileiros sobre a Tcheco-Eslováquia – a contagem pode enganar – que nossos jogadores passaram todo o tempo do jogo muito mais preocupados com uma linda mulher sentada na primeira fila do que com qualquer outra coisa” (1º caderno, p. 12).

Mesmo com todo esforço e a confiança nele depositada, Adhemar não é mais o atleta que um dia foi, e seu melhor desempenho não era suficiente diante de seus concorrentes. Ele mantinha suas superstições, mas elas não lhe eram suficientes. O título da matéria antecipa o que será relatado: “Ademar é rei morto no triplo: 14º lugar”. Diante do tom normalmente resignado, esse título pode ser considerado mordaz e pouco grato ao que Adhemar já havia feito pelo Brasil. Talvez isso se deva às elevadas expectativas criadas em torno dele. O trecho abaixo, entretanto, revela a deferência prestada somente àqueles que se aventuram e que ao abandonar a jornada (no caso, se aposentando) o fazem tendo sido um dia os melhores em seus esportes:

Na hora de seu último salto, ontem, no Estádio Olímpico desta Cidade, Ademar beijou a medalha que traz sempre pendurada no pescoço, concentrou-se, correu e fez a sua melhor marca das finais: 15m07cm, o que não serviu para livrá-lo do último lugar [...] Com o estádio em um silêncio absoluto, Ademar voltou até o banco, vestiu o agasalho e caminhou para a saída, quando toda a assistência interrompeu o silêncio, *aclamando o rei vencido numa prolongada saudação*. Ademar agradeceu, despedindo-se com um adeus triste. E saiu. Ninguém podia evitar a emoção, nessa hora. Mas todo mundo já esperava, desde cedo, pelas eliminatórias, não só sua derrota como uma classificação má (07/09, 1º caderno, p. 12, grifos meus)

A identidade latina continuava presente na narrativa do *JB* sobre Jogos de Roma. O desempenho dos países latinos, e não apenas do Brasil, era tomado como parâmetro de avaliação:

A América Latina só tem quatro fatos notáveis nestes jogos: o terceiro lugar do nadador Manuel dos Santos nos 100 metros e a boa carreira do basquetebol, quanto ao Brasil; o quarto lugar do menino cubano Figuerola nos 100 metros rasos, o que o coloca entre os maiores velocistas do mundo, e a medalha de bronze do mexicano Juan Botella nos cravados de trampolim de trampolim de três metros (09/09, 1º caderno, p. 12).

No dia 10 de setembro, depois de seguidas matérias nos dias anteriores que exaltavam o basquete nacional e a facilidade de obtenção dos resultados, a coluna “Aconteceu em Roma” trazia uma abordagem mais pessimista após a derrota para a URSS: “Esta derrota traz outra vez aos dirigentes do Brasil o problema das estruturas de seus jogadores de basquetebol, sob pena de não continuarem a manter a privilegiada posição que ocupam no cenário mundial desse esporte” (1º caderno, p. 12). O técnico brasileiro Kanela atribui a violência dos soviéticos e a omissão dos árbitros a responsabilidade pela derrocada brasileira: “Quando viram que éramos tecnicamente superiores – afirmou Kanela – os soviéticos começam a apelar para a violência, ante a passividade dos juízes, que, com suas marcações absurdas, nos

prejudicaram” (1º caderno, p. 12). Apesar disso, o basquete ainda continua sendo orgulho nacional e motivo de júbilo para os brasileiros, vide o trecho:

O basquete tem sido a única modalidade esportiva a proporcionar seguidas alegrias à delegação brasileiras nas atuais olimpíadas. Com atuações firmes, de técnica apreciável, conseguiu figurar entre as quatro melhores equipes do torneio, tanto que garantiu, pelo menos, a medalha de bronze, justificando o título de campeão do mundo, conquistado no Chile (10/09, 1º caderno, p. 12).

Célio de Barros lamentava os resultados inesperados de José Telles da Conceição e Adhemar Ferreira da Silva, ainda que pondere a subida de nível dos atletas europeus e norte-americanos, o que impôs uma maior concorrência aos esportistas nacionais. Havia, entretanto, uma exaltação ao valor desses dois atletas, principalmente de Adhemar: “Esse fato de forma alguma diminui o seu alto valor, sobejamente demonstrado como extraordinário campeão que é [...] em magníficas exibições pelos mais adiantados centros de atletismo de todo o mundo” (10/09, 2º caderno, p. 1). Ressalto que Célio era um otimista inveterado em relação ao esporte brasileiro.

Na edição dos dias 11 e 12 de setembro, verifica-se um aspecto da compleição física dos atletas nacionais que ainda por muitas vezes seria visto como um defeito à luz do discurso jornalístico: a altura. Na matéria “Brasil derrotado: foi 3º, merecendo o 2º lugar”, a altura superior dos jogadores de basquete norte-americano era considerada uma das causas da derrota brasileira. A altura também já havia sido mencionada como um trunfo dos soviéticos.

Os atletas brasileiros começavam a retornar de Roma. As fotos e suas legendas cumprem um importante papel de memória e de consagração atlética. Na legenda da foto abaixo (11 e 12/09, 1º caderno, p. 12), em que vemos o nadador Manuel dos Santos conversando com João Havela, então dirigente da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), estava registrado: “Conversando com o sr. João Havelange, ontem, no Galeão, o nadador Manuel dos Santos, a melhor figura do Brasil nas Olimpíadas de Roma”. Percebe-se, desse modo, o posto ocupado pelo atleta, apesar das poucas matérias pormenorizadas escritas sobre ele quando de sua conquista.

Figura 9: Foto de Manuel dos Santos em seu regresso ao Rio de Janeiro.



No dia 14 de setembro, houve um “balanço final” dos Jogos e da participação brasileira. O tom era bastante crítico, o que sinalizo como um momento de ruptura, uma vez que nas edições anteriores não foram verificadas críticas à atuação brasileira. Discorria-se, por exemplo, sobre a prepotência com que os pugilistas nacionais chegaram à Roma, os desacertos no futebol, os erros de planejamento no hipismo. A matéria “Das explicações”⁷³ criticava o excesso de dirigentes na delegação brasileira, um ponto que será recorrente nas próximas edições dos Jogos: “Como explicar que a delegação, oficialmente, tivesse um sem número de dirigentes, pois extraordinariamente esse número ainda cresce mais?” (2º caderno, p. 1). A matéria “Do covil dos velhacos” é ainda mais incisiva nas condenações, denunciando supostos malfeitos nos órgãos que deveriam, a princípio, cuidar do esporte nacional: “No Brasil, o esporte ainda está sendo olhado como uma brincadeira ou como uma chave de benefícios pessoais de alguns dirigentes. É preciso acabar com isso. Vamos lutar para isso” (2º caderno, p. 2).

A matéria “Dos Dirigentes relapsos” segue o mesmo tom, realçando o papel dos heróis olímpicos e empregando uma linguagem mais próxima do jornalismo opinativo:

Tirando o futebol e o basquete, esportes de conjunto, os outros campeões, ex e quase, são os Gúlivers no país dos anões. Homens excepcionais, mas normais,

⁷³ Na verdade, a matéria principal, cujo título era “Festa de Roma acabou: uns levam medalhas, outros levam tristeza”, possuía uma série de entretítulos, quais sejam: “Das tristezas”, “De quem perdeu mais”, “Da falta de ouro”, “Das explicações”, “Dos dirigentes relapsos”. Uma observação técnica: “[Entretítulo é] Cada um dos títulos inseridos no meio de um texto extenso [...] A divisão da *matéria* em vários trechos destacados por entretítulos é um recurso gráfico (visual) destinado a tornar o texto mais atraente, menos cansativo e mais fácil de ser ler” (RABAÇA; BARBOSA, 1978, p. 183, grifos dos autores)

parecendo gigantes [...] A primeira e mais importante providência que nos parece sensata é a importação em grande escala e imediatamente – hoje e não amanhã – de técnicos estrangeiros, que poderão nos ensinar a fazer alguma coisa, ainda que seja, pelo menos, a competir e não a assistir de perto como temos feito até agora. Depois virão os campeões pois não é possível que de 65 milhões – ainda que com uma maioria de subnutridos – não saiam campeões (14/09, 2º caderno, p. 1).

C) Conclusões

Há uma maior atenção nas páginas de esporte do *JB* aos atletas nacionais, o que poderia ser resultado tanto da conquista da Copa do Mundo de 1958, após os fracassos em 1950 e 1954, quanto da vitória no Mundial de Basquete em 1959. O fator treino é a principal chave de leitura para entendermos as narrativas sobre Roma-1960. Quando os atletas não estão competindo, as matérias focam basicamente no treinamento e na preparação física deles. O sentimento ufanista ainda estava presente, mas de modo menos explícito e efusivo do que em 1952 e 1956, o que é curioso visto que havíamos sido campeões da Copa do Mundo de 1958. Aliás, ao contrário de 1956, em que verifiquei certa associação de elementos heroicos a Adhemar Ferreira da Silva, não percebi a mesma construção acerca do nadador Manuel dos Santos. Adhemar, apesar de derrotado em Roma, obteve mais atenção do que Manuel. A seleção de basquete também não obteve qualificações heroicas, mas seu desempenho foi exortado. Não houve uma atenção às histórias de vida dos medalhistas, a partir das quais seria mais provável a identificação de aspectos heroificantes. Isso começaria a mudar já em Tóquio-1964, quando os bastidores da Vila Olímpica e as histórias pessoais de atletas ganharam dimensão de fato noticiável, ocupando um lócus privilegiado.

6.4 As Olimpíadas de Tóquio 1964

6.4.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

Tóquio foi a cidade escolhida para sediar a décima oitava Olimpíada da Era Moderna. Entre os dias 10 e 24 de outubro de 1964, noventa e três países comparecerão ao primeiro país asiático que sediava os Jogos. Ao todo, 5.151 atletas (4.473 homens e 678 mulheres)

competiram em 19 modalidades esportivas reunidas em 163 eventos olímpicos⁷⁴. O Brasil levou ao Japão uma quantidade menor de atletas que à Itália, pois o golpe militar desestabilizara a situação política nacional, gerando reflexos na organização desportiva também. Foram 68 esportistas nacionais, sendo 67 homens (98,53% do total) e apenas uma mulher (1,47%). A desigualdade entre os sexos não se altera desde 1952. Estivemos representados em 11 esportes: atletismo, basquete, boxe, futebol, hipismo saltos, judô, natação, pentatlo moderno, polo aquático, vela e vôlei.

Dois novos esportes, que nos anos seguintes se tornariam populares e fonte de medalhas para o Brasil, estreavam no programa olímpico: o judô e o vôlei. A cobertura televisiva apresentava mais uma evolução. Dessa vez, a transmissão foi ao vivo (e em cores para 30% dos aparelhos televisores) na Ásia, Europa e América do Norte, por meio do satélite Telstar. O número estimado de espectadores estava na casa de um bilhão de pessoas, que receberam as imagens geradas pelo canal japonês NHK (CARDOSO, 2000, p. 262). Avery Brundage foi reeleito, na 62ª Reunião do COI, para seu terceiro mandato como presidente. A África do Sul foi excluída dessa edição dos Jogos Olímpicos e de todas as demais até 1992 por manter em seu território um regime de segregação (*apartheid*) da maioria negra pela minoria branca que dirigia politicamente o país. Também ficaram de fora dessa edição a China Comunista, pelo mesmo motivo das vezes anteriores, a Coreia do Norte e a Indonésia.

No mundo, a Guerra do Vietnã endurecia com a entrada dos norte-americanos em 1965. Dois anos antes, o então presidente dos EUA, John F. Kennedy fora assassinado. Na Alemanha, o muro de Berlim era erguido pelos soviéticos, na madrugada do dia 13 de agosto de 1961, separando, assim, a porção ocidental, capitalista, da oriental, comunista. A URSS mais uma vez saía na frente dos EUA na corrida espacial ao enviar o primeiro homem ao espaço. Em 12 de abril de 1961, Yuri Gagarin, a bordo da nave Vostok 1, orbitou a Terra por 1h48m. O processo de descolonização africana aumentou o número de nações daquele continente que enviaram delegações à Tóquio: foram 17 novos países (LANCELLOTTI, 1996, p. 358).

No plano político brasileiro, após a renúncia de Jânio Quadros em 1961, João Goulart, seu vice, mas não seu aliado político, assumia o poder. Desde o início, a permanência de Jango no cargo era uma grande incerteza, visto que não contava com o apoio dos militares e a sombra de Jânio ainda estava de certa forma presente. João Goulart instituiu o

⁷⁴ Fonte: Site Oficial do COB: < <http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/toquio-1964>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

parlamentarismo como sistema de governo, em uma tentativa de aumentar sua governabilidade. Este, no entanto, foi revogado em janeiro de 1963 pelo voto popular. A base de apoio ao governo era recrutada especialmente por Leonel Brizola, do PTB. Jango, ao contrário de JK, acabou não conseguindo se sustentar no tênue fio que mantinha seu poder. A aproximação do PTB com o Partido Comunista é o estopim para o golpe militar de março de 1964. O que se seguiu foram inúmeras greves gerais, falta de apoio do Congresso e perda do suporte das elites, temerosas dos rumos políticos, e dos militares legalistas (cf. DEL PRIORE, VENANCIO, 2012, p. 271-278). Os militares marcharam de Juiz de Fora até o Rio de Janeiro para derrubar João Goulart. A ditadura, com o apoio de inúmeros setores da sociedade civil, do empresariado e da Igreja Católica, era novamente instaurada no Brasil, sendo a realidade política nacional durante muitas Olimpíadas, como veremos.

O desempenho esportivo brasileiro em Tóquio não foi muito díspar das edições anteriores. A única medalha conquistada foi a repetição do bronze da equipe masculina de basquete, que manteve muitos jogadores das Olimpíadas de Roma. Aída dos Santos era a única mulher na delegação brasileira e devido ao seu desempenho conquistou grande atenção do *JB*. Ela não ganhou medalha na prova de salto com vara, mas obteve a melhor posição de uma atleta brasileira nos Jogos até então: um quarto lugar.

Dois nomes ilustres do esporte nacional participaram dos Jogos de Tóquio: Nelson Pessoa⁷⁵ no hipismo e Carlos Arthur Nuzman no vôlei. Eder Jofre, apesar de não estar nos Jogos, também era um ídolo nacional e atraía a atenção do *JB*. Em um esporte não-olímpico (apesar de o ter sido até 1924 e retornado em 1988), o tênis, destacava-se novamente Maria Esther Bueno. Justamente em 1964, a tenista conquistara o tricampeonato de dois torneios *Grand Slam*: Wimbledon e US Open. Tamanha era a expressão nacional da atleta que ela foi a única esportista a figurar na capa do Caderno B⁷⁶.

⁷⁵ O *JB* inúmeras vezes grafou o nome de Nelson Pessoa Filho e Nelson Prudêncio com um acento agudo no “e” de Nelson. De fato, o nome de ambos não possui essa acentuação.

⁷⁶ O caderno B do Jornal do Brasil, assim como o Segundo Caderno do jornal O Globo, era dedicado a cobertura do mundo das artes (cinema, teatro, televisão). O esporte era, assim, de certo modo, um “intruso” naquele espaço.

6.4.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O espaço dedicado ao esporte no *JB* mantém-se parecido a 1960, contando com três ou quatro páginas dependendo do dia. Os esportes ainda faziam parte do 1º caderno, sendo esporadicamente tema do Caderno B. O turfe continuava tendo uma página inteira dedicada às suas notícias. O esquema de cobertura também é semelhante aos Jogos de Roma. Novamente, tem-se uma coluna “Aconteceu...”, dessa vez “Aconteceu em Tóquio”. Havia um enviado especial, Marcos de Castro, e um colunista que abordava a temática Olímpica, Armando Nogueira. Victor Garcia e Sylvio Kelly também assinaram matérias relacionadas aos Jogos. O *JB* ainda fazia uso do serviço das seguintes agências de notícias: AP, FP, UPI. Um “retrocesso”, todavia, pode ser percebido nas capas do *JB*. Em apenas um dos dias observados (24 de outubro), tivemos a presença do esporte na principal página do periódico.

A edição conjunta de domingo e segunda-feira permanecia existindo e o campeonato Carioca dividia as atenções da imprensa esportiva com as Olimpíadas. Em termos de linguagem, ainda se falava em esporte “para moças”, ou “de moças”, mas a quantidade de termos em inglês vinha sendo reduzida. O tempo entre o acontecimento do fato desportivo e sua publicação era cada vez mais curto, principalmente se comparado à 1952.

A narrativa sobre os Jogos de 1964 adquiria um caráter memorialístico, preocupado em recuperar e consolidar uma história das Olimpíadas. Nesse sentido, uma série de reportagens especiais, escritas pelo jornalista Sylvio Kelly, traçaram um panorama sobre todas as edições dos Jogos Modernos.

B) Os atletas e outros temas

A primeira menção a atletas brasileiros no *corpus* investigado aparecia envolta de pessimismo e conformação. No caso, eram os nadadores brasileiros que reconheciam sua falta de chances de medalha: “Os brasileiros, na opinião deles próprios, não têm a mínima esperança de conseguirem uma medalha na natação, esperança esta que parece ter desaparecido com o afastamento do velocista Manuel dos Santos” (07/10, 1º caderno, p. 16).

No dia 08 de outubro, a matéria de capa do Caderno B reforçava uma série de mitos sobre os Jogos Olímpicos. O ideal da juventude e da continuidade entre Jogos Antigos e Modernos são expostos no curto trecho que reproduzo abaixo:

[...] jovens de todos os países empregarão seus músculos e força para prolongar no tempo e no espaço, o ideal olímpico. [...] De sua permanência através dos tempos depende hoje não apenas a *continuação de uma tradição milenar*, mas também a da crença, renascida de quatro em quatro anos, de que, no fim, tudo dará certo, em todo mundo (Caderno B, capa, grifos meus).

No dia 10 de outubro, novas matérias idealizando os Jogos Olímpicos são publicadas. Uma delas, cujo título era destaque na testeira da página sobre esportes, enfocava o mito da união e solidariedade promovidas pelos Jogos: “Olimpíada começa a unir desde hoje os povos do mundo inteiro” (1º caderno, p. 15). Escrito pelo enviado especial Marcos de Castro, o texto cobriu uma ampla gama de aspectos referentes aos Jogos, evidenciada pelos seus subtítulos: “Os Jogos”, “A cidade”, “As inovações”, “O programa”, “As previsões”. Até então não havia visto similar preocupação em contextualizar os Jogos como foi feito em 1964. Outra matéria nesse sentido foi assinada pelo Departamento de Pesquisa do *JB*: “Um homem e duas paixões”. O texto reconta passagens importantes da vida do Barão de Coubertin e seu périplo para transformar em realidade seu maior sonho: as Olimpíadas. Ao final, a figura de Coubertin e seu ideal são celebrados: “E até hoje, num e noutro, no fogo simbólico e na tradição dos Jogos, arde a chama do ideal olímpico de Pierre de Coubertin” (1º caderno, p. 15).

A utilização de estimulantes físicos atingia um *status* similar ao amadorismo na lista de prioridades do COI, segundo o *JB*. Um representante do Comitê búlgaro chegou a afirmar que 75% dos atletas nas Olimpíadas de Tóquio eram profissionais. Duas definições oficiais para esses termos foram elaboradas durante a reunião do COI e reproduzidas no *JB*. Cito-as aqui pela relevância que ambos os temas possuem nesta dissertação:

Segundo o representante soviético, Sr. Constantin Andrianov, “atleta amador é aquele que praticou ou ainda pratica o esporte sem visar a lucros materiais”. Acha ele que esta, daqui por diante, deva ser a definição olímpica de amadorismo, mas com um acréscimo: ‘Os lucros são também aqueles que muitos atletas gozam durante os treinamentos, e não apenas os prêmios ganhos por vitórias nas competições’ [...] *Doping* – esclareceu o médico austríaco, Ludvig Prokop – é a administração a um atleta ou uso porte este de um agente estranho ao organismo, ou de substâncias fisiológicas em quantidade anormal ou aplicadas de maneira anormal, com o único fim de aumentar artificialmente e de modo desleal as possibilidades do mesmo numa prova esportiva (09/10, 1º caderno, p. 18).

No dia 10 de outubro, a narrativa jornalística dava mostras de desânimo em relação aos prognósticos do desempenho nacional. A ausência de perspectivas positivas no futuro próximo era perceptível no seguinte trecho:

De qualquer forma, *é certo que os brasileiros não podem almejar muita coisa em Tóquio*, não só pela superioridade técnica dos adversários, mas principalmente pelo *treinamento deficiente* de quase todas as nossas equipes. A opinião geral é de que Nélson Pessoa Filho, no hipismo, é a única *chance* brasileira a uma medalha de ouro, enquanto o iatismo e o basquete talvez consigam se colocar entre os três primeiros. O futebol, o vôlei e o water-polo são, ainda, leves esperanças, não sobrando qualquer possibilidade ao atletismo, à natação, ao boxe e ao judô, na opinião dos próprios componentes das respectivas equipes (1º caderno, p. 15, grifos meus).

Apesar das expectativas em torno do basquete, o primeiro jogo, contra o Peru, resultou em derrota brasileira. O chefe da delegação brasileira, Silvio Padilha, demonstrava surpresa com o resultado e cogitava que o excesso de confiança dos jogadores pudesse tê-los atrapalhado. Por sua vez, contra a Iugoslávia, teríamos jogado, segundo a matéria de Marcos Castro, “com segurança e vigor” (13/10, 1º caderno, p. 16).

Em relação ao cavaleiro Nelson Pessoa, outra esperança nacional, a narrativa lhe era favorável, uma vez que possuiria os predicados necessários para subir ao pódio. A ênfase em seu treinamento corroborava a importância desse elemento na preparação dos atletas e no discurso jornalístico. No excerto a seguir podemos notar também aspectos que aproximam Pessoa do arquétipo clássico do herói. Ele tem consciência da relevância de sua missão e trabalha arduamente para cumpri-la:

É ele, de fato, não apenas a única esperança de o Brasil conseguir uma medalha, mas o nosso atleta mais tranquilo, mais tarimbado, mais consciente da importância de uma Olimpíada. Todos os dias, Nélson Pessoa Filho vai bem cedo para a pista, a meia hora do centro de Tóquio, e treina, por longo tempo. Sua forma é excelente, a confiança absoluta. Ele chega, mesmo, a comentar: - Já corri em todas as pistas da Europa, contra os cavaleiros mais categorizados do mundo, perdendo algumas vezes, ganhando outra. *Ora, se ganhei em outros lugares, posso ganhar também aqui* (13/10, 1º caderno, p. 16, grifos meus).

Como já dito em relação ao discurso sobre as Olimpíadas de Roma (1960), verificava-se uma tomada de posição jornalística em relação aos insucessos esportivos brasileiros. Há certo ressentimento principalmente em relação aos atletas tidos como possíveis ganhadores de medalha. O exemplo a seguir fala especificamente da equipe brasileira de polo aquático:

As explicações, até o momento, são várias, uns achando que a equipe não deu sorte, outros alegando que os adversários eram fortes demais, um terceiro grupo falando de nervosismo, surpresa e muitas outras coisas. Mas é cedo para que se saiba se nosso *water-polo* não é tão bom quanto se supunha, ou se apenas veio aqui mal preparado (14/10, 1º caderno, p. 17, grifos do JB).

O sentimento de integração latino continua presente nas narrativas, entretanto de maneira menos explícita. No atletismo, por exemplo, comenta-se sobre as “possibilidades latino-americanas” nas provas (14/10, 1º caderno, p. 17). Nos dias 11 e 12 de outubro, fala-se em “jornalistas latino-americanos” em uma nota da coluna “Aconteceu em Tóquio”, que trata do “temperamento explosivo” que seria comum a eles (1º caderno, p. 36).

A preparação de Aída dos Santos nos treinamentos lhe confere uma subida de produção, que é saudada como um indício de chances de medalha no título da matéria “Aida vai pensando em medalha para o salto em altura de amanhã” (14/09, 1º caderno, p. 19). Otimismo semelhante também era visto em relação à seleção brasileira de basquete, que começava a ganhar seus jogos (14/09, 1º caderno, p. 19)

Nesses Jogos, também aparecem as primeiras matérias que falavam sobre o cotidiano da Vila Olímpica, isto é, assuntos não-relacionados diretamente ao esporte. No dia 14 de outubro, por exemplo, tivemos a matéria: “Feola não aprovou como ciclista e levou tombo feio na Vila Olímpica”. O texto relatava com humor o ocorrido com o técnico da seleção brasileira de futebol. Esse tipo de abordagem jocosa não possuía tanto espaço nas edições anteriores dos Jogos, mas confirmaria, nas edições seguintes, que não era passageiro.

De quem muito é esperado, muito é cobrado. Esse é um princípio que pode ser aplicado ao discurso jornalístico sobre nossos atletas olímpicos. Aqueles que chegam com favoritismo, baseado em seus feitos anteriores, são julgados a partir desse retrospecto favorável. Assim, mesmo ganhando da Finlândia, o time brasileiro de basquete era criticado e teve sua vitória depreciada como um “pálido triunfo”. A legenda da imagem que ilustrou a matéria mantinha esse tom de cobrança: “Vlamir, como aconteceu na partida de ontem contra a Finlândia, tem-se mantido no nível de toda a equipe brasileira, que até agora não justificou em Tóquio o título de bicampeã do mundo” (15/10, 1º caderno, p. 20).

Na matéria “Aída buscou na solidão força para chegar a quarta do mundo”, observo pela primeira vez uma atenção à história de vida de um atleta nacional. O quarto lugar de Aída dos Santos foi comemorado com uma extensa matéria que ocupou quase uma página inteira. O discurso reitera um dado muito frequente em narrativas de jogadores de futebol, qual seja, a apologia da pobreza⁷⁷. Também era sublinhada a superação de obstáculos. A ênfase no treinamento é ainda mais intensa, pois se comparava o empenho de Aída com o de seus colegas brasileiros, que supostamente teriam ido às compras enquanto Aída treinava.

⁷⁷ Essa ênfase na infância pobre e nas origens humildes foi abordada por Lovisolo e Helal no artigo “Jornalismo Esportivo, Romantismo e Apologia da Pobreza” (2008).

Como tantos atletas amadores da época, Aída estudava e trabalhava, em Niterói, além de treinar no Rio de Janeiro. Aída não gozava de favoritismo ou expectativas antes do início dos Jogos, apesar de ser a única mulher da delegação brasileira. Talvez por isso seu quarto lugar tenha sido tão comemorado. O trecho mais emblemático apontava para os pontos centrais da biografia da esportista: “Aída dos Santos, a brasileirinha humilde, sentiu que suas lágrimas representavam o desabafo de quem lutou, sem a ajuda de ninguém, de quem largou tudo, trabalho e estudo, só para não deixar o nome de sua pátria esquecido na longínqua capital japonesa” (16/10, 1º caderno, p. 15).

No dia 17 de outubro, Aída continuou sendo destaque nas narrativas, até pelo fato de o Brasil ter sido eliminado no futebol e apresentar poucas esperanças em outros esportes. O título da matéria já demonstrava o renome adquirido pela atleta no curto espaço de tempo desde sua conquista: “Aída é agora madrinha dos brasileiros que só a chamam de campeã”. Essa repentina fama contrasta com o isolamento de que a atleta tanto reclamava. Por ser a única mulher e não possuir sequer uma equipe, ela se sentia solitária na Vila Olímpica e nos treinamentos. Apesar da popularidade, a atleta teria permanecido humilde, o que colaborou na construção de sua imagem, visto que a humildade é uma qualidade que o discurso jornalístico aprecia: “Festejada por todos os brasileiros da Vila Olímpica – que inclusive a elegeram madrinha da delegação – Aída dos Santos não perdeu sua natural simplicidade, seu espírito alegre e brincalhão, e só fica encabulada quando a chamam de campeã, como todos a tratam agora” (1º caderno, p. 16). Em sua volta ao Brasil, Aída se emocionou e chorou diante da recepção inesperada no aeroporto do Galeão. O título dessa matéria, contudo, enfoca em seu estado de espírito após os Jogos: “Aída chegou feliz” (25 e 26/10, 1º caderno, p. 35).

Na edição dos dias 18 e 19 de outubro, destaco a matéria “Basquete do Brasil perdeu para os EUA e fez vergonha”. O esporte era visto, principalmente entre as décadas de 1950 e 1970, como uma vitrine para exibição de nosso país e sua gente. Nossos triunfos, assim, eram exaltados como benéficos à imagem do país. Entretanto, atitudes como as protagonizadas pelos jogadores de basquete são repreendidas não apenas enquanto um ato antidesportivo, mas, sim, como uma mácula ao país. O trecho a seguir exemplifica essa relação:

[...] nossos atletas agiram como *verdadeiros cafajestes*. Xingaram o juiz diversas vezes e, não satisfeitos, em determinado momento desafiaram para briga *respeitáveis senhores*, dirigentes da FIBA, incentivados por turistas brasileiros, que também gritavam palavrões das arquibancadas, *desrespeitando a torcida* e o próprio embaixador do Brasil, Sr. Batista Pinheiro, presente ao jogo com sua mulher e filhas (18 e 19/10, 1º caderno, p. 38, grifos meus).

Noto também certa deferência e respeito pelas autoridades, o que não é implausível de ser associada ao espírito da época. Afinal, um poder autoritário acabara de tomar para si o governo do Brasil. O conservadorismo era outro aspecto social passível de ser depreendido, vide o assombro diante da participação feminina no seguinte ato: “Das arquibancadas se ouviam os gritos de um grupo de turistas brasileiros, *inclusive uma moça*” (1º caderno, p. 38, grifos meus). Um ato de racismo por parte dos torcedores brasileiros também fora repreendido:

Cada vez que um jogador negro americano pegava na bola, os moleques travestidos em torcedores gritavam em coro: macaco, macaco. E riam a valer como se dissessem coisa muito espirituosa. Assim completava-se nas arquibancadas a triste figura que os jogadores brasileiros faziam dentro de quadra (1º caderno, p. 38).

Obviamente, um punhado de torcedores, representantes de uma parcela social privilegiada, que podia se deslocar a turismo para o Japão ou que lá já morava, não pode ser tomados como o povo brasileiro. Não obstante, a forma como o jornal busca representá-los nos diz algo interessante sobre a época onde o fato em questão transformou-se em notícia.

Em “Nelson tenta no último dia medalha que o Brasil espera”, temos a segunda matéria dessas Olimpíadas enfocando uma história de vida. Conta-se que desde pequeno, Nelson Pessoa Filho possuía predileção por montar cavalos. Deve-se ressaltar que a condição financeira de sua família o permitiu ter acesso tanto aos cavalos como livre trânsito na Sociedade Hípica Brasileira, do qual seu pai era sócio. Desde cedo, Neco, como era conhecido, era visto como um talento precoce e suas muitas conquistas foram confirmando os prognósticos. Sua infância abastada destoa de outras narrativas sobre os atletas. Apesar disso, o trabalho e o treino são enfatizados, bem como havia certa “infantilização” do atleta que é alcunhado de “menino de Bangu”, algo comum no futebol, onde os jogadores são tratados por meninos, garotos, moleques. Outro ponto a ser sublinhado é o caráter profissional do hipismo, o que, na matéria, é contraposto ao sonho olímpico. Cito alguns trechos mais emblemáticos:

Acordava cedo todos os dias e ia para o seu sítio em Bangu. Lá *trabalhava* os cavalos e se esquecia do tempo, porque Neco estava perto daquilo que tanto gostava [...] Às vezes, Neco nem voltava pra casa. Dormia lá mesmo em Bangu [...] Os cavaleiros famosos ganham *muito dinheiro* em prêmios nos torneios que disputam todos os anos, mas estão treinando com apuro para vencerem as Olimpíadas. Embora o prêmio seja apenas uma medalha o título é por demais honroso e *o grande sonho* de cada um deles (1º caderno, p. 15, grifos meus).

À medida que se aproximava o encerramento dos Jogos, eleva-se o teor das críticas à delegação brasileira. Armando Nogueira, por exemplo, é implacável no julgamento dos

dirigentes esportivos brasileiros, culpando-os pelos insucessos em Tóquio: “Dá-me, leitor, um pouco da tua vergonha que eu quero condecorar os cartolas olímpicos brasileiros – fundistas da boa vida. E se não for pedir muito, deita ao menos uma lágrima de respeito para regar o gesto de Aída dos Santos, campeã olímpica do amor-próprio” (1º caderno, p. 15)

A sorte (ou a ausência dela) enquanto fator que influi negativamente no resultado de uma partida apareceu na fala do técnico Brito Cunha ao explicar a derrota do basquete brasileiro para a URSS (23/10, 1º caderno, p. 16). Em outros Jogos, a narrativa jornalística incorporará esse discurso pautado na sorte e no azar para explicar os resultados brasileiros.

Os destaques esportivos no dia 24 de outubro são a liderança de Nelson Pessoa Filho no hipismo e à conquista do bronze no basquete. Na descrição do desempenho de Nelson Pessoa Filho, que ficou em primeiro lugar na primeira rodada de saltos, a performance de seu cavalo é mais extensamente enfocada do que a propriamente a do ginete brasileiro: “Seu cavalo, que é de origem argentina, passou pelos primeiros obstáculos com grande facilidade, derrubando apenas a última barragem” (1º caderno, p. 16). No caso do hipismo, percebo, assim, que o auxílio externo, parte do monomito do herói de Campbell, provém em grande parte de um ente não-humano: o cavalo.

Na edição dos dias 25 e 26 de outubro, encontro uma matéria especial escrita por Marcos de Castro: “Ídolos nascem em todos os Jogos mas Jesse Owens continua eterno”. Nela, o jornalista segue certa tradição, persistente na seção de esportes do *JB*, de rememorar os feitos de atletas estrangeiros, ainda que já àquela época possuíssimos nossos próprios ídolos nacionais. A matéria de uma página inteira sobre Owens, todavia, cumpre uma função de acionamento da memória sobre os Jogos, além de contar uma história de vida inspiradora (1º caderno, p. 34).

No dia 27 de outubro, já não há mais nenhuma referência aos Jogos Olímpicos, sendo o “Caderno de Esportes” dominado pelo turfe e pelo futebol.

C) Conclusões

Em suma, os Jogos de Tóquio trouxeram algumas modificações na construção da narrativa jornalística. O nacionalismo, antes ufanista, agora se revelava mais crítico ao desempenho brasileiro e à imagem do país no exterior (um legado do esporte). O esforço e o treinamento se consolidavam enquanto aspectos vistos como primordiais para a preparação dos atletas e para a boa performance nas provas e jogos. Ao mesmo tempo, a sorte começava a figurar enquanto um fator determinante no discurso jornalístico. Constatei também um discurso mais pormenorizado nas matérias, fruto de uma maior atenção às Olimpíadas

enquanto temática noticiosa. Pela primeira vez, foi vista uma preocupação em relatar a história dos Jogos Modernos, o cotidiano da Vila Olímpica e a história de vida dos vencedores (no caso, me refiro à Aída dos Santos e Nelson Pessoa Filho). Pude identificar alguns elementos da aventura heroica clássica na biografia de Aída, como o esforço, a superação, as proezas e o retorno triunfante ao mundo cotidiano. Um último ponto que desejo destacar é o quase esquecimento dos atletas que não alcançaram desempenhos extraordinários. A eles, normalmente, restava apenas uma pequena nota objetiva e imparcial informando o resultado obtido.

6.5 As Olimpíadas da Cidade do México 1968

6.5.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

As XIX Olimpíadas da Era Moderna foram realizadas na Cidade do México entre os dias 12 e 27 de outubro⁷⁸. Cento e doze países estavam representados nos Jogos em um total de 5.316 atletas (4.735 homens e 781 mulheres) – o maior número de inscritos até então. O número de modalidades esportivas aumentou para 20⁷⁹ e o número de provas foi para 172. O Brasil levou ao México uma quantidade maior de atletas que ao Japão. Foram 84 esportistas, sendo 81 homens (96,43% do total) e apenas três mulheres (3,57%). Estávamos representados em 13 esportes: atletismo, basquete, boxe, esgrima, futebol, hipismo saltos, levantamento de peso, natação, polo aquático, remo, tiro esportivo, vela e vôlei. Inúmeros recordes foram alcançados, ainda que sob suspeita de influência benéfica da altitude mexicana: 84 recordes olímpicos e 27 mundiais (cf. CARDOSO, 2000, p. 280). Apesar desses resultados, não houve registros de *doping*.

⁷⁸ Avery Brundage, norte-americano, era presidente do COI desde 1952 e o foi até 1972. Dono de inúmeras posturas polêmicas na condução do Comitê, defendeu a participação da África do Sul nas Olimpíadas do México. Diante da possibilidade de boicote de inúmeras nações, voltou atrás em sua decisão.

⁷⁹ O judô não fez parte do programa olímpico nos Jogos do México. Os esportes componentes dessa edição são: atletismo, basquetebol, canoagem, ciclismo, equitação, esgrima, futebol, ginástica, hóquei na grama, levantamento de pesos, luta greco romana, luta livre, natação, pentatlo moderno, pólo aquático, pugilismo, remo, saltos ornamentais, tiro, vela, voleibol (cf. LANCELOTTI, 1996, p. 396-428).

Muitos protestos marcaram a realizam dos Jogos, principalmente aqueles em defesa dos negros norte-americanos⁸⁰. Por outro lado, a cobertura televisiva contribuía para a popularização do evento. Cardoso aponta que: “A rede americana ABC encarregou-se de levar as imagens dos Jogos a 400 milhões de espectadores espalhados pelo planeta. Com sofisticação: usou 45 câmeras e produziu 45 horas de transmissão em cores” (2000, p. 285). Na edição do dia 12 de outubro, o *JB* anuncia assim o fato: “[...] além de mais de 500 milhões de pessoas de grande parte do mundo que verão a cerimônia pela televisão, através dos satélites artificiais” (p. 16). A TV aumentou o interesse do público pelas Olimpíadas e impulsionou também a cobertura dos veículos impressos sobre o evento (cada vez mais, aliás, um megaevento).

Além da estreia da cobertura televisiva no Brasil, tivemos outro fato novo nesses Jogos. No México (1968), foram realizados os primeiros exames de controle *antidoping*. O primeiro atleta flagrado foi o sueco Hans-Gunnar Liljenwall em virtude do teor de álcool em seu sangue (FREITAS; BARRETO, 2012, p. 107). Mais um episódio inédito foi o acendimento da chama olímpica por uma mulher. Coube a atleta mexicana Enriqueta Basílio essa honra.

É também durante os Jogos do México que o amadorismo começaria a sofrer denúncias, iniciando o seu processo de abalo até o quase total desaparecimento. Havia a suspeita, levantada pelo secretário honorário do Comitê Olímpico Britânico, de “que os atletas amadores do mundo inteiro estavam recebendo cachês de até 6 mil dólares das fábricas de material esportivo para usar e exibir seus produtos” (CARDOSO, 2000, p. 290). Lancellotti (1996, p. 395) é mais específico: “Muitos atletas dos Estados Unidos teriam recebido patrocínios de duas empresas fabricantes de sapatilhas de corrida”.

No plano político internacional, Guerra Fria e a Guerra do Vietnã se intensificavam, bem como a luta dos negros norte-americanos pelos seus direitos civis (movimento *Black Power*, Panteras Negras e o assassinato de Martin Luther King). Outros importantes movimentos também ocorriam no mundo: a Revolução Cultural na China, a Primavera de

⁸⁰ A insatisfação popular era intensa, assemelhando-se aos atos ocorridos pelo Brasil contra a Copa do Mundo de 2014. Vejamos: “Nas vésperas do evento [Olimpíadas do México], cerca de 10.000 estudantes e professores entraram em greve. Consideravam um absurdo que o governo queimasse milhões de dólares nos jogos e o povo passasse fome, a Universidade não dispusesse dos mínimos equipamentos de manutenção” (LANCELLOTTI, 1996, p. 394)

Praga na Tchecoslováquia, os protestos de Maio de 1968 na França, *apartheid* na África do Sul, manifestações populares no México dias antes do início dos Jogos⁸¹.

No Brasil, o regime militar atingia o auge da repressão civil com a promulgação do Ato Institucional número 5 (conhecido por AI-5), em dezembro de 1968. Antes disso, a passeata dos Cem Mil, realizada em 26 de agosto de 1968, protestara contra o assassinato injustificado do estudante Edson Luís. A influência militar se fazia sentir inclusive no esporte, onde a tenista Maria Esther Bueno teve sua participação vetada em virtude de sua não participação na última edição dos Jogos Pan-Americanos (CARMONA et al, 2000, p. 36). Ao mesmo tempo em que atingia seu ponto máximo da repressão e censura, o Brasil também vivenciava o período do chamado “milagre econômico brasileiro”, marcado por altas taxas de crescimento econômico (DEL PRIORE, VENANCIO, 2012, p. 284).

Nas Olimpíadas do México, o desempenho brasileiro foi superior à Tóquio, Roma e Melbourne, mas inferior à Helsinque em número de ouros. No total, foram três medalhas, embora nenhuma de ouro. Conquistamos dois bronzes, um com o pugilista Servílio de Oliveira, na categoria peso-mosca, outro no iatismo, classe *Flying Dutchman*, com a dupla Reinaldo Conrad e Burkhard Cordes, e uma prata no salto em distância com Nelson Prudêncio.

6.5.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

A cobertura do *JB*, como já observado nas edições de Tóquio e Roma, ampliou o número de páginas dedicadas ao esporte, que também apareceu algumas vezes na capa do jornal, e melhorou a qualidade de visualização das notícias (graças à reforma gráfica de Amílcar de Castro, citada no item 5.3). Os esportes continuavam sendo parte do 1º caderno e, eventualmente, eram pauta no Caderno B. A média de páginas variava entre quatro e seis (no dia 12 de outubro, excepcionalmente, foram oito).

O jornal enviou três jornalistas para a cobertura dos Jogos, mas eles ainda trabalhavam com a parceria das agências de notícias; ambos estampavam diariamente o cabeçalho do

⁸¹ A descrição dessa revolta assemelha-se muito ao ocorrido nos atos pelo Brasil contra a Copa do Mundo de 2014. Vejamos: “Nas vésperas do evento [Olimpíadas do México], cerca de 10.000 estudantes e professores entraram em greve. Consideravam um absurdo que o governo queimasse milhões de dólares nos jogos e o povo passasse fome, a Universidade não dispusesse dos mínimos equipamentos de manutenção” (LANCELLOTTI, 1996, p. 394)

periódico: “Oldemário Touguinhó, Odyr Amorim e Victor Garcia, enviados especiais do JORNAL DO BRASIL – UPI e AFP”. Além deles, Armando Nogueira escrevia esporadicamente sobre as Olimpíadas, em sua coluna “Na grande área”, e João Máximo assinava algumas matérias também. As intrigas, bastidores e casos da vida pessoal dos atletas faziam parte da coluna “O outro lado dos Jogos”. Esse espaço revelava uma preocupação, antes pouco vista. Essas pequenas mudanças podem ser interpretados como sinais de maior valorização do jornalismo esportivo e do valor notícia “entretenimento” nos assuntos relacionados à temática esportiva. O tratamento discursivo dado aos gêneros permanecia imutável desde 1952. Enquanto os atletas do sexo masculino são denominados homens. Às atletas, cabe o distintivo de “moças”, e não mulheres.

B) Os atletas e outros temas

Ainda antes do início dos Jogos, no dia 9 de outubro, iniciou-se a publicação de uma página especial, chamada os “Deuses do Estádio”. No primeiro volume, o enfoque ficou com o atletismo e houve uma rememoração dos fatos mais marcantes por meio de um panorama pelos maiores atletas de cada prova. Noto certo interesse pela construção de uma memória olímpica, o que havia sido iniciado em Tóquio-1964. A segunda parte dessa série especial focalizou nos esportes que foram sendo incluídos no programa olímpico no decorrer de suas edições. Destaque para o “espírito esportivo”, que aparece aqui na descrição de um episódio marcante do ciclismo mundial ocorrido em Saint Louis (1904):

Apenas um jovem grego, Kolettis, resitiu. Encorajado pelo público, ele começou a se aproximar pouco a pouco do francês. Mas foi obrigado a parar devido a um defeito mecânico. Terminaria então a corrida? Não, porque Flaming [seu adversário] parou também. Ele viu o drama, e colocando a seu crédito o *primeiro gesto esportivo na história das Olimpíadas*, aguardou até que seu adversário mudasse de bicicleta, recomeçando a corrida ao mesmo tempo que ele (10/10, Caderno B, capa, grifos meus).

No dia 10 de outubro, outra mudança é registrada na cobertura dos Jogos. Refiro-me às notícias de bastidores, como romances, preparação dos atletas, o dia-a-dia na Vila dos Atletas, bem como maior presença de entrevistas de técnicos e atletas (suas falas ajudando a compor as matérias). Acredito que o aumento do número de enviados especiais do *JB* exclusivamente para cobrir o evento tenha interferido nessa transformação, que já fora verificada menos intensamente em Tóquio-1964.

Nos dias 10 e 11, a primeira página do caderno de Esportes concentrou seus esforços em grande número de matérias sobre atletas de outros países. Os grandes astros norte-

americanos e suas chances de medalha ocuparam considerável espaço. Por enquanto, nossos atletas ainda não eram tão protagonistas assim. No dia 11, inclusive, no especial “O estádio e seus deuses” abordava-se a história da natação olímpica, mas não havia nenhuma menção ao brasileiro Tetsuo Okamoto, bronze nos 1500 metros nado livre em Helsinque-1952, nem a Manuel dos Santos, bronze nos 100 metros livres em Roma-1960.

No dia 12 de outubro, o início dos Jogos estava na capa do *JB*, ainda que com destaque relativamente reduzido em relação aos outros temas.

Figura 10: Em destaque, a matéria sobre a abertura das Olimpíadas na capa do *JB*.



Na página 16 deste mesmo dia percebe-se certo ceticismo em relação à permanência dos ideais de Coubertin, ainda que não se discutisse suas origens nem sua veracidade: “É possível que os ideais de Pierre Coubertin estejam extintos, mas a grandeza dessa festa, certamente, supera tudo que êle imaginou”. Não obstante, na mesma página, a memória de Coubertin enquanto patriarca dos Jogos e difusor de uma miríade de ideais pacifistas era lembrada na matéria “União dos povos foi inspiração dos Jogos”. Saliento que até esse momento questionava-se pouco os ideais olímpicos. Em Sydney-2000, essa aura dogmática que cerca Coubertin e seu ideário é tratada de modo mais realista e crítico pelo jornalismo, ainda que guarde certo respeito e deferência.

O favoritismo do nadador José Sylvio Fiolo se contrapunha a todo pessimismo que cercava o desempenho da delegação brasileira na matéria “Brasil fraco”. O título depreciativo faz alusão ao fato de que um nadador americano, Mark Spitz, poderia ganhar sozinho mais

medalhas do que todos os países latino-americanos. O excerto a seguir é emblemático dos prognósticos desfavoráveis:

Em tudo o mais o *panorama brasileiro é pobre*: todo o atletismo, todas as demais provas de natação, futebol, water-pólo, pugilismo, esgrima, halterofilismo, remo, tiro e vôlei. No futebol nosso time de amadores tem poucas chances contra as equipes do Leste Europeu, pois elas não reconhecem oficialmente o profissionalismo, embora o time, para a categoria, não seja ruim. O vôlei subiu de cotação depois de empatar nos treinos com a Tcheco-Eslováquia. O demais é melancólico (12/10, 1º caderno, p. 16, grifos meus).

Aída dos Santos, destaque nos Jogos de Tóquio na prova de salto em altura, continuava sofrendo das mesmas agruras que outrora, mesmo após ser alçada a categoria de ídolo/heroína nacional. A matéria, que relata o sofrimento da atleta em virtude de sua lesão, dava voz à Aída, que culpava a sorte por sua situação. A pentatleta revelou ainda sentir falta do namorado, reclamou do abandono do COB e expôs os sacrifícios que fazia para treinar no Rio. Enquanto moradora de Niterói, ela tinha de pegar a barca quatro vezes: para estudar em Botafogo, trabalhar em Niterói e treinar novamente em Botafogo (12/10, 1º caderno, p. 17). Era uma rotina de esforço e privações, típica das narrativas heroicas clássicas.

As mesmas carências experienciadas por Aída eram compartilhadas por outros atletas brasileiros. O excerto a seguir serve como exemplo do nível de carências, mesmo em esportes populares entre os brasileiros: “Roberto Machado, assessor de esporte do Itamaraty, estava presente e prometeu tênis novos às equipes de basquete e vôlei, que gastaram os seus nos treinamentos” (12/10, 1º caderno, p. 17).

A identidade latina continuava a estar presente juntamente com a atenção dada aos desempenhos desses atletas, tomados como representantes do continente sul-americano: “A esperança dos sul-americanos na competição é o colombiano Alvaro Mejia, recordista continental e vencedor da última São Silvestre realizada em São Paulo” (13 e 14/10, 1º caderno, p. 40). As chances de medalha de outras nações latinas são saudadas como se fossem nossas próprias conquistas.

O debate acerca do *doping* adquiria grande relevância nos Jogos do México, tornando-se pauta frequentes no *JB*. O trecho a seguir ilustra essa preocupação: “A partir de hoje, uma equipe de médicos de vários países estará trabalhando ativamente nos laboratórios da Cidade Universitária, em torno um dos mais sérios problemas do esporte moderno: o *doping* [...] O *doping* nesta Olimpíada será fatalmente derrotado” (13 e 14/10, 1º caderno, p. 40, grifos do *JB*).

O amadorismo ainda era um valor olímpico de extrema relevância, sendo visto como essencial pelo COI. A matéria “Entrega da bandeira” trazia o seguinte trecho: “Avery Brundage, falando em espanhol, disse que ‘durante cinco anos segui de perto o esforço mexicano e o entusiasmo que todo o povo deste país tem pelo esporte amador, para voltar ao ideal originário da Grécia antiga’ (13 e 14/10, 1º caderno, p. 41). Ao mesmo tempo, o amadorismo começava a ser questionado. No dia 25 de outubro, em matéria de capa no caderno B que debatia a segregação racial e os próprios valores olímpicos, assevera-se que: “Mas os negros, de lição em lição, ou até mesmo com o exemplo do próprio Brundage, sabem que o ideal olímpico de Coubertin não passa de um aforismo romântico e o que o importante já não é mais apenas competir”. Em outro momento, discute-se também o tipo de amadorismo praticado na URSS e na equipe norte-americana de atletismo:

Mas critica-se também certo tipo de atleta amador, em outros esportes, que na realidade é um profissional às escondidas: é o iatista cujo barco corre com velas de determinado fabricante; é o atirador que veio ao México apenas para fazer propaganda entre seus adversários, de determinada marca de munição; é o ciclista que recebe mais do que ‘pequenas ajudas de custo’ de indústrias europeias; são os lutadores de boxe que já assinaram uma espécie de contrato de gaveta com empresários profissionais; e é ainda o cavaleiro que sempre intervém nos torneios hípicas, ganhando como prêmio ‘valiosos troféus artísticos’. Alguns dirigentes – inclusive membros do Comitê Olímpico Internacional – pretendem rever, mais uma vez, as regras do amadorismo (25/10, 1º Caderno, p. 18, grifos meus).

No dia 16 de outubro, uma matéria sobre o “water-pólo” brasileiro, ressaltava o esforço e o sacrifício dos jogadores, a despeito dos péssimos resultados. A culpa pela má participação nesse esporte é atribuída aos dirigentes brasileiros, que teriam optado por trazer, mesmo com poucas chances de triunfo, uma equipe de polo aquático aos Jogos (1º caderno, p. 21). Em outro momento, a campanha nesse esporte foi classificada como melancólica (23/10, 1º caderno, p. 18).

O favoritismo brasileiro que antes era creditado a Silvio Fiolo, na natação, estendia-se agora a Nelson Pessoa, no hipismo. A matéria sobre Nelson relatava como o cavaleiro brasileiro cuidava de seus animais, que, no hipismo, como já afirmei, são tão importantes quanto os próprios ginetes. O treino e o acompanhamento dos rivais eram tratados como pontos importantes na preparação do brasileiro. Certo *ethos* amador fica evidente em suas palavras: “Aqui estão os melhores do mundo e quem ganha tem de ser respeitado. Não há dinheiro no mundo que pague isso” (16/10, 1º caderno, p. 21). A interseção divina fora invocada para ajudar no desempenho, ainda que possa ser lida também como uma simples expressão corriqueira, desprovida de conteúdo religioso: “Se eu estiver calmo - diz - tudo

sairá bem, pois tenho certeza de que Pass-op vai me obedecer e, *se Deus quiser*, chegaremos ao título” (16/10, 1º caderno, p. 21, grifos meus).

No dia 17 de outubro, o desempenho brasileiro no futebol, após o empate com o Japão, é avaliado como “ridículo” (1º caderno, p. 22). O preparo físico inferior ao dos japoneses também foi destacado. Percebe-se novamente o nível de cobrança diferenciado que recai sobre o futebol. No dia 19, a eliminação brasileira no futebol era interpretada como o desfecho de uma campanha considerada péssima. Teria faltado “à equipe brasileira um mínimo de preparo físico e empenho, pois seus jogadores pareciam mais interessados em demonstrar algumas qualidades individuais, abusando dos dribles e dos passes de efeito” (1º caderno, p. 19). O individualismo é tido como o principal problema dos jogadores, bem como a falta de preparo físico e o desinteresse pelo torneio (20 e 21/10, 1º caderno, p. 36).

Nelson Prudêncio, atleta do salto-triplo, que acabara de se classificar para disputar as finais da modalidade, teve sua biografia resumida posta em evidência: “Seu início de carreira, como aconteceu com muitos atletas brasileiros, foi por acaso” (17/10, 1º caderno, p. 23). O próprio atleta recontava sua história, que teria começado em uma visita a uma praça de esportes em sua cidade, Jundiaí (SP). Foi lá que decidira tentar pular a caixa de salto em distância. Nelson sequer sabia o que era salto triplo. Seu desempenho surpreendeu o atleta que ali treinava e rendeu um convite para que ele voltasse aquela mesma praça no dia seguinte. Depois disso, não demorou muito a ingressar em competições pela Esportiva de Jundiaí. A legenda da foto que ilustra a matéria destacava que Nelson “treinou bastante” para chegar as finais. Como podemos ver, há aqui o enfoque no treinamento e o auxílio externo (do atleta que o descobriu) para o início da aventura heroica.

Logo no dia seguinte, 18, Nelson Prudêncio protagoniza a capa do *JB* após conquistar a medalha de prata em duelo com Victor Saneev, atleta da URSS.

Figura 11: A medalha de prata de Nelson Prudêncio na capa do *JB* do dia 18 de outubro.



No caderno de Esportes, é frisado o discurso de Nelson, que afirmou que, caso tivesse sido o último a saltar, teria conquistado o ouro, pois estava com “vontade e entusiasmo impressionantes”. A marca de Nelson foi superior a de Adhemar Ferreira da Silva, bicampeão em 1952 e 1956, e lhe valeu o recorde sul-americano e pan-americano. Destaco o choro do atleta após a conquista e a coincidência da prova ter se estendido até tarde, momento em que Nelson mais gostaria de competir. O mentor, que mencionei acima, era Reinaldo Leme, que teria sido responsável por enxergar um “esportista de qualidades natas”. A habilidade natural, nesse caso, parece se sobrepôr ao treinamento, uma vez que Nelson “só começou a treinar seriamente para os Jogos Olímpicos no princípio deste ano” (18/10, 1º caderno, p. 20). Justamente por isso, a matéria supunha que caso houvesse mais dedicação, Nelson poderia ter superado o saltador soviético. O diálogo entre habilidade inata e treinamento adquire contornos interessantes na narrativa sobre Nelson, que aparenta possuir ambos.

Em relação ao iatismo, o tom era de desapontamento. Mais uma vez, noto que quanto maior a expectativa, maior a cobrança: “Decepcionante a participação dos brasileiros no iatismo, já que se esperava, pelo menos com Jorge Brueder, uma colocação melhor. Até aqui, nem Brueder nem Conrad, nem os gêmeos Schmidt fizeram muito. E tudo indica que não se recuperarão até a final da série de regatas” (18/10, 1º caderno, p. 20).

Apesar de ser apontado como forte candidato a uma medalha nos 100m nado peito, ressaltava-se o fato de que Fiolo não estava em sua melhor forma física e não possuía grande predileção pelos treinamentos: “Fiolo, que não gosta de treinar, assumiu agora consigo um

compromisso de honra de vencer a prova, pois seu pai chegou ao México, com grande sacrifício para assisti-lo, e ele não quer decepcioná-lo de forma alguma” (18/10, 1º caderno, p. 20, p. 21). Seu técnico declarou que: “Se ele fôsse dedicado aos treinos, chegaria ao México com a medalha no bolso, mas ele só entra na piscina para os treinos a contragosto” (18/10, 1º caderno, p. 21). De fato, Fiolo não conseguiu subir ao pódio no México-1968. A realidade amadora do esporte moldava o discurso do atleta: “Fiolo quer fazer muitas coisas a um só tempo: queria estudar o último ano científico, fazer vestibular de Engenharia em Niterói, nadar e ainda arranjar um trabalho para ganhar algum dinheiro” (18/10, 1º caderno, p. 20, p. 21). Nas edições mais atuais dos Jogos, o principal desejo dos atletas é possuir um patrocinador ou um clube que lhes permita se dedicar apenas aos treinos e competições. Observo, assim, como o imaginário atrelado ao profissionalismo e ao amadorismo molda as intenções e propósitos dos atletas.

Após ser derrotado nos 200m nado de peito, sua atuação é descrita como “decepcionante”. O técnico do atleta, Roberto Pavel, por sua vez, atribuiu o fracasso a falta de treinamento: “Não tive tempo suficiente para treiná-lo para os 100 metros, muito menos para os 200” (22/10, 1º caderno, p. 20). Interessante notar aqui que mesmo exaltando-se em outros momentos o talento natural do atleta, o treinamento ainda era um ponto crucial para definir o resultado dele. No futebol, muitas vezes, a categoria talento suplanta todas as demais no discurso jornalístico, o que não tem ocorrido até aqui no discurso sobre os esportes amadores.

No dia 17 de outubro, ainda repercutia a prata de Nelson Prudência, que era retrato pelo jornal como “homem de côr”. De par com essa expressão, estranha e politicamente incorreta nos dias de hoje, estava a expulsão da Vila Olímpica de dois atletas norte-americanos negros, Tommy Smith e John Carlos, que protestaram contra a discriminação racial em seu país⁸². Segundo João Máximo, na matéria “O clube de ‘Mister’ Brundage” (19/10, 1º caderno, p. 18), o presidente do COI seria um tenaz defensor de um esporte que fosse amador, elitista e segregacionista (em relação a negros e judeus).

Voltando a Nelson, noticiava-se que sua conquista foi comemorada por seus colegas brasileiros, à exceção de Adhemar Ferreira da Silva, que assistia aos Jogos no México. A humildade e a superstição são características realçadas na personalidade do saltador. Dizia-se que Nelson carregava nos bolsos “vários amuletos dados pelo técnico, torcedores e amigos e,

⁸² Esses dois atletas coincidentemente estão na capa do livro de Stefano Pivato (1994), citado ao longo deste trabalho.

com simplicidade, dizia que tudo quanto lhe entregassem para dar sorte seria bom” (17/10, 1º caderno, p. 18).

No dia 22 de outubro, a capa do *JB* destacava a medalha de bronze de Reinaldo Conrad e Burkhard Cordes no iatismo, classe *Flying Dutchman*. No corpo do jornal, realçava-se a recuperação do atleta dentro da competição, e relembra-se que tanto ele quanto Jorge Brueder e Erik Schmidt estavam cotados para medalhas antes do início dos Jogos. Pode-se depreender um misto de alegria pelo bronze e desapontamento pelo desempenho dos demais membros da equipe de iatismo (1º caderno, p. 20). Não se adentrou na biografia dos atletas em busca de elementos que enriquecessem sua conquista, o que normalmente ocorre pela menção às provações vividas e a infância pobre. Mesmo no dia seguinte, 23, a matéria “Conrad ganhou medalha que Brueder e Erik esperavam” apenas descreve como foi o andamento das regatas, lamentando que os outros brasileiros que disputavam medalhas não tiveram o mesmo desempenho de Conrad (1º caderno, p. 19).

A matéria de capa do Caderno B, no dia 23 de outubro, exaltava o desempenho dos nossos atletas no México-1968, em especial Nelson Prudêncio. A necessidade de maior atenção do governo aos atletas era premente ao longo do texto, principalmente na fala de Adhemar Ferreira da Silva, segundo a qual o governo deveria destinar verbas aos atletas com chances de medalha, para que eles pudessem se dedicar mais ao esporte. A biografia de Nelson é preenchida com mais alguns elementos, próprios do período amador do esporte. Cito: “Trabalhando em uma fábrica de máquinas de costura, Néelson dedicava-se ao atletismo nas horas vagas. Pensando nos Jogos Olímpicos licenciou-se da fábrica, a fim de ganhar mais tempo para treinar”. Largar sua rotina habitual de trabalho é uma escolha que se identifica com o abandono do mundo cotidiano pelo herói. Além disso, suas provações perpassavam principalmente a carência de subsídios financeiros, vetados aos atletas amadores. Ao saltar 17,27m, encerrava sua trajetória de atendimento ao chamado heroico, abandono do mundo comum, início da aventura, triunfo sobre os obstáculos e cumprimento da missão. A ausência de Adhemar entre aqueles que parabenizaram Nelson é novamente mencionada, bem como a conformação do atleta diante do fato: “Somos homens diferentes. De épocas distantes”. Mais do que isso, vejo a atitude de Adhemar como um sinal de que mesmo sendo um herói nacional, ele mantém características essencialmente humanas, sendo o orgulho uma delas.

No dia 24 de outubro, ante a expectativa gerada em torno da performance de Servílio de Oliveira, sua iniciação no esporte era narrada. Nas palavras do atleta, seu início foi fruto da influência dos seus irmãos, que já treinavam na Pirelli (a mesma empresa que depois empregou-o como despachante). A conquista de uma medalha era o objetivo último do atleta:

“Quando fala em medalha, Servílio dá um largo sorriso, não conseguindo esconder sua alegria. Se vencer seu adversário de hoje [...] e depois conseguir a medalha de ouro, Servílio de Oliveira será, sem dúvida, o homem mais feliz do mundo (1º caderno, p. 18). Ao final, o boxeador brasileiro acabou derrotado nas semifinais, ficando apenas com a medalha de bronze (25/10, 1º caderno, p. 18). Muitas vezes fatores externos à disputa podem influenciar no resultado final. O técnico do boxeador, Antonio Carollo, julgou que a torcida mexicana teria sido responsável por persuadir os jurados em seus julgamentos: “Servílio não foi bem no primeiro assalto mas ganhou os outros dois [...] Até os jornais mexicanos reconheceram que o brasileiro machucou bastante Delgado” (26/10, 1º caderno, p. 18).

Em matéria escrita antes do jogo de basquete contra a URSS na disputa pelo bronze, o jogador Mosquito foi entrevistado. Ele reclamava do pouco treinamento e do pouco tempo de descanso (entre a última competição disputada por eles – campeonatos regionais – e as Olimpíadas). Dizia ainda que a derrota para os EUA nas semifinais fora obra do azar, ainda que durante sua explicação não seja esse o fator chave do insucesso, mas sim o melhor desempenho dos norte-americanos e as falhas coletivas de nossa seleção (25/10, 1º caderno, p. 19). No dia seguinte, 26, noticiava-se que Brasil havia perdido a medalha de bronze. A superioridade do time soviético teria feito a diferença em um jogo bastante disputado entre as duas equipes. Na edição dos dias 27 e 28, analisava-se que a partida “foi mais perdida pelo Brasil do que vencida pela União Soviética” e que o problema central estaria no treinamento: “Como acontece a todo time mal treinado, porém, o Brasil reagiu de forma desordenada [...]” (27 e 28/10, 1º caderno, p. 44). No dia 29, de volta ao Brasil, o jogador Ubiratã atribuiu a derrota ao despreparo sob o “ponto de vista técnico e físico” (29/10, 1º caderno, p. 18). Em resumo, o fator treino continua sendo visto como fundamental para a performance em esportes amadores.

Na matéria “Brasil volta na segunda”, publicada no dia 26 de outubro, salientava-se o desempenho superior, em número de medalhas, em relação à Tóquio, onde só o basquete havia conseguido um bronze. O ponto negativo seria o disciplinar, pois uma briga entre duas atletas culminara com o desligamento de uma delas da delegação. De todo modo, a participação brasileira é qualificada como “discreta” (26/10, 1º caderno, p. 19). No dia 29, o título da matéria é emblemático desse sentimento dúbio: “Brasil foi menos mal do que em 64” (1º caderno, p. 18).

No dia 30, cessam as matérias olímpicas, restando apenas duas notas que mencionavam os atletas olímpicos: “Olímpicos chegam amanhã” e “Equitação brasileira vai aos EUA” (1º caderno, p. 21).

C) Conclusões

Em resumo, destaco a função memorialística que esteve muito presente na narrativa em diversos momentos, seguindo uma tendência já iniciada nos Jogos de Tóquio. Havia um forte pessimismo inicial pairando o discurso jornalístico em relação à participação brasileira, o que pode ser visto em vários pequenos trechos de matérias, como essa: “Como já se esperava, as Olimpíadas começaram mal para o Brasil...” (15/10, 1º caderno, p. 21). Após o encerramento dos Jogos, não foram vistas críticas tão contundentes em relação aos dirigentes brasileiros como em Tóquio-1964 e Roma-1960. A alegria explícita de Servílio de Oliveira (24/10, 1º caderno, p. 18) e Nelson Pessoa (23/10, 1º caderno, p. 19) confirmaria os estereótipos dos brasileiros enquanto povo descontraído e de bem com a vida. Essa mesma felicidade manifestara-se de modos diferentes em quase todas as narrativas sobre as Olimpíadas.

Válido destacar também que o *doping* se consolidava enquanto um fenômeno prejudicial às Olimpíadas e, principalmente como uma pauta relevante para o jornalismo esportivo. O *doping*, em geral, visa a melhora de performance ou maior resistência física. Esses dois aspectos proporcionam normalmente a quebra de recordes. Estes eram apreciadas e adquiriram relevância nas páginas do *JB*, por meio principalmente de quadros ilustrativos que mostravam a redução nos tempos de execução das provas ao longo da história olímpica. É sob essa contradição que o debate sobre o *doping* deveria ser direcionado. Cabe mencionar a contribuição de Guttman para o entendimento da lógica do recorde que permeia o esporte e o capitalismo:

[...] características como secularização, igualdade de chances, especialização, racionalização, burocratização, quantificação e busca de recorde, princípios que regem a sociedade capitalista pós-industrial, marcam indelevelmente a prática esportiva, tendo o rendimento como o princípio norteador (apud RUBIO, 2001, p. 95).

Um aspecto peculiar são as entrevistas com atletas, que fornecem muitas vezes respostas longas e bem formuladas, talvez reflexo do nível educacional de muitos (como eram amadores, muitos dentre eles estudavam e trabalhavam, já que não esperavam conseguir viver apenas do esporte). O profissionalismo rondava cada vez mais os discursos, ainda que não se falasse nele explicitamente. Há também maior atenção às histórias de vida, tanto de atletas brasileiros quanto (ou até mais) de desportistas estrangeiros. Essa preocupação se reflete na verificação de narrativas heroificantes sobre os medalhistas nacionais, principalmente Nelson

Prudência. As características associadas aos atletas brasileiros medalhistas seguem se aproximando mais daquelas tidas como próprias do herói clássico.

6.6 As Olimpíadas de Munique 1972

6.6.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

Os XX Jogos Olímpicos tiveram Munique como sede entre os dias 22 de agosto e 11 de setembro. Cento e vinte e um países compareceram às Olimpíadas, representados por um total de 7.134 atletas (6.075 homens e 1.059 mulheres). O Brasil levou à Alemanha uma quantidade maior de atletas que ao México. Foram 89 esportistas, sendo 84 homens (94,38% do total) e apenas cinco mulheres (5,62%). Não se faz mais necessário mencionar a evidente disparidade numérica entre homens e mulheres. O número de modalidades esportivas aumenta para 23 e o número de eventos para 195⁸³. Estávamos representados em 14 esportes: atletismo, basquete, boxe, ciclismo estrada, futebol, hipismo adestramento, hipismo saltos, judô, levantamento de peso, natação, remo, tiro esportivo, vela e vôlei.

Diante do eminente boicote de mais de 20 nações africanas contrárias a participação da Rodésia (atual Zimbábue), país africano que segregava os negros aos moldes da África do Sul, o COI teve de voltar atrás em sua decisão favorável à participação desse país. Na presidência deste organismo desportivo internacional desde a primeira Olimpíada analisada nesta dissertação, o norte-americano Avery Brundage é enfim sucedido pelo inglês Michael Morris (conhecido também como Lorde Killanin⁸⁴), que ficaria no cargo até três de agosto de 1980.

Com a mudança na presidência do COI, ventos de mudança no ideal olímpico do amadorismo foram sentidas. Já combatido pelos vários subterfúgios utilizados pelos países para burlar essa regra, o amadorismo tenderia a cair oficialmente no ostracismo e deixar de ser obrigatório. Se a lei não mudava por iniciativa do COI, a contingência e as práticas

⁸³ Fonte: Site Oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/munique-1972>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

⁸⁴ O *JB* às vezes se referia a ele como Lorde (com “e”), outra vez como Lord (sem “e”). Como esse pronome de tratamento advém de um título de nobreza, acredito que o correto seja Lorde (com “e”).

fizeram com que ela tivesse de ser alterada. Observo que o discurso jornalístico, outrora amplamente favorável ao amadorismo, por vezes até exaltando-o, passa paulatinamente a apoiar o profissionalismo. Mais do que um formador de opinião, os jornais também são filhos de seu tempo, e comunicam o espírito de sua época. Destaco, assim, um trecho bastante elucidativo das transformações que tornaram o amadorismo obsoleto, bem como a proposta de um novo evento esportivo chamado de Jogos Abertos:

Isto é, jogos em que o amador que assim queira permanecer por convicção e por ter meios que lhe permitam não trabalhar, confronte-se com a maioria dos profissionais, que vivem de esporte pelo simples fato de que ele hoje é uma atividade que exige 24 horas de dedicação diária [...] Uma decisão que, afinal, não fará mais do que reafirmar o ideal de que o esporte o que importa é competir (*JB*, 03/09, 1º caderno, p. 69).

Os Jogos de Munique ficaram marcados pelo atentado terrorista a delegação de Israel em cinco de setembro daquele ano⁸⁵. A organização árabe Setembro Negro organizou o ataque que terminou com a morte dos nove atletas israelenses que haviam sido feitos reféns. As Olimpíadas foram interrompidas por 24 horas, mas, mesmo diante de opiniões em contrário, continuou após essa pausa.

O aparato midiático criado em torno desses Jogos foi ainda maior que os anteriores, totalizando: “169 câmeras, cem delas em cores, 21 caminhões-estúdios, mais trezentas torres de transmissão por micro-ondas, uma delas com 290 metros de altura, destinada ao lançamento de doze imagens simultâneas até duas estações para satélites espaciais” (LANCELLOTTI, 1996, p. 431). Ainda segundo Lancellotti haviam quatro mil o número de jornalistas credenciados para a cobertura do evento.

Tem início em Munique mais uma das tradições inventadas pelos Jogos da Era Moderna: as mascotes oficiais. “Waldi” foi o primeiro dessa linhagem⁸⁶.

⁸⁵ Esse triste episódio do esporte mundial foi capa do *JB* do dia 06 de setembro, sendo objeto de inúmeras matérias. Não analisei a cobertura desse atentado, pois ela foge bastante do meu objetivo aqui. Acredito, entretanto, que estudos aprofundados sobre ele devam ser feitos, tanto de cunho empírico, enfocando a cobertura jornalística, quanto com um viés mais teórico, abarcando suas implicações políticas e esportivas.

⁸⁶ A mascote dos Jogos do Rio de Janeiro-2016 será escolhida no segundo semestre de 2014. Até o encerramento dessa dissertação, estavam definidas apenas as cinco empresas finalistas para elaboração do personagem. Fonte: < <http://rio2016.com/noticias/noticias/rio-2016-seleciona-cinco-empresas-para-terceira-fase-do-processo-de-criacao-das-ma> >. Acesso em: 03 fev. 2014.

Figura 12: Waldi – mascote dos Jogos Olímpicos de Munique. Fonte: Site oficial do COI.



No mundo, a Guerra do Vietnã, iniciada em 1955, aproximava-se de seu fim, o que ocorreria em 30 de abril de 1975. Os norte-americanos, derrotados, se retiraram do conflito em 1973, após milhares de baixas em seu exército. Em 1975, o Vietnã do Norte e o Vietnã do Sul se unificaram sob o nome de República Socialista do Vietnã. Em 18 de junho 1972, o caso Watergate era noticiado na capa do jornal *Washington Post*. O roubo à sede do Partido Democrata (o complexo Watergate) culminaria com a renúncia do então presidente norte-americano Richard Nixon em nove de agosto de 1974.

No Brasil, a ditadura militar continuava forte, mas experimentara um período de regressão com a eleição Ernesto Geisel, em 1974. Geisel era um militar legalista e, por isso, favorável à abertura, contanto que fosse feita em seus termos: “lenta, segura e gradual. Ao mesmo tempo, a censura e o combate a opositores permaneciam implacáveis, tanto que a guerrilha urbana foi considerada extirpada em 1972 (DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 285). No esporte, Emerson Fittipaldi conquistava seu primeiro título na fórmula 1 e a seleção brasileira de futebol era tricampeão mundial de futebol no México em 1970.

Nelson Prudêncio subiu mais uma vez ao pódio, conquistando a medalha de bronze na prova olímpica do salto triplo. Era a quarta medalha brasileira nessa prova em Jogos Olímpicos. Chiaki Ishii tornou-se o primeiro judoca brasileiro a conquistar medalha nos Jogos, ganhando o bronze na categoria meio-pesado. Sylvio Fiolo, novamente favorito na natação, não conseguiu ficar entre os três primeiros colocados, assim como no México em 1968. Reinaldo Conrad e Burkhard Cordes não repetiram o feito da olimpíada anterior.

6.6.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O *JB* apresentou, assim como nos Jogos do México, uma diagramação organizada das páginas de esporte, fruto da já citada reforma gráfica de Amílcar de Castro. Foram em média seis páginas no caderno esportivo, mas muitos dias superaram a marca de dez páginas contendo informação esportiva, sendo uma exclusivamente dedicada ao turfe diariamente. As notícias de esporte continuavam sendo parte do primeiro caderno, ainda que ocasionalmente figurassem no Caderno B. As manchetes esportivas se consolidavam como temáticas de destaque na capa do periódico.

Minha percepção de que houve um aumento da cobertura sobre os Jogos Olímpicos por parte do *JB* em Munique é corroborada pela coluna de Armando Nogueira do dia 02 de setembro. O jornalista afirma que a crítica dos leitores de que os esportes amadores não recebiam a mesma cobertura que o futebol não se fazia mais pertinente, uma vez que tanto os jornais quanto o rádio e a televisão estariam se dedicando ao máximo para fornecer informação esportiva em quantidade e qualidade ao público. Ele propunha ainda a existência de uma relação entre o incremento da informação esportiva e a maior quantidade de brasileiros praticando atividades físicas (02/09, 1º caderno, p. 27).

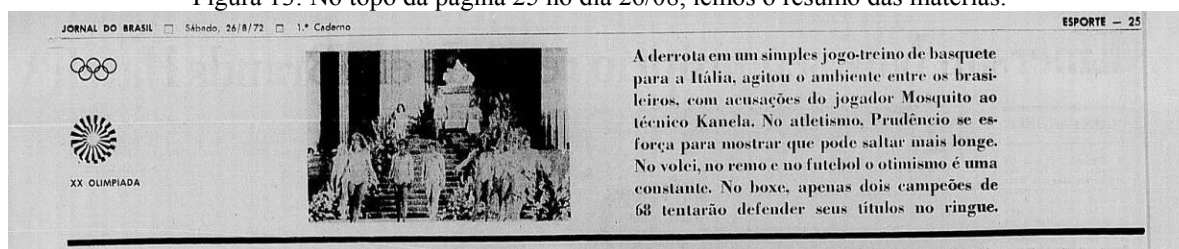
Dessa vez, a equipe do *JB* foi formada por dois enviados especiais: Oldemário Touguinhó e Alberto Ferreira. A coluna “Podium”, com periodicidade diária, elencava pequenas notas sobre os jogos (curiosidades, episódios envolvendo os países presentes em Munique). Armando Nogueira, em sua coluna “Na Grande Área” também tratava dos Jogos Olímpicos, ainda que seu foco primordial estivesse no futebol brasileiro. As edições de domingo e segunda passam a vir separadas, ao contrário da publicação conjunta que era feita até 1968. Os esportes femininos ainda são definidos como de ou para “moças”⁸⁷, entretanto, um sinal de mudança é visto quando Armando Nogueira fala em provas de ginástica “de

⁸⁷ Até Moscou-1980, ainda tínhamos o uso do termo “moça” em referência às mulheres, mas ele era cada vez menos empregado (em 1984, empregava-se, ainda que raramente, “damas”). Em seu lugar, atualmente, vemos a utilização do termo “meninas”. No entanto, fala-se também em “meninos” para se referir aos atletas do sexo masculino, principalmente em esportes coletivos (ex.: meninos do vôlei, do futebol, do basquete).

mulher” e “de homem” (01/09, 1º caderno, p. 29). O campeonato carioca⁸⁸ mais uma vez era realizado concomitante aos Jogos, tendo de dividir a atenção dos jornalistas esportivos do *JB*.

Há outra ruptura em relação às edições anteriores. Não é feita nenhuma referência ao fato de as matérias serem fornecidas por agências. Isso não significa que necessariamente o *JB* não fazia mais uso dessas fontes noticiosas, todavia, não existe como antes a exibição explícita da agência assinando as matérias ou sendo referenciada na testeira do jornal. No topo das páginas “olímpicas” a testeira é ocupada por um resumo das matérias ali presentes.

Figura 13: No topo da página 25 no dia 26/08, lemos o resumo das matérias.



B) Os atletas e outros temas

Logo no primeiro dia de análise, 23 de agosto, já aparecia na capa do *JB* uma matéria tendo como temática os Jogos Olímpicos: “Comitê expulsa Rodésia dos Jogos Olímpicos de Munique”. Nesse dia, muitas matérias enfocaram o treinamento dos atletas brasileiros. Em “Raul se recupera e ‘dois’ rema completo”, o texto reforça a importância dada ao treino e traz outra questão interessante ao debate. O treinador da equipe de remo brasileira, Guilherme Augusto do Eirado Silva, conhecido simplesmente por Buck, demonstrava otimismo em relação ao desempenho brasileiro, mesclado com certa segurança na vitória. Este sentimento é muito pouco visto, principalmente até aqui, no discurso tanto dos jornalistas quanto nas falas de técnicos e atletas. Eis um trecho da entrevista do técnico: “Estamos cientes das nossas possibilidades e *estou convicto que não encontraremos dificuldades durante as eliminatórias*” (23/08, 1º caderno, p. 26, grifos meus).

Na matéria “Futebol treina e os adversários assistem”, além de termos novamente o treino como eixo central do texto, percebe-se mais uma vez como os emblemas de brasilidade são expostos ao mundo nas Olimpíadas, sendo alvos do interesse jornalístico:

⁸⁸ Até a criação do campeonato Brasileiro em 1971, o Carioca era a principal competição dos clubes do Rio, ocupando a maior parte do calendário. Em 1972, por exemplo, ele durou de fevereiro até setembro. Apenas em 09 de setembro desse ano, tinha início o campeonato nacional.

Apesar do desgaste e de estarem bastante cansados, ao irem embora [do treino] os jogadores *pegaram os instrumentos de samba que trouxeram para Munique* – tamborim, surdo e outros – e foram cantando e tocando até chegarem de volta aos seus quartos, numa demonstração de total alegria e otimismo (23/08, 1º caderno, p. 26, grifos meus).

A matéria que descrevia a cerimônia de abertura dos Jogos também reproduzia esse estereótipo da alegria na legenda de uma das fotos: “O desfile do Brasil foi um dos momentos mais alegres da festa” (27/08, 1º caderno, p. 50). Na vitória do vôlei masculino sobre a Romênia ganhou-se pelo entusiasmo e pela técnica. Ademais, a festa da vitória do vôlei brasileiro sobre a Romênia foi descrita como um grande carnaval nas ruas da Vila Olímpica (02/09, 1º caderno, p. 24).

No dia 24 de agosto, as matérias sobre futebol⁸⁹, remo e vôlei destacavam os treinamentos e amistosos realizados pelas equipes na preparação para os Jogos. O mesmo foco de atenção é visto no dia 25. A matéria de capa do caderno B desse dia sustentava-se em dois mitos fundamentais das Olimpíadas: a associação aos Jogos Gregos e a ascensão dos heróis ao posto de semideus. O título era “Olimpíadas. Quando os deuses descem à terra” e o pequeno texto que anuncia a matéria⁹⁰ dizia o seguinte:

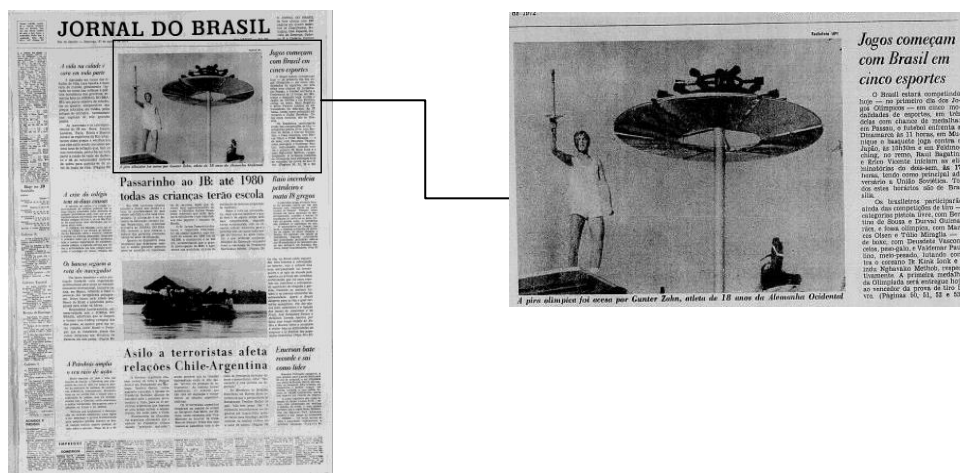
De Milon de Crotona a John Weismuller a humanidade sempre teve a fascinação dos grandes heróis, capazes de façanhas que lhes emprestavam a estatura de semideuses. E as olimpíadas, tanto as da Antiga Grécia quanto as modernas, sempre foram o palco favorito do encontro dos atletas com a glória.

A abertura dos Jogos aparece em uma posição de mais destaque na capa do que em 1968, vide imagem abaixo referente ao dia 27 de agosto:

⁸⁹ Uma curiosidade é que a equipe olímpica de futebol era denominada à época de Seleção Amadora.

⁹⁰ Esse pequeno texto possui o termo técnico “chamada”. Segundo Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa, a chamada é o: “Pequeno título e/ou resumo de uma *matéria*, publicado geralmente na primeira página de um jornal ou na capa de uma revista, com o objetivo de atrair o leitor e remetê-lo para a matéria completa nas páginas internas” (1978, p. 86, grifos dos autores). A chamada não deve ser confundida com o “antetítulo” ou “olho”, que tem por definição: “Palavra ou frase, composta em corpo menor do que o utilizado no *título*, colocada antes (geralmente acima) deste, para introduzi-lo, indicar o assunto ou a pessoa nele localizada, ou localizar a posição geográfica e temporal” (1978, p. 18, grifos dos autores).

Figura 14: Abertura das Olimpíadas em destaque na capa do *JB*.



De sentimentos ambíguos também era representado nosso caráter nacional. A matéria “Na alegria da idade, contraste da volta” deixa isso explícito logo em seu título. O texto refere-se derrota do Brasil para a Dinamarca no futebol, enfocando a costumeira alegria e a cantoria dos jogadores brasileiros em direção ao estádio, que se contrapunha ao silêncio no caminho de volta, após a derrota (28/08, 1º caderno, p. 26). O excesso de otimismo era mais uma vez considerado o vilão brasileiro. O discurso jornalístico tende a ser mais condescendente com a falsa modéstia e com a humildade, mesmo daqueles atletas nacionais claramente superiores a seus rivais e grandes favoritos em seus esportes.

No dia 29 de agosto, lia-se a primeira história focada na vida de um atleta nessa edição dos Jogos. Em “Fiolo, a amarga experiência pode valer”, informa-se que a entrada de Fiolo na natação foi totalmente casual, se devendo mais a seu talento. Essa casualidade, já vista em Nelson Prudêncio (vide a página 132), pode indicar uma variação brasileira para o chamada da aventura, que prenuncia o início da saga heroica. Ainda serão citados nesse capítulo outros atletas brasileiros que tiveram um início não planejado no esporte, ainda que alguns efetivamente escolhessem um esporte por sua aptidão e desejo pessoais. O fracasso de Fiolo no México-1968 era encarado como uma provação para lhe dar ímpeto na busca de melhores resultados. Sua mãe o considerava mais humilde, o que era visto como um ponto positivo para o nadador. A soberba ou a confiança elevada é sempre vista como perigosa para o desempenho atlético dos brasileiros. Cito trechos da matéria em que fica patente uma dualidade em sua personalidade, ao mesmo tempo em que era rebelde (talvez próximo de uma lógica macunaímica) também treinava com afinco:

Era um garoto de 18 anos, *displicente e rebelde* a qualquer tipo de obrigação rotineira. Um dia bateu o recorde mundial de natação, nos 100 metros de peito, e se transformou na grande esperança brasileira para as Olimpíadas [...] Talvez ainda conserve o velho defeito de saltar com atraso, a velha dificuldade em se concentrar para a saída. Mas não há quem lhe deixe de reconhecer a força de vontade, não há quem discorde de que foi o mais empenhado de toda a equipe nos *treinamentos* (29/08, 1º caderno, p. 33, grifos meus).

“Bruder, a esperança da medalha de ouro” trazia um aspecto da história de vida do iatista Joerg Bruder, que, acredito, seja vivenciado por outros atletas: a abdicação de outras esferas da vida: “Trinta e quatro anos de idade, 12 de iatismo, 1,80m de altura, 85 quilos, paulista filho de alemães, Joerg Bruder é antes de tudo um apaixonado pelo esporte que o consagrou. Pelo iatismo deixou a cátedra de Geologia na Universidade de São Paulo” (29/08, 1º caderno, p. 33). Ao se dedicar em alto nível a um esporte, e à medida que a exigência de performance se eleva, o esportista deve efetuar um movimento de renúncia a muitos de suas vontades e projetos pessoais. O esporte moderno exige cada vez mais dedicação integral. Ainda sobre o iatismo, após a conquista da medalha em 1968, ele passou a ter maior visibilidade midiática. Nesse mesmo dia 29, fora publicado um guia ilustrado sobre os barcos utilizados nas diferentes classes, seguido do nome do atual campeão olímpico e mundial em cada uma delas (1º caderno, p. 34).

Não apenas na vitória percebia-se o tom de agradecimento a um ente superior, que variava conforme a religiosidade de cada atleta. Após o empate com a Hungria no torneio olímpico de futebol, resultado que praticamente desclassificava o Brasil, Toninho Cereso era o mais abatido dos jogadores. Ato contínuo, buscava aplacar sua tristeza com a fé na justiça divina: “Só mesmo muita fé pode me consolar nas derrotas de minha vida. Mas um dia, se Deus quiser, tudo vai mudar. Não faço mal a ninguém e por isto não mereço ser castigado” (30/08, 1º caderno, p. 23). O *ethos* católico da recompensa e do castigo divinos também pode ser depreendido de sua fala.

O sentimento de identificação com os demais países latinos ainda podia ser apreendido, como no excerto a seguir: “A América Latina estará presente com seis fundistas mas os grades favoritos são os finlandeses [...] Entre os latino-americanos Juan Martinez do México e Domingo Tibaduiza da Colômbia são os que reúnem maiores possibilidades” (31/08, 1º caderno, p. 28). No dia 04 de setembro, se repetia essa manifestação de latino-americanidade no seguinte trecho:

A primeira metade dos Jogos Olímpicos deixou um *saldo melancólico para os países latino-americanos*. Quando faltam apenas seis dias para o final da competição, a América Latina conquistou apenas quatro medalhas, duas de prata e

duas de bronze [...] Isso deixou claro que os países latino-americanos não foram capazes de acompanhar o extraordinário progresso esportivo dos europeus, norte-americanos, australianos e japoneses (1º caderno, p. 33, grifos meus).

Em um período de ditadura militar no Brasil, havia um coronel na direção da pasta de Esportes do Ministério da Educação: Érico Tinoco Marques. Em um trecho de sua entrevista ao *JB*, ele fazia ressoar uma crítica que ganhava vulto entre os jornalistas desde, pelo menos, os Jogos de Tóquio: a necessidade de uma melhor preparação dos atletas olímpicos. Tinoco reconhecia que apenas seis meses de preparação era pouco e não procurava em nosso subdesenvolvimento as causas da situação do desporto nacional. Diz ele: “Os europeus, os norte-americanos, os atletas dos países mais desenvolvidos, *não são super-homens*. Simplesmente são *jovens bem treinados* e isto é o que conta para um certame como este” (31/08, 1º caderno, p. 28, grifos meus). Ao negar o fato de que os citados atletas não são super-homens, ele dava a ler que existiam brasileiros que acreditavam nessa falácia, incorporando o vira-latismo diagnosticado por Nelson Rodrigues. Era, no entanto, o treinamento o responsável por forjar esses campeões.

A sorte e o treinamento eram os dois pontos que mais apareciam nas narrativas. O técnico do basquete masculino, Kanela, por exemplo, atribuía a esse elemento abstrato o rumo da partida contra os EUA: “Apesar de tudo, o técnico Kanela ficou satisfeito com o resultado pois viu que a equipe, mesmo sem dois titulares, conseguiu fazer jogo duro; podendo inclusive ter vencido se contasse com um pouco mais de sorte” (31/08, 1º caderno, p. 29).

No dia 01 de setembro, somos instados a pensar nos híbridos culturais e nas múltiplas identificações culturais postulados por Hall (2011). A matéria “Um japonês brasileiro” discorria sobre a escolha da nacionalidade brasileira por parte do judoca Chiaki Ishii (1º caderno, p. 26). Apesar de ocorrido na década de 1970, este fato torna-se atual diante da polêmica sobre a naturalização espanhola do atacante brasileiro Diego Costa. Em face das críticas recebidas pelo jogador brasileiro, faz-se interessante observar como o próprio Brasil também já se utilizara desse instrumento para ampliar suas chances de conquistar medalhas.

“Um dia triste para o futebol do Brasil” é uma matéria de meia página que relatava os bastidores dessa derrota. O futebol é o único esporte que, mesmo na derrota, recebe tanta atenção (durante as Olimpíadas de 2000, essa observação faz mais sentido ainda). Dessa vez, contudo, não havia julgamento condenatório da participação brasileira. Pelo contrário, há certa resignação diante da derrota. Talvez seja a sina do futebol olímpico fosse ser derrotado, mesmo quando se esforçava ao máximo por um resultado positivo. Cito:

Só que desta vez a culpa não foi da desorganização e nem da incapacidade técnica dos homens. Apenas não era a vez do Brasil. Os rapazes não merecem críticas nem palavras irônicas. Eles lutaram por coisa melhor. Não foi possível. A derrota de ontem para o Irã nem deve ser levada em conta. Pois o orgulho, o amor-próprio, a técnica, a raça, tudo isto já não existia. *Só havia a tristeza de saber que ainda falta um título na história do futebol Brasileiro: o olímpico* (01/09, 1º caderno, p. 28, grifos meus).

A matéria sobre o bronze conquistado por Ishii no judô não foi contada seguindo a fórmula das “histórias de vida”. O texto, cujo título é “Ishii dá medalha de bronze ao Brasil no judô”, trazia, em linhas gerais, a forma como a medalha foi alcançada e ratificava-se que esse resultado já esperado de um “grande lutador” como ele (02/09, 1º caderno, p. 25).

Assim como no México-1968, Nelson Pessoa Filho continuava sendo visto como a “grande esperança do Brasil para conquista de uma medalha de ouro” (03/09, 1º caderno, p. 64). A matéria “O esforço solitário em busca do sucesso” relatava os artifícios utilizados por Nelson para conseguir se financiar no esporte, uma vez que não recebia nenhuma ajuda governamental. Seus proventos advinham basicamente da compra e venda de cavalos e das premiações. Nelson selecionava em competições os cavalos que ele julgava terem potencial, treinava-os e, em seguida, os revendia por um valor mais elevado. Esse ágio era que o sustentava no hipismo. Sua situação amadora, entretanto, se encerraria em Munique. Após essa competição, ele passaria a compor a equipe profissional francesa. O empenho e do trabalho duro aproximam Nelson da ética do herói clássico. Por outro lado, ao não corresponder às expectativas, a narrativa não é condescendente com o fracasso: “Sua atuação chegou mesmo a ser considerada ‘catastrófica’ pelos observadores do hipismo e com esse fracasso inesperado o Brasil perdeu talvez a sua última chance de conquistar uma medalha de ouro nessa Olimpíada” (04/09, 1º caderno, p. 33).

A coluna de José Inácio Werneck, no dia 04 de setembro, buscava razões para o fraco desempenho brasileiro, latino-americano e africano nessas Olimpíadas. O motivo central seria a disparidade mundial entre nações ricas e pobres, que determinava não somente os vencedores, mas também que países abrigariam uma edição dos Jogos, os quais eram cada vez maiores e mais custosos. A teoria de Werneck centrava-se nas adversidades do esporte progredir em um quadro de subdesenvolvimento:

Mas nos países subdesenvolvidos como é que o povo vai nadar, correr nas pistas, jogar voleibol? O povo está muito ocupado comendo e sobrevivendo. Quando afinal chega em casa, depois de trabalhar pelo menos mais cinco horas do que seu colega alemão, ou americano, ou soviético, não tem energias para praticar nenhum esporte. E, mesmo que as tivesse, não tem instalações, técnicos e material esportivo à sua disposição. Os que realmente possuem talento vão para o futebol. E o atletismo definha, a natação vegeta, o remo desaparece (1º caderno, p. 37).

Na capa do *JB* do dia 05 de setembro, enfoque na conquista de Nelson Prudêncio no salto triplo: “Prudêncio ganha medalha de bronze”. A descrição da conquista de Nelson Prudêncio concentrou-se em alguns aspectos recorrentes como a emoção pelo triunfo, a humildade diante do prêmio, a ênfase no treinamento e a medalha como recompensa pelos esforços dispendidos na preparação. A fala do atleta é ilustrativa de alguns desses pontos:

Minha alegria é muito grande em poder dar ao Brasil sua segunda medalha de bronze. Quando iniciei meus treinamentos procurei me concentrar, a fim de realizar tudo o que estava programado por meu técnico. Felizmente meu trabalho não foi em vão e esta medalha de bronze me faz sentir recompensado (05/09, 1º caderno, p. 37).

Os intertítulos que dividiam a matéria eram: “Com emoção”, “Com garra” e “Com esperança”. Hélio Babo, chefe da delegação de atletismo, acolheu sua identidade latino-americana para saudar a conquista de Prudêncio: “[...] para nós latino-americanos a medalha de bronze de Prudêncio é uma grande honra” (05/09, 1º caderno, p. 36). Enfatizou-se também as lesões como obstáculos que ele soube superar, com humildade e trabalho duro, conseguindo chegar em Munique em plena forma, ainda que sem favoritismo. Ressalto que a história de Nelson possui todos os ingredientes que a tornam atraentes para o discurso jornalístico e exemplar dos predicativos associados ao arquétipo clássico do herói.

As críticas ao desempenho esportivo brasileiro começavam a aparecer posto que o torneio olímpico entrava em sua reta final. O enviado especial do *JB*, Oldemário Touguinhó, por exemplo, optou pelo discurso da mediocridade, palavra repetida à exaustão nessas análises posteriores aos Jogos: “A equipe olímpica do Brasil mais uma vez está realizando uma atuação medíocre” (05/09, 1º caderno, p. 36). A invocação de uma ajuda sobrenatural, que é mais comum nas transcrições de falas de atletas, também aparecia no texto do jornalista: “Que Deus nos dê essa alegria de um dia também podermos chorar de felicidade por ouvir o nosso hino tocar nas olimpíadas, em mais uma medalha de ouro” (05/09, 1º caderno, p. 36). Há ainda uma tese de que não seríamos capazes, por motivos não avultados, de competir com a mesma eficácia em esportes individuais e de conjunto, o que depõe a favor do futebol, do basquete e do vôlei e em oposição ao atletismo e à natação, por exemplo.

O que adianta dizer que nas competições individuais os nossos atletas em geral sentem-se diminuídos diante dos adversários e baixam sua produção? O maior exemplo disso está na natação, onde nos revezamentos, unidos, nossos atletas fizeram tempos excelentes, enquanto que sós, abandonados na piscina, quase nada realizaram (05/09, 1º caderno, p. 36).

Na coluna de Touguinhó do dia 12 de setembro, sob o título “Um vexame até na festa final”, novamente surgia sua veia contestadora, criticando a ausência de atletas brasileiros no desfile de encerramento, o que seria mais uma prova da incompetência de nossos dirigentes esportivos (1º caderno, p. 37). No retorno ao Brasil, os atletas continuaram sendo cobrados pelo desempenho medíocre, vide o seguinte título “Brasileiros chegam e dão explicação para o fracasso” (08/09, 1º caderno, p. 23). O espaço para congratulações aos atletas brasileiros independentemente de seu desempenho ficara na década de 1950. A partir de então, as narrativas jornalísticas deram enfoque cada vez maior às cobranças.

No dia 10 de setembro, a matéria “Brasil, as muitas explicações para um fracasso”, como o título sugere, reúne os motivos pelos quais cada uma das 13 modalidades⁹¹ em que competimos fora um fracasso. A inexperiência, o preparo físico deficitário, o azar e os complexos psicológicos eram os apareciam dentre os principais motivos citados pelos técnicos e atletas brasileiros (1º caderno, p. 48).

No dia 13 de setembro, “Atletas chegam de Munique e só Ishii ganha aplausos”. O judoca, medalhista de bronze, teria sido o único atleta brasileiro que teve seu feito comemorado pelos seus compatriotas, no caso os alunos de sua academia em São Paulo. Sobre Nelson Prudêncio criticava-se certo pedantismo em sua declaração de que a medalha era esperada, pois ele havia se preparado para conquista-la. Para os demais atletas, que chegaram a São Paulo, não houve “boas-vindas” da torcida. Esse padrão, de saudar apenas os vencedores, se repete em todas as edições das Olimpíadas investigadas.

No dia 14 de setembro, coincidentemente o último dia de análise, não há mais nenhuma matéria diretamente focada nos Jogos; em uma delas, todavia, sobre a volta do treinador da seleção de basquete, lia-se a indignação de Kanela em relação aos jogadores pelas noitadas e aos dirigentes pela preparação da equipe.

C) Conclusões

Recupero alguns pontos centrais da narrativa jornalística sobre os Jogos de Munique. O treinamento, ressaltado principalmente no período anterior ao início das provas, mantinha-se sendo um fator chave para entendermos as narrativas sobre os atletas olímpicos. Em inúmeros trechos de matérias ele se fez presente, tendo seu papel positivo no desempenho atlético sempre posto em evidência. Crescia a importância da TV, enquanto meio de

⁹¹ A matéria não distinguia o hipismo adestramento do hipismo saltos. Daí, serem 13, e não 14 esportes em que tivemos representação.

comunicação dos fatos esportivos, que passava naquele momento, então, a ser personagem ou protagonista de matérias do *JB*. Aumentaram também os problemas com o *doping*, que se tornava uma preocupação cada vez maior para o COI e se consolidava como uma pauta relevante para o jornalismo esportivo.

Em termos de construções heroicas, destaco aquela alicerçada sobre a história de Nelson Prudêncio. O atleta, que já havia sido destaque nos Jogos do México, conservara os requisitos para se consolidar como herói nacional. Seu talento e esforço legitimavam suas conquistas.

Um dado interessante, ainda que não relacionado aos Jogos, diz respeito à popularidade do xadrez na década de 1970, relatado em inúmeras matérias (inclusive em uma das capas do *JB*). Era um modismo da época, em um nível tal que não conseguimos dimensioná-lo atualmente. A matéria de capa do caderno B no dia 27 de agosto, por exemplo, era destinada exclusivamente a reportar o fenômeno: “Enquanto o combate entre Fischer e Spasky, na desconhecida Islândia, aproxima-se do final, o xadrez vive no Brasil seu *boom* de consumo e discussão. As lojas esgotam seus estoques e P4R e T1D deixam de ser signos indecifráveis” (27/08, capa, caderno B). Essa fama repentina podia se dever também ao célebre enxadrista brasileiro Henrique Costa Mecking, conhecido apenas como Mequinho, o que reforça a hipótese de que os ídolos elevam a popularidade de esportes, a princípio sem tradição no país. Outra questão a ser pensada são as fronteiras entre o esporte e o jogo quando falamos do xadrez. O Movimento Olímpico já considera o xadrez um esporte, o que o credencia a ingressar no programa olímpico oficial.

6.7 As Olimpíadas de Montreal 1976

6.7.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

A vigésima primeira Olimpíada da Era Moderna foi realizada na cidade de Montreal, no Canadá, entre os dias 17 de julho e 01 de agosto. Um total de 6.084 atletas (4.824 homens e 1.260 mulheres) competiu por noventa e duas nações. O Brasil levou ao Canadá uma quantidade maior de atletas que à Munique. Foram 93 esportistas, sendo 86 homens (92,47% do total) e apenas sete mulheres (7,53%). O número de modalidades esportivas diminuiu para 21,

enquanto o número total de provas aumentou para 198⁹². Doze esportes contaram com representantes brasileiros: atletismo, boxe, esgrima, futebol, judô, levantamento de peso, natação, remo, saltos ornamentais, tiro esportivo, vela e vôlei. Foram superados trinta e oito recordes mundiais e oitenta e quatro olímpicos durante os Jogos (JB, 02/08, 1º caderno, p. 20).

Pela primeira vez na história dos Jogos Modernos, um conjunto de países retirava-se em bloco da disputa olímpica. Trinta e duas nações, sendo 24 africanas, protestaram contra a manutenção da Nova Zelândia nos Jogos. Esses países queriam o banimento desse país da Oceania, pois sua equipe de rúgbi havia disputado um jogo contra a África do Sul, que ainda mantinha o regime do *apartheid* em seu território e, por isso, não podia disputar os Jogos Olímpicos. China e Formosa (Taiwan) também não participaram, por imbróglis com o Canadá. Os EUA cogitaram também boicotar o evento, em represália ao Canadá “que não admite a participação de Formosa com o nome de China Nacionalista” (JB, 15/07/1976, capa). A organização das Olimpíadas trouxe prejuízo financeiro aos canadenses. O déficit foi calculado em 1,7 bilhão de dólares (CARDOSO, 2000, p. 326).

A transmissão televisiva ficou sob responsabilidade da *Europe Television*, que era uma associação de empresas do setor (JB, 14/07/1976, 1º caderno, p. 23). A influência televisiva fica evidente nas palavras de João Saldanha, que enumerou as vantagens de se assistir aos Jogos pela TV:

Os jogos pela televisão, excetuando-se as partidas de futebol, que não podem ser transmitidas com visão geral do jogo, são muito melhores para se acompanhar. Até o suor de um atleta nervoso pode ser visto num close da saída dos 100 metros rasos. E a saída, o percurso, sua fase decisiva e o final, pela televisão, se vê tudo e ainda mais: sabe-se o resultado antes da turma que está no local da competição. Natação, então, é covardia. Quem estiver na piscina não vê os lances por debaixo d'água. Arremessos e saltos, melhor ainda. Do estádio os atletas ficam pequeninos e as marcas quase invisíveis. Na TV se sabe tudo e ainda temos o banheiro pertinho, refrigerante e tudo o mais (16/07/1976, 1º caderno, p. 26).

No mundo, a China preparava-se para a sucessão de Mao Tse Tung, morto em 9 de setembro de 1976. Para o seu lugar, entra Deng Xiaoping, que fora o responsável por iniciar as mudanças socioeconômicas, que permitiram a China ingressar no mercado global. Na Argentina, tinha início a ditadura militar, que se estenderia até 1983, quando foram convocadas eleições democráticas após a derrota nas Malvinas.

⁹² Fonte: Site Oficial do COB: < <http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/montreal-1976>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Uma ditadura militar também permanecia governando o Brasil desde 1964, como vimos. A sede da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) foi alvo de ataques do governo e a Lei Falcão mitigava ainda mais o processo eleitoral, proibindo “em programas eleitorais televisivos, o debate e a exposição oral de propostas e críticas ao regime” (DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 285). Manuel Fiel Filho foi morto, em circunstâncias suspeitas no DOI-CODI paulista, mesmo local onde, no ano seguinte, também foi assassinado Vladimir Herzog (CARDOSO, 2000, p. 339). Apesar disso, nos dois anos seguintes a 1976, foi abolido o AI-5, a censura retrocedeu e anistiam-se os presos políticos. João Baptista de Oliveira Figueiredo assume o poder em 1979, com o apoio de Geisel seu antecessor (DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 286). Entretanto, um dado positivo deve ser citado em referência a esse momento histórico. Houve um grande aumento na tiragem dos jornais diários e não-diários. Ortiz (2012, p. 83) traz os seguintes dados, baseados em pesquisas do IBGE: “Em 1960 a tiragem dos periódicos diários era de 3.951.584 e de não diários, de 4.213.802; em 1976 ela passa para 1.272.901.104 diários e 149.415.690 não diários”.

Nos Jogos Olímpicos, João Carlos de Oliveira chegava com status de favorito, além de já ser considerado um ídolo nacional no Brasil. João “do Pulo”, como era conhecido, era mais um representante da tradição brasileira no salto triplo. Apesar de detentor do recorde mundial, não conseguiu repetir sua melhor marca e ficou apenas com o bronze. A outra medalha brasileira, também de bronze, veio da vela, novamente com Reinaldo Conrad, agora em parceria com Peter Ficker, na classe *Flying Dutchman*.

6.7.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

Para os Jogos de Montreal, o *JB* enviou os jornalistas Marcos de Castro e Ronaldo Thebald. José Inácio Werneck, em sua coluna “Campo Neutro”, e João Saldanha também acompanharam o megaevento. Entre quatro e oito páginas diárias eram dedicadas ao jornalismo esportivo no *JB*. A seção de Esportes permanecia sendo parte do 1º caderno. Toda edição do periódico durante os Jogos trazia um quadro informando as medalhas e os eventos esportivos realizados no dia anterior. Mais uma vez, os Jogos Olímpicos foram destaques frequentes na capa do *JB*.

B) Os atletas e outros temas

Muitos ritos olímpicos se repetem, mas mesmo assim continuam sendo recontados pelo jornalismo esportivo. Esse processo colabora para consolidar as tradições inventadas no imaginário dos leitores. Em Montreal-1976, os ritos de acendimento e condução da tocha começaram mais uma vez na Grécia: “Na Capital da Grécia a chama será transformada em corrente elétrica (pelo calor) e transmitida para Ottawa, Capital do Canadá, e daí novamente por satélite até Montreal, onde uma corrente de Raio Laser acenderá a urna instalada no Estádio olímpico” (14/07, 1º caderno, p. 22). No dia 16 de julho, a narrativa apresentava uma conjugação momentânea de dois elementos – tradição e tecnologia –, ao mesmo tempo controversos e assíduos nos debates sobre o olimpismo moderno: “Milhares de pessoas assistiram a combustão espontânea da chama olímpica, sendo as primeiras testemunhas da utilização da tecnologia para manter uma tradição” (1º caderno, p. 26).

Com o avanço de disputas políticas no terreno esportivo, o aumento da importância da nação em detrimento dos atletas tornava-se uma questão relevante nas narrativas jornalísticas⁹³. Vejamos como exemplo o seguinte excerto: “Chegando ao fim até que comece a parte esportiva, que hoje também poderia ser chamada sem nenhum exagero de parte esportivo-política, uma vez que sempre que sobe ao mastro a bandeira de um país, que toca o hino de um país, deixa de ser um pouco o atleta o vencedor” (14/07, 1º caderno, p. 23). Essa dicotomia encontrou eco também na coluna de José Inácio Werneck, que analisou a condição dos atletas nos países que lideravam o ranking olímpico (basicamente nações soviéticas): “Apenas constato com alguma melancolia que o indivíduo, para cuja glória os gregos criaram os Jogos, vai-se tornando mera engrenagem na preocupação maior de se exaltarem as nações” (30/07, 1º caderno, p. 31). Ao mesmo tempo, de modo mais brando, na coluna do dia dois de agosto, ele pondera que:

Com a conclusão das Olimpíadas, há uma conclusão inescapável a se chegar: é de que, ao contrário do que se pensa, elas não são prejudicadas pela exacerbação dos sentimentos nacionalistas – elas vivem deles e subsistem por eles. Esta é a grande competição chauvinista do mundo, em que todos querem ouvir seu hino e agitar sua bandeira. Por isto, as Olimpíadas continuarão sempre, e por isto também sempre saímos delas tão deprimidos (1º caderno, p. 21).

As críticas ao desempenho brasileiro ainda antes do início das competições representou uma novidade no discurso jornalístico analisado até aqui. No dia 15 de julho, na

⁹³ O debate entre nação e indivíduo cerca a temática do herói olímpico, como foi trabalhado nos capítulos três e quatro dessa dissertação.

matéria “Nosso atletismo ainda no zero”, criticavam-se os poucos esforços do governo para melhorar nossos resultados no atletismo. Os atletas são representados como vítimas de um sistema pernicioso. A cobrança vinha associada às conquistas brasileiras no futebol, o que intensifica a responsabilidade dos esportes amadores:

O pior é que o Brasil firmou um conceito como país de certa forma muito ligado ao esporte, através do futebol. Por isso, sua presença nas Olimpíadas é hoje alguma coisa de muito estranho. Os que se habituaram a ouvir falar no Brasil três vezes campeão do mundo em futebol, os que se habituaram a ouvir falar no país que deu um esportista como Pelé, sendo leigos em esporte, sentem uma estranha sensação (15/07, 1º caderno, p. 34).

No decorrer dessa mesma matéria, o esforço dos atletas é qualificado como heroico a despeito das reconhecidas pouquíssimas chances de subirmos ao pódio. Nossa nata esportiva estaria aquém dos melhores atletas do mundo. O texto termina em tom de melancolia, renunciando o que se esperava do atletismo naquelas olimpíadas – atletas esforçados, mas incapazes de alcançar grandes marcas.

No dia 18 de julho, a matéria “João Carlos de Oliveira começa a ficar otimista” tinha como foco a preparação do atleta homônimo. João do Pulo, segundo a imprensa, era o atleta brasileiro com maior chance de conquistar uma medalha de ouro em Montreal, apesar de ser salientado que suas chances não eram tão grandes quanto um ano antes. O discurso enfocava o treinamento intenso do atleta, apesar de ele próprio atribuir seu desempenho aos desígnios do destino: “Mas tudo depende de sorte – diz o próprio João, com humildade. Lá no México, quando bati o recorde mundial, realmente me encontrava em excelente forma física e técnica. Mas, sem sorte, não teria pulado aqueles 17,89 metros” (1º caderno, p. 36). O texto conciliava assim dois polos: um ligado somente a capacidade individual (o treino) e outro que é fruto da vontade dos deuses e independente da preparação do atleta (a sorte). Importante salientar que é a dimensão dada pela edição que fornece o sentido da narrativa jornalística. João, provavelmente, deve ter dito outras coisas, mas foram escolhidos apenas trechos específicos segundo os desígnios do editor e do repórter.

Na capa do dia 21 de julho, destaque para o futebol brasileiro e para o honroso quarto lugar de Djan Madruga nos 1500m. Djan quebrava mais uma vez o recorde sul-americano da prova e reduzia em 17s o tempo que havia marcado nas eliminatórias. Sobre Madruga, José Inácio Werneck salientava que: “Falar em esforço, em sacrifício e em recompensa, de certa forma resume bem a natação em nossos brasis, onde os dois primeiros sobram e a última escasseia” (22/07, 1º caderno, p. 37). Mesmo involuntariamente, o jornalista aludia ao mito do

herói neste excerto, o qual narra as agruras que devem ser transpostas até a consecução da jornada e a obtenção dos louros da vitória. Assim, na visão de Werneck, a natação ainda não conseguira atingir a última etapa da jornada do herói olímpico: conquistar a medalha e repartir esse feito com os compatriotas.

A identidade latina conservava sua importância em muitos momentos da narrativa. A torcida se estendia aos nossos vizinhos sul-americanos principalmente quando não restava mais esperanças em um triunfo brasileiro. Por exemplo, com a desclassificação brasileira no remo “dois-com”, a matéria enfatizava a participação da equipe argentina: “Com a eliminação do barco brasileiro, restou apenas o argentino Ricardo Ibarra como representante latino” (24/07, 1º caderno, p. 27)⁹⁴.

No dia 24 de julho, lia-se novamente, em “Olimpíada atinge metade e Brasil tem em Djan a exceção”, uma crítica à campanha brasileira. As poucas chances de medalha ainda restantes são um fato muito lamentado, enquanto a sorte e a condição excepcional do nadador Djan Madruga eram as justificativas para seu desempenho singular. No futebol masculino, a falta de talento e vontade dos atletas era posta em cheque. A figura do “craque” surgia como uma explicação plausível para as reduzidas chances de medalha nesse esporte. “Fundamentalmente porque nela não se vê um craque, não se vê um mísero vislumbre de talento, não se vê um padrão definido de jogo, não se vê uma determinação superior de vitória e de glórias [...] E falo em flama e padrão de jogo porque talento não se ganha da noite para o dia” (24/07, 1º caderno, p. 27). O brilho individual no futebol mais uma vez aparecia sobreposto ao jogo coletivo e ao treinamento.

O desempenho de Rui da Silva, classificado para a final dos 100m livres, fora creditado à sua superação, visto que correu acima de seu potencial. Na final, Rui acabaria ficando apenas em sétimo lugar (25/07, 1º caderno, p. 40). Havia, desta feita, cada vez mais a percepção da importância da técnica, aprimorada com treinamentos, para a formação dos atletas olímpicos vencedores:

Houve época em que, contando basicamente com o fator sorte, um atleta podia vencer uma prova importante. Não era essencial dispor de técnica aprimorada, se fosse forte e dispusesse de entusiasmo para competir. Mas no esporte moderno isto deixou de acontecer e a técnica quase sempre prevalece sobre os demais requisitos (28/07, 1º caderno, p. 23).

⁹⁴ Cabe aqui um comentário sobre as rivalidades com os países latinos verificadas nas narrativas sobre o futebol brasileiro. Não consegui observar semelhante posicionamento, seja em relação à argentino, uruguaio ou qualquer outra nação latina, no discurso sobre os Jogos Olímpicos. Nosso “outro” eram as potências esportivas (EUA, Europa, URSS). Pode-se dizer que começamos a ter uma rixa com Cuba no vôlei feminino na década de 1980/90.

De fato, não conquistar medalha depôs contra o atleta, apesar de seu quinto lugar nos 200m rasos ser a melhor colocação jamais obtida por um brasileiro nessa prova, que não teve sua história de vida narrada pelo *JB*. Não obstante, o reconhecimento de que sua classificação final era fruto do trabalho duro aproxima-o do *ethos* do herói clássico: “Rui considerou o quinto lugar uma posição extraordinária, que lhe recompensa o tempo que trabalhou pensando em chegar à final em uma Olimpíada” (27/07, 1º caderno, p. 36).

O outro lado da moeda pode ser visto na matéria “Silvina dá um salto medíocre”. O jornalismo esportivo vinha se mostrando progressivamente menos condescendente com os resultados dos atletas nacionais. Desde o título era perceptível o teor no registro da atuação de Silvina das Graças Pereira, atleta do salto em distância. O discurso jornalístico parecia reprovar a fala resignada da atleta: “Triste por não obter a classificação que ela considerava certa, Silvina admitiu que não era o seu dia, *achando muito normal acontecer essas coisas*” (24/07, 1º caderno, p. 28, grifos meus).

No dia 27 de julho, a importância da semifinal entre Brasil e Polônia no futebol era realçada, tendo em vista que desde 1952 o time brasileiro não alcançava essa fase da competição. A narrativa discorria sobre o entendimento amistoso entre atletas e comissão técnica e como essa união influenciou no desempenho da equipe. As performances individuais parecem ficar em um plano secundário diante do mérito coletivo, o que é pouco comum. A religiosidade também estava presente:

Isso tudo leva todos a terem muita confiança para o jogo desta noite. Todos (agora até mesmo o técnico Coutinho, que exibiu uma na sua última entrevista coletiva, após o jogo com Israel, e não mais a tirou) estão usando *fitinhas de medida do Senhor do Bonfim* amarradas no pulso – até porque fazem questão de dizer que isso é a “corrente pra frente” e não superstição (p. 36, grifos do autor).

A medalha de Reinaldo Conrad e Peter Ficker no iatismo, classe *Flying Dutchman*, foi destaque na capa do jornal em 28 de julho. No Caderno de Esporte, porém, a narrativa não foi tão extensa nem enfocou aspectos das histórias de vida dos dois iatistas. De mais relevante, apenas a comparação com os feitos de nossos vizinhos sul-americanos, apontada por Conrad: “Eu não acreditava que pudesse conquistar uma medalha de bronze pela segunda vez. Me sinto plenamente satisfeito, embora não tenha vencido o torneio. Sou também o único sul-americano a conquistar uma medalha no iatismo” (28/07, 1º caderno, p. 26).

Diante do bom desempenho nas eliminatórias do salto em distância e do decorrente aumento nas chances de medalha, João do Pulo trouxe o discurso jornalístico para o seu lado. João parecia cumprir o que se esperava de um herói nacional. Após chegar desacreditado aos

Jogos, recuperando-se de uma lesão, pouco a pouco o atleta foi readquirindo sua autoconfiança e treinando intensamente para melhorar sua forma física e estar apto a subir ao pódio e alcançar a glória. As histórias de João, pelo caráter pitoresco e aparente despreocupação do atleta com suas marcas, agradavam sobremaneira a mídia:

–Mas, João Carlos, por que é você não media seus saltos nos treinos, por que esse mistério? – Não, nada de mistério, não. Aliás, o técnico media os meus saltos, apenas não dizia quanto para mim. [...] João também nunca se lembrou de perguntar, ou melhor, não se interessou por perguntar (29 de julho, 1º caderno, p. 29).

Nessa mesma matéria, dizia-se que sua performance teria sido obtida como “de brincadeira”, tal a facilidade em executar o salto. Parece-me que, quando o atleta é excepcional, como João, o ato em si é maior que tudo aquilo que o precede (a preparação física, a monotonia dos treinos, o sofrimento), sendo imputada ao atleta a capacidade de feitos sobre-humanos.

Interessante notar também como João atraía mais atenção até do que os iatistas medalhistas de bronze. Talvez o jeito do saltador brasileiro correspondesse mais aos anseios jornalísticos. Ou ainda tal diferença pode ser causada pela opinião, ainda hoje predominante, de que o iatismo é um esporte, nas palavras de Wernerck, “que se identifica pouquíssimo com o povo” (1º caderno, 31/07, p.23). No dia 31 de julho, a medalha de bronze de João do Pulo figurou na primeira página do *JB*.

Na matéria “Éder lembra sua derrota na Austrália”, a história de Éder Joffre, herói do boxe nacional, mas nunca um herói olímpico, era recontada para incentivar os pugilistas brasileiros, que não lograram êxito em Montreal, a perseverar. Éder invocava sua trajetória heroica, que se compõe de uma derrota na Olimpíada e a volta por cima com a conquista de dois títulos mundiais, para estimular a persistência dos jovens boxeadores em suas carreiras. Ao comparar o triunfo individual dos atletas ao sucesso nacional do esporte, Joffre:

Trabalhar arduamente, muitas vezes em precárias condições, e depois entrar num ringue para treinar, não é nada fácil. Por isso, peço aos nossos quatro pugilistas que não desistam, não percam as esperanças, porque inclusive o futuro do boxe no país está em suas mãos. Acho que eles fizeram muito pelo país e agora precisam que façam por eles. O sucesso deles será também o do Brasil (01/08, 1º caderno, p. 47).

Éder estava claramente se referindo à condição amadora dos atletas, divididos entre o trabalho e o boxe. Sendo profissional, Éder podia dedicar-se exclusivamente ao boxe, mas não mais disputar Olimpíadas. Ao suplicar que os boxeadores sejam apoiados pelo Estado, ele demonstrava seu desejo de vê-los medalhistas olímpicos, completando um ciclo vitorioso que

Éder não havia sido capaz de cumprir. Em tempo, o amadorismo é até hoje condição primordial para participação no boxe olímpico.

C) Conclusões

A intenção em formar público mais especializado em esportes esteve mais uma vez presente, o que podia ser verificado, aliás, desde 1968. Por exemplo, duas matérias, publicadas no dia 14 de julho, explicavam a origem das disputas de arco e flecha e “andebol”⁹⁵ – dois esportes incluídos no programa olímpico de 1976 (1º caderno, p. 22). A crítica ao amadorismo subia de tom, principalmente após o episódio da não devolução das medalhas de Jim Thorpe⁹⁶ à sua família. João Saldanha, em coluna escrita no dia 21 de julho, questionava os motivos do COI e indagava o suposto amadorismo defendido por esse órgão: “Os ideais do Barão Pierre de Coubertin foram enterrados antes dele morrer” (1º caderno, p. 24, grifos meus).

Estar nas Olimpíadas somente pela participação que, pode-se dizer, não era um demérito até as décadas de 1950/1960, já começava a ser visto como um fracasso do Brasil enquanto nação em desenvolvimento. Essa preocupação podia ser lida nas transcrições de entrevistas de políticos e até de dirigentes esportivos, normalmente tidos como os grandes culpados pelos resultados adversos. O colunista José Inácio Werneck era um dos críticos mais mordazes do desempenho brasileiro:

Nossos dirigentes dirão que viemos aprender, mas convenhamos que este é um colégio que já nos vai saindo muito caro. Ainda se fosse escola pública, onde o ensino é gratuito, admita-se. Mas não: estamos numa *finishing school* para debutantes ricas, com o Governo a investir milhões de cruzeiros no CND, no COB e siglas semelhantes, sem que de lá se consiga extrair um pio ou um recorde (25/07, 1º caderno, p. 39).

Em matéria do dia três de agosto, o discurso era sarcástico em relação às costumeiras justificativas de técnicos e atletas para os repetidos insucessos: “No mais, as mesmas desculpas dos técnicos e atletas: ‘Precisamos de um período maior de treinamento’; ‘O importante é que aprendemos uma lição’; ‘Não estávamos preparados para as Olimpíadas’; ‘A participação brasileira não foi de todo ruim’” (1º caderno, p. 26). Acompanhar esse debate me

⁹⁵ Ao escrever “andebol” mantenho a grafia da época. Atualmente esse esporte é redigido “handebol”.

⁹⁶ Jim, norte-americano de origem indígena, foi campeão no pentatlo e no decatlo em 1912, porém teve suas medalhas cassadas ao disputar uma lutar por dinheiro. Ainda que seus motivos fossem nobres (sustentar sua família), o COI não aceitou a explicação de Jim à época e mantém-se irredutível em sua postura.

conduziu a uma reflexão sobre as continuidades na história do esporte brasileiro e do jornalismo esportivo. Ainda que no século XXI nosso desempenho tenha melhorado, não é exagero comparar as críticas de 1976 às que são feitas atualmente ao COB e aos atletas pela imprensa especializada.

Não foi uma Olimpíada sem heróis nacionais, mas poucos fizeram por merecer esse tipo de narrativa no *JB*. Na primeira metade dos Jogos, apenas Djan Madruga se sobressaiu. Na etapa final, o destaque foi de João Pulo. De todo modo, as histórias de vidas heroicas não despertaram tanta atenção jornalística quanto em 1968 e 1972.

As quatro palavras-chave no discurso sobre a participação brasileira parecem ter sido, em ordem de importância: treinamento, sorte superação e esperança.

6.8 As Olimpíadas de Moscou 1980

6.8.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

As XXII Olimpíadas da Era Moderna foram sediadas na cidade de Moscou, na Rússia, entre os dias 19 de julho e 13 de agosto. Oitenta países estavam representados nos Jogos, em um total de 5.179 atletas (4.064 homens e 1.115 mulheres). Pela primeira vez, foram disponibilizados dados oficiais sobre a cobertura da mídia: foram 5.615 jornalistas (2.685 da imprensa escrita, 2.930 de rádio e televisão). O número de modalidades esportivas permaneceu em 21, enquanto o número total de provas aumentou para 203⁹⁷. O Brasil levou à Rússia um número maior de atletas que à Alemanha. Foram 109 esportistas, sendo 94 homens (92,47% do total) e apenas 15 mulheres (7,53%). Quinze esportes contaram com representantes brasileiros: atletismo, basquete, boxe, ciclismo estrada, ciclismo pista, ginástica artística, judô, levantamento de peso, natação, remo, saltos ornamentais, tiro com arco, tiro esportivo, vela e vôlei.

Em novo boicote político (o maior da história dos Jogos Modernos), que teve como causa a invasão soviética ao Afeganistão, os EUA e 64 países aliados, dentre eles Alemanha

⁹⁷ Fonte: Site Oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/moscou-1980>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Ocidental e Japão, não enviaram suas delegação à Moscou. A disputa ideológica entre capitalismo (EUA) e socialismo (URSS) teve no esporte um palco privilegiado para suas contendas⁹⁸. A União Soviética foi a principal beneficiada pela ausência dos norte-americanos, conquistando quatro de cada dez medalhas em disputa (FREITAS; BARRETO, 2012, p. 118). Além disso, as muitas suspeitas de favorecimento da arbitragem aos atletas soviéticos colaboraram para degradar ainda mais essa edição dos Jogos (CARDOSO, 2000, p. 345-348). No plano simbólico, entretanto, o urso Misha, mascote dos Jogos, e a encenação coreografada de seu choro na cerimônia de encerramento conservam-se até hoje como fatos inesquecíveis da memória olímpica.

Antes do início dos Jogos, no dia 16 de julho de 1980, a presidência do COI era transferida para o espanhol Juan Antonio Samaranch, no lugar de Lorde Killanin, que ocupava o cargo desde Munique (1972). No encerramento dos Jogos, em virtude do boicote, não houve o desfile da bandeira norte-americana, o que era convencional para a próxima cidade-sede. Em seu lugar, desfilou a bandeira de Los Angeles e ressoou o hino do COI (ao invés do hino norte-americano).

Alguns países europeus, como a França e a Inglaterra, optaram por também não executar seus hinos nacionais, como um protesto velado aos organizadores dos Jogos (os russos). Assim, quando atletas desses países subiam ao pódio, tocava-se o hino do COI. A princípio, essa atitude poderia até representar para uma reafirmação do ideal de Coubertin, que previa apenas valorização do homem vencedor, e não de sua nação. Porém, o real motivo era simplesmente político. Diante disso, o colunista do *JB* José Inácio Werneck se posicionou de modo contrário ao que fizera quatro anos antes, quando ele e outros jornalistas criticaram o excesso de nacionalismo nos Jogos:

Estou pronto a mudar meu ponto-de-vista e devo dizer que já algum tempo vinha pensando no assunto. Sempre julguei um erro a cerimônia de premiação dos Jogos Olímpicos, com hinos e bandeiras exacerbando os sentimentos nacionalistas. Mas justamente nas Olimpíadas de agora, boicotadas e criticadas, chego à conclusão de que nada existe de errado com hinos e bandeiras. E muita coisa de certa neles se encontra. Com feito, por que não hinos e bandeiras? Por que a pretensão de que um atleta, no Pódio Olímpico, não representa ninguém senão ele mesmo e um ideal criado pelo Barão de Coubertin de que o importe é competir? Bem melhor é termos esta guerra esportiva em que os orgulhos nacionais se satisfazem inofensivamente do que a luta de verdade nos campos de batalha (02/08, 1º caderno, p. 23).

⁹⁸ A coluna “Moscou/80”, escrita pelo correspondente Noênio Spíndola e publicada diariamente no *JB*, enfocou sobremaneira os desdobramentos políticos que cercaram as Olimpíadas de Moscou, com destaque especial ao boicote norte-americano.

No Brasil, era fundado, em 1980, o PT (Partido dos Trabalhadores), que cresceria vertiginosamente em apoio popular e participaria das grandes manifestações populares dos anos seguintes. Nas eleições de 1982, a oposição ao PSD, partido herdeiro da ARENA, conquistava importantes espaços, principalmente nas Câmaras Estaduais, sinalizando para as mudanças democráticas que aconteciam no país e que se consolidariam nos anos seguintes (DEL PRIORE, VENANCIO, 2012, p. 286- 287).

Os atletas brasileiros conquistaram o maior número total de medalhas e também de ouros em Olimpíadas até aquele momento. João do Pulo ganhou o bronze no salto triplo; na vela, Marcos Soares e Eduardo Penido (classe 470) e Lars Björkström e Alex Welter (classe tornado) subiram ao ponto mais alto do pódio; na natação, no 4x200 metros, a equipe brasileira ficou em terceiro lugar.

6.8.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O número de página de Esportes variou entre quatro e oito, sendo cinco páginas na maior parte dos dias. O *JB* ainda dispunha de uma página exclusiva para cobertura do Turf. As Olimpíadas continuam dividindo “espaço” com o Campeonato Carioca. Os esportes permaneciam sendo assunto frequente na capa do *JB*. A parte de esportes prosseguia no primeiro caderno e, como de hábito, também figurava eventualmente no caderno B. Em três dos 21 dias de análise, porém, a cobertura se apresentou propriamente em um caderno esportivo, contando com capa e numeração de página própria, e não sendo apenas uma extensão do 1º caderno.

Figura 15: Capas do Caderno de Esportes dos dias 21 e 28 de julho e 04 de agosto, respectivamente.



Noêmio Spíndola, como enviado especial, assinava a coluna “Moscou/80”. Esse espaço prezava os aspectos políticos, econômicos e sociais que cercam os Jogos, ou seja, seu contexto externo. Era uma abordagem até então não muito vista, pelo menos, não na forma de uma coluna exclusiva. João Areosa, Edson Afonso, Alberto Ferreira e Ulisses Laurindo atuaram como repórteres enviados pelo *JB*. José Inácio Werneck, em sua coluna “Campo Neutro”, em mais uma oportunidade, abordava com frequência os Jogos.

B) Os atletas e outros temas

No dia 16 de julho, a chamada na capa apontava para o treinamento de João do Pulo já em sua chegada a Moscou: “‘João do Pulo’ chega a Moscou e treina logo”. Na parte de esportes do jornal, em “João se diz pronto para ganhar medalha de ouro”, enfatizava-se novamente a preparação do atleta (treinos), o que, juntamente com sua maturidade e experiência, o credenciariam a uma posição no pódio. A importância do treinamento era pontuada também pelo atleta: “O que já consegui em termo de treinamento em nada vai mudar se ficar mais tempo na pista. Para medalha de ouro, acredito que já treinei o suficiente” (1º caderno, p. 22).

Carlos Antunes da Fonseca era considerado uma “quase certeza de medalha” na fala de seu treinador destacada na matéria “Antunes já tem história no boxe”. Nela, são postos em evidência os percalços que o boxeador peso médio teve de enfrentar para ascender no esporte. Seu começo na pobreza, como muitos outros atletas brasileiros, teve destaque, bem como o momento da descoberta de seu talento, mais uma vez, de certo modo, por acaso. Cito: “Sua pobreza era parte integrante de sua vida. Mas um dia alguém viu nele um jeitão para a arte de

esmurrar. O nome de seu primeiro técnico não poderia ser mais sugestivo: Índio Modesto” (17/07, 1º caderno, p. 25). A conquista da medalha de prata no Pan-americano de Porto-Rico fora o seu momento de glória e de colheita dos louros (o atleta ganhou uma casa e pôde sair da favela onde morava). Essa premiação era vista mesmo como um presente divino pelo atleta (“caiu do céu”), que mantinha uma fala humilde, mesmo que sua equipe técnica confiasse em uma medalha. Estão reunidos em sua história inúmeros episódios que coincidem com a saga do herói clássico: a saída de uma situação de insuficiência (pobreza) em direção à plenitude (prêmios materiais e pessoais) e as provações, principalmente.

No dia 18 de julho, a matéria “Pedroca critica defesa do basquete” trazia um aspecto interessante sobre a seleção brasileira dessa modalidade. O técnico brasileiro enxergava problemas de fundamentos, jogo coletivo e renovação no basquete nacional. Em relação especificamente ao sistema defensivo, ele conjecturava ser um problema inerente ao jogador nacional, que desejava se destacar com as jogadas de ataque, cuja visibilidade é maior que as de defesa. O brilho individual parece sobrepujar as preocupações com o coletivo, algo muito visto também no futebol: “Já senti que é nato do brasileiro se preocupar apenas em atacar. Afinal, ele aparece mais e o vedetismo muitas vezes é mais importante. Não que eles só procurem aparecer. O problema é que falta uma mentalidade de jogo, de entrosamento e um perfeito sentido coletivo” (1º caderno, p. 22).

Na matéria “Espírito dos Jogos mudou após Munique”, publicada no dia 19 de julho, noto um elemento recorrente nas narrativas jornalísticas sobre os Jogos: a nostalgia de um passado idealizado. Dizia-se, com boa dose de incorreção, que muito dos fatores intrínsecos ao ideal olímpico foram se esmaecendo no período pós-1972: “Antes dos acontecimentos de 72, os Jogos corriam em clima de absoluta paz e o ponto visado era a vitória, consequência de um sentimento de fraternidade que unia raças e povos” (1º caderno, p. 22). Foram esquecidos propositalmente dos fatos que desmentem essa tese, como o uso político dos Jogos de Berlim-1936 e a interrupção na realização das Olimpíadas devido à Segunda Guerra Mundial. Destaquei esse fato para ilustrar como o saudosismo se manifesta também na construção da memória olímpica, de modo semelhante ao que ocorre em Copas do Mundo.

Na natação, a matéria “Djan tenta nos 1500m apagar fracasso de Rômulo” evidenciava o fracasso de um atleta, no caso Rômulo Arantes, que rapidamente dava lugar a esperança em outro nadador, Djan Madruga. Sobressai no texto o rápido declínio de um atleta (Rômulo) alçado à condição de favorito em sua prova e grande esperança do Brasil. A efemeridade é a marca da ascensão e queda dos ídolos olímpicos, o que se coaduna à busca pelo fato novo, cada vez mais imperativo no jornalismo esportivo. Já no dia seguinte, contudo, Djan volta a capa do

JB por conta de sua desclassificação. A derrota de seu companheiro de equipe redime Rômulo de seu próprio fracasso. Em suas palavras, a eliminação era uma fatalidade inerente ao esporte: “Foi a mesma coisa que aconteceu comigo; de favorito, passei para os últimos lugares nas eliminatórias. Isso acontece mesmo, não há explicações” (22/07, 1º caderno, p. 24).

A conquista da medalha de bronze no revezamento 4x200m foi destaque na capa do *JB* em 24 de julho. A equipe brasileira teve seu feito descrito com contornos heroicos, destacando-se, sobretudo, o comprometimento dos quatro nadadores e a redenção que a conquista lhes proporcionou diante dos fracassos individuais anteriores (especialmente os de Djan e Rômulo). Cito: “À noite, na piscina, o compromisso de todos de fazer o melhor foi renovado. Na borda, pouco antes do tiro de partida, eles se juntaram e deram um viva ao Brasil e juraram redimir a natação de seus fracassos” (24/07, 1º caderno, p. 34, grifos meus). Observo ao longo do texto a presença de uma etapa heroica até então vista com razoável frequência, que é aquela relacionada à repartição das glórias da conquista. No caso, a glória redime os companheiros de equipe, de um modo distinto da redenção vista no parágrafo anterior. Após a conquista dessa medalha, a 19ª na história olímpica brasileira, foram lembradas as demais 18 e os esportes em que foram obtidas (24/07, 1º caderno, p. 34).

Havia, assim como em Montreal, um processo de construção heroica sendo realizado em torno de João “do Pulo”. O atleta, além de apontado como favorito pela imprensa, parecia, de fato, saber lidar com essa posição e assumia sua condição de grande nome do atletismo brasileiro. Esse reconhecimento de seu próprio valor não é um aspecto muito frequente nos discursos de nossos atletas, mas era comum em João (como já mencionei no tópico anterior). A passagem da fala de João a qual me refiro é a seguinte: “A experiência adquirida no dia-a-dia das grandes competições me reforça para passar por mais esse teste absolutamente seguro de mim” (23/07, 1º caderno, p. 23).

No dia 26 de julho, o bronze no salto triplo era notícia de capa, mas a medalha conquistada não correspondia às expectativas gestadas pela imprensa, que esperava o ouro: “João pula mal, ganha bronze e culpa o vento”. Na parte de esportes, foram enumeradas as explicações do atleta para seu desempenho aquém do esperado: “Indeciso em suas afirmações, João Carlos atribuiu à *má sorte* o seu terceiro lugar e também a certos acontecimentos durante a prova, como a hostilidade do público na hora do salto e a maneira rigorosa como os juízes decidiram sobre o seus saltos” (1º caderno, p. 21, grifos meus). Agentes externos, como o público e os juízes, aliados à má sorte, teriam interferido, assim, diretamente no desempenho atlético, o que não era um argumento de todo novo, visto que Djan Madruga já havia atribuído à guerra fria a conduta inadequada dos árbitros de sua prova (22/07, 1º caderno, p. 24).

No dia 27 de julho, contudo, as esperanças de João do Pulo são renovadas para a disputa do salto em distância. A matéria relatava o preparo físico do saltador e ausência de favoritismo sobre ele, que eram encarados como pontos positivos na busca por uma medalha. Percebe-se aqui como, no geral, os brasileiros realmente não lidam bem com o *status* de favoritos em seus respectivos esportes, tentando constantemente se esquivar do rótulo ou *a posteriori* atribuir seu fracasso à pressão que lhes foi imputada (1º caderno, p. 37). Nesse sentido, Werneck conseguiu captar o espírito que cercava as matérias de seus colegas jornalistas, reunindo em um parágrafo os três elementos mais recorrentes nesse discurso sobre os atletas brasileiros em Moscou: nervosismo, falta de intercâmbio e temor do favoritismo. Em suas palavras:

A explicação para tanto [resultados inferiores às suas melhores marcas] é uma só: estado de nervos em decorrência de um intercâmbio internacional ainda pequeno, agravado pelo aumento de responsabilidade que muitos sentiram sobre os ombros com o boicote de alguns favoritos norte-americanos (29/07, 1º caderno, p. 27).

Tal é a importância do iatismo que contava com matérias diárias, as quais ocupavam considerável espaço na parte de esportes. Não havia, porém, uma narrativa pormenorizada sobre as performances, mas, sim, a informação objetiva das posições de cada iatista. Dessa vez, entretanto, à medida que se aproxima o final das competições, as matérias deram maior lugar ao discurso dos atletas. A maioria dos iatistas brasileiros, face aos insucessos nas regatas, reclamava dos ventos imprevistos, que atrapalhavam seus planejamentos e afetavam diretamente seus desempenhos. O que desejo destacar é uma afirmação de Lars Björkström, iatista da classe tornado, segundo a qual com esforço e trabalho árduo obtém-se a recompensa almejada. Em suas palavras: “Felizmente estamos, até o momento, na liderança, o que é o *resultado de um trabalho exaustivo*, mas que será altamente *recompensado*, no caso de ganharmos uma medalha de ouro” (28/07, 1º caderno, p. 8, grifos meus). Trabalho e recompensa são etapas complementares na descrição do herói clássico.

A primeira medalha de ouro desde Adhemar Ferreira da Silva em Melbourne-1956 foi conquistada justamente pelo iatismo. A proeza foi assim publicada na capa do *JB* no dia 29 de julho: “Iatismo traz medalha de ouro e é favorito para mais uma hoje”. Na equipe de iatismo, havia um sueco, Lars Björkström, naturalizado brasileiro há apenas dois anos; situação semelhante àquela de Chiaki Ishii, bronze em Munique (ver página 146).

As histórias de vida da dupla de iatista, Alex Welter e Lars Björkström, foram lembradas, bem como as dificuldades relacionadas à compra do barco em que velejaram, que fora adquirido “juntando dinheiro, de todas as maneiras”. Lars possuía alguns

ingredientes peculiares em sua biografia: a chegada fortuita ao Brasil, a iniciação na vela por influência familiar e a medalha olímpica inesperada. Escolheu o Brasil após percorrer a América do Sul de moto com um amigo. Aqui, participou de competições de iatismo, contando com a experiência em provas que trouxe da Suécia – seu tio era “um dos principais organizadores de regatas” nesse país europeu. Admitir a total surpresa com o título era até então algo inédito: “Decididamente não esperava tanto. Não tenho um bom retrospecto internacional em vela e de repente me torno um campeão olímpico” (29/07, 1º caderno, p. 28). Alex Welter, por sua vez, começou no iatismo por incentivo de sua mãe, já que antes praticava judô. Os títulos vieram em sucessão desde então. Ambos iniciaram suas trajetórias heroicas por meio do auxílio externo de seus familiares, mas diferem no caminho percorrido até a vitória. Se Lars admitia que o triunfo não era algo por ele planejado, Welter possuía um retrospecto amplamente meritório que o permitia sonhar com a apoteose heroica. Ambos, por caminhos divergentes, convergem na subida ao pódio. Ressalto com isso a dificuldade em estabelecer um padrão estático e imutável para o atleta-herói olímpico brasileiro.

Habitualmente, após uma conquista desse porte, os medalhistas adquirem certa permissão para exigir mudanças no esporte que praticam. Não é diferente com Lars, que afirma: “Acho que a minha vitória vai servir para desenvolver ainda mais o iatismo no Brasil. Aliás, é necessário se acabar com a mística de que iatismo é esporte para ricos. Eu por exemplo não sou” (29/07, 1º caderno, p. 28). Esse momento de pedido de apoio e de esperanças de desenvolvimento do esporte constitui uma etapa que distingue a saga do atleta-herói olímpico brasileiro.

No dia seguinte, 30, a capa do *JB* reproduz novamente uma conquista do iatismo brasileiro: “Iatismo dá ao Brasil nova medalha de ouro”. Dessa vez, os campeões foram Eduardo Penido e Marcos Soares.

“Eduardo, gosto pela aventura” e “Marcos, a luta para ficar forte” foram as matérias que abordaram os dois iatistas, campeões na classe 470 (30/07, 1º caderno, p. 26). Eduardo Penido era um jovem comum, sem biótipo de esportista, mas que possuía uma grande vivência internacional. Apesar dessa sua veia nômade, ressaltava-se no texto que sempre trabalhou para se sustentar em todos os lugares pelos quais passou. Marcos Soares, por sua vez, começou na natação e, em seguida, migrou para o iatismo. Ao contrário de Eduardo, era dotado de “um físico privilegiado”, que ocultava um tumor na medula que o acometeu quando criança (uma provação que, com certeza legítima ainda mais sua saga heroica). Além disso, Marcos era descrito como avesso a treinos. Esse é um ponto destoante, mas que não ganhou maiores desdobramentos, isto é, a narrativa jornalística não se apropriou desse aspecto do

caráter do atleta para sobrevalorizar o talento nato em detrimento dos treinos. A preocupação em voltar a estudar foi mencionada pelos dois atletas. Percebe-se como a lógica do trabalho permeia, em diferentes graus de intensidade, as narrativas sobre os medalhistas do iatismo. Além disso, o *ethos* de atletas amadores também era predominante em todos os quatro. O iatismo ainda apareceria na capa nos dias 31 de julho e 03 de agosto. Neste último, teve destaque também no caderno B com matéria cujo título era “Ganhe o Mar”.

No retorno à pátria, via de regra, os atletas medalhistas são cercados de comemorações. Seus feitos são saudados como se fossem efetivamente de todos. Ao mesmo tempo, os derrotados normalmente chegam de forma discreta, não despertando a atenção da imprensa. Nesse sentido, a matéria “São Paulo recebe Alex Welter com festa e desfile” expunha a recepção do iatista na cidade em que mora. Até no discurso de celebração, o trabalho fora mencionado por Welter, uma vez que voltaria a atuar como engenheiro mecânico, na Alemanha e terminaria uma pós em administração (03/08, 1º caderno, p. 38).

Nem só de lembranças são forjadas as narrativas jornalísticas. Há também espaço para os esquecimentos e omissões. Na matéria “As estrelas de Moscou”, nenhum atleta brasileiro fora citado. O texto mencionava atletas cubanos, soviéticos, alemães orientais e até etíopes, mas não relembra o feito de sequer um brasileiro, ainda que tivéssemos logrado dois ouros em Moscou (04/08, Esportes, p. 6).

C) Conclusão

Em resumo, alguns pontos merecem ser revisitados. Na narrativa sobre os Jogos de Moscou-1980, a imaturidade psicológica, que tem como subproduto o nervosismo, foi um aspecto relevante no entendimento do desempenho brasileiro. As dificuldades em lidar com o favoritismo foram igualmente verificadas. O treino, como já venho observando, é fator chave nas matérias, ainda que não tão central assim quando da descrição de uma conquista. A sorte e o azar continuam sendo elementos invocados para explicar os resultados. A interseção divina também foi amiúde requerida pelos atletas.

As cobranças em relação aos resultados dos atletas brasileiros não se fizeram sentir de maneira tão intensa como em outros Jogos. Cada vez mais a questão da internacionalização, como requisito essencial para o desenvolvimento do esporte brasileiro, ganhava destaque. O contato com o outro, nesse caso, países com maior *expertise* esportiva, seria benéfica aos nossos atletas. Essa alteridade ainda é proeminente no discurso sobre a latino-americanidade, que apesar de menos frequente, por vezes, é percebida na comemoração da conquista de algum atleta sul-americano.

Entre as narrativas heroicas, destaca-se àquela sobre João Carlos (“João do Pulo”). Ele é o atleta que mais desperta atenção da mídia, seja em seu cotidiano na Vila Olímpica ou nos treinos. Saliento que, embora o treinamento estivesse presente em quase todas as matérias, o atleta é exposto como um fora de série, para o qual não era necessário sequer “força” para saltar. Os saltos em grandes distâncias seriam um movimento natural para ele. Essas imagens são realmente poderosas na formação de mitos, mas sabemos que o treinamento é vital na preparação de um saltador (tão ou mais importante que uma genética favorável). João pode ser lido como um herói universal, ainda que a narrativa sobre ele comporte trejeitos típicos do herói nacional. No iatismo, entretanto, o arquétipo do herói clássico⁹⁹ foi mais predominante, principalmente ao observarmos a ênfase no trabalho.

6.9 As Olimpíadas de Los Angeles 1984

6.9.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

A Olimpíada alcançava sua vigésima terceira edição, tendo como sede a cidade de Los Angeles (EUA). Entre os dias 28 de julho e 12 de agosto. 6.829 atletas (5.263 homens e 1.566 mulheres), vindos de cento e quarenta países, competiram em 23 esportes reunidos em 221 eventos olímpicos¹⁰⁰ – maior participação feminina em todas as edições até então realizadas. Pela primeira vez, foram disponibilizados dados oficiais sobre os voluntários envolvidos no evento: ao todo, foram 28.742. No total, 9.190 jornalistas cobriram os Jogos (4.327 da imprensa escrita, 4.863 de rádio e televisão). O Brasil levou aos EUA um número maior de atletas que à Rússia. Foram 151 esportistas, sendo 129 homens (85,43% do total) e apenas 22 mulheres (14,57%). Vinte esportes contaram com representantes brasileiros: atletismo, basquete, boxe, ciclismo estrada, ciclismo pista, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica,

⁹⁹ Reitero que estou utilizando os termos clássico e universal como sinônimos para me referir ao modelo de herói proposto por Campbell (ver página 52).

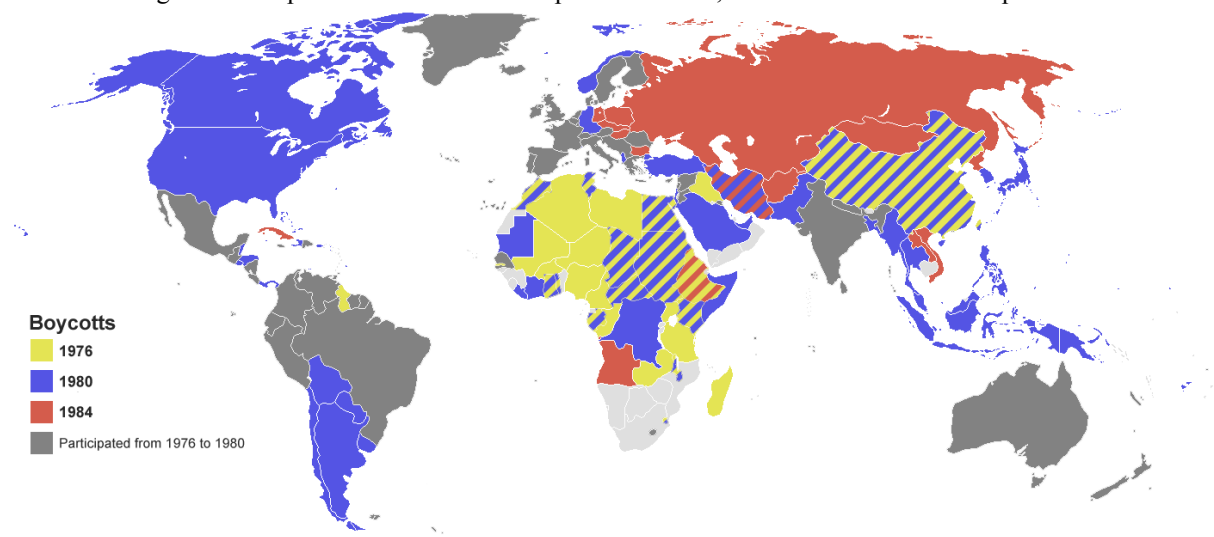
¹⁰⁰ Fonte: Site Oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/los-angeles-1984>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

hipismo CCE¹⁰¹, hipismo saltos, judô, natação, nado sincronizado, polo aquático, remo, saltos ornamentais, tênis, tiro com arco, tiro esportivo, vela e vôlei.

A União Soviética e mais 13 países comunistas boicotaram os Jogos, em represália a não-participação dos EUA e aliados em Moscou-1980. Apesar do boicote, Iugoslávia e Romênia participaram, bem como a China, que não comparecia aos Jogos desde 1932. De todo modo, os EUA conseguiram estabelecer um padrão lucrativo na organização olímpica, por meio de parcerias com o capital privado e com a contribuição de um “comitê de 62 empresários e representantes da sociedade civil” (CARDOSO, 2000, p. 364). A presidência do comitê local coube a um renomado empresário, Peter Ueberroth, que deixava claro suas intenções nas declarações que concedia: “Não usaremos um centavo dos fundos públicos e o contribuinte não terá de pagar qualquer taxa adicional para a promoção dos Jogos” (CARDOSO, 2000, p. 364). Los Angeles lucrou 26 milhões de dólares com a organização dos Jogos (FREITAS; BARRETO, 2012, p. 126)¹⁰².

O controle de dopagem seguia incrementando sua vigilância sobre os atletas. Nesta edição, foram despendidos 1,5 milhão de dólares na construção do laboratório responsável pelos testes (CARDOSO, 2000, p. 365).

Figura 16: Mapa dos boicotes nas Olimpíadas de 1976, 1980 e 1984. Fonte: Wikipédia¹⁰³.



¹⁰¹ CCE é a sigla para Concurso Completo de Equitação.

¹⁰² Há discordâncias em relação a esse número. Cardoso (2000, p. 366) aponta \$150 milhões. Já Lancellotti estima um lucro de \$215 milhões (1996, p. 541).

¹⁰³ Fonte: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Olympic_boycotts_1976_1980_1984.PNG >. Acesso em: 16 jan. 2014.

Nesse período, o Brasil encaminhava-se para a democracia após 20 anos de ditadura. Em 1984, a emenda Dante de Oliveira, que propunha eleições diretas para presidente, não foi aprovada por falta de maioria votante no Congresso Nacional. Esse episódio serviu para aglutinar setores descontentes com o regime em torno do movimento das “Diretas Já”. Nesse momento, o apoio da mídia começava a se fazer sentir e ajudava na divulgação da insatisfação coletiva. Diante dessa conjuntura, em 1985, Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Congresso Nacional, ainda sob o modelo de eleição indireta. A experiência política de Tancredo, infelizmente, não pôde ser testada na presidência da República, pois o político mineiro faleceu antes de tomar posse. Em seu lugar, assumiu o vice-presidente José Sarney, um político menos popular e conservador, que acabou sendo o responsável por efetuar essa transição para a democracia (DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 287-290).

O desempenho olímpico brasileiro melhorava, na medida em que os investimentos e o planejamento em alguns esportes eram implementados. As oito medalhas conquistadas em Los Angeles (nossa melhor participação nos Jogos até então) eram reflexo também da popularidade de esportes como o vôlei e o judô, que angariavam cada vez mais participantes. Créditos sejam dados à mídia, pela publicização do esporte, e aos atletas medalhistas, que serviam de modelo para os jovens praticantes de suas respectivas modalidades.

Joaquim Cruz conquistou o primeiro ouro brasileiro na prova de 800 metros do atletismo. Era apenas a sexta medalha de ouro do Brasil em toda sua história olímpica e Cruz mantém-se até hoje como o único brasileiro ganhador de uma prova de corrida em Olimpíadas. Ricardo Prado foi prata nos 400 metros *medley*. Conquistamos outras quatro medalhas de prata: vôlei masculino; futebol masculino (a primeira da história do futebol brasileiro); Torben Grael, Daniel Adler e Ronaldo Senfft (equipe da vela na classe *Soling*); Douglas Vieira (judô, categoria meio-pesado). O judô trouxe ainda dois bronzes para o Brasil: Luís Onmura (categoria leve) e Walter Carmona (categoria médio).

6.9.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

A parte de Esportes possuía, na maioria dos dias investigados, entre quatro e oito páginas (no dia 12 de agosto, excepcionalmente, tinha 12 páginas). Os esportes ainda eram parte do primeiro caderno do *JB*, à exceção de três dias que contaram, assim como em

Moscú-1980, com um caderno de Esportes de fato (vide fig. 17). Em quase todos os dias, as Olimpíadas ocuparam posição de destaque na capa do *JB*.

Como nas outras edições até aqui, o caderno B trouxe considerável número de matérias e crônicas sobre os Jogos e, principalmente, sobre a cobertura televisiva. O crescimento da importância da TV entre os brasileiros podia ser comprovado pela veiculação diária no *JB* da programação televisiva com os horários de transmissão dos principais eventos olímpicos.

Figura 17: Capas do Caderno de Esportes em 30 de julho e 06 e 13 de agosto.



A equipe do periódico era formada por Almir Veiga, Edson Afonso, Vicente Senna e Washington Rope (a despeito disso, muitas matérias não eram assinadas). Alguns jornalistas dedicavam frequentemente espaço em suas colunas para abordar os Jogos: Rodney Mello (“Diário Olímpico”), Sandro Moreyra (“Bola Dividida”), José Inácio Werneck (“Campo Neutro”). João Saldanha e João Máximo escreviam esporadicamente sobre este evento.

É importante salientar que os jogadores liam o *JB*, o que ficava evidente em algumas matérias, quando havia uma resposta dos atletas àquilo que havia sido publicado no periódico anteriormente. Essa constatação é interessante, pois mostra como o imaginário construído pelo discurso jornalístico sobre os atletas chega até eles e como eles recebem essas narrativas. Constitui-se, assim, um processo de retroalimentação, onde os atletas são influenciados pelos discursos jornalísticos ao mesmo tempo em que o pautam.

B) Os atletas e outros temas

No primeiro dia do *corpus*, 25 de julho, as matérias focaram na chegada dos atletas brasileiros à Los Angeles e nas expectativas em relação aos seus desempenhos. É narrada, por exemplo, uma guerra de travesseiros ocorrida durante o voo (1º caderno, p. 20). Uma brincadeira infantil, mas que, em sua trivialidade, com certeza aproximava os atletas dos leitores. Os heróis pós-modernos, afinal, executam movimentos de aproximação e distanciamento em relação ao homem comum. Ademais, a banalidade do ato e seu valor enquanto notícia nos ajuda a compreender as mudanças na cobertura esportiva do jornalismo impresso.

Diante da confiança demonstrada por Joaquim Cruz em suas chances de medalha, a narrativa questionava sua pouca modéstia. Ainda que ostentasse grandes marcas que “autorizavam” sua sinceridade quanto a um bom desempenho, ela não era bem vista. Parece que, como DaMatta (1997) já sugeria, o brasileiro preza sempre pela falsa modéstia em relação ao seu verdadeiro potencial. Ser bom em alguma coisa e admiti-lo pode soar como ofensa, o que se comprova pelas narrativas jornalísticas. Cruz aparentemente não ligava para as convenções sociais ao asseverar:

Olha, eu já esperava por isso [pela marca obtida em competição recente nos EUA]. Pode parecer pretensão, mas eu estou treinando muito e acreditando em bons resultados. Vou dizer mais: poderia ter obtido tempo muito melhor. Estou entrando confiante nessa Olimpíada e realmente acredito que tenho chance (26/07, 1º caderno, p. 21).

Em outra matéria, “A tranquilidade de um campeão” (28/07, 1º caderno, p. 22), descreve-se a aparente indiferença de Joaquim Cruz em relação aos compromissos, inclusive os treinamentos. Construía-se, assim, um personagem cômico de seu talento, mas não tão responsável, à moda dos ídolos futebolísticos estimados pela mídia esportiva. Além disso, Joaquim é muitas vezes descrito como um atleta sorridente (02/08, 1º caderno, p. 20).

Ricardo Prado enfrentava o favorito nadador Alex Baumann na busca pela medalha de ouro. Apesar dessa situação desfavorável, o discurso de Prado estava impregnado de certo *ethos* heroico, pois identificava as dificuldades do percurso ao mesmo tempo em que reconhecia que o trabalho (treinos) era o único meio para transpô-los e alcançar seu objetivo final:

Dediquei a maior parte da minha vida aos *treinamentos* só para vencer os 400m na Olimpíada. Agora, é o ponto final de minha carreira e preparação. Apesar de não me encontrar no auge da forma, *tenho confiança na vitória*, pois um atleta é capaz de *superar*, com garra, todos os obstáculos durante a disputa pela medalha. Confiança não falta, mas tenho que reconhecer que o Baumann é o grande favorito da prova (30/07, Esportes, p. 4, grifos meus).

Logo no dia seguinte, 31, a prata conquistada por Prado possibilitava a construção de uma narrativa heroica torno do nadador, embora sua história de vida não tenha sido acionada. Dizia-se que a despeito dos seus problemas respiratórios que atrapalharam seu treinamento, o nadador conseguiu subir ao pódio (1º caderno, p. 21). Em outra matéria, destacava-se a comemoração na Gávea, de onde torcedores do Flamengo acompanharam o feito do nadador do clube. Essa matéria nos permite pensar na partilha do feito heroico com seus semelhantes e nas provações encontradas durante o trajeto.

Ao contrário do basquete, onde o controle dos individualismos era um problema recorrente (31/07, 1º caderno, p. 23), o vôlei vinha se pautando por um bom gerenciamento das individualidades e uma valorização do jogo coletivo (vide fig. 18). Essa consciência de que a conquista não é um feito individual, mas obtido pela equipe, impregnava, inclusive, o discurso dos jogadores, como nesse trecho da fala do atacante Mário Xandó:

Os jornalistas americanos vieram procurar-me para saber tudo sobre o meu treinamento, mas eu procurei colocar sempre a equipe no assunto. *Todos nós estamos no mesmo barco e o vôlei é um esporte coletivo.* Se eu corto com eficiência é porque alguém recebeu bem e o levantador passou a bola na medida exata para a cortada (04/08, 1º caderno, p. 21).

A saga do vôlei olímpico brasileiro é o que de mais próximo temos de uma trajetória heroica coletiva, ainda que os heróis desse feito em conjunto tenham sido modificados ao longo do tempo. Nesse sentido, após a conquista da primeira medalha, justamente em 1984 (Los Angeles), o ciclo heroico dessa seleção estaria próximo de ser completado; o que aconteceria em 1992 (Barcelona) com o ouro olímpico.

Figura 18: A importância do coletivo no vôlei pode ser ilustrada pela charge acima (08/08, 1º caderno, p. 24).



O individualismo supracitado comporta, porém, duas perspectivas. Ele pode ser benéfico, como quando a superioridade individual da seleção brasileira de futebol sobre o Marrocos foi pontuada como fundamental para a vitória (04/08, 1º caderno, p. 23). Nesse caso, os valores individuais trabalharam em prol do coletivo, o que reitero não é regra no futebol. Por outro lado, quando em excesso, como no caso de Oscar, no basquete, o individualismo gera desavenças entre os companheiros de equipe e prejudica a atuação do coletivo: “O individualismo de alguns jogadores, principalmente Oscar, precisará ser substituído por um padrão de jogo mais solidário, especialmente na marcação defensiva” (04/08, 1º caderno, p. 23).

A ausência de planejamento esportivo contribuía para um discurso que sobrevalorizava a excepcionalidade dos brasileiros medalhistas e até daqueles não medalhistas. Isso muitas vezes é responsável por reproduzir uma narrativa que os trata mais pelo viés da extraordinariedade e do acaso do que do esforço e do sofrimento. Na matéria “Um fenômeno nos Jogos”, após obterem a vaga na final do remo “dois-com”, os remadores brasileiros foram elevados à seara dos atletas extraordinários. Cito:

A história do esporte olímpico brasileiro vive em função de resultados obtidos por atletas que são uma exceção neste país, *que gira em torno da monocultura do futebol*. Só verdadeiros fenômenos conseguem alguma coisa positiva, como é o caso de Ademar Ferreira da Silva, Nelson Prudêncio, João Carlos de Oliveira [todos dos atletismo], entre outros. O dois-com formado por Valter Hime, Angelo Rosso Neto e Nilton Alonço (timoneiro) já pode entrar para este pequeno grupo. E é fácil explicar. Esta guarnição começou a treinar em fevereiro e nenhum país do Mundo conseguiria colocar um barco numa final com tão pouco tempo de preparação (05/08, 1º caderno, p. 42, grifos meus).

A medalha de ouro de Joaquim Cruz, na final dos 800m do atletismo lhe rendeu a capa do *JB* do dia 07 de agosto (vide fig. 19). No primeiro caderno, a matéria sobre ele enfatizava a religiosidade de sua mãe, que concedeu parte do crédito da vitória de seu filho à intercessão divina. A carreira do corredor foi esmiuçada, pontuando desde sua incerteza inicial entre o basquete e o atletismo até as conquistas em sequência nas várias competições que disputou. Os obstáculos transpostos foram igualmente ressaltados, como o aprendizado do inglês para ingressar em uma universidade americana e a cirurgia para correção de um defeito no pé. Os principais ingredientes na saga de Cruz são: a infância pobre, a descoberta de um talento, os obstáculos iniciais, a superação das adversidades e, por fim, a conquista do objetivo maior (07/08, 1º caderno, p. 23, 2º clichê). O treinamento do atleta não foi tão salientado nessas matérias pós-vitória. Antes, me parece que o objetivo era mostrar como Joaquim Cruz era extraordinário desde o princípio e como sua escolha, meio ao acaso, pelo atletismo

corroborava essa visão de atleta “fora de série”. O feito, como é imperativo na narrativa heroica, foi compartilhado com os brasileiros, vide a fala de Cruz: “Espero que esta medalha mude muita coisa no Brasil” (1º caderno, p. 24). Cruz já era efetivamente tratado como “um novo herói do esporte amador brasileiro”.

Figura 19: A conquista de Cruz estampa a capa do *JB*.



O exemplo de Joaquim Cruz contagiara os atletas brasileiros em outros esportes. Isso é comprovado na matéria “Vôlei do Brasil arrasa EUA” (07/08, 1º caderno, p. 22). O simbolismo da conquista de Cruz transparecia nas palavras do jogador William: “Ele deu uma lição de humildade e acho que isto foi muito importante para todos nós. Vamos seguir pelo mesmo caminho”. Após nova vitória do vôlei masculino, dessa vez contra a Itália, sacrifício e recompensa foram as duas palavras mais utilizadas pelo técnico e jogadores entrevistados. A preparação, que começara quatro anos antes, tinha como “sonho” a conquista de uma medalha (09/08, 1º caderno, p. 27).

Luís Onmura conquistou o bronze no judô categoria leve. Não verifiquei, entretanto, uma construção heroica semelhante a de Joaquim Cruz. Destacou-se que o atleta é paulista *sensei* (filho de pais japoneses) e que treinava desde os 10 anos de idade no esporte. A medalha olímpica sempre fora seu grande objetivo e após conquistá-la o atleta afirma que pretendia parar de competir, terminar sua faculdade de Educação Física e se dedicar a formar outros atletas no judô (09/08, 1º caderno, p. 28). Percebem-se aqui alguns elementos recorrentes, como o início ainda na infância da prática do esporte e a ética amadora do atleta (comprovada pela busca da formação em nível superior, assim como foi visto nos iatistas brasileiros medalhistas em Moscou-1980). O outro medalhista do judô, na categoria médio, Walter Carmona, se assemelhava a Onmura no desejo de terminar seus estudos em engenharia e entrar no mercado de trabalho. A matéria “Carmona casa, para de lutar e vai trabalhar com o

pai” evidenciava sua decisão de parar de lutar e os seus sacrifícios para conseguir competir em alto nível (10/08, 1º caderno, p. 23). O atleta lutava judô desde criança, assim como Onmura, e intensificou seu treinamento visando os Jogos Olímpicos. As características ligadas ao treinamento e ao trabalho aproximam ambos os judocas do *ethos* do herói clássico.

A matéria “Douglas conquista medalha de prata no judô” (10/08, 1º caderno, p. 23) descrevia o percurso do judoca Douglas Vieira, categoria até 95 quilos, dentro da competição: suas lutas e os golpes que o levaram a vitória em cada uma delas. O relato era objetivo, sem qualificações dignas de menção. Não posso, assim, realizar inferências sobre sua personalidade heroica.

No iatismo, classe *Soling*, o Brasil obteve a medalha de prata com Torben Grael, Ronaldo Senfft e Daniel Adler. De narrativa heroica na descrição jornalística do feito, identifico apenas a superação por competir com um barco alugado, uma vez que o barco principal do trio não havia passado pela perícia técnica. Os atletas apontam a necessidade de maiores investimentos privados no iatismo brasileiro. Essa cobrança posterior à conquista é habitual, como já deixei claro alhures, o destinatário do pedido, entretanto, é inédito. Normalmente os pedidos de verba eram direcionados ao Estado brasileiro, e não às empresas (09/08, 1º caderno, p. 28). Essa situação pode ser interpretada pela mudança em trânsito no *status* – do amadorismo para o profissionalismo. Nesse sentido, aliás, Werneck cunhou a expressão “amadorismo esclarecido” para designar essa nova “fase” do esporte olímpico:

Sei que muitos puritanos protestarão. Certamente, surgirá gente para dizer que ‘em meu tempo, eu competia pelo *amor ao Brasil*’. Mas, a *fama e a fortuna* que, espero, Joaquim venha a conquistar, serão a maneira mais rápida e efetiva de transformar o atletismo brasileiro em um esporte atraente para um número crescente de praticantes (09/08, 1º caderno, p. 30).

No vôlei masculino, embora o espírito coletivo da equipe seja sempre ressaltado, as matérias procuravam frequentemente focar as perspectivas dos principais atletas, publicando notícias específicas sobre Bernard, William, Badá e Montanaro (10/08, 1º caderno, p. 26). Todos os jogadores e o técnico Bebeto de Freitas demonstravam extremo otimismo e confiança em relação à final olímpica. A medalha de ouro selaria um ciclo de conquistas iniciado em Moscou com o quinto lugar. Das palavras de William pode-se depreender a evolução do vôlei nacional que coincidia com a própria trajetória do atleta na seleção:

Nos meus quase 14 anos de Seleção Brasileira, nunca joguei com um grupo tão bom quanto este, dentro e fora das quadras. Os 120 milhões de brasileiros precisam saber que o vôlei brasileiro está saindo de um honroso quinto lugar da Olimpíada de Moscou para disputar a medalha de ouro em Los Angeles. A evolução deve ser atribuída ao trabalho deste técnico chamado Bebeto de Freitas. O vôlei do Brasil, hoje, é respeitado em todos os lugares do mundo e o país do futebol passou a revelar novos ídolos do esporte. E agora que conquistamos a medalha de bronze na copa do mundo de 81, a de prata no mundial de 82, a de ouro nos Jogos Pan-Americanos, só falta mesmo a consagração na Olimpíada (10/08, 10 caderno, p. 26).

Outro elemento acrescido à descrição dessa seleção de vôlei era a superstição, particularmente do técnico Bebeto de Freitas. Os hábitos supostamente vitoriosos deveriam ser mantidos, por isso as camisas não eram lavadas e Bernard fora expulso da “pelada”¹⁰⁴ dos jogadores, pois da última vez que jogou o Brasil perdera para a Coreia. Bernard, por sua vez, prometera raspar o cabelo (da cabeça) e o bigode, caso a seleção ganhasse o jogo. O preparador físico Paulo Sérgio justificava o que considerava serem seus “hábitos”:

Imagine que na partida contra a Itália, tive uma séria discussão com os italianos por insistirem em aquecer no lado da sorte. No final, eles não quiseram sair, mas eu deixei as camisas dos jogadores em cima do banco para defender de alguma maneira. Não são propriamente superstições, mas hábitos que vem dando certo (11/08, 1º caderno, p. 29).

O *box* de título “Gilmar promete medalha a Dona Maria” (11/08, 1º caderno, p. 27) conta a história de vida do goleiro titula da Seleção Brasileira de futebol. Desde criança acalentava o sonho de ser um jogador de futebol de renome, mas seu temperamento o atrapalhara em alguns momentos da carreira. A importância familiar é uma constante na vida do jogador, que, por escutar os conselhos do pai, teria se tornado mais sereno e centrado dentro de campo. Além disso, em outra matéria, era dito que a mãe do goleiro permanecia trancada no quarto rezando enquanto a partida final estivesse sendo disputada. A religiosidade materna já foi vista outras vezes nessas Olimpíadas, principalmente em Joaquim Cruz. Nesse caso, o auxílio externo durante a saga heroica encontrava-se no suporte familiar.

Pontuo que tanto no vôlei quanto no futebol perdemos as partidas finais, respectivamente para EUA e França, o que foi noticiado nas seguintes matérias: “Vôlei perde e fica com a medalha de prata” (12/08, 1º caderno, p. 39) e “Brasil fica apenas com a prata no futebol” (12/08, 1º caderno, p. 40). Ambas as medalhas, contudo, foram inéditas para o Brasil nesses esportes.

¹⁰⁴ Termo que designa um jogo coletivo desinteressado, seja no futebol, vôlei ou basquete. Esse descompromisso não implica, contudo, ausência de regras ou de empenho dos participantes.

Um expediente utilizado com frequência pelo jornalismo esportivo diz respeito à transposição que por vezes se efetua entre o esporte e o caráter nacional. Sandro Moreyra, por exemplo, afirmava, em sua coluna, referindo-se ao vôlei masculino: “Pena, como é de praxe com *nossa gente*, os jogadores se deixarem trair pelos nervos na hora da verdade” (13/08, 1º caderno, p. 3, grifos meus). O esporte serve assim de substrato para generalizações sobre nossa identidade, confirmando a relevância do debate estabelecido no item 2.1 desta dissertação. Moreyra apontava também que o número de medalhas brasileiro ainda estava aquém do esperado para uma nação tão grande quanto o Brasil. E julgava serem os dirigentes os responsáveis pelo malogro do esporte brasileiro.

Outro ponto novamente notado é que os atletas medalhistas ganham uma autorização de fala que lhes permite criticar a estrutura vigente na administração do esporte nacional, bem como outros pontos deficientes em seu próprio esporte. Reitero que julguei ser essa uma variante nacional da saga do atleta-herói olímpico – o momento das reivindicações. É interessante como os atletas que saem sem medalhas ou com um desempenho aquém do esperado possuem menos força em seus discursos contestatórios. Nessa edição, faço referência especificamente à matéria: “Cruz quer mudar os homens que mandam” (13/08, 1º caderno, p. 3). Nela, o atleta era incisivo ao declarar: “É preciso melhorar as condições para a prática do esporte no Brasil. Mas antes de mais nada é preciso mudar os homens que mandam. Se não, tudo pode continuar na mesma” (13/08, 1º caderno, p. 3). Cruz já havia preenchido os requisitos de herói nacional com suas conquistas, o que o concedia o direito de protestar e ter seu discurso noticiado.

No último dia observado, 15 de agosto, era noticiada a recepção efusiva da torcida aos atletas de diferentes esportes, como vôlei e judô, em suas chegadas ao aeroporto. Na saga do herói, esse momento representaria o júbilo dos compatriotas, que desejam compartilhar do sucesso juntamente com o herói (1º caderno, p. 21). Ressalto que esse é outro momento singular da saga do atleta-herói olímpico brasileiro, pois visto durante todo *corpus*.

C) Conclusões

Por fim, retomo alguns pontos vistos ao longo das narrativas sobre Los Angeles-1984. Não são muitas as histórias de vida de atletas estampando as páginas do jornal, apesar do elevado número de medalhistas. Havia um enfoque em descrever os resultados anteriores dos atletas, seus recordes e os prognósticos para sua participação. Os colunistas destacados para essa Olimpíada muitas vezes se preocuparam mais em descrever o clima geral dos Jogos, digamos assim, do que o desempenho individual dos atletas brasileiros. Nos esportes menos

populares e onde o Brasil não angariava bons resultados¹⁰⁵, como o polo aquático (antes chamado de “water pólo”) e os saltos ornamentais, o desinteresse pode ser comprovado por meio das pequenas notas que se destinam a cobrir os resultados das provas.

O amadorismo cedia cada vez mais lugar ao profissionalismo. A influência do mercado no esporte se consolidava como uma realidade, o que pode ser notado, dentre outras formas, a partir da quantidade de marcas (de empresas) citadas nas reportagens sobre os atletas. Os patrocínios e patrocinadores passam a ocupar um lugar importante nas narrativas¹⁰⁶.

O desempenho brasileiro foi mais uma vez associado criticamente à máxima de Coubertin, segundo a qual competir seria mais importante que vencer. Nas olimpíadas, a partir de 1960, esse aforismo aparecia com frequência, ainda que sob novas roupagens e formas de apresentação. As críticas ao planejamento esportivo brasileiro e a carência de apoio (público e privado) marcaram as narrativas jornalísticas.

O treinamento continuava sendo um elemento central na construção das narrativas do herói olímpico, dividindo espaço com a sorte e o azar, cada vez mais mencionados. A preocupação em manter viva a memória olímpica e lembrar nossos medalhistas-heróis de edições anteriores também foi verificada.

6.10 As Olimpíadas de Seul 1988

6.10.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

A vigésima quarta Olimpíada da Era Moderna foi abrigada pela cidade de Seul (Coreia do Sul), entre os dias 17 de setembro e 02 de outubro. Cento e cinquenta e nove países

¹⁰⁵ Registro que o remo seria uma exceção a essa regra. Apesar de nunca ter alcançado uma medalha olímpica, ele sempre possuía grande espaço na cobertura do *JB*, talvez devido a sua maior tradição dentro da história do esporte brasileiro.

¹⁰⁶ Nesse sentido, um estudo das propagandas veiculadas no *JB* durante essas olimpíadas poderia resultar em um interessante estudo. Emissoras de TV, instituições públicas e empresas privadas divulgaram suas marcas em consonância com o desempenho atlético brasileiro ou simplesmente aproveitando-se da temática olímpica. Houve, inclusive, um caderno patrocinado pela Lubrax, no dia 13 de agosto, contando as trajetórias das equipes de vôlei e futebol, além de trazer um resumo biográfico de cada atleta.

compareceram aos Jogos representados por um total de 8.391 atletas (6.197 homens e 2.194 mulheres) – um novo recorde de participação. O número de modalidades esportivas aumentou para 28¹⁰⁷, enquanto o número total de eventos passou a 237¹⁰⁸. Os voluntários mobilizados perfaziam 27.221 pessoas. No total, 11.331 jornalistas (4.978 da imprensa escrita, 6.535 de rádio e televisão) participaram da cobertura dos Jogos. O Brasil levou à Coreia um número maior de atletas que aos EUA. Foram 170 esportistas, sendo 135 homens (79,41% do total) e 35 mulheres (20,59%). Gradualmente o número de mulheres crescia em termos absolutos e relativos. Vinte e dois esportes contaram com representantes brasileiros: atletismo, basquete, boxe, ciclismo estrada, ciclismo pista, esgrima, futebol, ginástica artística, hipismo saltos, judô, levantamento de peso, luta, natação, nado sincronizado, remo, saltos ornamentais, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, vela e vôlei. A arrecadação total com os Jogos (1,164 bilhão de dólares) subtraída dos custos (815 milhões) possibilitou um lucro superior (350 milhões de dólares, aproximadamente) aos Jogos de Los Angeles (*JB*, 04/10/1988, 1º caderno, p. 20).

O tênis voltava à programação olímpica após 64 anos em que não esteve presente¹⁰⁹. Por outro lado, mais um boicote político influenciava negativamente a proposta pacifista e universalista das Olimpíadas Modernas. A adesão, contudo, foi bem menor do que as duas anteriores, sendo formada por apenas quatro países: Coreia do Norte, Cuba, Nicarágua e Etiópia. A Coreia do Norte desejava indicar sua própria sede para os Jogos e, ao não ter seu pedido aceito, decidiu não participar do evento. Os outros três países não participaram em solidariedade a Coreia (FREITAS; BARRETO, 2012, p. 131). Albânia e Seychelles também não enviaram representantes aos Jogos. O *doping* continuava sendo um problema para o Comitê Médico dos Jogos. Dessa vez, o caso mais emblemático foi o de Ben Johnson, canadense campeão dos 100m rasos e flagrado em seguida no exame *antidoping* (CARDOSO, 2000, p. 389-392).

Apenas no ano anterior à realização dos Jogos os sul-coreanos passaram a conviver com eleições diretas para presidente e experimentar viver um regime democrático. Na URSS,

¹⁰⁷ Nem o site do COI nem do COB dispunha da informação sobre o número de esportes nessa edição. Por isso, recorri a Lancellotti (1996, p. 581) para obter esse dado.

¹⁰⁸ Fonte: Site Oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/seul-1988>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

¹⁰⁹ O tênis era considerado muito profissionalizado. Daí ter ficado ausente do programa olímpico oficial desde Paris-1924. Seu retorno simbolizava uma maior aceitação do profissionalismo no esporte (PIVATO, 1994, p. 143).

tinha início a abertura ao ocidente com as reformas político-econômicas conhecidas como *glasnot* e *perestroika*, ambas postas em práticas durante o governo do presidente Mikhail Gorbachev. A *glasnot*, em resumo, compreendia uma série de medidas que concederam liberdades de expressão à população e aos meios de comunicação. Já a *perestroika* era voltada a área econômica, sendo responsável pelas mudanças nos gastos do Estado, que passou a investir menos em Defesa e nos países-aliados comunistas.

No Brasil, o Congresso Nacional, reunido em uma Assembleia Constituinte, promulgava uma nova constituição em 05 de outubro de 1988. A nova legislação era a mais democrática de toda história republicana brasileira, estabelecendo, dentre outros avanços, o direito ao voto para analfabetos e maiores de 16 anos. Essas medidas permitiram que 51% da população brasileira estivesse apta a eleger seus representantes. Era inaugurada, assim, a “democracia de massa” no Brasil (DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 289). Uma nota triste foi o assassinato do ambientalista Francisco Alves Mendes Filho em 22 de dezembro de 1988. Chico Mendes ficou conhecido pela sua luta ecológica pela preservação da Amazônia e das famílias de seringueiros que dela extraíam sua subsistência.

No esporte brasileiro, destaque para Ayrton Senna, que seguindo os passos de Emerson Fittipaldi e Nelson Piquet, sagrou-se tricampeão da Fórmula 1 nas temporadas de 1988, 1990 e 1991. Senna apareceu duas vezes na capa do *JB* e em algumas matérias no caderno de esportes do jornal.

O Brasil conquistou seis medalhas nessa edição dos Jogos, duas a menos que em Los Angeles. No judô, categoria meio-pesado, ouro com Aurélio Miguel (pela primeira vez o judô brasileiro conquistava o primeiro lugar em Olimpíadas). O futebol masculino era prata, ao perder a final para a URSS. Joaquim Cruz, nos 800m, desceu um degrau no pódio olímpico em relação à Los Angeles, ficando com a prata. Os outros atletas medalhistas foram: Robson Caetano, bronze nos 200 metros rasos; Torben Grael e Nelson Falcão, bronze na classe *Star* do iatismo; Lars Grael e Clínio de Freitas, bronze na classe Tornado.

6.10.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O número de páginas de Esportes variou de três a oito, sendo que na maior parte dos dias havia apenas quatro páginas¹¹⁰. O esporte olímpico obteve amplo enfoque na capa do *JB* e, mais raramente, apareceu também no caderno B. Novamente as Olimpíadas coincidiram com uma competição futebolística, o Campeonato Brasileiro. Toda segunda-feira a parte de esportes do jornal contava com uma capa, contendo as chamadas para os destaques esportivos, e numeração própria (independente do 1º caderno). Não há mais uma página exclusiva para o turfe, como outrora. Contudo, a página onde se encontram as notícias sobre turfe chama-se “Esportes/Turfe”, apesar de o turfe usualmente ocupar menos da metade dessa página.

Muitas matérias versaram sobre os grandes atletas de outras nacionalidades, que não os brasileiros. Os feitos dos atletas norte-americanos, por exemplo, usufruíram de amplo destaque na cobertura do *JB*. É válido lembrarmos que isso era comum nas décadas de 50 e 60 quando as matérias provinham em grande medida de agências de notícia internacionais, que não cobriam apenas os atletas brasileiros, mas o evento como um todo. A diferença agora é que se trata de matérias mais longas, e não simples notas.

João Saldanha, famoso por suas crônicas futebolistas, esteve em Seul cobrindo os Jogos¹¹¹, juntamente com Vicente Senna e Mair Pena Neto. Paulo Cesar Vasconcellos publicou matérias ligadas aos Jogos, mas não diretamente de Seul. Além dele, do Brasil, escreviam Sandra Chaves, Cláudia Ramos, Katia Cardoso, Oldemário Touguinhó, Aydano André Motta, Mariucha Moneró, Marcelo França (além dos correspondentes em outros países que também publicaram matérias). Muitas notícias, contudo, não eram assinadas (o que é visto mais intensamente desde 1984), tornando difícil a identificação dos jornalistas que as escreveram.

¹¹⁰ Na capa do dia 16 de setembro de 1988, informa-se que naquela edição estaria encartado um suplemento especial sobre as Olimpíadas. Esse material, entretanto, não se encontra digitalizado na Hemeroteca da BN e, por isso, não pôde ser investigado.

¹¹¹ Os temas das colunas incluem casos e fatos sociais em torno dos Jogos, interpretados por um viés irônico e bem-humorado típico de Saldanha. São assuntos triviais, muitas vezes não ligados diretamente ao âmbito esportivo, mas que ganham ressonância graças à habilidade narrativa do colunista.

B) Os atletas e outros temas

No primeiro dia de análise do *corpus*, 14 de setembro, já se verificava um destaque olímpico na capa do periódico: “Em Seul Zequinha tentará os 1500m”. Na parte de esportes, percebe-se a construção de um atleta engraçado (“brincalhão”), orgulhoso de suas origens (dizia-se que falava inglês sem perder seu sotaque mineiro) e pronto para os desafios. Cito alguns trechos: “Estou aguardando e, se deixarem, eu corro. Se vim aqui pra isso, quanto mais correr, melhor [...] Eu gosto de correr assim exigido, porque se ganhar a emoção é maior” (14/09, 1º caderno, p. 18). Tratava-se de um atleta dotado de extrema autoconfiança. Destacava-se na matéria igualmente seu preparo físico e treinamento. Zequinha sempre foi um personagem muito estimado pelo discurso jornalístico, talvez por seu jeito irreverente, entretanto nunca logrou êxito (medalhas) nos Jogos.

A matéria “Emoção à beira da piscina” evidenciava o momento da aposentadoria de um atleta, o que transposto para a saga do herói corresponderia à fase do retorno e o abandono da aventura (cf. CAMPBELL, 1995). A aposentadoria para muitos atletas representa continuidade no esporte que praticou durante boa parte de suas vidas, mas em uma posição diferente – de atleta passa a treinador, preparador físico, dirigente, comentarista esportivo. Alguns esportistas, entretanto, simplesmente assumem outra carreira, para a qual se preparavam na universidade – algo mais comum na fase amadora do esporte olímpico. Este é o caso do nadador Ricardo Prado, que não pôde competir em Seul devido a uma hepatite:

A partir daí [do fim das competições de natação nos Jogos], começará para ele o futuro. Em janeiro, termina o curso de Administração de Empresas em Dallas, Estados Unidos, onde vive, retorna ao Brasil e aí a natação deverá passar a ser apenas uma lembrança para quem foi o melhor de todos em seu país (14/09, 1º caderno, p. 18).

A beleza da tenista Gisele Miró é responsável pelo título da matéria “Gisele enfeita fila olímpica” (15/09, 1º caderno, p. 32). A atleta manifestava seu desejo iminente de abandonar o esporte e abrir uma agência de turismo. Sua participação nos Jogos parece ser motivada por uma obrigação patriótica, e não pelo amor ao esporte. A atleta ponderava que o tênis não era tudo em sua vida, deixando implícito que talvez o tênis fosse apenas uma pequena parte dela. Esses discursos não-óbvios, como o de Gisele, são particularmente profícuos de ser capturados e, por isso, o registrei aqui, pois fornecem visões desviantes sobre a participação atlética.

No dia 17 de setembro, há uma tentativa interessante de associação entre Róbson Caetano e Garrincha, encampada pelo próprio velocista. As falas de Robson, de fato, nos

remetem ao camisa sete do Botafogo e da Seleção Brasileira, por exemplo: “Quando corro, todos os meus rivais se chamam João” (1º caderno, p. 20). O título da matéria faz menção a essa aproximação: “Robson Caetano invoca Garrincha”. O texto o descreve como autoconfiante, descontraído e irreverente. São características de fato muito prezadas nos heróis futebolísticos, mas não tão vistas nos esportes amadores.

Na matéria do dia 20 sobre o basquete masculino, “Brasil e EUA revivem ‘batalha’ no basquete”, saliento a tentativa dos atletas em se manter alheios ao favoritismo imputado pela imprensa. O discurso era de humildade, palavra tão cara aos brasileiros: “Toda essa movimentação em torno da equipe desde o Pré-Olímpico não altera o comportamento dos jogadores. *No vocabulário dos atletas, a palavra humildade tem significado especial*” (20/09, 1º caderno, p. 24, grifos meus). Nessa mesma linha, tínhamos a nota “Elogios deixam emocionado o ídolo modesto” (20/09, 1º caderno, p. 24), que retrata o embaraço de Oscar diante dos elogios que lhe são feitos. Ressalto que Oscar era popularmente conhecido como “mão santa”. As mãos do atleta foram assim apelidadas pelo técnico da equipe brasileira, Ari Vidal. Oscar sempre rejeitou essa alcunha, pois considerava sua perícia nos arremessos como frutos do seu treinamento, e não de uma habilidade inata.

“A fama em 3 ‘rounds’” é uma matéria que disserta brevemente sobre a vida profissional e pessoal do pugilista Joílson Santana. O atleta era querido pelos companheiros da delegação brasileira e descrito como “meio tímido”. A ênfase nas conquistas pessoais mesclava-se com fatos de sua vida privada, em um movimento interessante de uso da história de vida do atleta, que ainda mantinha um *status* de amador, obrigatório no boxe. O trabalho e os sacrifícios pessoais para se manter no esporte era os pontos em que sua trajetória de vida confluía para a saga do herói clássico:

Campeão brasileiro em cinco anos de pugilismo, funcionário do Tribunal de Justiça da Bahia, em Salvador, onde exerce o cargo de assistente administrativo, Joílson ainda solteiro, tem conseguido reforçar seus ganhos com o boxe, recebendo uma ajuda de dois salários mínimos da Alimba, empresa de produtos alimentícios que o patrocina. Vivendo ainda com a mãe, Dona Carolina, que tem mais sete filhos, Joílson pretende dar a ela uma vida bem melhor a partir do próximo ano, quando vai se profissionalizar (20/09, 1º caderno, p. 26).

A narrativa sobre Robson Caetano continuava aproximando-se daquelas construídas sobre os ídolos malandros do futebol brasileiro. Na matéria “Robson Caetano não teme Johnson e Lewis”, tanto o corredor como seu técnico demonstravam uma confiança e uma tranquilidade atípicos entre atletas brasileiros (22/09, 1º caderno, p. 24). Robson possuía

também certa arrogância, à moda de Romário¹¹², que o credenciava ao posto de “queridinho” da imprensa. Nos dias seguintes, porém, diante de seu desempenho abaixo do esperado, os discursos confiantes e efusivos deram lugar à objetividade dos resultados. Com isso, tendo a crer que no esporte em geral a categoria desempenho é a única capaz de sustentar atletas no posto de “heróis”, ainda que o jornalismo possa tentar erigir alguns ídolos efêmeros.

Apesar de não ter ganhado medalha, o desempenho do nadador Rogério Romero é exaltado, comprovando que, às vezes, o que importa mais é a superação dos próprios limites. Cito: “Hoje, o paranaense Rogério Romero, 18 anos, não é mais uma das esperanças brasileiras de uma boa apresentação em Seul. Ele é o novo recordista sul-americano e o oitavo do mundo na distância. *Um último lugar com sabor de vitória*” (1º caderno, p. 24, grifos meus). Algumas partes da saga do herói puderam ser identificadas em sua biografia, tais como: dificuldade, treinamento, superação e êxito: “Chegar a este resultado não foi muito fácil para o nadador. Até mesmo deixar os estudos de lado ele deixou. As quatro horas de treino na piscina, sob a orientação do treinador Reinaldo Sousa Dias, foram intensificadas” (23/09, 1º caderno, p. 24).

Outra atleta que, a despeito da não obtenção de uma medalha, mereceu atenção midiática foi a ginasta Luísa Parente. Em “Missão cumprida deixa Luiza contente”¹¹³, a matéria evidencia, já em seu título, que algo que deveria ser realizado, foi cumprido com êxito. A conquista em questão foi o 35º lugar da ginasta na final dos aparelhos. Não foi sequer a melhor classificação brasileira nesse esporte, mas é sublinhado o esforço da atleta, que, acima de tudo, conseguiu alcançar seu objetivo inicial: chegar às finais. Sua trajetória fora marcada pelos treinamentos conciliados ao curso de Ensino Médio. Além da precariedade de seu local de treinamento (o Ginásio do Flamengo), Luísa ainda tinha de lidar com as privações inerentes à prática do esporte em alto nível: “Para manter os seus 44 quilos (mede 1,54m) tem de evitar guloseimas, refrigerantes e doces, o que não é fácil para uma adolescente com jeito de criança” (24/09, 1º caderno, p. 20). Observo aqui que os sacrifícios autoimpostos são recorrentes nas narrativas sobre os atletas olímpicos brasileiros.

Todas as ações de Joaquim Cruz pareciam ser interpretadas pelo discurso jornalístico como um prenúncio da conquista vindoura, assim como o foi durante Los Angeles-1984. Até mesmo sua recusa em dar entrevistas era vista com certo ar de superstição, mas principalmente como a repetição de um *modus operandi* bem-sucedido, vide o título da matéria: “Joaquim Cruz

¹¹² Para uma análise das narrativas sobre Romário, ver Helal (2003) e Guedes (1995).

¹¹³ O nome da atleta é repetidamente grafado errado no periódico. O correto é Luísa (com “s”), e não Luíza.

repete tática de 84 e não fala”. Embora não conceda entrevistas, o atleta não era visto como arrogante, fechado ou esnobe. Pelo contrário, sua recusa era descrita como sendo feita “sem perder o comportamento atencioso de sempre” (24/09, 1º caderno, p. 22).

Na querela entre Rio e São Paulo em torno da escolha do técnico carioca Ari Vidal, as críticas concentravam-se no estilo ofensivo adotado pelo treinador. Ari se defendia afirmando que se tratava do próprio estilo brasileiro de jogar, e não de uma idiossincrasia pessoal. Interessante notarmos como esse suposto estilo do basquete nacional assemelhava-se aquele do futebol, até mesmo na escolha dos adjetivos utilizados pelo técnico para descrevê-lo: “O jogador brasileiro tem uma característica peculiar, que não aceita fazer o óbvio, o feijão-com-arroz. Ele é *ousado, ofensivo* e gosta de jogar assim” (25/09, 1º caderno, p. 35, grifos meus).

No dia 26 de setembro, a medalha de prata de Joaquim Cruz é destaque na página oito, acompanhada de uma grande foto ilustrativa. Não houve espaço, no entanto, para sua história de vida, talvez por ela já ter sido contado em Los Angeles-1984. Após o triunfo o silêncio do velocista dava lugar a uma promessa: “O brasileiro Joaquim Cruz, logo depois de conquistar a prata nos 800 metros, prometeu ao ‘povo brasileiro’ conquistar uma medalha nos 1500 metros. ‘Talvez a de ouro’ disse o atleta” (26/09, Esportes, p. 8). A medalha nos 1.500m não veio, mas saliento que a gana de vencer em Cruz continha também o desejo de repartir os louros com os brasileiros. O *ethos* heroico parece permear sua atitude.

Como já visto em outras edições dos Jogos, o simbolismo do carnaval e da alegria sempre esteve muito presente na linguagem do jornalismo esportivo. Relembro isto, pois, na matéria “Zequinha comanda a torcida”, sobre os atletas brasileiros que torciam em Seul na partida do vôlei brasileira contra a URSS, a imagem desse rito urbano foi acionada para descrever a comemoração do triunfo. Cito: “A vitória, que garantiu o lugar entre os quatro melhores do mundo, transformou o ginásio em um imenso *salão de carnaval*. Festa na quadra e nas arquibancadas” (27/09, 1º caderno, p. 21). Cada vez mais, associo esses elementos que pairam sobre a identidade nacional brasileira ao “Teorema de Thomas”, segundo o qual: “Se as pessoas definem uma situação como real, ela será real nas suas consequências” (BRAGA; GASTALDO, 2009, p. 79). Assim, a despeito do debate exposto no item 2.1, a identidade nacional torna-se verossímil ao examinarmos suas inúmeras manifestações nas narrativas jornalísticas.

O iatismo brasileiro granjeou duas medalhas de bronze. A volta por cima de Lars Grael era destacada na matéria: “Lars Grael, no entanto, tinha todos os motivos pra comemorar. Além disso, o atleta pontua ‘raça e calma’ como qualidades que ajudaram sua equipe a conquistar a medalha de bronze. Afinal, há quatro anos, em Los Angeles, conseguira

apenas o 7º lugar” (28/09, 1º caderno, p. 18). Desde crianças os irmãos Lars e Torben Grael dedicavam-se ao iatismo, que de brincadeira tornou-se suas profissões. A matéria “Uma antiga paixão pelo mar e pela vela” enfatizava ainda as personalidades distintas dos irmãos, um tímido e o outro extrovertido, embora ambos coincidam na paixão nutrida pelo iatismo (28/09, 1º caderno, p. 18). Essa oposição de características pessoais não é estranha às duplas do iatismo, pois já fora vista em Marcos Soares e Eduardo Penido (classe 470) e Lars Björkström e Alex Welter nos Jogos de Moscou-1980. O começo casual e com tenra idade e a recuperação após um infortúnio são os pontos a ser destacados nessa narrativa, uma vez equivalem a etapas da saga do atleta-herói brasileiro.

A principal cobrança que recaía sobre o futebol olímpico sempre era a falta de uma medalha de ouro. Talvez, por isso, a palavra futebol-arte não tenha sido vista, ainda que as cobranças por bons resultados fossem frequentes. Nesse sentido, Geovani, meio-campista da seleção brasileira em Seul, assume que o espírito de luta e a garra, e não o jogo bonito, foram os aspectos que levaram o Brasil à final olímpica (28/09, 1º caderno, p. 20, grifos meus). Em “Taffarel garante a medalha do futebol”, o goleiro brasileiro era descrito como um brasileiro humilde, oriundo de uma pequena cidade no interior gaúcho. Essa imagem de pacato e interiorano coaduna-se com um discurso comum na imprensa: a valorização da infância pobre e infausta. Em dado momento, Taffarel dizia que pênalti era mais sorte do que propriamente treino. O texto jornalístico, entretanto, realçava seus méritos: “Sorte aliada ao estudo” (28/09, 1º caderno, p. 20). O jogador apontava ainda a importância de Deus para suas defesas e, paradoxalmente, não se citava o trabalho como fundamental para o bom desempenho.

Robson Caetano apareceu na capa do *JB* no dia 29 de setembro e também no interior do periódico. Na matéria “TV despertou a paixão”, discorria-se sobre a iniciação, a preparação e o triunfo do atleta. Ele ingressara no atletismo impulsionado por uma propaganda televisiva de incentivo ao Pentatlo Nacional. Ele possuía uma preparação especial para correr os 100m, elaborada pelos seus técnicos à época. Logo em seguida, vieram títulos e recordes sul-americanos e nacionais. A primeira queda veio em Los Angeles (1984), quando não apareceu para correr o revezamento 4x100m e foi desligado da delegação brasileira, tendo de regressar ao Brasil. Era dito no texto que “precisou de muita força de vontade” para seguir em frente e dar a volta por cima. No Mundial de Roma, um ano antes das Olimpíadas, nova derrocada: uma contusão lhe tirava o lugar no pódio. Ao final, a despeito dos percalços, Robson atingia a consagração heroica: “Recuperado, ele fez uma excelente temporada esse ano e conquistou a tão sonhada medalha, igualando sua melhor marca nos 200m: 20s04” (29/09, 1º caderno, p. 26). Em resumo, pode-se depreender que, mesmo um atleta de traços

malandros como Robson Caetano, necessitava de muito treinamento para conseguir alcançar seus objetivos. Conquistada sua medalha de bronze, o velocista alcançava a etapa heroica em que lhe era permitido fazer cobranças:

Espero que essa medalhe ajude a melhorar o atletismo brasileiro, que traga mais apoio, não apenas para o Robson, mas para todos que o praticam. É uma vergonha o que está acontecendo com o Estádio Célio de Barros, no Rio de Janeiro, todo esburaco. Parece até que as autoridades estão se *lixando* para o que acontece ali (29/09, 1º caderno, p. 26, grifos do *JB*).

Na capa do dia 1º de outubro, lia-se “Brasil ganha medalha de ouro no judô”. No primeiro caderno do jornal, as narrativas sobre Aurélio Miguel se estendiam, elevando-o a categoria de herói brasileiro. Os discursos sobre o judoca retomavam muitos dos elementos vistos com frequência até aqui para descrever o atleta-herói olímpico brasileiro: a autoconfiança, o esforço abnegado, o treinamento e as privações. A medalha coroava seus anos de dedicação ao esporte: “Enquanto o olhar se fixava no alemão Marc Meiling, à sua frente, na mente estava gravado que aquele era o grande momento da *recompensa pelos anos de sacrifício, separação da família, de renúncia aos prazeres naturais em um jovem de 24 anos*” (1º caderno, p. 24, grifos meus). Aurélio dedicou a medalha “a todo povo brasileiro” – lembro que é inerente ao herói compartilhar os louros da vitória. Mesmo em um atleta confiante e seguro de suas capacidades, o fator sorte é invocado, como suas palavras deixavam claro: “Os campeões precisam contar também com um pouco de sorte, não acham” (1º caderno, p. 24.). Por meio do popular ditado “Deus escreve certo por linhas tortas” (29/09, 1º caderno, p. 26) o judoca ajuntava também a ajuda divina a sua conquista. Seu pai, seu primeiro treinador e o local em que iniciou seus treinos foram ainda lembrados, encerrando uma narrativa repleta de aspectos recorrentes no ciclo do herói olímpico brasileiro.

Na capa do dia 03 de outubro, a chamada da matéria “Jogos acabam e Brasil traz seis medalhas” antecipava o teor do noticiário de esportes daquele dia: “O resultado mostra a *evolução* do país em vários esportes, apesar da *desorganização* que atrapalhou o futebol e o vôlei masculino e da falta de apoio para o atletismo e a nataçãõ” (grifos meus). Sobre o balanço que sempre é feito da participação brasileira em diversos esportes, cabe uma reflexão. De fato, os fracassos nacionais sempre são lidos pela falta de algum fator positivo e/ou pelo excesso de um elemento danoso. Do mesmo modo, a vitória é explicada pela abundância de um dado positivo e pela ausência de pontos negativos. As incógnitas dessa equação (identificadas como dado, ponto, fator, elemento) aparecem nas narrativas jornalísticas enquanto garra, luta, confiança, treinamento, sorte, tradição, talento, humildade,

planejamento, organização. No nível do discurso, ser vitorioso ou fracassado dependeria do simples arranjo das palavras supracitadas. O modo como esses elementos aparecem no discurso determina nossa leitura do desempenho de um atleta ou de um esporte. Da matéria que inspirou essa digressão reproduzo o trecho abaixo, que contrapõe os vitoriosos aos derrotados:

Seis medalhas numa Olimpíada sem boicote marcam uma evolução do esporte brasileiro. Uma evolução no atletismo, na ginástica, no ciclismo e até mesmo nos esportes coletivos. Um lado das medalhas mostra que o ouro no judô e os bronzes do iatismo confirmam tradições do esporte brasileiro que *servem como exemplo* de preparação olímpica. Do outro lado das medalhas, está a *desorganização* que impediu uma atuação melhor do futebol e do vôlei masculino. Está também a participação pífia dos representantes de esportes, como o tiro ao alvo e o arco e flecha, que não despertam interesse ou emoção no Brasil. Enquanto isso, nossos atletas nas pistas e nas piscinas esperam por apoio. Robson Caetano que o diga (03/10, Esportes, p. 4, grifos meus).

No último dia de análise, 05 de outubro, o destaque na parte de esportes recai sobre a recepção de Aurélio Miguel, único medalhista de ouro do Brasil, no aeroporto. A festa criada em torno de sua chegada repetia o ritual que envolve os atletas brasileiros vitoriosos. Aos medalhistas, a atenção midiática e euforia dos torcedores, aos derrotados, o ostracismo.

C) Conclusões

Por fim, reitero que o treinamento continuava justificando os bons desempenhos e era central principalmente nas matérias que antecediam o início dos Jogos ou a realização de alguma prova. A humildade (vide as matérias sobre a ginasta Luísa Parente) e a sorte (vide aquelas sobre a tenista Gisele Miró) são outros dois elementos muito observados. Por outro lado, o nervosismo e falta de intercâmbio continuam sendo problemas salientados na preparação dos atletas brasileiros.

A preocupação com a memória dos Jogos e dos medalhistas brasileiros mantém-se como um guia norteador das pautas jornalísticas. O *doping* foi novamente o assunto da vez, com a descoberta das irregularidades do campeão dos 100m Ben Johnson¹¹⁴. O debate entre amadorismo e profissionalismo ainda estava presente, mas a balança pendia cada vez mais para o segundo. O *lobby* pela profissionalização era forte naqueles esportes em que o amadorismo permanecia predominante, fosse por contingência ou obrigatoriedade. A cobrança por resultados, como vimos, caminhava em direção aos atletas, e não mais apenas

¹¹⁴ Desde 1968 até 1984, foram 8528 atletas testados e 30 flagrados pelo uso de substâncias proibidas (*JB*, 1º caderno, 27/09/1988, p. 22).

aos dirigentes esportivos. Uma hipótese é que, a medida que o esporte se tornava mais profissional, isso proporcionava benefícios claros e cobranças da mesma ordem. O atleta, assim como o arquiteto, o engenheiro, o jornalista, o advogado, podia se dedicar exclusivamente à sua atividade de interesse, mas, em contrapartida, teria de executá-la com perfeição, justificando o investimento que nele era feito.

Mais atenção foi dispendida às histórias de vida, no que sublinho aquelas sobre Taffarel e Robson Caetano. Ambos tinham o trabalho como ponto central de suas trajetórias, o que os aproximava do herói universal, embora demonstrassem traços tipicamente brasileiros como a religiosidade, no caso do goleiro brasileiro, e a irreverência e “malandragem”, no caso do velocista. Essa interferência do elemento nacional fora marcante até mesmo em Aurélio Miguel, cuja narrativa era exemplar do heroísmo clássico.

6.11 As Olimpíadas de Barcelona 1992

6.11.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

Na cidade de Barcelona, capital da Catalunha (Espanha), entre os dias 25 de julho e 09 de agosto, foram realizados os XXV Jogos Olímpicos da Era Moderna. Cento e sessenta e nove países estavam representados nos Jogos, em um total de 9.356 atletas (6.652 homens e 2.704 mulheres) – um novo recorde de participação. O total de modalidades esportivas permaneceu em 28, enquanto o número total de eventos passou a 257¹¹⁵. Os voluntários envolvidos atingiram o número de 34.548. Ao todo, 13.082 jornalistas (5.131 da imprensa escrita, 7.951 de rádio e televisão) estiveram realizando a cobertura do evento. O Brasil levou à Espanha um número maior de atletas que à Coreia do Sul. Foram 197 esportistas, sendo 146 homens (74,11% do total) e 51 mulheres (25,89%). Novo aumento relativo e absoluto no número de mulheres na delegação brasileira. Vinte e cinco esportes contaram com representação brasileira: atletismo, basquete, boxe, canoagem, ciclismo estrada, esgrima, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, hipismo CCE, hipismo saltos, judô,

¹¹⁵ Fonte: Site Oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/barcelona-1992>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

levantamento de peso, luta, natação, nado sincronizado, remo, saltos ornamentais, tênis, tênis de mesa, tiro com arco, tiro esportivo, vela e vôlei.

O profissionalismo se fazia cada vez mais presente nos esportes olímpicos, derrubando um dos valores fundadores do movimento olímpico: o amadorismo. O presidente do COI, Juan Antonio Samaranch, tornou oficial a profissionalização dos esportes nas Olimpíadas. Cardoso (2000) argumenta que as antigas dicotomias das Olimpíadas (amador/profissional, EUA x URSS) cederam lugar à nova ordem mundial. Nela: “O que mandava era a economia de mercado e a busca insaciável da eficiência e da qualidade total” (CARDOSO, 2000, p. 412). O boxe permanecia como um dos últimos adeptos do amadorismo, mais por motivos mercadológicos do que ideológicos, afinal: “O Comitê Olímpico não se dispôs ainda a pagar as milionárias bolsas oferecidas pelos empresários a seus lutadores” (CARDOSO, 2000, p. 413).

A África do Sul voltou a ter permissão para disputar os Jogos Olímpicos, ao mesmo tempo em que Nelson Mandela era libertado da prisão em 1990 e eleito presidente quatro anos depois. Coincidentemente, nessa mesma edição, Derartu Tulu, atleta etíope vencedora dos 10.000m, no atletismo, se tornou a primeira mulher negra do Continente Africano a obter uma medalha em Olimpíadas. Além da África do Sul, Cuba também retornou aos Jogos e, pela primeira vez desde 1960, não houve boicote de nenhuma nação (CARDOSO, 2000, p. 413).

Em 1991, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas entrara em colapso, com a transformação dos países que a compunham em nações independentes (para além de desmembramentos internos, como ocorrido na Iugoslávia e na Tchecoslováquia, por exemplo). O último dia de 1991 marcou o término oficial dessa comunidade de nações comunistas que existia desde 1922. O principal artífice desse processo foi Mikhail Gorbachev, último presidente da URSS, e a autor dos planos da *glasnot* e *perestroika* (já explicados no item 6.10.1). A dissolução da URSS repercutiu no campo dos esportes, principalmente na forma de novas delegações olímpicas que antes disputavam os Jogos sob a bandeira soviética. Apesar disso, onze países do antigo bloco comunista permaneceram juntos na Comunidade dos Estados Independentes (CEI) – Ucrânia, Rússia, Cazaquistão, Uzbequistão, Armênia, dentre outros –, que foi a maior ganhadora de medalhas das Olimpíadas de Barcelona, à frente, inclusive, dos EUA.

Em 1990, o Brasil elegia novamente um presidente pelo voto direto: Fernando Collor. Collor era um candidato, de certa forma, sem tanto peso político até aquelas eleições. Em toda sua carreira, havia pertencido somente a partidos de matriz militar, como a ARENA e o PDS. Não era a escolha mais óbvia após o ainda recente período de ditadura, porém, diante da

possibilidade de eleição de um candidato de esquerda, Lula (PT) ou Brizola (PDT), os partidos de direita se alinharam em torno da candidatura de Collor. Com esse apoio e sabendo explorar seu tempo de propaganda eleitoral na televisão, Collor conquistou crescente apoio popular. Era uma figura inegavelmente midiática e que aparecia bem diante das câmeras de TV. Conseguiu ser eleito, mas foi deposto dois anos depois, em outubro de 1992, sob acusação de corrupção. Em seu lugar, assumiu o vice-presidente Itamar Franco (DEL PRIORE; VENANCIO, 2012, p. 290-292). Enquanto isso, no Rio de Janeiro, era realizada a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento. A ECO-92, como ficou conhecida a reunião, sinalizava uma iminente preocupação mundial com os rumos climáticos do planeta Terra.

Apenas três medalhas no total foram conquistadas pela delegação brasileira em Barcelona: ouro no vôlei masculino (pela primeira vez conquistávamos o primeiro lugar olímpico com um esporte coletivo); Rogério Sampaio, ouro no judô categoria leve; Gustavo Borges, prata nos 100m livre da natação.

6.11.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O caderno de Esportes possuía usualmente oito ou dez páginas, sendo que em alguns dias teve quatro páginas ou doze páginas¹¹⁶. O turfe voltou a ter grande destaque, ocupando uma página inteira (às vezes, até duas). O campeonato carioca de futebol ocorria no mesmo período de realização dos Jogos, disputando espaço no caderno esportivo com o megaevento internacional. Em todos os dias, à exceção de 11 e 12 de agosto, o caderno de Esportes contou com capa e numeração próprias. Assim, saliento que a consolidação de um caderno exclusivo para os esportes se deu na virada da década de 1980 para 1990.

Os enviados especiais do *JB* em Barcelona foram Cláudia Ramos, José Emílio Aguiar, Gisele Porto e Paulo Cesar Vasconcellos. A coluna “Podium” (não assinada por nenhum jornalista) trazia informações gerais sobre as Olimpíadas, desde curiosidades e fatos sociais até dados econômicos. A primeira página do caderno de Esportes era ocupada diariamente (de

¹¹⁶ Uma observação técnica: muitas páginas estavam mal digitalizadas no site da Hemeroteca da BN, o que dificultou a visualização de trechos de algumas matérias.

23 de julho a 10 de agosto) por um cartum da *Radical Olímpica*, criação do cartunista Miguel Paiva. Zózimo Barrozo do Amaral (“Zózimo em Barcelona”) e Armando Nogueira (“Diário de Olímpia”) foram colunistas exclusivos dos Jogos. O primeiro escrevia algo semelhante a uma coluna social dos Jogos e o segundo publicava crônicas ou notas curtas sobre o evento. Sérgio Noronha também abordava os Jogos, mas tratava igualmente dos acontecimentos futebol brasileiro. No dia 10 de agosto, o *JB* publicou a lista de todos os envolvidos na cobertura dos Jogos, que era muito mais extensa do que os nomes que assinavam matérias, mas (Esportes, p. 5):

Figura 20: Nome de todos os jornalistas envolvidos na cobertura dos Jogos Olímpicos de Barcelona.

Participaram da cobertura dos Jogos Olímpicos:	
Adilson Nunes, Alvaro da Costa e Silva, Célio Campos, Cláudia Ramos, Cláudio Arreguy, Fernando Barbosa, Gilmar Ferreira, Gisele Porto, Jorge Areas, José Emílio Aguiar, José Luiz de Pinho, Juandir Santos, Luis Carlos Rocha, Marco Antonio Ribeiro, Marcus Ve-	ras, Mario Andrada e Silva, Mauro Cesar Pereira, Mauricio Arcoverde, Mauricio Cardoso, Oldemário Touguinhó, Paulo Cesar Vasconcellos, Paulo Gama, Roberto Bascchera, Roberto Falcão, Sergio Garcia, Silvio Marinho, Valquiria Daher, Vicente Dattoli, Vicente Senna.

A cobertura sobre os atletas brasileiros foi extensa e muito superior ao enfoque dado aos estrangeiros (diferentemente de 1988, quando os norte-americanos foram alvo de número considerável de matérias). A TV de novidade passava a ser um meio de comunicação complementar à cobertura efetuada pelo jornalismo impresso, dado o número de menções a ela que apareciam nas páginas do caderno de Esportes. Além disso, mais uma vez, havia um espaço diário no *JB* onde a programação televisiva era informada.

B) Os atletas e outros temas

No dia 22 de julho, muitos elementos e narrativas interessantes de ser comentados já apareciam no *JB*. Na matéria “Brasil vence campeões olímpicos”, observo a forma peculiar como o basquete sempre é trabalhado. Nosso jogo possui habilidade, talento e força ofensiva, ainda que essas características não nos tornassem uma potência como no futebol¹¹⁷. No caso, a oposição era estabelecida entre nossa seleção de basquete e a da Lituânia: “O jogo de força dos lituanos não resistiu à velocidade e à habilidade dos brasileiros, que chegaram a dar show em trocas de bola que resultaram em belas cestas” (Esportes, capa).

¹¹⁷ O Brasil não disputou o Torneio Olímpico de futebol, em Barcelona, pois não havia se classificado no pré-Olímpico (*JB*, 22/07, Esportes, p. 6).

A série de infortúnios que a velocista Magnólia Figueiredo vinha passando em sua estada em Barcelona conduz a matéria à conclusão de que a “bruxa andou solta para o seu lado”. Essa expressão apesar de sua trivialidade carrega alta dose de misticismo e implicava que a atleta estava desprovida de um elemento vital que aparece no discurso sobre as conquistas e fracassos – a sorte (22/07, Esportes, p. 5). O acaso também era o fator preponderante no desempenho brasileiro no tênis de mesa: “A sorte brasileira em Barcelona depende do sorteio das chaves dos jogos” (22/07, Esportes, p. 6).

Mesmo um atleta famoso pela autoconfiança, pela “malandragem” e pelas tiradas jocosas, como Robson Caetano, necessitava de alta dose de treinamentos, o que ficou explicitado na matéria “Dura vida de atleta”:

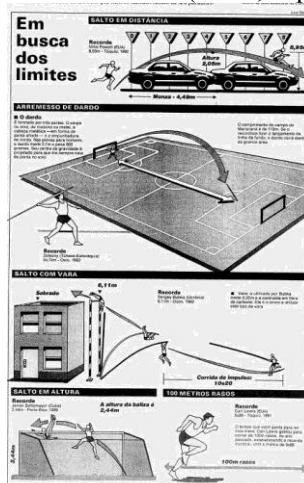
Robson leva uma hora para se aquecer, gasta 30 minutos no alongamento, ensaia largadas simuladas – piques de 60 ou 100 metros – e depois de dez ‘tiros’ começa o treino para valer: faz quatro repetições de 250 metros, pela manhã, para ganhar fôlego, e, à tarde, corre os 200m contra o relógio, avaliando as condições – já faz 20s18 em cronômetro manual (23/07, Esportes, capa).

No judô, o treinamento é quase sempre um mantra repetido pelos atletas. Isso estava exposto já no título da matéria “Dedicação aos treinos é a arma de Aurélio”. Aurélio Miguel, ouro em Seul e portador da bandeira brasileira na cerimônia de abertura em Barcelona, tinha seu treinamento posto em relevo: “Quem espera ver Aurélio Miguel curtindo os prazeres da Vila Olímpica pode tirar o cavalo da chuva. Pensando na conquista do bicampeonato dos meio-pesados, o judoca avisa que, em Barcelona, pretende se dedicar somente aos treinos e à concentração” (23/07, Esportes, p. 4). Apesar da seriedade e do valor dado ao trabalho, Aurélio não conseguiu repetir em Barcelona o ouro conquistado em Seul. Isso nos mostra como não há um enredo infalível que descreva a saga dos atletas-heróis brasileiros. Nem sempre o atleta que possui os predicados para o posto de herói conseguirá, de fato, alcançá-lo, ou reconquistá-lo, no caso de Aurélio.

Quando abordei no capítulo cinco o jogo de poder discursivo proposto por Guedes (2010/2011), havia constatado que temos na figura do receptor das falas autorizadas da imprensa tanto aquele torcedor mais fanático por esportes quanto o torcedor de Copa ou Olimpíada (aquele cuja paixão por esportes reaparece a cada quatro anos e se confunde com o seu amor pela nação). A mídia deveria assim produzir uma fala que atendesse a ambos os grupos de maneira satisfatória. Isso fica claro, em Barcelona-1992, pela quantidade de quadros ilustrativos, publicados complementarmente às matérias, detalhando cada modalidade esportiva de forma didática. Havia uma preocupação não apenas em informar o público, mas

também em instruir um leitor mais leigo para que ele pudesse entender os esportes que assistia pela TV ou lia no jornal (vide fig. 21). Muitos esportes ganharam infográficos explicativos durante estes Jogos: iatismo, atletismo, ginástica, judô, vôlei, marcha atlética, natação, maratona, basquete, salto em altura, hipismo, vôlei.

Figura 21: O infográfico acima ilustra os limites físicos dos atletas no atletismo e o quanto seus feitos nas provas representariam na vida real (23/07, Esportes, p. 8).



Sérgio Noronha, que nessa Olimpíada estava dedicado mais ao futebol disputado no Brasil, abordou, no dia 24 de julho, a questão do profissionalismo e da vitória como elementos antagônicos ao ideal de Coubertin. Ele associava as mudanças advindas do profissionalismo no esporte às próprias transformações sociais em curso: “Os tempos mudaram tanto, que a maior atração das Olimpíadas é o superprofissional time de basquete dos Estados Unidos, antítese da tese do Barão de Coubertin. O importante, hoje, não é competir, mas vencer, não só no esporte como na vida, que não dá lugar aos derrotados” (Esportes, p. 7).

A matéria “O ‘jeitinho’ brasileiro” faz um retrato da falta de organização que ainda imperava nos esportes olímpicos brasileiros (25/07, Esportes, p. 2). Na ausência de treinadores para atletas de algumas modalidades, estes tinham de procurar saídas viáveis para não comprometer seu desempenho. Alguns buscavam ajuda com técnicos de seleções de outros países, outros tinham auxílio de treinadores brasileiros de outras modalidades. Esse cenário, entretanto, não era a realidade de todos os esportes amadores; alguns já possuíam maior organização e planejamento, como o vôlei.

O “jeitinho” também parecia ser visto como o meio pelo qual revelávamos fenômenos esportivos. Nesse sentido, Armando Nogueira comparava o nosso basquete ao futebol e mostrava-se perplexo com o renome e os títulos que conquistamos naquele esporte, mesmo

não contanto com a mesma popularidade do segundo. Ele afirmava o seguinte: “Milagre é que o Brasil tenha dado ao esporte legendas como Amauri, Vlamir, Edvar, Hortência e Paula – *criaturas da invenção divina* que entram numa quadra e enfeitam mundos, encestando bolas com a naturalidade de quem engatinhou num garrafão” (25/07, Esportes, p. 5, grifos meus). Novamente o elemento religioso era citado para explicar alguns ídolos do nosso esporte. Talvez fosse o caso de relembrar a reflexão de DaMatta (1997), que dizia que o Brasil era uma sociedade semitradicional por mesclar aspectos típicos da tradição (arcaicos) com outros da modernidade. O elemento transcendental (tradicional) ocuparia, nesse caso, o vazio deixado pela ausência de planejamento e organização no esporte brasileiro (modernidade).

Na vela, Marcelo Ferreira, parceiro de Torben Grael na classe *Star*, foi contundente ao ser questionado sobre a pressão que poderia estar sentindo antes do início das competições: “Quem vai nos cobrar o que? Nunca tivemos apoio, só agora o Banco do Brasil deu alguma coisa” (26/07, Esportes, p. 7). O que esta assertiva deixa implícita é de fato interessante. Caso houvesse apoio, a cobrança e a pressão poderiam ser aplicadas. Isto é, a lógica inferida aqui é aquela do esporte profissional, onde o atleta não apenas necessita, como demanda ajuda estatal e/ou patrocínios. Representar o país ainda era o objetivo final, mas não mais figurava como motor exclusivo para a participação dos atletas.

Sérgio Matias, da equipe de atletismo, disputou as provas de 200m e o revezamento 4x400m. Sua rotina não era exclusivamente voltada para os treinamentos, visto que não recebia os polpudos patrocínios de Robson Caetano, fato, aliás, que Sérgio critica. Ele desempenha as funções de professor de educação física, colaborador em uma revista da área e empresário. Seu objetivo também era mais modesto do que o de Robson Caetano. Buscava apenas superar sua marca pessoal e rejeita qualquer cobrança que pudesse recair sobre ele: “Acho engraçado algumas pessoas virem cobrar medalha da gente. Já analisaram em que condições nós trabalhamos?” (27/07, Esporte, p. 7). Mais uma vez repete-se a lógica do profissionalismo: a cobrança somente poderia vir em contrapartida ao apoio recebido.

O chamado para o início da saga heroica pode ser entrevisto no seguinte título: “O início do sonho de Oscar & Cia” (26/07, Esportes, p. 10). Nessa matéria, os jogadores de basquete masculino se veem impelidos na saga rumo à conquista da medalha de ouro. O protagonismo de Oscar é visto neste e nos demais dias do megaevento. Não parece haver, no entanto, desentendimentos em virtude do foco na individualidade, e não no coletivo, como verificado outrora (ver pág. 174).

Assim como Aurélio Miguel, no judô, Gustavo Borges era a maior esperança brasileira na natação, daí o enfoque maior que lhe era dado em relação aos demais nadadores. A

superação de seus próprios recordes e do desempenho dos brasileiros que vieram antes dele eram as metas de Gustavo. A fala do nadador revelava um atleta com preocupações individualistas, o que contradiz, em certa medida, o discurso daqueles que dizem competir em nome de todos os brasileiros:

[...] em 88, Rogério Romero foi finalista, mas terminou em oitavo lugar nos 200m costas. Gustavo Borges, do alto de seus 2,02m, carrega nos largos ombros a expectativa de fazer mais do que isso [...] Ele diz que a boa fase não pesa como uma grande responsabilidade. “Não me preocupo com a cobrança de medalhas. Nado em busca de meu melhor resultado. *Nado para mim e ninguém mais*” (28/07, Esportes, p. 8, grifos meus).

Em 29 de julho, a prata de Gustavo apareceu na capa do *JB* e na matéria “Gustavo de prata” no Caderno de Esportes. O nadador correspondeu, assim, às expectativas nele depositadas, apesar da ansiedade que teria sentido antes e após a prova. A vitória era vista como redenção pessoal e como alívio para o competidor: “O peso da reluzente medalha no peito, porém, acabou com esse sentimento [de ansiedade]” (Esportes, capa). A conquista após reclamações formais a equipe de juizes da prova¹¹⁸ nos ajuda a lembrar que, apesar de toda aura que envolve o evento, ele continua conectado aos dramas da realidade. A justiça desportiva agiu rápido, talvez um pouco diferente da justiça comum, devolvendo o resultado que era de Gustavo Borges por mérito: “Depois de dois protestos de Coaracy, a classificação foi realmente revista. Após alguns minutos, o brasileiro foi então finalmente anunciado vice-campeão olímpico, com 49s43” (28/07, Esportes, p. 8,). Os pais de Gustavo, que estavam presentes no momento da conquista, e a torcida na cidade natal, Ituverava, foram lembrados em outras matérias, demonstrando que o orgulho pelo triunfo do nadador era compartilhados pelos seus compatriotas e familiares (Esportes, p. 5). Sérgio Noronha, por sua vez, ressaltava as provações vividas por Borges e que legitimavam sua trajetória heroica: “Gustavo ganhou a primeira medalha olímpica para o Brasil fazendo todo tipo de sacrifício – inclusive morando fora do país [...] A provação de Gustavo foi tanta que até o cronômetro retardou a sua alegria” (Esportes, p. 6). Observa-se, assim, que o caminho de Borges continha as marcas da saga do herói clássico, desde o treinamento, realizado nos EUA, passando pelas provações, até a medalha e a repartição da alegria (mesmo ele dizendo anteriormente que nadava para si, sua conquistava inevitavelmente foi compartilhada pela nação).

A ascensão social por meio do esporte e a infância pobre como motor de superação era o tema central no texto “Rosa e Brito e o sonho olímpico”. Adílson Rosa e Rogério de Brito

¹¹⁸ O resultado não saíra de imediato, devido a um problema técnico na cronometragem do tempo.

compartilhavam um início comum como catadores de lixo em São Bernardo do Campo. O ingresso no boxe se deu pela paixão pelo esporte (e não pelo acaso, como temos visto até aqui) e por meio do auxílio externo de um mentor: “Ambos eram *fissurados* em boxe e num belo dia resolveram pedir ao treinador – de quem só lembram o sobrenome, ‘seu’ Soares – para treinar na Volkswagen” (29/07, Esportes, p. 2). Seus objetivos nas Olimpíadas eram quase inexistentes, uma vez que estar ali era o auge da carreira de ambos. Nesse caso, independente de subir ao pódio ou não, o que, de fato, não ocorre, suas sagas ascendentes e repleta de percalços os credenciavam ao posto de heróis olímpicos brasileiros.

Ao longo dessa análise, há um amadurecimento de Robson Caetano, no sentido em que não se via mais nele a representação de um atleta falastrão, que chegara, inclusive, a ser comparado à Garrincha no trato a seus adversários. Na matéria “Robson prefere não falar se ganha medalha”, ratifiquei essa percepção quanto à mudança de postura. Seu discurso era contido e humilde, o que também é apreciado pela narrativa jornalística, e ele preferia não fazer prognósticos antes de competir: “É preciso manter os pés no chão. Vai ser difícil. O Cavalheiro [seu técnico] está animado demais” (29/07, Esportes, p. 4). Em Barcelona, Robson ficaria apenas com o quarto lugar nos 200m.

“O sonho acaba no tombo” (30/07, Esportes, p. 2) discorria sobre a queda de Luísa Parente na trave¹¹⁹ e sua consequente classificação abaixo da esperada. A ginasta pretendia terminar entre as 36 melhores ginastas, mas acabou em 57º lugar. O status de grande talento que gozava entre nossos jornalistas é intrigante, uma vez que não era uma medalhista olímpica. Eis o que fala Armando Nogueira, o mesmo que no dia anterior havia criticado a carência de medalhas: “A brasileira *Luísa Parente está salvando a pátria*. Atleta única no feminino da ginástica olímpica, Luísa já figurou no rol das 30 melhores ginastas do mundo. É um desses *fenômenos* que inventam criaturas como Hortência, Paula, Gustavo Borges, Oscar, Joaquim Cruz, João do Pulo, Adhemar Ferreira da Silva, Maria Ester Bueno. *Estrelas solitárias* que fazem um pouco do nosso verão cívico” (30/07, Esportes, p. 5). Reitero a hipótese de que a vitória não é a única via para ascensão ao panteão dos heróis brasileiros. O mérito pessoal e a superação em um esporte no qual não possuímos tradição alguma também funcionam como alternativas viáveis para a consagração como herói olímpico brasileiro.

Essa mesma hipótese pode ser verificada na campanha do tenista Jaime Oncins. Ele trilhou um caminho surpreendente nos Jogos de Barcelona, derrotando adversários tidos como

¹¹⁹ A trave olímpica ou trave de equilíbrio é um dos aparelhos onde os ginastas realizam suas performances. A prova de trave faz parte do programa olímpico oficial desde Helsinque-1952.

favoritos. Mesmo não indo as semifinais Oncins teve seu desempenho exaltado: “Jaime Oncins perde para Cherkasov mas sai dos Jogos como ídolo do esporte brasileiro” (30/07, Esportes, p. 2). A matéria “Oncins vive idolatria” explicava esse prestígio recém-conquistado pelo atleta junto com a torcida e a imprensa brasileira e estrangeira. A frase mais emblemática do texto é a que salientava a importância das figuras paradigmáticas para o desenvolvimento de um esporte: “Oncins é a prova de qualquer esporte precisa de uma figura carismática para ser sucesso no país” (30/07, Esportes, p. 8).

O complexo de vira-latas, proposto por Nelson Rodrigues, constantemente reaparece no discurso jornalístico para explicar derrotas marcantes¹²⁰. Na matéria “Feminino não soube ganhar”, ele era empregado para justificar a derrota e a instabilidade emocional das jogadoras da equipe de vôlei: “O início do terceiro set mostrou um Brasil ainda mais determinado. Chegou a estar vencendo por 12 a 6, quando o *complexo de inferioridade* que assola a equipe nos momentos decisivos bateu direto” (01/08, Esportes, p. 5, grifos meus).

O primeiro lugar de Rogério Sampaio no judô, categoria meio-leve, foi destaque na capa do *JB* em 02 de agosto. No caderno de esporte, a narrativa afirmava que o judoca havia entrado “para a história como mais um herói esportivo do país” (Esportes, p. 4). A vitória permanece sendo entendida como a porta de entrada inequívoca para a seara dos heróis nacionais. Nem todo herói esportivo, porém, precisa ser medalhista olímpico (vide Luísa Parente), mas todo medalhista se torna necessariamente um herói nacional (até por serem poucos quantitativamente). A confiança de Rogério era vista como positiva, e não como um cadafalso para o desempenho atlético (o que já ora afirmado algumas vezes quando se descreveu a confiança excessiva dos atletas): “Confiante, ele pisou no dojô para decidir o título com o húngaro Josef Csak certo de que poderia colocar a medalha de ouro no pescoço. Tanta confiança se traduziu num desempenho perfeito e numa vitória consagrada” (Esportes, capa). Na matéria “Muita emoção em Santos”, é relatada a emoção de seus pais e sua namorada que acompanharam a vitória pela TV (03/08, Esportes, p. 5, 2. edição). O suicídio de seu irmão, Ricardo Sampaio, também judoca, e as contendas políticas com os dirigentes da Confederação Brasileira de Judô (CBJ) foram os principais obstáculos transpostos em sua trajetória heroica. Seu começo no esporte se deu por um motivo fortuito: um aconselhamento médico. O chamado para o início da aventura veio, desse modo, de agentes externos, sua mãe e o pediatra: “Para acalmá-lo, o pediatra aconselhou a mãe que colocasse o filho no judô. Foi assim, para se tornar uma criança mais dócil e menos

¹²⁰ Sobre Nelson Rodrigues e suas crônicas, recomendo a leitura de Marques (2000).

insuportável, que Rogério Sampaio começou a praticar o esporte” (02/08/1992, Esportes, p. 5, 2. edição). Rogério aproveitava-se também de sua fama e notoriedade para pedir que sua medalha servisse como impulso para o judô no país: ““Está na hora do judô capitalizar isso. Nós temos mostrado ao longo dos anos que conseguimos resultados. Os empresários precisam se sensibilizar com nosso trabalho” (03/08/1992, Esportes, p. 5). Concluo, enfim, que o modelo do atleta-herói nacional foi reproduzido na descrição da vitória de Rogério. Foram citados seu desempenho na competição, sua família, sua cidade natal, seus obstáculos, sua iniciação no esporte, seus desejos futuros e suas cobranças por mais atenção ao judô.

Classificado para a final dos 800m, Zequinha Barbosa invocava a intervenção divina para lhe garantir a medalha na final, que coroaria 14 anos de treinos. Zequinha considerava-se um vencedor por ter chegado até onde chegou a despeito das dificuldades por que passou em sua infância: ““Eu me considero um vencedor por ter chegado até aqui com as dificuldades por que passei. O povo brasileiro é um povo campeão [...] desde que nasce” (03/08, Esportes, p. 4). A medalha, porém, não veio, restando ao atleta a quarta colocação.

O cavaleiro Rodrigo Pessoa é o grande protagonista das matérias sobre o hipismo, em parte devido ao seu desempenho pretérito e ao fato de ser filho de Néelson Pessoa. Após zerar seu primeiro percurso na prova por equipes e afirmar estar confiante para ganhar medalha na prova individual, as atenções se voltaram mais ainda para Rodrigo. A genética familiar era o grande trunfo a justificar as esperanças no atleta: “Antecedentes, ele tem. Seu pai é Néelson Pessoa, o Neco, considerado o melhor cavaleiro do Brasil [...] Rodrigo monta desde os cinco anos e aos 19 já é um veterano das pistas” (05/08, Esportes, p. 3). Rodrigo terminou na nona colocação na prova de saltos, apesar de todo favoritismo que lhe foi atribuído. Percebe-se, assim, que não basta a imprensa forjar um ídolo nacional, uma vez que esta construção não resiste a um desempenho abaixo do esperado.

Aludindo a postulação de Maquiavel em *O príncipe* (1998), não basta ao atleta possuir *virtu*, que estou compreendo aqui como habilidade e esforço, se a *fortuna* (entendida como o destino, sorte) não lhe é favorável. A matéria “Uma geração sem medalhas” focava-se justamente na trajetória de Oscar e Hortência, dois atletas próximos da aposentadoria e que, a despeito do talento e da brilhante carreira, não conseguiram trazer sequer uma medalha para o Brasil. Cito:

O reconhecimento da imprensa mundial, da torcida e dos adversários não foi ratificado pelo *destino*. O basquete, afinal, é um esporte coletivo que não se sustenta apenas com talentos individuais. Oscar e Hortência, que não mostraram toda sua habilidade em Barcelona, saem daqui sem a sonhada medalha, afastados do pódio

onde mereciam subir para consagraram-se de vez com o *heróis do esporte* (05/08, Esportes, p. 5, grifos meus).

Dois pontos merecem uma reflexão mais detida. A ênfase no basquete como um jogo coletivo é mencionada no excerto acima, apesar de, paradoxalmente, a própria mídia elevar os jogadores mais talentosos a posição de protagonistas das conquistas (e, no sentido oposto, das derrotas). A medalha olímpica como caminho único para a glória olímpica é reiterada, ainda que muitos atletas não medalhistas, mas com participações exitosas, sejam incluídos na lista de heróis brasileiros.

À medida que os atletas retornavam de Barcelona, as notícias reportavam as festas de recepção àqueles cujos desempenhos eram julgados meritórios pela torcida ou pelos dirigentes; como exemplo, cito a capa do dia 07 de agosto: “Rogério chega e tem uma recepção de herói”. Dessa vez a comemoração incluía uma nova figura: o patrocinador. Ela estava presente tanto no boné do judoca Rogério Sampaio quanto no destino final da carreta: a sede do Banco do Brasil (07/08, Esportes, p. 8). A mesma matéria relembra que Aurélio Miguel, campeão quatro anos antes, em Seul, havia passado despercebido pela torcida que aguardava apenas por Rogério Sampaio no lobby do aeroporto. Isso demonstra como pode ser efêmera a memória construída em torno de um herói olímpico.

A tirinha da Radical Chique “Olímpica”, abandonando temporariamente seu habitual tom satírico, invocava a intervenção divina na final do vôlei, se utilizando de argumentos sociais para clamar pela vitória brasileira (09/08, Esportes, capa). Além disso, ao citar o biótipo dos holandeses, pode-se depreender certa admiração a eles e, ato contínuo, inferiorização dos brasileiros. Afinal, por que ser loiro e de olhos azuis é uma qualidade intrínseca? Pode sê-la se somada a outros fatores, mas tomá-la como um ponto positivo *per se* demonstra certo “complexo de vira-latas”.

Figura 22: No texto da imagem, lê-se: “Meu Deus, a Holanda é um país rico, desenvolvido, cheio de vaquinhas. Todo mundo é loiro, de olhos azuis, bem alimentados...Dá essa medalha pra gente, dá!”



Após obter a medalha esperada, o planejamento do vôlei foi elogiado e tido como um dos responsáveis pelo triunfo, em texto escrito por Maurício Cardoso (“Uma glória conquistada sem mágica”). A meu ver, o autor se equivoca apenas ao considerar que atletas como Joaquim Cruz seriam frutos primordialmente do talento extraordinário. Obviamente havia talento, e muito, mas a carga de treinamento era tão grande quanto. Reproduzo abaixo um excerto:

Pela primeira vez uma medalha chega ao Brasil refletindo a realidade do esporte que a conquistou. Antes do vôlei, a história do ouro olímpico no Brasil sempre foi contada por ocasionais *explosões de talentos* ou pelo esforço individual de *superdotados*. Foi assim, por exemplo, com Joaquim Cruz, que forjou sua medalha de ouro nos 800m em Los Angeles com raro talento aliado a obstinação pessoal (10/08, Esportes, capa, grifos meus).

O título em destaque no topo da página quatro (10/08, Esportes, capa) homenageava José Roberto Guimarães. A personalidade precavida, humilde e comedida do técnico da seleção brasileira de vôlei o havia tornado o centro das atenções nas matérias do *JB* ao longo dos Jogos. Todos os jogadores da equipe, entretanto, tiveram direito a matérias individuais, o que demonstrava que a conquista era um mérito compartilhado. Os jogadores, em geral, expressavam um misto de felicidade, gratidão à família e expectativa em relação ao futuro do vôlei no Brasil. Tante e o técnico José Roberto salientam que a medalha conquistada pertencia à de todos os brasileiros. As qualidades ressaltadas no grupo brasileiro são próprias do que denominei de herói olímpico, pautadas no trabalho e no espírito coletivo: “Nos quatro meses de trabalho na seleção, José Roberto se preocupou em unir o grupo. Trabalho e companheirismo foram suas palavras preferidas” (10/08, Esportes, p. 4). O jogador Bernard, por sua vez, elencou a garra, a técnica e o talento como os elementos primordiais para o triunfo equipe. Armando Nogueira, por outro lado, juntava elementos de brasilidade à

conquista: “Refinadas obras de *malícia* que revelam a *face artística* de uma equipe de *guerreiros*” (10/08, Esportes, p. 5).

Findo os Jogos, há amplo destaque para as recepções aos atletas. Em “Gustavo Borges se assusta com a multidão”, a matéria descreve a festa criada em torno do nadador, que, assim como Rogério Sampaio, se assustou com as dimensões da idolatria (12/08, Esportes, p. 2). Os fãs do vôlei não ficaram aquém em nível de histeria. A matéria “Fãs choram em São Paulo”, mencionava a histeria coletiva, os desmaios, os gritos, os pedidos de autógrafos, os fãs cercando o carro dos jogadores Maurício, Janélson e Marcelo Negrão. Nesses casos, o papel do herói se confunde com o de um ídolo *pop* contemporâneo (12/08, Esportes, p. 2). Paulão, em Gravataí (RS) e Giovane, em Juiz de Fora (MG), desfilaram em carro aberto por suas cidades e foram homenageados em palanques pelas prefeituras locais (12/08, Esportes, p. 3). Dois outros aspectos surgem, assim, além da evidente etapa da comemoração pelo regresso dos heróis: a idolatria e os dividendos políticos.

C) Conclusões

Terminada a análise do *corpus* sobre Barcelona-1992, destaco os aspectos mais relevantes. O *doping* tornou-se um tema central nas narrativas sobre os Jogos Olímpicos, como já venho diagnosticando desde o México-1968. Foram cinco casos de *doping* só em Barcelona (*JB*, 11/08, Esportes, p. 2). As cobranças continuavam sobre os atletas e dirigentes brasileiros.

Esses foram os Jogos em que os atletas não-medalhistas mais despertaram atenção midiática. As narrativas enfocaram as histórias de vida de muitos desses esportistas que não tinham sequer esperança de subir ao pódio, mas que possuíam algum episódio de superação em suas biografias. O treino e a humildade continuaram sendo aspectos sobremaneira mencionados nas matérias bem como as narrativas sobre a família dos atletas e a recepção da torcida brasileira. A sorte e o acaso apareceram com grande frequência, alterando os destinos dos atletas brasileiros. Juntamente com ela, estavam as superstições, as crendices e a religiosidade, citadas inúmeras vezes no *JB* para descrever atletas, técnicos, torcedores e familiares. Em menor escala, mas como um elemento novo, noto um aumento da confiança geral dos atletas em um bom desempenho, efeito talvez da campanha em Seul-1988. A identidade latina voltou a ser observada, mesmo que timidamente e em poucos momentos, sendo, porém, registrada de modo distinto daquele com que era empregada nas décadas de 1950 e 60.

O amadorismo sucumbia diante do profissionalismo, o que era assinalado pelo discurso jornalístico. Armando Nogueira ratificava que: “Nenhuma Olimpíada, até aqui, golpeou tão fundo o falso amadorismo como os Jogos de Barcelona” (27/07, Esportes, p. 5, grifos do autor). Os atletas brasileiros que ainda precisavam trabalhar para se sustentar torciam para que suas situações mudassem e eles, enfim, pudessem se dedicar apenas ao esporte. As súplicas por patrocínio são destinadas ao governo e, de forma crescente, às empresas privadas. A propósito, as ações de marketing de empresas brasileiras visando os Jogos Olímpicos foram bem recebidas pelo público local, em Barcelona, e avaliadas positivamente pela imprensa. Houve, por exemplo, a distribuição de kits para o torcedor brasileiro que estava em Barcelona pela Telebrás e um prêmio em barras de ouro para Rogério Sampaio e para os jogadores de vôlei, ofertado pelo Banco do Brasil e pelo Banco Mercantil & Futuro (03/08, Esportes, p. 5).

Rogério Sampaio foi sem dúvida o atleta mais aclamado e mais citado nas narrativas, embora não contasse com nenhum favoritismo prévio, o qual era destinado a Aurélio Miguel, Robson Caetano e Rodrigo Pessoa. Os principais pontos de sua história de vida (família, cidade natal, iniciação no esporte, provações) foram repetidamente reiterados, no intuito, creio, de sedimentar a história do atleta-herói no imaginário esportivo nacional.

6.12 As Olimpíadas de Atlanta 1996

6.12.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

No centenário dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, a cidade-sede escolhida foi Atlanta (EUA). Entre os dias 19 de julho e 04 de agosto, a capital da Geórgia recebeu 10.318 atletas (6.806 homens e 3.512 mulheres) de 197 países – novo recorde de participação. O total de modalidades esportivas diminuiu para 26, mas o número total de eventos passou a 271¹²¹. A quantidade de voluntários envolvidos atingia 47.466 – o maior então registrado. No total, 15.108 jornalistas (5.695 da imprensa escrita, 9.413 de rádio e televisão) cobriram os Jogos *in*

¹²¹ Fonte: Site Oficial do COB: < <http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/atlanta-1996>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

loco. O Brasil levou aos EUA um número maior de atletas que à Espanha. Foram 225 esportistas, sendo 159 homens (70,67% do total) e 66 mulheres (29,34%). Vinte e um esportes contaram com representantes brasileiros: atletismo, basquete, boxe, canoagem, ciclismo estrada, futebol, ginástica artística, handebol, hipismo adestramento, hipismo CCE, hipismo saltos, judô, levantamento de peso, natação, remo, tênis, tênis de mesa, tiro esportivo, vela, vôlei e vôlei de praia.

Assim como Los Angeles-1984, Atlanta foi uma Olimpíada lucrativa. Lancellotti (1996, p. 680) estima em 1,7 bilhão de dólares a arrecadação total. Contudo, o mesmo autor critica essa capitalização excessiva dos Jogos: “Os norte-americanos exageraram na exploração comercial do seu torneio. Por isso Atlanta entra na história pela porta da senzala, modelo do passado, a escravidão do esporte através dos dólares” (LANCELLOTTI, 1996, p. 680). Cardoso (2000, p. 433) fala em quatro bilhões de dólares movimentados e lucro líquido de 15 milhões. Somente a NBC, rede americana de televisão, pagou 456 milhões de dólares pelo direito de transmissão do megaevento. Se pelo lado financeiro houve lucro, o prejuízo fora as vidas humanas abaladas pelo atentado a um show de rock no Parque do Centenário (*Centennial Olympic Park*). A bomba que explodiu durante a realização da performance musical, no dia 27 de julho, foi responsável pela morte de duas pessoas e pelos ferimentos outras 110 (*JB*, 28/07, Esportes, capa).

A participação feminina nos Jogos foi estendida a esportes como futebol e softball (uma versão do beisebol) e a provas como o salto triplo (CARDOSO, 2000, p. 434). Assim como ocorrido em Los Angeles-1984, a cobertura da mídia norte-americana foi criticada por ter sido exageradamente parcial em favor dos atletas locais (CARDOSO, 2000, p. 436). Em 1995, Carlos Arthur Nuzman assumia a presidência do Comitê Olímpico Brasileiro após uma administração bem sucedida na Confederação Brasileira de Vôlei. Nuzman permanece no cargo até hoje.

No ano anterior, 1994, o plano Real era implantado com sucesso no Brasil pelo ministro da Fazenda e posteriormente presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. O plano instituía, além de uma nova moeda (o Real), o equilíbrio fiscal e o combate à inflação, que aterrorizara as finanças dos cidadãos brasileiros durante muitos anos. Sua principal inovação em relação aos outros planos econômicos foi o não imediatismo. A estabilização seria processual e não mais instantânea, como se propunha em planos anteriores. No governo de Fernando Henrique foi aprovado também o mecanismo que permitia a reeleição presidencial (uma única vez) após os quatro anos de mandato.

A participação brasileira foi a melhor até então em Jogos Olímpicos, tanto no número de ouros (3) quanto no total de medalhas (15). As atletas brasileiras, finalmente, subiram ao pódio: Jacqueline e Sandra, ouro no vôlei de praia; Adriana e Mônica, prata no mesmo esporte; a prata da seleção feminina de basquete; e bronze do vôlei feminino. As demais medalhas foram assim distribuídas: Torben Grael e Marcelo Ferreira, ouro na classe *Star* da vela; Robert Scheidt, ouro na classe *Laser* da vela; Henrique Guimarães, bronze na categoria meio leve do judô; Gustavo Borges, prata nos 200m e bronze nos 100m nado livre; Fernando Scherer, bronze nos 50m livre; Aurélio Miguel, bronze na categoria meio-pesado do judô. O hipismo (prova por equipes), o futebol masculino e o revezamento 4x100 no atletismo também ficaram com o terceiro lugar olímpico.

6.12.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O espaço ocupado pelas Olimpíadas na capa do *JB* atingiu seu ápice nessa edição dos Jogos. Além disso, o Caderno de Esportes apresentou grande número de páginas e matérias concentradas especificamente nas Olimpíadas. O número de páginas do caderno variou entre 8, 10 e 12¹²², o que era um incrível “progresso” diante das parcas uma ou duas páginas de Helsinque-1952. Muitas matérias, como já ocorrera em Barcelona-1992, dispunham de infográficos, tabelas e imagens para ilustrar o texto principal. O *JB* também produziu diariamente uma edição especial, com um resumo das notícias do jornal completo, voltado especialmente para a delegação brasileira em Atlanta (vide fig. 23). Esse projeto foi julgado como bem-sucedido (20/07, Esportes, p. 2) e se tornou possível graças às inovações tecnológicas do crepúsculo do século XX:

Se o leitor não pode vir ao seu jornal predileto porque está em Atlanta acompanhando os Jogos da 27ª Olimpíada da Era Moderna, o JORNAL DO BRASIL vai a Atlanta *via satélite*. Numa viagem de 32 minutos da redação, na Avenida Brasil, no Rio, até as duas bancas no centro da capital olímpica do centenário o *JB* fez ontem a sua estréia na sua primeira participação olímpica. Por US\$ 2 os leitores do centro principal de imprensa de Atlanta e da Superstore, shopping center montado no centro do parque olímpico do centenário, recebem notícias do Brasil em um resumo do *JB* no mesmo dia em que o jornal foi publicado no Brasil (19/07, Esportes, p. 3, grifos meus).

¹²² À exceção dos dias 16, 17, 18 de julho e 06 e 07 de agosto quando foram apenas três páginas.

Ressalto que se, em 1952, os atletas levavam mais de um mês para retornar ao Brasil de navio e as notícias, transmitidas via telégrafo, eram publicadas muitas vezes com atrasos de um ou dois dias, em 1996, a edição completa do *JB* chegava à Atlanta em cerca de meia hora. A tecnologia dos meios de comunicação muito evoluiu nesse período de quase meio século tal qual o esporte olímpico.

O *JB* também produziu duas revistas especiais quando da abertura dos Jogos (19/07), quais sejam: “Programa” e “Programa Olimpíada”.

Figura 23: Capa do Jornal Especial de Atlanta em 27 de julho de 1996.



Mário Andrada e Silva atuou como o único correspondente do *JB* em Atlanta. Além dele, Oldemário Touguinhó trabalhou como enviado especial, acompanhando exclusivamente a seleção olímpica de futebol masculino. Artur Xéxeo também escrevia sua coluna diária direto de Atlanta (os assuntos tratados era geralmente menos esportivos que curiosidades e fofocas). Alguns jornalistas cobriam, do Brasil, os Jogos com entrevistas a familiares dos atletas, reportando notícias que repercutiam aqui ou ainda analisando as provas e partidas, que podiam ser acompanhadas pela TV: Roberto Baschera, Roberto Assaf, Gilmar Ferreira, André Balocco, Luiz Augusto Nunes, Gustavo Krieger, Ricardo Gonzalez, Márcia Penna

Firme, Francisco Leali¹²³. Grande quantidade de matérias não era assinada, o que torna difícil a identificação do jornalista que a produziu. Havia diariamente uma página destinada aos resultados (“Placar Olímpico”), às tabelas dos jogos em esportes coletivos e ao roteiro da participação brasileira no dia (“Brasil hoje” e “Brasil ontem”). Sérgio Noronha e Armando Nogueira (“Na Grande Área”) continuavam assinando suas colunas, dando bastante destaque às Olimpíadas.

Denise Moraes, na coluna “Televisão Crítica”, realizava como o título sugere, uma análise da programação televisiva sobre os Jogos Olímpicos. Zagalo, o técnico da seleção, curiosamente também possuía uma coluna. A coluna “Pódio”, que não era assinada, continha notícias sobre o cotidiano da Vila Olímpica, notas sociopolíticas sobre Atlanta e informações sobre os atletas participantes de diversos países. “De fora de campo”, “De fora da quadra”, “De fora do tatame” e que tais eram textos que apareciam em um box após as matérias sobre futebol, basquete, vôlei, judô e continham a opinião de um jogador ou técnico daquele esporte sobre a partida ou prova em questão. A preocupação em explicar, por meio de ilustrações (fotos, tabelas, infográficos), os esportes aos leitores manteve-se como uma preocupação jornalística em Atlanta-1996.

B) Os atletas e outros temas

A memória se transforma ao longo do tempo. Um mesmo fato pode ser narrado de maneiras diferentes e dados aspectos ganham novos enfoques quando for revisitado. Digo isso, pensando na coluna de Armando Nogueira, que, ao recontar a vitória de Joaquim nos 800m em Los Angeles-1984, conferiu contornos míticos ao atleta, comparando-o inclusive a um personagem clássico: “Seus pés ligeiros revivem o mitológico Aquiles, o herói grego que tinha pés infatigáveis” (17/07, 1º caderno, p. 25). Cito ainda outro trecho emblemático:

A essa altura, já não é mais um atleta solitário na pista sem fim dos 800 metros. Joaquim encarna o ardente coração de seu povo. O Brasil corre com ele em busca do triunfo que abriria as portas do Olimpo a um atleta exemplar que conta a história. Presentindo a vitória, Joaquim deixara escondida, com um amigo, num canto do estádio, a Bandeira do Brasil – o amado troféu que o nosso herói desfralda, aos olhos do mundo, com a alma cintilante de fervor cívico (17/07, 1º caderno, p. 25).

¹²³ Ana Cláudia Souza, da editoria de TV, escreveu uma única matéria discorrendo sobre a cobertura da cerimônia de abertura. Sérgio Charlab, do Caderno de Informática, abordou a cobertura dos Jogos via internet (25/07, Esportes, p. 4).

Saliento ainda que o mesmo *JB*, em 1984, havia contado a história da bandeira de modo diferente. O amigo de Joaquim Cruz teria, sim, levado a bandeira, mas este ato não teria sido combinado com o atleta em um arroubo patriótico. Obviamente, a história torna-se mais sedutora como contada por Nogueira e mantém sua verossimilhança. Reitero, contudo, a transformação na narrativa.

Na matéria “Diferentes no estilo, mesmo ideal”, por sua vez, eram descritas as diferenças entre os nadadores Gustavo Borges e Fernando Scherer. Ambos possuem carreiras baseadas no treinamento e no esforço, o que os torna candidatos a heróis clássicos. Diferiam, contudo, na forma como construía suas sagas: “Gustavo se fez. Procurou os treinadores que melhor o poderiam assistir. Scherer é a imagem fiel de Carlos Camargo, que o acompanha desde os 14 anos e na base da linha dura e do treinamento disciplinado o transformou em bicampeão mundial em piscinas curtas” (19/07, Esportes, p. 3). Essa abordagem volta a aparecer na matéria “Uma dupla de opostos”: “Gustavo é compenetrado, profissional, detalhista, tático e calado. Fernando é explosivo, indisciplinado, falador e sobretudo natural. Se pudesse não treinava” (22/07, Esportes, p. 8). Temos, assim, uma dualidade pautada entre um atleta que moldou seu próprio destino (Gustavo) e outro que seguiu um trajeto menos pendular (Fernando). O trabalho, no entanto, move o sucesso dos dois.

Sob Gustavo Borges repousavam grandes responsabilidades, não apenas sobre seu próprio desempenho, mas o quanto ele reverberará no futuro da natação brasileira. Os ídolos, como já dito aqui, possuem o fundamental papel de embaixadores do esporte que praticam. O atleta era instado a repartir seu triunfo vindouro com seus semelhantes, nadadores e compatriotas, bem como tem descrito seu treino intensivo:

Na sua marola, outros nadadores da equipe poderão conseguir também suas medalhas e com isso a natação passa a ser um esporte vencedor no Brasil, um esporte de massa [...] Gustavo está consciente de que ficou quatro anos treinando forte e pelo menos um ano se matando por esta Olimpíada. Sabe que é o líder da equipe brasileira de natação e que tem responsabilidade direta no futuro do esporte no Brasil (20/07, Esportes, p. 3).

Em outro momento dessa dissertação, fiz alusão ao apelido do jogador Oscar: “mão santa”. A alcunha faz referência à sua precisão nos arremessos e lances livres. A partir dela, pode-se pressupor ainda que seu desempenho excepcional provém de alguma força não-humana que lhe impulsiona aos mãos ao tocar a bola. Essa é uma imagem que se atrelou com certo sucesso a Oscar, principalmente devido à repetição exaustiva nas narrações televisivas. Tratava-se de um atleta talentoso, sem dúvida, mas que tinha consciência da relação direta

entre o treinamento e seu desempenho nos jogos. Os números informados na matéria impressionam: “Mil arremessos extras diariamente, 500 pela manhã e 500 pela tarde – e sempre após os treinos que têm sido muito duros nos últimos 15 dias” (20/07, Esportes, p. 5). Talvez por isso os triunfos da seleção de basquete sejam transferidos para as mãos de Oscar, por exemplo, nas matérias “Oscar dá mais uma vitória ao Brasil” (21/07, Esportes, p. 3, 3. edição) e “Hoje é dia de Oscar” (22/07, Esportes, p. 4). Construía-se assim uma narrativa pautada na individualidade de Oscar, a despeito dos demais jogadores (o que já foi visto pelo viés negativo dos desentendimentos gerados). O atleta, entretanto, se revelava humilde, o que colabora para o apreço midiático por ele: “Não sou uma lenda, sou apenas uma pessoa” (22/07, Esportes, p. 4). Concluo, assim, que o talento de Oscar aparece subordinado ao trabalho, aproximando-o mais das características do herói clássico.

Mesmo no futebol olímpico, o discurso jornalístico normalmente parece submeter o talento ao esforço e ao trabalho duro. Na matéria “De novo, o futebol-arte”, a narrativa enfocava na busca do treinador Zagallo por uma exibição bonita plasticamente ao mesmo tempo em que baseada em treinamentos. Lia-se que o técnico exigia dos jogadores “técnica e habilidade, que são os maiores trunfos do futebol brasileiros” (20/07, Esportes, p. 7), porém afirmava que: “Temos treinado intensamente várias jogadas. A equipe vai subir de ritmo a cada etapa da competição” (20/07, Esportes, p. 7).

Nos 200m nado livre, Gustavo Borges atendia às esperanças nele depositadas, ficando com a medalha de prata. O discurso extremamente profissional do atleta ao relatar seu desempenho é digno de menção: “Não estou aqui para fazer história. O *trabalho* que eu faço na piscina é que poderá entrar para a história” (p. 4, 3. edição, grifos meus). A ética do trabalho, nesse caso, se mesclava à prática do esporte, o que confirma a hipótese de Huizinga de que o esporte elimina o caráter de brincadeira inerente ao jogo. Na matéria “O dia de prata minuto a minuto” a trajetória de Gustavo Borges foi recontada em todos os pequenos atos banais ou não de seu dia (21/07, Esportes, p. 4, 3. edição). A narrativa jornalística dava atenção também a pequenos detalhes anteriormente considerados irrelevantes, ou, pelo menos, não dignos do gasto de papel impresso.

Com a profissionalização do esporte, os atletas tornam-se também celebridades, tanto em seus comportamentos quanto no trato dos fãs para com eles (ver pág. 203). A experiência de convívio na Vila Olímpica, por exemplo, alicerçada na coletividade de refeitórios e quartos compartilhados, cedia cada vez mais lugar às moradias particulares alugadas fora dela:

Até a Olimpíada de 84, em Los Angeles, os atletas ocupavam apenas a Vila Olímpica. Mas em 88, em Seul, alguns atletas de renome [...] se recusaram a ficar na Vila, exigindo a utilização de hotéis de primeira classe. Em 92, em Barcelona, a debandada foi ainda maior, com os organizadores calculando que cerca de 300 atletas ficaram em hotéis da cidade, apesar do conforto oferecido na Vila (21/07, p. 5, 2. edição).

O bronze de Aurélio Miguel foi destaque na capa do jornal e do caderno de Esportes no dia 22 de julho. Neste, o título aciona a memória do leitor para a conquista anterior do judoca oito anos antes, em Seul: “De novo Aurélio”. A matéria relatava as lutas de Aurélio até o bronze. Capta-se ainda, nas entrelinhas da narrativa, certo descontentamento com o bronze, o que pode ser fruto da elevação das expectativas sobre nossos atletas: “‘Veio o bronze com gosto de ouro’, disse o brasileiro, *adaptando uma frase que começa a ficar gasta*” (21/07, Esportes, p. 5, grifos meus). A derrota para o adversário foi creditada à catimba deste. Tal atitude muito provavelmente seria interpretada como “malandragem” se tivesse sido empregada pelo judoca brasileiro. Por último, destaco que os percalços no trajeto legitimam e amplificam a magnitude da conquista: “uma recompensa ideal para um atleta que nos últimos quatro anos foi submetido a três cirurgias para resolver problemas com os ligamentos do ombro” (21/07, Esportes, p. 5). A narrativa sobre Aurélio, como já havia verificado em Seul, é mais próxima do herói clássico por ser trilhada na base do trabalho, a despeito das provações.

A derrota brasileira para o Japão no futebol masculino foi lida como um “fiasco” e creditada ao “excesso de confiança” da equipe (22/07, Esportes, p. 2, 2. edição). O colunista Sérgio Noronha recorre a um expediente habitual no jornalismo esportivo, qual seja, transpor os resultados no terreno do esporte para efetuar inferências sobre o caráter nacional. Justificando a derrota brasileira, ele assim se expressa nos seguintes termos: “E acabamos vítimas de um mal brasileiro: a preguiça e a autossuficiência” (22/07, Esportes, p. 3). Ora, Noronha se apropriava da alegoria dos onze jogadores enquanto representantes da nação brasileira. A falácia dessa construção reside precisamente em pressupor uma essência comum a todos os brasileiros.

Armando Nogueira possuía uma tendência de romancear seus textos, dotando-os de forte verve ficcional, o que poderia ser responsável pelas imagens mitológicas que amiúde associava aos atletas brasileiros. No dia 24 de julho, sua coluna tem o título de “Nossos heróis” e busca construir uma narrativa épica em torno dos feitos de Gustavo Borges, na natação, Ana Moser, no vôlei, e Oscar, no basquete. Sobre Borges, pontua o que seu desempenho extraordinário representaria: “É a epopeia solitária de Gustavo, peixe” (Esportes, p. 4). Nesse mesmo viés, Nogueira descrevia Oscar, atribuindo-lhe capacidades sobrenaturais:

“Se a bola está nas *mãos santas* de Oscar, prepare-se, amigo, que você vai ver mais um *prodígio de cesta*. Encestar, todo mundo encesta. Não com a *magia* de Oscar. Não com a leveza de pluma que suas mãos imprimem a bola na cesta, num gesto de poética doação” (Esportes, p. 4, grifos meus). Pontuo, assim, que, embora o trabalho e o treino amiúde prevaleçam, uma leitura baseada no talento inato e nos elementos sobre-humanos não pode ser descartada.

No dia 26 de julho, as medalhas de bronze de Henrique Guimarães no judô (categoria meio leve) e a de Fernando Scherer nos 50m livres foram destaque na capa do *JB*. A medalha de Fernando Scherer foi obtida pelo caminho das renúncias pessoais e do abandono do mundo cotidiano em direção à aventura. Em suas próprias palavras: “Para chegar ao pódio raspei o cabelo, deixei as unhas crescerem e tiver que fazer *grandes sacrifícios*, como *ficar longe* da minha filha Isabela, de cinco meses, que neste momento deve estar aproveitando a piscina lá de casa. Mas não tem problema. Agora, eu estou aqui cuidando da medalha” (Esportes, p. 6, 3. edição, grifos meus). Já a conquista de Henrique Guimarães no judô trazia outras etapas das narrativas heroicas. Antes de embarcar para Atlanta, o judoca fez uma promessa: retornaria com o ouro olímpico para sua família. Esperava com isso obter patrocínios e ajudar seus pais. Henrique sairia assim de seu mundo conhecido, adentraria por caminhos extraordinários e ansiava pelo prêmio como recompensa pelos treinos de “seis horas por dia em busca do sonho olímpico” (Esportes, p. 6). Sua mãe acreditava na intervenção divina por um “rapaz tão bom e esforçado”.

O desempenho feminino não era negligenciado pelo *JB*. Na capa do dia 25 de julho, aparece a matéria “Mulheres do Brasil”, destacando a campanha feminina no vôlei de quadra e de praia e no basquete. Dois dias depois, 27 de julho, a final do vôlei de praia feminino, disputado entre as duplas brasileiras Jacqueline e Sandra e Mônica e Adriana, também estava na capa do periódico. Era primeira vez que o Brasil colocaria no pódio o primeiro e o segundo colocados simultaneamente e que uma brasileira ganhava o ouro olímpico. O texto da capa do caderno de Esportes escolhe imprudentemente um viés sexista para relatar as conquistas femininas: “O vôlei de praia, que na prática ainda é um jogo monótono, acaba sendo o esporte ideal para consagrar as mulheres olímpicas do Brasil. Nele se expõe não só a força, a inteligência e o *charme das brasileiras, mas também seu corpo sujo de areia*. Não existe melhor imagem do paraíso” (grifos meus). Observa-se, assim, que os avanços femininos no esporte ainda não eram acompanhados na mesma medida pelo jornalismo esportivo.

O treinamento da seleção feminina de vôlei era tido como o principal motivo do sucesso:

A boa fase da seleção feminina de vôlei não é gratuita. O time tem dado show de bloqueio e defesa, características pouco comuns ao estilo brasileiro, *graças ao trabalho realizado nos últimos dois anos*. A equipe passou quatro meses, por exemplo, treinando cerca de sete horas por dia no Centro de Capacitação Física do Exército, no Rio (26/07, p. 5, grifos meus).

O próprio título da matéria de onde extraí o excerto acima era autoexplicativo de seu conteúdo: “Esforço recompensado”. O trabalho permanece sendo um valor fundamental para alcançar o pódio olímpico. Os tempos de profissionalismo impunham também uma padrão global de excelência, onde o treino é condição *sinequanon* para disputar competições de alto nível.

O ouro no iatismo classe *Star* com Marcelo Ferreira e Torben Grael selou a melhor participação brasileira em Jogos Olímpicos e estampou a capa do *JB* no dia 30 de julho. A conquista do ouro transformou Torben no maior medalhista olímpico brasileiro em todas as edições dos Jogos, daí o título da matéria lhe chamar de “Senhor dos Mares”. As características do campeão seriam o jeito quieto, circunspecto, pouco risonho, mas dotado de grande habilidade com os barcos. A habilidade era herança de família, vinda dos seus tios, também iatistas, Erik e Axel Schmidt (Capa, Esportes). No caso de Torben, o fator sorte ocupava uma posição inferior ao seu mérito e perícia com a mecânica dos barcos: “Mesmo sabendo que é preciso se contar com um toque de sorte, a vitória de Torben e Marcelo tem acima de tudo a marca da competência” (30/07, Esportes, p. 8).

Como já ocorrera na volta dos atletas de Barcelona, a histeria predominou na recepção aos vencedores. A vitória transforma atletas em heróis, enquanto o reconhecimento da torcida lhes proporciona momentos de idolatria, no qual são celebridades e astros. No caso, me refiro às atletas do vôlei de praia feminino: “[elas] entraram também no coração dos torcedores cariocas – foram intensamente saudadas –, e hoje já não são mais pessoas comuns, mas quatro *celebridades*” (31/07, Esportes, p. 5). As jogadoras ressaltam em seu discurso que seus feitos olímpicos devem ser compartilhados com “as mulheres do Brasil”. O mesmo tratamento efusivo foi dispensando a Gustavo Borges e Fernando Scherer em suas chegadas à Brasília: “As medalhas obtidas em Atlanta eram o que faltava para que os nadadores Fernando Scherer, o *Xuxa*, e Gustavo Borges se transformassem em astros. Uma multidão de fãs adolescente provou isto em Brasília” (31/07, Esportes, p. 5, grifos do *JB*).

No boxe, a história de vida de Daniel Bispo despertou a atenção jornalística diante da iminente conquista da primeira medalha olímpica nesse esporte (31/07, Esportes, p. 6). Sua iniciação se deu em uma academia perto de casa e foi motivada pelos quilos a mais que

possuía quando criança. Novamente noto que o começo é casual, resultado mais de contingências externas do que de uma vontade interior em praticar dado esporte. O título da matéria reproduzia as brincadeiras que o atleta sofria na infância: “Pugilista ‘gordinho’ em ação” (31/07, Esportes, p. 6). Após passar um tempo em Cuba, aperfeiçoando sua técnica de combate, o atleta estava perto da apoteose. O afastamento da realidade ordinária para alcançar feitos extraordinários e a importância da família são pontos coincidentes com a saga do herói olímpico brasileiro. Não obstante, Daniel não conseguiu o bronze que dele se esperava.

Na capa do dia 01 de agosto, a decepção com derrota do futebol masculino nas semifinais parece suplantar a alegria com o ouro do iatista Robert Scheidt na classe *Laser*. A vitória de Scheidt na regata que lhe rendeu a medalha é descrita com fartas adjetivações. Exalta-se sua coragem, competência e sorte (Esportes, capa, 2. edição). Seu movimento inicial na largada é descrito como “um lance que mistura gênio e uma coragem que vale ouro” (Esportes, capa, 2. edição), embora não pudesse ser visto pelo viés da malícia e da “malandragem” (como de fato será visto em Sydney-2000¹²⁴). Interessante como, apesar de todos os fatores ligados ao desempenho pessoal serem mencionados, a sorte era mais uma vez um fator preponderante na conquista.

Nas palavras de Eduardo Melcher, antigo treinador de Robert Scheidt, tratava-se de um “velejadador muito disciplinado, rigoroso e atencioso” (Esportes, p. 9). A narrativa trata seu quase amadorismo como uma lástima: “Enquanto não tiver patrocínio, o medalha de ouro dos Jogos de Atlanta viverá sempre o risco de ser obrigado a arrumar um estágio de administração de empresas quando faltar a grana para continuar treinando” (Esportes, p. 10). Se antes o amadorismo era a norma, em 1996 ele já é visto como sinal de pouco planejamento e falta de cuidado com o esporte.

O discurso sobre a seleção de futebol masculino ao longo das Olimpíadas valorizava um ou outro jogador pelo desempenho extraordinário ou pelas expectativas criadas em torno dele. Tivemos Ronaldo, Bebeto e Sávio ocupando esse lugar de protagonismo. No entanto, na derrota para a Nigéria, um vilão foi escolhido: Rivaldo. Logo ele que fora designado pelo técnico Zagallo para comandar a equipe. Sérgio Noronha pontua que: “Aí estava o erro. Rivaldo não brilha com ninguém. Ele quer jogar sozinho, resolver as coisas individualmente. Só que ele se esquece de que quando perde o time inteiro perde com ele” (01/08, Esportes, p. 3, 2. edição). O que extraímos dessa fala é que as individualidades no futebol olímpico são valorizadas quando há a perspectiva de vitória e jogo bonito, por outro lado, na derrota,

¹²⁴ Sobre isso, ver página 225 dessa dissertação.

critica-se o individualismo, em detrimento de um “jogar para equipe” (01/08, Esportes, p. 3, 2. edição). O Brasil conquistaria o bronze nesse torneio (03/08, Esportes, p. 7, 2. edição).

No vôlei, o debate entre individualismo e jogo coletivo também aparece na fala da jogadora Ana Paula, só que por um viés positivo: “Aprendemos muita coisa nos últimos quatro anos e crescemos muito como pessoas, além de atletas [...] Em Barcelona, o individualismo era muito forte na equipe. Agora somos 12 jogadoras e uma só alma” (01/08, Esportes, p. 7). Disso, depreende-se que o individualismo é visto como favorável apenas quando em favor do coletivo. De fato, o coletivo possui uma carga valorativa bem mais positiva que o individualismo, o qual, nas narrativas jornalística, aparece tanto pelo seu lado bom quanto pelo seu viés nefasto.

No dia 02 de agosto, mais uma vez a derrota no futebol masculino colocava em plano secundário uma medalha, dessa vez, o bronze do hipismo. Esse triunfo, obtido na prova de saltos por equipe, é retratado como consequência de uma brilhante atuação de todos os ginetes do time e de um técnico competente, Nelson Pessoa Filho (02/08, Esportes, p. 8). Saliento aqui como a importância do coletivo era mais vez central. Ao contrário dos outros esportes, no hipismo, não há uma narrativa da pobreza na infância como legitimadora da conquista, visto que o rendimento financeiro dos cavaleiros, advindo, primordialmente, de suas famílias, permitia que praticassem o esporte quase como amadores.

Torben Grael aproveitou-se de sua relevância no cenário esportivo nacional para cobrar melhorias no iatismo em nível de planejamento e estrutura. O iatista cumpria, desse modo, uma etapa comum aos medalhistas brasileiros: compartilhar os dividendos da conquista com seu esporte. O herói, como já vimos, não guarda para si os benefícios de seu êxito, mas os reparte com seus iguais. Nas palavras de Torben: “Bons resultados sempre ajudam a desenvolver os esportes vencedores. Com o iatismo não será diferente” (02/08, Esportes, p. 6). Torben também era definido como supersticioso. Uma promessa feita em 1988 (Seul) – de navegar do Rio a Búzios – não fora cumprida e o revés teria sido o mau resultado em Barcelona (1992). Em Atlanta, Torben respeitou a promessa feita *a priori* e, por isso, dizia-se que foi recompensado: “A inédita medalha de ouro no peito comprova” (02/08, Esportes, p. 6).

O basquete feminino chegava à final das Olimpíadas pela primeira vez na história. A felicidade pela classificação se conjugou ao choro da emoção e do sacrifício despendido. A fala de Paula, ala-armadora da seleção, compunha-se dos qualitativos mais comuns associados à glória olímpica: treino, superação e fé: “Naquele abraço [em Hortência] eu vi de volta os quatro meses de *treinamento*, meus 24 de basquete e vinte de seleção. Botei tudo na cabeça e *agradeci a Deus*. Será que eu mereço?” (03/08, Esportes, p. 3, grifos meus). Reitero que o trabalho e

proteção divina eram novamente conjugados na explicação da vitória. A conquista da prata foi destaque por dois dias seguidos na capa do *JB* e do caderno de Esportes: 04 e 05 de agosto.

Em Olimpíadas, podemos dizer que existe júbilo do primeiro ao terceiro lugar do pódio. Entretanto, dependendo das condições de disputa, um bronze inesperado pode valer mais que uma prata sofrida. E, mais ainda, um bronze pode deixar uma sensação de derrota em quem não teve a chance de subir mais degraus no pódio. Nesse sentido, o fracasso do vôlei feminino diante de Cuba nas semifinais, havia abalado algumas atletas do time titular, que não conseguiram desenvolver seu melhor jogo na disputa pelo terceiro lugar¹²⁵. Para elas, a ressaca de não disputar uma final desejada e esperada parecia ser um peso extra. O técnico Bernadinho colocou então três reservas, que entraram bem, aspirando ao bronze e desejando provar suas capacidades individuais. Esse foi o caminho para a vitória contra Rússia. Em esportes coletivos, nos momentos de queda de desempenho, um grupo com bons valores e preparação física similares é tão ou mais importante que talentos individuais isolados (03/08, Esportes, p. 3).

A medalha de bronze também veio no revezamento 4x100m do atletismo, sendo atribuída à sorte e à fé papel tão relevante quanto os treinamentos:

Róbson [Caetano] diz que a equipe brasileira teve *sorte* de estar num bom dia. As passagens de bastão não foram perfeitas mas os atletas correram muito bem [...] “O que faltou mesmo foi um pouco de treino nas passagens”, diz o velocista, que pode continuar na ativa até Sidnei 2000, quando terá 36 anos. “Isso *se Deus assim quiser* e me forem oferecidas condições para *continuar treinando*, porque agora ou eu paro para trabalhar ou continuo *trabalhando e treinando* e o que eu quero mais é poder fazer do meu treinamento o meu trabalho” (05/08, Esportes, p. 9, grifos meus).

C) Conclusões

Apesar do elevado número de páginas e suplementos especiais, as histórias de vida não acompanharam esse incremento. Houve maior quantidade de matérias, fatos e dados do que propriamente histórias de vida heroica, ainda que essas tenham aparecido também. Houve um amplo predomínio das matérias sobre o futebol masculino, em detrimento de outros esportes olímpicos, talvez pela ansiedade com que a imprensa esportiva esperasse a medalha de ouro.

O trabalho, o treinamento e a sorte continuam sendo apontados para explicar o desempenho vitorioso. No caminho rumo ao triunfo, a humildade também era um valor predominante nas matérias jornalísticas. A fé, a superstição e as menções a Deus também são

¹²⁵ A rivalidade entre Brasil e Cuba veio à tona após a derrota brasileira nas semifinais. As jogadoras se agrediram física e verbalmente após a partida, em mais um episódio de reforço à inimizade entre as duas nações nesse esporte. O documentário *Pátria* (2012), dirigido por Fábio Meira, enfoca especificamente esse duelo dentro e fora das quadras entre Brasil e Cuba no vôlei.

vistas, ainda que com menos intensidade do que em outras Olimpíadas. A comemoração entusiasmada da família, fãs e amigos na volta dos atletas vitoriosos permanece compondo uma etapa imprescindível da trajetória do atleta-herói na cobertura jornalística.

O atleta que conquistava uma medalha, se tornando um herói nacional, já não se satisfazia mais apenas como o reconhecimento de seus compatriotas (e isso podia ser visto até mesmo antes de Atlanta-1996). Um bom desempenho olímpico servia de vitrine para angariar patrocínios, que sustentariam o atleta durante o próximo ciclo olímpico. A lógica do mercado – investimento e retorno – parecia, de fato, estar permeando gradualmente o mundo dos esportes. A mercantilização do esporte se refletia também na forma de idolatria. Os atletas além de heróis eram cada vez mais ídolos pop e recebiam tratamento digno das estrelas do mundo das artes (me refiro ao cinema, à televisão).

Havia, de fato, mais confiança em vários esportes tidos como favoritos, o que era incomum nas outras edições dos Jogos. O excesso de confiança de um atleta, contudo, ainda era repreendido, pois fugia da humildade tão valorizada historicamente. Nos esportes coletivos, como o futebol e o basquete masculinos, observei uma personalização tanto nas derrotas como nos triunfos, o que destoava do espírito coletivo que normalmente é dado a ver nas narrativas. Tivemos em Atlanta-1996 também as primeiras brasileiras medalhistas. O discurso sobre elas acompanhou o dos outros heróis olímpicos brasileiros, sendo destacadas características semelhantes (treino, trabalho, superação, proeza), ainda que a predominância de jornalistas do sexo masculino possa ter prejudicado a produção de textos com uma perspectiva feminina.

Por fim, saliento que aparecia com mais intensidade a discussão sobre o uso das tecnologias no esporte, a partir das polêmicas com os maiôs femininos da marca *Speedo*. O material, que provocaria menos aderência na água até do que a pele humana, fornecia ganho de performance e a consequente diminuição dos tempos daqueles que o usavam (28/07, Esportes, p. 4). Armando Nogueira lembrava ainda de outro recurso tecnológico na natação: o sistema de redução das marolas nas piscinas olímpicas e o aquecimento da água, o que também colaborava para reduzir o atrito do corpo dos nadadores na disputa das provas (28/07, Esportes, p. 6). A discussão, porém, era ainda mais antiga que Atlanta-1996, sendo vista, de maneira mais branda, desde a introdução do *tartan* no atletismo, em substituição ao piso de terra batida, a partir da década de 1960.

6.13 As Olimpíadas de Sydney 2000

6.13.1 Informações Gerais e Contexto Sociopolítico

A Austrália voltava a receber os Jogos Olímpicos, em sua vigésima sétima edição, após 48 anos. Entre os dias 15 de julho e 01 de outubro, a cidade de Sydney recepcionou as delegações de 199 países (mais quatro atletas independentes) em um total de 10.651 atletas (6.582 homens e 4.069 mulheres) – novos recordes de participação. O número de voluntários envolvidos no evento foi 46.967 – inferior à Atlanta. Sydney, entretanto, contou com a maior cobertura midiática do século XX: foram 16.033 jornalistas (5.298 da imprensa escrita, 20.735 de rádio e televisão). O Brasil levou à Austrália um número menor de atletas que aos EUA, mas foi a maior participação feminina em toda sua história. Foram 205 esportistas, sendo 111 homens (54,15% do total) e 94 mulheres (45,85%). O número de modalidades esportivas voltou a 28 e o número total de eventos continuava em ascensão, chegando a 300¹²⁶. Vinte e sete esportes contaram com representantes brasileiros: atletismo, basquete, boxe, canoagem, ciclismo, esgrima, futebol, ginástica artística, ginástica rítmica, handebol, hipismo, judô, levantamento de peso, natação, natação sincronizada, remo, saltos ornamentais, taekwondo, tênis, tênis de mesa, triatlo, vela, vôlei e vôlei de praia.

No Brasil, Fernando Henrique fora reeleito em 1998, graças principalmente a estabilização trazida pelo Plano Real. O ano 2000 marcou os 500 anos do descobrimento do Brasil pelos portugueses e muitas comemorações organizadas pelos governos federal e estadual foram realizadas em torno dessa data. No mundo, o “*bug do milênio*” era a grande pauta jornalística. O temor de uma pane nos sistemas de informação interessava tanto empresas quanto pessoas comuns. Ao final, os computadores conseguiram processar a virada de dígitos do ano 2000.

No âmbito esportivo, o tenista Gustavo Kuerten, já um ídolo nacional consagrado, liderava o ranking mundial ao final de 2000, após as conquistas do *Master Cup* de Lisboa, do ATP de Indianápolis e de *Roland Garros*. Recompensando talvez a exitosa participação feminina em Atlanta-1996, Sandra Pires, atleta do vôlei de praia, foi a primeira mulher a carregar a bandeira brasileira no desfile de abertura dos Jogos. Nesta mesma cerimônia, as

¹²⁶ Fonte: Site Oficial do COB: <<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/sidney-2000>>. Acesso em: 14 nov. 2013.

Coreias do Norte e do Sul desfilaram, de forma inédita, sob a mesma bandeira (da península coreana); a contagem de medalhas, contudo, continuará sendo feita em separado (*JB*, 13/09/2000, Esportes, p. 3).

O desempenho brasileiro foi inferior ao de Atlanta. Não conquistamos nenhuma medalha de ouro, mas seis pratas e seis bronzes. Os bronzes foram obtidos no hipismo (competição por equipes), na vela classe *Star* (Torben Grael e Marcelo Ferreira), vôlei de praia feminino (Sandra Pires e Adriana Samuel), natação 4x100m livre, vôlei de quadra feminino e basquete feminino. Já as pratas vieram: da vela classe *Laser* (Robert Scheidt), do vôlei de praia masculino (Zé Marco e Ricardo) e feminino (Adriana Behar e Shelda), do judô, peso leve (Tiago Camilo) e peso médio (Carlos Honorato), e do revezamento 4x100m no atletismo.

6.13.2 Análise crítica dos dados empíricos

A) O jornal

O caderno de Esportes, com capa própria e numeração apartada do jornal, já era uma realidade desde 1992 e consolidou essa posição em Sydney-2000. Nos dias analisados, o número de páginas dele variou entre 8, 10 e 12. O Campeonato Brasileiro dividiu mais uma vez espaço com os Jogos, mas ocupou menos espaço que ele (no máximo duas páginas – pode-se dizer até que esteve em posição secundária, uma vez que sempre aparecia no final do Caderno de Esportes, nunca na capa ou nas primeiras páginas). As páginas dedicadas à cobertura dos Jogos eram identificadas por um símbolo próprio localizado no topo da página, como já ocorria desde 1968 (fig. 24).

Figura 24: Símbolos utilizados pelo *JB* para identificar as páginas e matérias de cobertura dos Jogos de 1968 até 2000 (em ordem crescente da esquerda para direita, de cima para baixo).





Os enviados especiais do jornal foram: Luiz Augusto Nunes, Fabio Grijó, Jorge Henrique Cordeiro e Lúcio de Castro. Túlio Brandão, Jesuan Xavier, Fernanda Odilla e Jose Mitchell assinavam do Brasil suas matérias. Oldemário Touguinhó, Armando Nogueira (“Na grande área”) e Sérgio Noronha possuíam suas próprias colunas. Os dois últimos privilegiavam o futebol em seus textos. Tostão tinha sua coluna publicada todas as quartas e domingos. Renato Lage, carnavalesco, escreveu matéria de uma página sobre a cerimônia de abertura em 16 de setembro (Esportes, p. 10). Assim como em Barcelona, o caderno de Esportes apresentou os desenhos de um quadrinista: Aliedo Kammar. Novamente foram utilizados quadros e ilustrações para explicar o funcionamento de alguns esportes. A informação diária sobre a programação televisiva se estabelecia como conteúdo permanente no jornalismo esportivo. A programação dos eventos esportivos que teriam participação de brasileiros também permanecia sendo noticiada diariamente em uma página inteira do periódico.

B) Os atletas e outros temas

Relatei até aqui muitos casos de inícios fortuitos no esporte. Não é o caso, no entanto, da jogadora Sissi. Sua paixão pelo futebol remetia à infância, quando o atleta escolhe seu esporte de preferência, a despeito de outros que podiam também ter sua estima. Eis as palavras de Sissi: “Desde que eu era pequena, quis sempre jogar futebol quando via meu pai e meu irmão batendo bola” (12/09, Esportes, capa). O chamado para o início da aventura heroica vem, nesse caso, do interior, e não por meio de um agente externo (pais, médicos, o acaso).

As imagens que associam o futebol, nosso essencializado “jeito de ser” e o carnaval são frequentes no jornalismo esportivo. “Esquentai vossos pandeiros” foi o título da matéria de capa do caderno de Esportes em 13 de setembro, discorrendo sobre um Ronaldinho Gaúcho risonho e festivo com seu pandeiro em mãos (Esportes, p. 3). A irreverência e descontração do atacante brasileiro foram ressaltadas ao longo do texto, bem como o fato de não haver premiação em dinheiro estipulada para o caso de sermos campeões. Esse dado viria a ser salientado outras vezes pela imprensa, no que posso conjecturar seja um saudosismo do

ethos amador, onde a vitória independe do aditivo monetário decorrente¹²⁷. Desse fato, julgava-se a seleção de 2000 como superior aquela de 1996, pois os jogadores seriam menos soberbos e mais humildes. A humildade novamente agrega valor ao atleta ou equipe que a possui, bem como o dinheiro no futebol parece ser visto como um agente prejudicial ao desempenho individual e coletivo.

Guga, apelido pelo qual o tenista Gustavo Kuerten era conhecido, foi a grande figura carismática dos Jogos. Inúmeras matérias abordavam suas peripécias pela Vila Olímpica e pelos locais de competição. Sua simpatia colaborava na construção desse personagem, quase um flâneur¹²⁸ olímpico. Uma das primeiras matérias sobre ele foi “Ih, lá vem o Guga de novo”, onde a onipresença do tenista nos mais diversos locais em que algum esporte estivesse sendo praticado, atuando como tiete e cinegrafista amador. Quando inquerido sobre o torneio olímpico de tênis, Guga não deixou de pedir pela sorte, ainda que estivesse entre os melhores tenistas do mundo: “Espero pegar um bom sorteio. Vou torcer para dar sorte, pegar uma chave acessível e um caminho mais fácil nas 3 primeiras rodadas” (Esportes, p. 4).

Como já havia diagnosticado em Atlanta-1996, o futebol olímpico¹²⁹ despertava atenção crescente na imprensa esportiva, na medida em que, a meu ver, a ausência do título se tornava incômoda para a manutenção do epíteto “país do futebol”. Nesse sentido, em Sydney-2000, o espaço dedicado ao futebol, em comparação aos outros esportes, foi largamente superior. A capa do caderno de Esportes em 15 de setembro, por exemplo, era composta unicamente pela vitória do futebol masculino em sua estreia: “De virada é melhor”. No corpo do texto encontramos a clássica oposição entre o talento nacional e o futebol europeu: “Na vitória de 3 a 1 de virada sobre a Eslováquia [...] mostrou enorme diferença que separa o futebol de força física e rigorosa organização tática, exibido pelo adversário, do praticado com a criatividade do brasileiro” (Esportes, capa).

As narrativas sobre o futebol usualmente tendem a ser pendulares, indo de um extremo de positividade a outro de críticas muito rapidamente. Nas primeiras análises jornalísticas sobre

¹²⁷ O mito do amor à camisa e de um passado melhor e mais puro é pregnante nas narrativas do esporte, em geral, e do futebol, em particular (cf. HELAL, 2011).

¹²⁸ *Flânerie*, do francês, significa “vadiar”. Ato contínuo, flâneur seria o caminhante ocioso que explora o meio urbano, circulando entre as multidões sem, contudo, abster-se de sua solidão. O termo foi popularizado por Charles Baudelaire (1996), que discorreu sobre essa figura tipicamente urbana da Paris do século XIX. Walter Benjamin deu continuidade à contribuição de Baudelaire ao escrever *O Flâneur* e defini-lo como “uma espécie de botânico do asfalto” (1995, p. 38).

¹²⁹ O futebol brasileiro participa dos Jogos Olímpicos desde 1952, não tendo de se classificado apenas em 1980 e 1992.

a participação brasileira o clima era de otimismo. Sérgio Noronha, que seria um dos mais árdios detratores da participação brasileira em Sydney, nesse primeiro momento, destacava o espírito dos jogadores da Seleção, opondo-o à briga de ego no revezamento 4x100m do atletismo: “O que me alegra é sentir que entre a rapaziada do futebol o espírito é outro. Dá para sentir, nas imagens e entrevistas, que os jogadores estão realmente imbuídos da idéia de trazer a medalha e a façanha se torna impossível se não houver união”. (17/09/2000, Esportes, p. 10).

Ainda que a evolução do Brasil em vários esportes já seja notável em 2000, muitos atletas brasileiros ainda entravam nos Jogos buscando apenas obter seus melhores tempos ou uma classificação para as finais. A medalha era um sonho impossível ou altamente improvável para muitos. Anderson Nocetti, o único brasileiro no remo (prova de *single skiff*), julgava o que uma ida sua à final possuiria simbolismo similar ao da conquista de uma medalha de ouro (16/09, Esportes, p. 3). De modo semelhante, Maria Elizabete Jorge, única representante feminina no levantamento de peso, esperava superar os contratempos vivenciados durante seu ciclo olímpico. Sua preparação, na base do improviso, foi deficitária, pois não tinha condições financeiras sequer para adquirir os suplementos alimentares de que necessitava (16/09, Esportes, p. 4). Mesmo não tendo conseguido medalha, sua superação lhe colocou em posição privilegiada no discurso jornalístico e lhe permitiu sonhar com um futuro mais promissor: “Mineira de Viçosa trabalhava como lavadeira. Há nove anos foi convidada pelo técnico David Gomes para treinar. ‘Estou desempregada, mas tudo indica que vou conseguir patrocínio do Vasco’, disse” (18/09, Esportes, p. 9).

A medalha de bronze de Gustavo Borges, obtida no revezamento 4x100m, figurou na capa do *JB* e na capa do caderno de Esportes. A conquista brasileira consagrou Borges no posto de brasileiro com mais medalhas em Olimpíadas. O protagonista da vitória, contudo, foi Edvaldo Valério, responsável por levar a equipe do quinto ao terceiro lugar na parte final da prova (17/09, Esportes, capa). A infância pobre, o esforço para se manter no esporte e a ajuda essencial dos pais são os pontos enfatizados na trajetória de Valério, o primeiro negro brasileiro medalhista na natação. No trecho a seguir, a parte da saga do herói que diz respeito aos obstáculos foi aquela que mais se coadunou à biografia do atleta:

Outro fator que Edvaldo desafiou foi o da genética, com um biótipo desfavorável para a natação. Especialistas ainda buscam uma explicação para a pouca presença de negros entre os grandes vitoriosos da natação – enquanto se sucedem as conquistas dos representantes da raça em outros esportes como o atletismo, basquete e boxe, só aumentam a dimensão do feito de Edvaldo Valério Bala, que driblou tudo isso para desde já tornar-se o Edvaldo Bala do Brasil, que para chegar a Sydney, passou pelas roletas de clubes fechados, o preconceito, a ciência, e a necessidade, para que, daqui por diante, sempre que se falar na história das participações brasileiras em

Olimpíadas, tenha que se falar em um menino pobre e negro de Itapoã (17/09, Esportes, p. 12).

Outro atleta que fez de sua origem humilde uma validação para seus méritos desportivos foi o judoca Henrique Guimarães. O auxílio externo, vindo do apoio da esposa que o acompanhava das arquibancadas, era visto como importante na matéria “Reforço das arquibancadas”. Outros elementos presentes eram a confiança em si demonstrada pelo atleta e a ênfase no treinamento:

[...] durante o período de aclimação em Camberra, não tirou nenhum dia para ter folga, aproveitando até mesmo o domingo para correr e treinar. *Uma determinação vinda da origem humilde, em sua infância simples, com poucos recursos.* Na adolescência, chegou a andar sempre com a farda do quartel onde servia o exército, mesmo quando não estava de serviço, para não precisar pagar condução, podendo ir assim para o seu treino de judô (17/09, Esportes, p. 5, grifos meus).

Oldemário Touguinhó retomou um discurso de crítica a pouca atenção dada pelo governo brasileiro aos atletas olímpicos, citando como exemplo a levantadora de peso Elizabete Jorge e o boxeador Waldemir Pereira – ambos de origem humilde e repletos de obstáculos em seus treinamentos. Waldemir teria aprendido boxe para se defender dos constantes assaltos em seu bairro. Interessante perceber como a iniciação no esporte (o chamado da aventura), nesse caso, foi a contingência de um ambiente hostil, o que aponta mais uma especificidade possível na saga do atleta-herói brasileiro. Cito uma passagem emblemática do texto:

Assistindo a determinadas competições nas Olimpíadas, temos uma visão exata do quanto o esporte é abandonado no Brasil. O certo é que qualquer medalha nossa tem que ter o sabor de ouro, pelo sacrifício individual de cada atleta. É emocionante e triste ver os brasileiros disputando com atletas do primeiro mundo (19/09, Esportes, p. 3).

Ainda que a narrativa do esforço e do treinamento seja a mais comum em Olimpíadas, mesmo para tratar do futebol, na entrevista com Ronaldinho Gaúcho, a frase destacada no título da matéria entrevê uma idealização do estilo de jogo brasileiro: “Vou ousar mais”. O atacante remetia ao ideário romântico das peladas de rua para explicar seu desempenho: “Porque jogar bola não se esquece, a bola é igual, jogo do mesmo jeito hoje que fazia nas peladas de rua lá em Porto Alegre” (19/09, Esportes, p. 4). Abordagem semelhante à de Armando Nogueira no texto “Esporte Cabeça”, em que se ressentia de não possuímos mais os talentos de outrora no futebol: “Todos sabemos que a maior arma de nosso jogador sempre

foi a intuição [...] Pelé prescindia do quadro negro. Garrincha, idem, idem (sic). Acontece, porém, que os gênios já escasseiam nos campos brasileiros” (20/09, Esportes, p. 9).

Tratar nossos atletas como “meninos” e “meninas” se apresenta para mim como uma forma paternalista e ao mesmo tempo protetora utilizada pelo jornalismo esportivo. Essa infantilização facilita uma identificação dos leitores, ainda que os atletas não fossem mais tão jovens assim. Não era o caso, porém, do judoca Tiago Camilo, que em seus 18 anos, já era uma das esperanças de medalha do Brasil. A matéria “Menino de prata” discorria sobre sua conquista, realçando a importância da família na vida do atleta: “Entre uma entrevista e outra, em meio a súbita notoriedade, falava com a família no celular, ainda no ginásio de lutas. Falou com mãe, tia, avó e tio, não conseguindo falar apenas com o pai, Luís Francisco” (19/09, Esportes, p. 6). A personalidade de Tiago era vista como suporte para sua saga heroica: “A *glória da medalha de prata* coube a um garoto de jeito tranquilo, sereno e paciente. E foi assim, tranquilo, sereno e com muita paciência, que Tiago Camilo *construiu o caminho da prata*” (19/09, Esportes, p. 6, grifos meus). A tristeza do judoca pela inesperada derrota na final teria se diluído quando a bandeira do Brasil foi içada e Tiago pôde se orgulhar do seu feito e lembrar que se encerrava ali um esforço iniciado em sua infância. Aos cinco anos de idade, ele foi levado pelo irmão mais velho (figura do mentor, agente externo) para treinar na academia de sua cidade, Bastos (SP). Apesar de ter começado tão cedo no esporte, o que implica um corpo treinado no judô por longos anos, a fala de seu treinador, Geraldo Bernardes, sinalizava para uma habilidade inerente ao judoca: “Ele tem o *dom*, é um talento nato. Um vencedor nato também, que está aí vencendo desde que apareceu, em todas as disputas” (19/09, Esportes, p. 7). Saliento que a tensão entre talento nato e competências adquiridas aparece esporadicamente nas narrativas sobre os atletas olímpicos. Bastos (SP) comemorou o feito de Tiago com uma carreata, usufruindo da felicidade proporcionada pelo mais novo herói da cidade (19/09, Esportes, p. 7).

O tratamento infantilizador a que aludi acima era também empregado com Daniele Hypólito. O jeito ainda infantil da atleta, que perambulava entre um jogo eletrônico e outro disponível na Vila Olímpica, fazendo do repórter que aguardava uma entrevista um mero espectador, deixava a ver sua faixa etária e maturidade. Por meio do exemplo de uma ginasta brasileira bem-sucedida, Daniele se sentiu compelida a iniciar seu próprio trajeto heroico: “Aos cinco anos, após ver a apresentação das ginastas Nadia Comaneci e Luiza Parente, Daniele insistiu que a mãe lhe inscrevesse em aulas de ginástica. Foi a partir daí que o sonho da menina começou a se tornar realidade” (19/09, Esportes, p. 8). Assim como Luiza Parente, o heroísmo de Daniele encontrava-se muito mais na superação de seus próprios limites do que

em uma pouquíssima provável medalha. Sua 21ª colocação era a melhor performance de uma ginasta brasileira na competição individual da ginástica. A pouca idade, as horas de treinamento diário, a inspiração em Nadia Comaneci e Luísa Parente e o sonho de disputar os Jogos foram os pontos centrais em sua jornada (22/09, Esportes, p. 5).

A medalha de prata de Carlos Honorato, além de figurar na capa do jornal, também rendeu profícuas discussões em duas páginas do caderno de Esportes do dia 21 de setembro. A matéria “Em nome da honra” discorria sobre o trajeto de Honorato até se tornar o primeiro judoca negro a subir ao pódio em uma Olimpíada. Sua iniciação no esporte, em Taboão da Serra (SP), fora marcada pela pobreza e pelo acaso. Ele praticava o esporte “para escapar do perigo das ruas”, no que se aproxima do boxeador Waldemir Pereira citado acima. Seu acesso aos Jogos também foi fruto de uma feliz coincidência, pois o titular da categoria até 90 kg sofrera uma lesão e não pudera competir. Na luta semifinal, sobressaiu um trejeito tipicamente brasileiro: a “malandragem”. Cito: “Se até ali tinha demonstrado força e técnica, na semifinal com o francês Frederic Demont-faucon apareceu o estrategista e um pouquinho do que restou da *malandragem que vem das ruas*” (21/09, Esportes, p. 6, grifos meus). A influência da família e o trabalho árduo como requisito para a vitória ficam evidentes em sua fala: “Sempre fui um atleta esforçado. Superava minhas deficiências com esforço. Muitos dos atletas que começaram comigo poderiam estar aqui no meu lugar ou teriam ido mais longe [...] Graças aos meus pais, que me incentivaram, pude continuar” (21/09, Esportes, p. 7). A determinação de Honorato o levou a se distinguir dos outros “indivíduos” que treinavam com ele, tornando-se, assim, “pessoa”, na acepção de DaMatta. Enfim, o atleta esperava que os louros de sua conquista fossem materializados no estímulo à prática do judô entre os negros: “Espero abrir portas para outros negros. Hoje o judô já não é um esporte de descendentes de orientais apenas. O judô é um esporte para todos os brasileiros” (21/09, Esportes, p. 7).

Quando outros esportes sofrem derrotas normalmente é apenas mais um fracasso. Quando o futebol brasileiro perde, as narrativas jornalísticas nos levam a crer que a nação brasileira foi derrotada. A solurna capa do caderno de Esportes, após a derrota brasileira para a seleção de Camarões, estampava o título: “Vergonha”. O simbolismo do fracasso era estendido a todos os brasileiros: “Os próprios jogadores [...] deixaram o campo sob o peso da vergonha e de terem transformado o *sonho de um povo* – o da inédita medalha de ouro olímpica – em pesadelo” (24/09, Esportes, capa, grifos meus).

A campanha brasileira fora julgada severamente, ajuntando adjetivos depreciativos como “caricata”, “pobre” e possuidora de “inferioridade técnica”. A derrota fora considerada “precoce”, “desastrosa” e “vexatória”. Sobre os jogadores diz-se que eram “medianos, apenas

esforçados”. No futebol, ser esforçado raramente é visto como uma característica positiva em si. Nos demais esportes amadores normalmente o esforço é reverenciado e entendido como o requisito básico para a vitória. Alguns vilões são nomeados, como é de praxe no futebol: “Se Alex, com seu incompreensível alheamento da partida, ou se Ronaldinho, o craque gaúcho que parece ter esquecido seu futebol feito de inventiva (sic), de lances ousados, para sucumbir sem qualquer poder de reação aos zagueiros adversários” (24/09, Esportes, p. 3). Foram três páginas, mais a capa, destinadas a discorrer sobre o fracasso, que continuou pautando o caderno de Esportes até o final das Olimpíadas.

“Bronze é de Sandra e Adriana” (25/09, Esportes, capa, 2. edição). O senso comum afirma que a medalha de bronze é mais comemorada que a de prata, pois vem juntamente com uma vitória. É justamente esse o tom da matéria que comemora a vitória da dupla brasileira com facilidade sobre as japonesas. Além disso, havia outro feito a ser comemorado. Sandra e Adriana foram as primeiras brasileiras a conquistar duas medalhas olímpicas. Sandra foi campeã em Atlanta e Adriana, vice. Em um país com pouca quantidade de pódios, os ineditismos acabam se constituindo em triunfos iguais ou maiores que as medalhas. Por outro lado, a inesperada derrota de Adriana Behar e Shelda foi tratada pelo viés da tristeza, evidenciando as oposições que tendem a marcar as narrativas olímpicas: “Choro do Brasil no pódio. Alegria e consagração australiana. E o hino brasileiro ainda não tocou em Sydney” (25/09, Esportes, capa, 2. edição). A prata foi ainda menos celebrada devido à carência de medalhas de ouro que parecia inquietar os jornalistas esportivos.

A derrota da dupla masculina de vôlei de praia foi destacada negativamente na capa do *JB* e no caderno de Esportes, no dia 26, respectivamente com os títulos: “Sonho de ouro morre na praia” e “Tristeza não tem fim”. A derrota foi tributada muito mais a uma carência do elemento sorte do que a uma deficiência no desempenho: “Mas a sorte continuou do lado americano e Zé Marco e Ricardo foram para o terceiro tempo técnico perdendo por 7 a 5” (Esportes, capa). Em relação a Ricardo destaque que sua iniciação no esporte seguiu à vertente da casualidade, como parece ser mais comum entre os atletas brasileiros. Começou ajudando seu irmão nos treinos, como sparing, depois jogou vôlei de quadra e acabou se encontrando no vôlei de praia (25/09, Esportes, p. 6). O companheirismo caracteriza, em geral, as duplas tanto masculinas quanto femininas do vôlei de praia. Em “Zé Marco satisfeito com o vice na praia”, o jogador citado no título elogiava muito seu parceiro, Ricardo. A mesma matéria evocava as agruras vivenciadas por Zé Marco após não ter ganhado medalha em Atlanta-1996 e como Sydney-2000 representou uma redenção para ele (27/09, Esportes, p. 7). A vitória redimiu o herói, seus companheiros e seus compatriotas, enquanto a derrota funcionou como estímulo para a superação.

As rixas entre Claudinei Quirino e André Domingos em torno de quem fecharia a prova de revezamento 4x100m ganharam bastante espaço na cobertura sobre o atletismo. A despeito dessa contenda, a matéria “Domingos aposta nos 200m rasos” percorria a infância pobre de Domingos e suas dificuldades para conseguir treinar. : “[...] teve uma infância difícil – seu primeiro par de tênis foi dado pela patroa de sua mãe, que era empregada doméstica. Começou a treinar aos dez anos, mas o atletismo ficou em segundo plano diante da vida dura que levava” (26/09, Esportes, p. 7). A pobreza e os obstáculos de uma infância penosa aparentam ser mais atraentes nas histórias de vida elaboradas pelo jornalismo. A riqueza, por outro lado, raramente era mencionada explicitamente, pois atuaria talvez como uma desabonadora das proezas de um atleta.

Após a conquista do bronze, ressalto a importância do espírito coletivo presente no discurso da jogadora de Janeth: “Passamos por muitas coisas e sempre estivemos unidas. O bronze tem gosto de ouro” (02/10, Esportes, p. 10). Eleita pelo *JB* a heroína da conquista, a pivô Alessandra destacou o trabalho como meio para alcançar o sucesso: “São muitos anos de trabalho até chegar a esse nível. Essa medalha é uma realização pessoal e profissional” (02/10, Esportes, p. 10). A origem humilde da jogadora também foi mencionada, legitimando sua conquista. União, trabalho e superação podem, então, resumir a saga do basquete feminino.

O título principal da página cinco do caderno de Esportes no dia 29 de setembro registrou parte da frase do técnico Bernardinho sobre a derrota do vôlei feminino: “Cuba é melhor”. Ele rejeitava qualquer explicação psicológica para a derrota e critica o modo de agir do povo brasileiro: “Particpei de cinco olimpíadas. E nunca vi um grupo trabalhar tanto. Acho que as pessoas gostam muito de rótulos. Isso não me agrada [...] No Brasil é assim: rotula-se e depois se dá pancada. Mas se tivesse que ter um rótulo, essa geração é a geração trabalhadora” (29/09, Esportes, p. 5). Saliento que o próprio texto da matéria deixava clara a superioridade do adversário, e não nossas deficiências ou supostos complexos (o que é mais comum): “O Brasil não perdeu por 3 a 2 [...] por que (sic) sentiu emocionalmente a partida ou porque teve medo. Perdeu porque o adversário, atual bicampeão olímpico, é melhor” (29/09, Esportes, p. 5).

O tema do heroísmo está arraigado no imaginário dos atletas, tanto que esse *status* era veementemente negado por um atleta na matéria “Claudinei Quirino: ‘Não sou herói’” (29/09, Esportes, p. 6). A recusa do título heroico, porém, parecia repercutir mais a tristeza do velocista pela derrota do que propriamente uma rejeição àquela associação. Claudinei afirmou: “Eu nunca prometi medalhas. Saio daqui de Sydney de cabeça erguida. Me fizeram muito de herói no Brasil, mas não sou herói [...] Não sou salvador da pátria”. Essa última frase estava relacionada à falta de um ouro em nosso quadro de medalhas em Sydney, o que colocava um peso extra nos

ombros de cada atleta que gozava de certo favoritismo. O abandono da casa e da família, ou seja, de seu mundo conhecido, foi mencionado no texto sob o prisma da languidez do atleta: “A cabeça de Claudinei agora se volta para sua vida pessoal, que abandonou há três meses para se preparar adequadamente para as Olimpíadas [...] E o atleta não vê a hora de poder voltar a Presidente Prudente, no interior de São Paulo, onde mora” (29/09, Esportes, p. 6)). Ainda que não quisesse negar seu posto de herói, o cumprimento de algumas etapas da saga clássica desse personagem mitológico era inegável na biografia do atleta.

No dia 30 de setembro, a capa do Caderno de Esportes sobre o hipismo continha alguns elementos que já haviam sido verificados nas outras edições dos Jogos. O cavalo era tão protagonista quanto o cavaleiro, não à toa era Baloubet du Rouet que está em destaque na capa, e não Rodrigo. A religiosidade e a superstição, ainda que possam ser enfocados por um prisma jocoso, com frequência compareciam no texto jornalístico sobre esse esporte. Sendo assim, cito: “Baloubet e Rodrigo são simplesmente o melhor que existe no planeta quando o assunto é hipismo. Nem precisariam de torcida, portanto. Mas estas Olimpíadas provou (sic) que nada é fácil quando o Brasil está em ação. Então faça figa, bata na madeira e seja o que Deus quiser...” (30/09, Esportes, capa).

Figura 25: Na capa do caderno de esportes do dia 30/09, o cavalo montado por Rodrigo Pessoa é o destaque.



O insucesso do ginete brasileiro talvez tenha sido o mais sentido de Sydney-2000. O brasileiro era considerado franco favorito e sua medalha ansiada por todos os torcedores brasileiros. O improvável ocorreu, Baloubet recusou-se a saltar um obstáculo e o conjunto acabou desclassificado. Rodrigo reconhecia o fracasso como parte necessária de sua trajetória, a qual já possuía intrínsecos elementos heroicos. Em suas palavras: “O pior já passou [...] Tudo isso foi muito amargo, mas é um caminho por que tive que passar [...] *Não tive a sorte que esperava*, estive tão perto, mas assim é o esporte. Deixa para a próxima” (02/10, Esportes, p. 4, grifos meus). A matéria de página dupla que abordava o fracasso de Rodrigo Pessoa possuía o sugestivo título de “Os Jogos do Refugio”. Em outro momento a imagem do refugio voltou a ser invocada, referindo-se ironicamente à porção brasileira da montaria de Rodrigo Pessoa: “[...] Pelo menos posaram no pódio. Não foi o caso de Baloubet du Rouet. O ganhão francês montado por Rodrigo Pessoa deu vazão à sua porção brasileira e refugou no final. É uma beleza de cavalo. Mas fez feio” (02/10, Esportes, p. 6). Ênfase aqui que uma vez destituído de medalha as narrativas sobre Rodrigo deixaram de ser elogiosas para trata-lo pelo viés do escárnio. Ademais, o refugio de seu cavalo parecia representar o fracasso dos próprios brasileiros.

No iatismo, a medalha de ouro foi perdida por Scheidt devido a uma manobra desleal de seu adversário britânico, Ben Ainslie. O título da matéria insinua o motivo da vitória: “Há quatro anos, Ainslie viu o que é ser malandro” (30/09, Esportes, p. 10). O termo malandro fica restrito ao título, acionando a memória olímpica daqueles que se lembram do triunfo de Scheidt em Atlanta. Nessa ocasião, o brasileiro havia forçado a eliminação tanto dele quanto do britânico, o que lhe rendeu o título. Daí veio à inferência de que o britânico havia aprendido a “malandragem” com brasileiro e a usado contra ele (30/09, Esportes, p. 10). Em matéria anterior foram descritas as superstições de Scheidt, as quais não o auxiliaram na disputa do ouro: “Tanta tranquilidade, no entanto, não chega sem uma boa dose de superstição. Para trazer bons ventos ao seu barco, ele usa a mesma viseira e roupa do seu primeiro ouro olímpico, além da barba por fazer – não sabe o que é aparelho de barbear desde o início dos Jogos Olímpicos” (29/09, Esportes, p. 3, 1. edição).

A prata no revezamento 4x100 do atletismo foi interpretada já no título da matéria como “Mais uma prova de superação” (01/10, Esportes, p. 3). Como de praxe nesses Jogos, a prata fora assumida como possuindo “valor de ouro”, tanto pelos atletas quanto pelo discurso jornalístico. A falta de apoio financeiro (patrocínios) e condições adequadas para o treinamento foram mencionadas como prejudiciais na preparação. André Domingos compartilhava a façanha heroica do quarteto: “André, que dedicou sua medalha aos trabalhadores brasileiros e à sua mãe,

dona Neide [...]”. Claudinei Quirino atribuía o tempo obtido (novo recorde sul-americano) ao esforço feito “com o coração”, esquecendo-se momentaneamente de citar os treinos e a esforço individual de cada um: “Não esperava que a gente fosse fazer menos de 38 segundos. Mas corremos com o coração e poderíamos ser até mais rápidos do que isso se não tivéssemos errado na última passagem” (01/10, Esportes, p. 3).

Se houve um período em que o espírito olímpico era promovido e exaltado, em Sydney, o discurso encarava com tons mais realistas a ideologia dos Jogos Olímpicos. Sérgio Noronha, por exemplo, tenta traçar um retrato do que pare ele representavam os Jogos:

Gosto dos jogos olímpicos, *mas não engulo a história de que se tratam de competições com um espírito elevado* [...] O que impulsiona músculos e mentes não é apenas o ouro olímpico. É, também, o ouro que virá de patrocinadores, da publicidade, de tudo enfim que cerca os vencedores. Qualquer um que suba ao pódio tem pela frente uma enorme estrada, amplas possibilidades financeiras (01/10, Esportes, p. 8, 2. edição, grifos meus).

Em “O grande salto”, Noronha voltava a publicar um texto altamente crítico e feroz (como muitos outros que ele escrevia em sua coluna), dessa vez tendo como alvo a performance brasileira, a preparação olímpica e os dirigentes esportivos. As críticas se assemelhavam aquelas que já eram feitas na década de 1960. Cito alguns trechos emblemáticos:

A grande verdade é que não temos estrutura para disputar grandes competições. Atletas sem a condição ideal foram para Sydney por injunções políticas ou falta de outros para preencher as vagas [...] O vexame foi de tal monta que nem devemos pensar em nos preparar para 2004, não há tempo suficiente para isso. Oito anos adiante talvez seja o prazo ideal. Pode ser que até lá homens e animais não refuguem na hora do salto decisivo (03/10, Esportes, p. 8).

A ênfase jornalística na identidade latina, de fato, arrefeceu nas décadas de 80 e 90, sem, contudo, ter jamais desaparecido totalmente. Falo isso para destacar a matéria “América do Sul foi só decepção” (02/10, Esportes, p. 2). Todos os treze países do continente tiveram suas medalhas somadas e o desempenho conjunto avaliado como muito fraco. Esse comparativo do desempenho latino-americano era bastante comum nas décadas de 1950 e 60.

À medida que os atletas brasileiros retornavam ao Brasil, apareciam as matérias sobre a recepção àqueles que mais se destacaram. Nesse sentido, destaco a seguinte: “Johannpeter tem recepção de ídolo no Sul”. O ginete havia conseguido a melhor colocação de um brasileiro na história das provas individuais no hipismo olímpico. Ao contrário da maioria dos atletas, André Johannpeter não teve uma infância pobre, da qual o discurso jornalístico poderia extrair um exemplo de superação. Ele é filho do presidente e dono da Gerdau, Jorge

Gerdau. O fato de ser o único amador da equipe de hipismo também fora mencionado. Ele afirma: “Tem dado certo até agora. Tenho conseguido conciliar trabalho e esporte” (04/10, Esportes, p. 6). O sucesso individual foi lembrado pelo ginete, ainda que lamente o desempenho coletivo brasileiro: “Esta parece não ter sido as Olimpíadas do Brasil, pois chegamos perto do ouro em várias competições e não conseguimos. Mas pelo menos esta foi a minha melhor. E sonho com uma medalha individual em 2004” (04/10, Esportes, p. 6).

Os medalhistas brasileiros que foram pouco ou não citados aqui refletem uma escolha do *JB* em não pormenorizar suas histórias de vida, focando especificamente em suas campanhas ou apenas na prova ou jogo decisivo. Findas as narrativas olímpicas, o futebol voltava a ocupar majoritariamente o caderno de Esportes, sendo protagonista em seis das oito páginas, inclusive a capa, no dia 04 de outubro.

C) Conclusões

Nessa edição, o aumento dos temas secundários ajudava a compor quase um retrato social dos bastidores das Olimpíadas (algo como uma coluna de fofocas). A preocupação com a memória olímpica, tanto das participações brasileiras como dos Jogos em si, é outro ponto que deve ser enfatizado sobre o jornalismo em Sydney.

O *doping* contou com elevado número de matérias, sinalizando para a consolidação dessa temática no imaginário olímpico contemporâneo. Ouso dizer que foi o assunto de maior destaque, à exceção daquelas sobre os atletas brasileiros. O COB inclusive distribuiu uma cartilha para os atletas brasileiros se precaverem em relação ao exame e as substâncias por ele detectadas (14/09/2000, Esportes, p. 3).

Muito espaço fora destinado ao futebol em Sydney, principalmente após a eliminação brasileira do torneio (a periodicidade era diária). É válido observar também como o futebol foi o único esporte que recebeu análises técnicas detalhadas dos colunistas. Os demais esportes eram mencionados muito superficialmente nas colunas, possivelmente pela simples falta de conhecimentos específicos sobre as práticas, regras e histórias das demais modalidades olímpicas.

Talvez devido ao desempenho em Atlanta, guardavam-se grandes expectativas e otimismo em relação à Sydney. O discurso jornalístico transbordava confiança em medalhas, até mesmo nas provas em que não éramos favoritos. Uma súbita tomada de consciência sobre nosso potencial parecia estar se desenvolvendo, isto é, seríamos capazes de duelar em igualdade de chances e condições com as grandes potências olímpicas. Ao final dos Jogos, entretanto, o otimismo deu lugar ao desalento e a imprensa esportiva passou a tratar os resultados com

críticas e ironias. A repetição nas matérias das expressões “outra vez” e “de novo” parecia sinalizar para o fato de que os resultados negativos se sucediam. Pondero que as reflexões de Sérgio Buarque de Holanda em relação a nossa aversão ao planejamento poderiam ser transpostas, com poucas alterações, para explicar a pauta jornalística sobre as Olimpíadas, que desde 1952 sempre convergiam para a falta de organização do desporto nacional.

Nas matérias anteriores ao início dos Jogos, notei menor ênfase ao treinamento dos atletas em cada esporte, em detrimento de uma maior atenção às curiosidades sobre os atletas (como aquelas sobre Guga). Os elementos mais invocados para explicar as vitórias e fracassos foram paradoxalmente a sorte, a superstição, a humildade e o trabalho duro.

Entre as narrativas heroicas, destaca-se a de Carlos Honorato pela presença de um grande número de elementos ligados à saga heroica do atleta olímpico brasileiro: infância pobre, influência familiar positiva, início fortuito no esporte, provações, sorte, trabalho árduo e repartição do feito.

Acredito que o papel do Brasil enquanto potência esportiva ainda estava distante de ser alcançado ao final do século XX. Não obstante, havia sinais de que um processo de mudança, vagaroso, mas progressivo, estava em curso. Edição após edição crescia o número de brasileiros que chegavam aos Jogos com o status de favoritos em suas respectivas modalidades. Em Sydney, tínhamos o tenista Guga, o cavaleiro Rodrigo Pessoa, as duplas do vôlei de praia, para citar apenas alguns. Esse favoritismo se refletiu, como já dito, em uma permissão para sermos confiantes e em uma renovada atenção às histórias de vida.

COMENTÁRIOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chego ao fim deste trabalho. Ao invés de apenas apontar as principais conclusões e os achados de pesquisa, me permitirei esboçar também algumas reflexões sobre como foi feita essa dissertação. Sendo assim, os dois parágrafos a seguir são exclusivamente relacionados ao método de trabalho e os demais se destinam a relatar o que considero as principais contribuições alcançadas por essa pesquisa.

Para as Ciências da Comunicação, os jornais sempre foram fontes prioritárias e privilegiadas de análise. Em certo ponto da escrita da dissertação, dado o tempo dispendido nas leituras do *JB*, a sensação que eu tinha era de proximidade com o jornal, algo similar à cumplicidade que o antropólogo estabelece com o seu informante. O *JB* era o meu informante, ainda que cada texto lido não viesse de apenas uma, mas de muitas vozes (às vezes dissonantes), e como tal estive atento às suas interpretações dos fatos, buscando formular minha própria compreensão daquelas narrativas. Tratar o periódico (e os jornalistas) como informante e os comentários escritos (por mim) edição a edição do jornal como um diário de campo constituiu-se em um profícuo método de trabalho.

Observar o familiar, ou seja, as edições da década de 1990 revelou-se uma tarefa mais difícil. Sou filho de minha época e, por isso, trouxe para análise minhas experiências enquanto leitor de periódicos das décadas de 1990 e 2000. É deveras mais complicado relativizar um tipo de linguagem e de transmissão da informação com a qual você está mais habituado. Por outro lado, a análise dos Jogos das décadas de 1950 a 80 era ao mesmo tempo prazerosa (um grande exercício de curiosidade diante de tantos exotismos) e de mais rápida leitura (menos páginas na parte de esportes). Sendo assim, a transposição da reflexão antropológica do familiar e do exótico (DaMATTA, 1978; VELHO, 1978) para o campo da análise das narrativas jornalísticas me ajudou a compreender os obstáculos que enfrentava e até mesmo teorizar sobre o meu modo de trabalho. Pude perceber o que aqueles contratempos de pesquisa diziam a meu respeito enquanto autor.

Feita essa digressão sobre o esforço de pesquisa, retomo abaixo alguns pontos centrais trabalhados ao longo dos cinco primeiros capítulos:

- 1) O tema Olimpíada é pouco visto nas Ciências da Comunicação, tornando sua pesquisa necessária e relevante e sendo um dos motivos que me fizeram iniciar essa dissertação.

2) A identidade nacional é motivo de forte debate desde o século XIX, não havendo consenso sobre se ela existe de fato ou se é apenas uma invenção teórica. De todo modo, muitos intelectuais refletiram sobre o caráter nacional brasileiro. Dois foram escolhidos para ilustrar minha dissertação. Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, a despeito de suas divergências teóricas, representam um marco no pensamento sociológico brasileiro por interpretarem a influência da colonização portuguesa, o papel do negro na sociedade e a positivação da mestiçagem. Ambos refletiram também sobre os traços marcantes do *ethos* nacional, no que destaco a “crença no sobrenatural”, o “personalismo” e o “maternalismo”, identificados por Freyre, e o “culto da personalidade”, a “falta de hierarquia”, a “desordem”, a “ânsia de prosperidade sem custo, de posição e riqueza fáceis”, a “cordialidade” e o “individualismo”, pontuados por Holanda. Em maior ou menor grau, em oposição ou concordância, todos esses pontos foram encontrados nas narrativas do *Jornal do Brasil*. Por último, nesse mesmo capítulo, introduzi a reflexão mais contemporânea de Roberto DaMatta sobre o dilema brasileiro e os temas não-sérios que nos ajudam a entender o Brasil. DaMatta considera central a dicotomia indivíduo e pessoa para a compreensão da formação do Brasil, a qual também nos ajuda a pensar a questão do herói enquanto um habitante desse limiar.

3) O debate sobre o conceito de herói, aliás, ocupou todo o capítulo três. O herói, enquanto figura paradigmática, está presente em várias esferas sociais: no mundo das artes e dos esportes, principalmente. O esporte produziria mais heróis devido a seu caráter agonístico. O herói brasileiro, investigado por DaMatta (1997) e Helal (2003), seria formado por algumas características peculiares, dentre elas destaco o sucesso e a vitória obtidos sem esforço, graças ao talento inato. Aqui vemos reproduzida a “ânsia de prosperidade sem custo” identificada por Holanda no *ethos* nacional. Essas narrativas do herói brasileiro seriam percebidas principalmente no futebol. O arquétipo clássico (ou universal) do herói, entretanto, postula que o herói seria aquele que triunfa após se esforçar arduamente. As proezas, todavia, parecem fazer parte tanto da trajetória do herói brasileiro quanto do herói clássico. Em relação ao herói olímpico brasileiro, parti da hipótese de Helal, Cabo e Marques (2008), segundo a qual seriam percebidas nesse tipo heroico características mais próximas ao herói clássico. O ponto central dos autores pode ser entendido pela contraposição entre habilidades inatas e competências adquiridas (via treinos) na caracterização midiática de um atleta. De fato, minha pesquisa mostrou que o treinamento, o esforço e o trabalho duro são elementos preemptórios

para a glória olímpica e, por isso, o discurso jornalístico os valoriza sobremaneira, o que não eliminou, porém, a presença de algumas narrativas sobre o talento inato¹³⁰.

4) A origem e a história dos Jogos Olímpicos era uma etapa básica a ser entendida antes de iniciar a análise do *JB*. Dos Jogos Antigos até as Olimpíadas da Era Moderna existe um grande intervalo. Enxergar uma continuidade entre os dois eventos é uma tarefa hercúlea, mas que foi buscada por Pierre de Coubertin. Seu sonho de reviver o exemplo grego, no entanto, ficou muito mais no mundo das ideias. Os Jogos Modernos são, de fato, uma competição diferente dos Jogos Antigos, ainda que remetam constantemente a eles, seja por meio dos rituais olímpicos ou dos discursos oficiais. No material empírico analisado, percebi como as intenções de Coubertin são captadas com diferentes julgamentos de valor pelo discurso jornalístico. Outros temas marcaram as Olimpíadas Modernas, dentre eles destaque os ideais olímpicos do *fair-play* e do amadorismo. Ambos foram pautas frequentes no jornalismo esportivo.

5) O capítulo dedicado à metodologia de pesquisa foi dividido entre a explicação sobre o *corpus*, o entendimento sobre o que seria representação e uma breve história do Jornal do Brasil. A representação, pelo viés da história cultural, muito colaborou para que eu compreendesse e efetuasse melhor minha análise sobre os atletas-heróis. Narrar a ascensão e a queda do Jornal do Brasil, a despeito da carência de fontes bibliográficas, foi uma das partes mais prazerosas dessa dissertação. A natureza centenária do periódico comporta uma miríade de pequenos fatos e pessoas que ajudam a entender o que é o *JB*. Sua importância para o jornalismo esportivo e para a imprensa nacional foi responsável por me fazer escolhê-lo como fonte.

Sobre o capítulo seis, cujo número de páginas supera o de todos os outros somados, falarei a seguir.

Nas primeiras edições dos Jogos investigadas aqui, a cobertura jornalística era extremamente objetiva e havia pouco espaço para narrativas pormenorizadas sobre os atletas, mesmo os medalhistas, o que fez com que eu me questionasse se havia ali realmente uma construção próxima ao *ethos* heroico. Essa indagação me deixou inseguro quanto aos rumos da minha pesquisa, ainda que mesmo a inexistência da presença do mito do herói já fosse um dado extremamente relevante. Quando o esporte passou a ocupar mais espaço no Jornal do

¹³⁰ Reitero, porém, que há exceções, ainda que poucas. Recordo que alguns atletas, como o iatista Marcos Soares e o nadador Silvio Fiolo, admitiam sua pouca predileção por treinamentos. Robson Caetano e Oscar seriam dotados de talento sobrenatural. Isso, contudo, não representava uma eliminação do treino na descrição jornalística desses atletas.

Brasil, entre Roma-1960 e México-1968, as narrativas começaram a se aprofundar na rotina dos Jogos e na história de vida dos atletas. Nesse ponto, o questionamento sobre se havia ou não uma construção heroica já não se fazia mais pertinente. As perguntas a ser feitas eram: como essa narrativa aparecia? Quais elementos eram mais repetidos na descrição dos atletas? Qual (ou quais) etapa(s) da jornada do herói ganhava(m) mais relevância? Quais atletas despertavam mais atenção da mídia (e por que)? E qual modelo heroico estava sendo mais acionado nas descrições.

Se elencarmos novamente as 17 etapas propostas por Campbell para a saga do herói¹³¹, posso dizer que encontrei exemplos para a maior parte delas nas narrativas jornalísticas investigadas. Entretanto, não houve um atleta que preenchesse todos os requisitos, até porque algumas etapas são quase exclusivas dos mitos legendários, onde a magia existe e exerce influência peremptória.

As narrativas jornalísticas sobre os atletas parecem seguir um trajeto semelhante ao ciclo básico de separação-iniciação-retorno visto no monomito de Campbell. Há a preparação da equipe antes dos Jogos, momento em que se fazem projeções e começam a se eleger os possíveis heróis e heroínas; em seguida, com o início dos Jogos, temos a fase de aferição dos resultados, em que heróis inesperados surgem, heróis esperados decaem e são cobrados por seus fracassos, e atletas, ainda que não medalhistas, são exaltados por seus feitos além das expectativas; por fim, há o retorno do atleta ao Brasil, onde é feito um balanço da participação nacional como um todo, de cada esporte em específico, e o atleta vencedor tem, normalmente, seu feito rememorado.

“O herói evolui à medida que a cultura evolui”. Foi com essa outra afirmação de Campbell (1990, p. 144) que consegui entender e problematizar uma série de questões que apareceram ao longo da pesquisa. Os jornalistas do *JB* parecem perceber o processo de retroalimentação que envolve o surgimento dos heróis olímpicos. Estes ajudariam a divulgar e popularizar o esporte que praticam, o que, por sua vez, aumentaria o número de seus praticantes, bem como as chances de revelar novos campeões. Há, aliás, certa concordância entre os autores citados ao longo deste trabalho (Helal, Lovisolo, Rubio, DaMatta) quanto à imprescindibilidade do herói para o espetáculo esportivo. Alguns padrões nas narrativas jornalísticas realmente se repetiram ao longo das edições, mas algumas peculiaridades também foram observadas. Isso pode estar associado às modificações dos anseios da sociedade brasileira e do que se esperava dos atletas. Nesse sentido, comprova-se a

¹³¹ As 17 etapas foram citadas na página 47 desta dissertação.

plausibilidade da hipótese de que o herói olímpico acompanhe realmente o desenvolvimento (cultural, social, político) da sociedade. Perceber essas nuances no discurso sobre os atletas-heróis, em diferentes edições dos Jogos ou em uma mesma edição, me fez refletir sobre a intangibilidade de tentar propor um modelo único e rígido que abarcasse todos eles. Nisso, tendo a relembrar de Stuart Hall (citado aqui ao final do item 2.1) em sua predileção por falar em identificações ao invés de identidades nos sujeitos pós-modernos. Se, de fato, o esforço e o trabalho legitimam as conquistas do herói olímpico, o talento nato não pode ser simplesmente excluído, uma vez que também aparece nas narrativas jornalísticas, ainda que com menor incidência.

A infância pobre e a repartição dos feitos, pontuadas por Helal, Cabo e Marques (2008) como constantes nas representações dos atletas, puderam ser verificadas também em meu *corpus* de estudo. É possível inferir, então, que se tratam de etapas do trajeto individual dos atletas que são valorizadas pela mídia e que os legitimam enquanto heróis. A ênfase constante ao treinamento indica que o valor dado a esse requisito na formação do atleta em esportes ditos amadores é muito mais forte do que no futebol. A família é um elemento sobremaneira valorizado após as conquistas e que nos ajuda a entender a importância dessa instituição social na formação do brasileiro e na iniciação dos atletas ao esporte. As crendices e a fé em um ente superior fazem parte do caleidoscópio religioso que marca os atletas. A sorte é outro fator que foi, em diferentes contextos, acionada para explicar uma conquista ou um fracasso¹³². Por fim, temos a humildade permeando quase todas as histórias de vida e sendo valorizada sobremaneira pelo jornalismo na personalidade dos atletas.

O sentimento de coesão nacional produzido pelo discurso jornalístico foi notado de modo mais forte na década de 1950 e diminuiu gradativamente nas décadas seguintes. Em sentido oposto, as cobranças sobre o desempenho brasileiro aumentaram gradualmente a partir da década de 1960. De uma nação que se contentava em participar e se regozijava com qualquer medalha, passamos a almejar melhores posições, auferir nossa evolução quantitativa e exigir performances dignas de nosso tamanho continental. Essa exigência também se refletia nas sensações dúbias que o povo brasileiro despertava nos atletas. Se quando ganha, o atleta dedica o título à família e ao povo brasileiro, quando perde ou se prepara para um encontro decisivo, evoca-se o fato de que a opinião pública só valoriza as medalhas e as primeiras colocações. Aliás, a cobrança não era bem recebida pelos atletas, que normalmente

¹³² Essa fala que concede à sorte ou ao azar o desempenho atlético permeia o discurso dos nossos esportistas ainda nos dias de hoje (cf. AMARO; HELAL, 2012).

rechaçavam qualquer tipo de exigência sobre seus desempenhos. Os torcedores brasileiros desempenham, assim, um duplo movimento na retórica dos atletas, sendo dignos de homenagens e elogios ou vilões impiedosos que não reconhecem os esforços de seus compatriotas.

Acompanhar o discurso jornalístico sobre as Olimpíadas também me permitiu, seguindo o programa sociológico de Bourdieu (2004), observar as mudanças nas práticas do esporte. Refiro-me mais especificamente às evoluções dos desempenhos atléticos, às hegemonias nacionais e ao ideal de corpo perfeito no esporte. As mudanças no tipo físico exigido dos atletas em dadas modalidades são muitas vezes notadas pelos próprios jornalistas que realizam a cobertura dos jogos. No basquete e no vôlei, a altura passou a ser um fator cada vez mais importante – quanto mais alto melhor¹³³. No atletismo, o ganho de peso dos corredores passou a ser visto com bons olhos. Na verdade, a musculação como um todo passou a ser parte precípua da preparação física dos esportistas. A especialização crescente é outra consequência desses novos arranjos corporais. Se antes atletas como José Telles da Conceição e João “do Pulo” conseguiam resultados relevantes no salto em altura, triplo e nas provas de velocidade, hoje se exige muito mais dos atletas em termos de condicionamento físico e competitividade, o que torna pouco provável que ele ou ela consiga se sobressair em mais de uma prova.

Outras conclusões pontuais já foram mencionadas ao final de cada tópico do capítulo seis. Aquelas que mencionei acima foram as que, de certa forma, permearam todo o *corpus* de investigação.

Devido à quantidade de dados analisados, fui obrigado a estabelecer também alguns limites nessa dissertação, os quais sinalizam para futuros encaminhamentos da minha pesquisa. Não pude elaborar um grande painel de cada período histórico posterior e anterior a cada Olimpíada, tendo conseguido apenas elencar resumidamente acontecimentos que impactaram diretamente a realização das mesmas. Também não foi possível realizar uma leitura de outros cadernos que não o de Esportes nem aprofundar uma análise dos anúncios publicitários, que foram aumentando em tamanho e quantidade no decorrer do período estudado. Eventualmente fiz uma leitura superficial do caderno B e das primeiras páginas do *JB*. No entanto, creio que uma leitura total e pormenorizada do jornal, ainda que muito mais trabalhosa, traria outras

¹³³ A evolução física do vôlei brasileiro cobra um preço de alguns atletas, deixando, por certo, o esporte menos democrático aos variados tipos físicos. Por exemplo, nos Jogos de Los Angeles-1984, José Montanaro Júnior, jogador de vôlei, condiciona sua saída da seleção brasileira à sua “baixa estatura” (ele possui 1,87m): “Chegou a hora do Bebeto [técnico da equipe] buscar um substituto para mim. O Brasil precisa de jogadores altos para o bloqueio e eu me considero um anão no voleibol moderno” (13/08/1984, Esportes, p. 4).

questões propícias à investigação e novas perspectivas de análise sobre os Jogos (econômicas, políticas, culturais). Outro ponto foi a impossibilidade de ler os escritos de Pierre de Coubertin, que totalizam cerca de seiscentas mil páginas (PIVATO, 1994, p. 56), e que com certeza agregariam uma importante visão para o entendimento dos Jogos Modernos. A história do COB também foi deixada de lado, mas, nos próximos anos, pretendo retomar sua investigação.

Nessas derradeiras linhas, ressalto que a pregnância da figura do herói no imaginário coletivo é uma constante na história da humanidade e, em grande parte pelo papel da mídia, continua presente na atualidade. Os heróis do esporte representam muitos de nossos anseios de sucesso e, nisso, reside uma responsabilidade extra a que todo atleta deve corresponder. O sucesso de esportistas nacionais carrega em si um simbolismo repleto de potência: todo brasileiro pode superar suas limitações e obter o máximo de seu desempenho atlético, emocional e/ou intelectual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. Entretenimento: valor-notícia fundamental. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 5, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2008.

ALTHUSSER, Luis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 10. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

AMARO, Fausto; HELAL, Ronaldo George. Heroísmo e Olimpismo: a narrativa da Folha de São Paulo sobre os atletas brasileiros medalhistas nas Olimpíadas de Londres (2012). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 36., 2013, Manaus. **Anais...** Manaus: Intercom, 2013.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AXT, Gunter. Raízes de um Brasil contemporâneo. In: SCHÜLER, Fernando; GUNTER, Axt (Orgs.). **Brasil contemporâneo: crônicas de um país incógnito**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006, p. 53-80.

BARTHOLO, Tiago; SOARES, Antonio Jorge. Mané Garrincha como síntese da identidade do futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge (orgs.). **Futebol, jornalismo e ciências sociais: interações**. 1. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, p. 53-76.

BENJAMIN, Walter. O Flâneur. In: **Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire Um Lírico no Auge do Capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

BECKER, Howard S. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BENZAQUEN DE ARAÚJO, Ricardo. Chuvas de verão. “Antagonismos em equilíbrio” em Casa Grande & senzala de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo, Companhia das Letras, 2009, p. 198-211.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Bourdieu – Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983a, p. 156-183.

_____. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983b, p. 136-153.

_____. **Sobre a televisão**. Seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**. Petrópolis: Vozes, 1993. v. 3.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O Legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. **Revista FAMECOS**, n. 39, p. 78-84, 2009.

BUONNANO, Milly. Histórias de vidas exemplares. Biografias. **MATRIZES**, v. 5, n. 1, p. 63-84, jul./dez. 2011.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CABO, Alvaro; HELAL, Ronaldo. A marca de uma derrota: jornalismo esportivo e a construção do Maracanazo. In: HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **Futebol, Jornalismo e Ciências Sociais: interações**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011, p. 95-114.

CALDEIRA, Teresa Pires Rios. **Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. 1. ed. São Paulo: Editora 34 e Edusp, 2000.399p

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDIDO, Antonio. O significado de *Raízes do Brasil*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CARDOSO, Maurício. **Os arquivos das Olimpíadas**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

_____. **100 anos de Olimpíadas**. São Paulo: Scritta, 1996.

CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala**. Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

_____. **Pensadores que inventaram o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CARMONA, Lédio; RODRIGUES, Jorge Luiz; Petrik, Tiago. **Brasileiros olímpicos**. São Paulo: Editora Panda, 2000.

CARRUAGENS DE FOGO [Chariots of Fire]. [USA, UK]. Allied Stars Ltd. e Enigma Productions: 1981. Filme. Drama Histórico. 124 min., Color.

COELHO, Maria Claudia; HELAL, Ronaldo. A indústria cultural e a biografia de estrelas – as histórias de Babe Ruth e Tina Turner. **Cadernos pedagógicos e culturais**, Niterói, v. 5, p. 55-62, jan./dez. 1996.

DaCOSTA, Lamartine. Estudos Olímpicos no Brasil. In: RUBIO, Katia (Org.). **Ética e compromisso social nos estudos olímpicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

DAMATTA, Roberto (org.). **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **Carnavais, malandros e heróis**. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. O Ofício de Etnólogo; ou, como ter 'Anthropological Blues'. **Cadernos de Antropologia e Imagem** (UERJ), v. 1, 1978.

DEL PRIORE, Mary; VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2010.

DINES, Alberto. O fim do Jornal do Brasil. HERKENHOFF, Alfredo. **Memórias de um Secretário. Pautas e Fontes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2010, p. 17-20.

DUMONT, Louis. **O Individualismo: Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DURANT, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 5. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. 15. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1995.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Histórias de Vida Exemplares: heroísmo e melodrama em ação. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 22., Salvador, 2013. **Anais...** Salvador: UFBA, 2013.

FIGUEIREDO, Wilson. Conversa na encruzilhada. In: HERKENHOFF, Alfredo. **Memórias de um Secretário. Pautas e Fontes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2010, p. 14-17.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRANZINI, Fabio. No campo das idéias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 26., 2002, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ANPOCS, 2002.

FONSECA, Leticia Pedruce. A construção visual do *Jornal do Brasil*: concepção e trajetória até a primeira metade do século XX. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN (P&D DESIGN), 8., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Centro Universitário SENAC, 2008. p. 1536-1546.

FONSECA, Leticia Pedruce; CARDOSO, Rafael. **A Construção visual do Jornal do Brasil na primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro, 2008. 214 p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FREITAS, Armando; BARRETO, Marcelo. **Almanaque Olímpico SPORTV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cada Palavra: COB Cultural, 2012.

FREYRE, Gilberto. Football mulato. **Jornal Diário de Pernambuco**, 17 de junho de 1938.

_____. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

GASTALDO, Édison. **Pátria, chuteiras e propagandas**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Ed. Unisinos, 2002.

_____. Homo Ludens e o esporte moderno. In: MORAIS, Osvando J. de; MARQUES, José Carlos. **Esportes na Idade Mídia**: diversão, informação e educação. São Paulo: INTERCOM, 2012, p. 125-138.

GODOY, Lauret. **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

GORITO, Andrea. De alegria do povo à estrela solitária: a história de Garrincha nas telas do cinema. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008. **Anais**. Natal, RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte /Intercom, 2008, p. 1 - 15.

GUEDES, Simoni Lahud. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiros. **Esporte e Sociedade**, v. 6, n. 16, 2010/2011.

_____. O Salvador da Pátria: Considerações Em Torno da Imagem do Jogador Romário Na Copa do Mundo de 1994. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, n.1, p. 23-41, 1995.

GUIMARÃES, Ruth. **Dicionário de Mitologia Grega**. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da Beleza Atlética**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

GUTTMANN, Allen. **The Olympics: A History of the Modern Games**. Urbana - Chicago: University of Illinois Press, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HELAL, Ronaldo. Cultura e Idolatria: ilusão, consumo e fantasia. In: ROCHA, Everardo (Org.). **Cultura e Imaginário**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1998, v. 1, p. 135-150.

_____. Campo dos Sonhos: esporte e identidade cultural. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (COMPÓS), 9., 2000, Porto Alegre. **Anais**. Porto Alegre: PUCRS, 2000.

_____. A construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro. **Revista Alceu**, v.4, n.7, p. 19-36, jul./dez. 2003.

_____. Idolatria e Malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologías, Fútbol, Identidad y Violencia en América Latina**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, 2003, p. 225-240.

_____. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 8, p. 11-37, 2011.

_____. Mitos e Verdades do Futebol (que nos ajudam a entender quem somos). **Insight Inteligência**, Rio de Janeiro, v. 52, p. 68-81, 2011.

HELAL, Ronaldo; GORDON, Cesar. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, v. 23, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1999.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A Invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge. O Declínio da Pátria de Chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: PEREIRA, Miguel; GOMES, Renato Cordeiro; FIGUEIREDO, Vera Lucia Follain de (Orgs.). **Comunicação, Representação e Práticas Sociais**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2004, p. 257-277.

HELAL, Ronaldo; MARQUES, Ronaldo Galvão; CABO, Alvaro. Idolatria nos Jogos Pan-Americanos de 2007: uma análise do jornalismo esportivo. **Revista Contemporânea**, v. 13, p. 33-43, 2009.

HELAL, Ronaldo; LOVISOLO, Hugo. Pelé e Maradona: núcleos da retórica jornalística. **Revista Brasileira de Futebol: The Brazilian Journal of Soccer Science**, v. 2, p. 20-26, 2009.

HELAL, Ronaldo; CABO, Alvaro; AMARO, Fausto; PEREIRA, Camila; TEIXEIRA, João Paulo. A construção de um ídolo futebolístico na imprensa: estudo de caso. **Organicom**, v. 8, n. 15, p. 233-246, 2011.

HOBSBAWM, Eric. Introdução: A Invenção das Tradições. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Nações e nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HERKENHOFF, Alfredo. **Memórias de um Secretário. Pautas e Fontes**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2010.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectivas, 2010.

IANNI, Octavio. A idéia de Brasil Moderno. **Revista Interdisciplinas de Cultura**, UNICAMP, n. 1, 1990.

LANCELLOTTI, Sílvio. **Olimpíadas 100 anos**. A História Completa dos Jogos. São Paulo: Editora Abril, 1996.

LAPIERRE, Jean-William. Prefácio. In: POUTIGNAT, Philippe; FENART-STREIFF, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LASCH, Christopher. **The Culture of Narcisism**. American life in an Age of Diminishing Expectations. W. W. Norton & Company: London, 1991.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

LOVISOLO, Hugo; HELAL, Ronaldo. Jornalismo Esportivo, Romantismo e Apologia da pobreza. **Revista Polêmica**, v. 7, p. 157-161, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe** (comentado por Napoleão Bonaparte). São Paulo: Martin Claret, 1998.

MARQUES, José Carlos. **O futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC, 2000. 212p.

MARTINEZ, Monica. Jornada do Herói: a estrutura narrativa mítica na construção de Histórias de Vida em Jornalismo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 26., 2003, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: PUC-MG, 2003.

MASCARENHAS, Gilmar. O olimpismo e a cidade. In: MASCARENHAS, Gilmar *et al* (Orgs.). **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011.

MELO, Victor Andrade. **Cinema & Esporte: Diálogos**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

_____. Jogos Olímpicos e arte. In: MELO, Victor Andrade; PERES, Fabio de Faria. **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

_____. **Dicionário do Esporte no Brasil. Do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados; Rio de Janeiro: Decania do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, 2007.

MELLO, Evaldo Cabral de. “Raízes do Brasil” e depois. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MOREIRA LEITE, Dante. **O Caráter Nacional Brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983.

MORIN, Edgar. **Cultura de Massa no Século XX**. O Espírito do tempo – 1, Neurose. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

MOTA, Marcelo José da; NASCIMENTO, Roberto Alcarria do; AMENDOLA, Mariangela Fazano; SILVA, José Carlos Plácido da. **Histórico dos jornais brasileiros e a influência de Amílcar de Castro no design de página**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO EM DESIGN (P&D DESIGN), 8., 2008, São Paulo. **Anais...**São Paulo: Centro Universitário SENAC, 2008, p. 1980-1990).

NEGREIROS, Plínio. O Brasil no cenário internacional: Jogos Olímpicos e Copa do Mundo. In: PRIORE, Mary del; MELO, Victor Andrade. **História do Esporte no Brasil**. Do império aos dias atuais. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. O mulato, um obstáculo epistemológico. **Argumento**, jan. 1974, p. 64-73.

OLIVEIRA VIANNA, Francisco José. **Raça e assimilação**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira & Identidade Nacional**. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.

PÁTRIA. Direção e roteiro: Fabio Meira. Produtores: Rune Tavares e Rodrigo Sarti Werthein. Documentário, 26'06''. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6APbfY2VkDk>>. Acesso em: 14 dez. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Exposições Universais: Espetáculos da Modernidade do século XIX**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. A invenção do Brasil: um jeito brasileiro de ser... SCHÜLER, Fernando; GUNTER, Axt (Orgs.). **Brasil contemporâneo**. Crônicas de um país incógnito. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006, p. 195-220.

_____. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica: 2012.

PIVATO, Stefano. **Les enjeux du sport**. 1. ed. Firenze: Casterman-Giunti Gruppo Editoriale, 1994.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3- 15, 1989.

POUTIGNAT, Philippe; FENART-STREIFF, Jocelyne. **Teorias da etnicidade seguido de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia**. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1978.

RAMOS, Jair de Souza. Ciência e racismo: uma leitura crítica de Raça e assimilação em Oliveira Vianna. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, v. 10, n. 2, 2003, p. 573-601.

ROCCO JR, Ary José. Quando o resultado menos importa: a cultura das Celebridades na Espetacularização da Cobertura do Esporte nos Meios de Comunicação de Massa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 35., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Unifor, 2012.

_____. Michael Phelps e Usain Bolt: Onze Medalhas de Ouro e Duas Faces da Construção do Herói Olímpico na Mídia Impressa Brasileira. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (INTERCOM), 32., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Universidade Positivo, 2009.

RODRIGUES, José Carlos. O Rei e o Rito. **Revista Comum**, n. 1, jan./mar. 1982, p. 16-29.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói: o imaginário esportivo contemporâneo**. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

_____. Do Olimpo ao pós-olimpismo: elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. **Revista paul. Educação Física**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 130-143, jul./dez. 2002.

_____. **Heróis Olímpicos Brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

_____. Da Europa para América: a trajetória do movimento olímpico brasileiro. **Revista Scripta Novas**, Barcelona, v. 9, n. 200, nov. 2005.

_____. Do imaginário esportivo ao mito olímpico contemporâneo. In: MORAGAS, Miquel *et al* (Orgs.). **Universidad y Estudios Olímpicos**. 1. ed. Barcelona/Rio de Janeiro: Centre d'Estudis Olímpics, Barcelona/Editora Gama Filho, 2007, p. 660-676.

SANTOS, Joel Rufino. “**Na CBD até o papagaio bate continência**”. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. (Encontros com a Civilização Brasileira; n. 5)

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Katri Moritz. Complexo de Zé Carioca : notas sobre uma identidade mestiça e malandra. In: REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 18., 1994, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ANPOCS, 1994.

SOARES, Antonio Jorge. História e a invenção de tradições no campo de futebol. **Estudos Históricos**, n. 23, Rio de Janeiro, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **As histórias da imprensa de Nelson Werneck Sodré e de José Manuel Tengarrinha: Uma comparação**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2011. Disponível em : <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-as-historias-da-imprensa-de-nelson-werneck-sodre.pdf>>.

TUBINO, Manoel. O papel da imprensa desportiva. **Revista da Fundação de Esporte e Turismo**, v. 1, n. 2, p. 5-6, 1989.

VELHO, Gilverto. Observando o familiar. In: NUNES, EDSON (org.). **Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978, p. 36-46.

WISNIK, José Miguel. O futebol como veneno e remédio. In: SCHÜLER, Fernando; GUNTER, Axt (Orgs.). **Brasil contemporâneo**. Crônicas de um país incógnito. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2006, p. 221-244.

YALOURIS, N. (Org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos. São Paulo: Odysseus, 2004.